



g o a

de Helena Rainha Coelho

(Página deixada propositadamente em branco)

g o a

de Helena Rainha Coelho

r o m a n c e

li



EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

Email: imprensauc@ci.uc.pt

Vendas online: <http://www.livrariadaimprensa.com>

CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

INFOGRAFIA DA CAPA

Carlos Costa

INFOGRAFIA

Mickael Silva

EXECUÇÃO GRÁFICA

Gráfica de Coimbra

ISBN

978-989-26-0523-4

ISBN Digital

978-989-26-0580-7

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0580-7>

DEPÓSITO LEGAL

352448/12

g o a

de Helena Rainha Coelho

r o m a n c e

(Página deixada propositadamente em branco)

SUMÁRIO

PARTE I	13
CAPÍTULO 1	15
CAPÍTULO 2	29
CAPÍTULO 3	39
CAPÍTULO 4	43
CAPÍTULO 5	49
CAPÍTULO 6	57
CAPÍTULO 7	65
CAPÍTULO 8	73
PARTE II	81
CAPÍTULO 1	83
CAPÍTULO 2	91
CAPÍTULO 3	97
CAPÍTULO 4	107
CAPÍTULO 5	115
CAPÍTULO 6	121
CAPÍTULO 7	127
PARTE III	133
CAPÍTULO 1	135
CAPÍTULO 2	147
CAPÍTULO 3	159
CAPÍTULO 4	165
CAPÍTULO 5	173

PARTE IV	175
CAPÍTULO I	177
PARTE V	195
CAPÍTULO 1	197
CAPÍTULO 2	215
CAPÍTULO 3	223
CAPÍTULO 4	237
CAPÍTULO 5	243
CAPÍTULO 6	255
CAPÍTULO 7	261
CAPÍTULO 8	265
PARTE VI	277
CAPÍTULO 1	279
CAPÍTULO 2	287
CAPÍTULO 3	293
PARTE VII	307
CAPÍTULO 1	309
CAPÍTULO 2	329
PARTE VIII	339
CAPÍTULO 1	341
CAPÍTULO 2	347
PARTE IX	359
CAPÍTULO 1	361

CAPÍTULO 2	371
CAPÍTULO 3	379
CAPÍTULO 4	393
PARTE X	405
CAPÍTULO 1	407
CAPÍTULO 2	417
CAPÍTULO 3	427

(Página deixada propositadamente em branco)

g o a

r o m a n c e

HELENA RAINHA COELHO

*Que trabalho exasperado, o da língua
essa em que dizes com mão segura
desvios, desacertos, desalinhos*

Eugénio de Andrade

*Rudes e breves as palavras pesam
[...]
Ó palavras de ferro, ainda sonho
dar-vos a leve têmpera do vento.*

Carlos Oliveira

*Um livro escreve-se uma e outra vez
Um livro se repete. O mesmo livro
Sempre. Ou a mesma pergunta. Ou
talvez
o não haver resposta.
Por isso um livro anda à volta sobre si mesmo.
[...]*

Manuel Alegre

(Página deixada propositadamente em branco)

PARTE I

Ode à Maneira de Homero

*Feliz aquela que efabulou o romance
Depois de o ter vivido
A que lavrou a terra e construiu a casa
Mas fiel ao canto estridente das sereias
Amou a errância o caçador e a caçada
E sob o fulgor da noite constelada
À beira da tenda partilhou o vinho e a vida*

Sophia de Mello Breyner Andresen, O Búzio de Cós

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO 1

*O que pode haver entre um primeiro sorriso e um último olhar
Dir-se-ia que tudo e nada, ou quase tudo, quase nada.
O tempo fugaz de duas vidas?*

Orlando Costa - *O último olhar de Manu Miranda*

Foi em Porto-Saïd que trocaram o olhar primordial, causador de todas as emoções que, de imediato, deflagraram, fazendo-os esboçar o primeiro sorriso. Depois, tudo aconteceu demasiado depressa para que a memória pudesse guardar os pormenores, mesmo os mais significativos, aqueles que de uma forma indelével marcaram as suas vidas. No entanto, ambos tiveram a percepção da importância desses momentos, de tal modo que agora passaria a existir o tempo do antes e do depois do encontro em que se conheceram. Tudo para eles começou a ser diferente. Melhor?... Pior?... Isso é um enigma que nem as vizinhas Esfinges se permitiriam decifrar. Só o tempo daria resposta. Mas eles, Alberto e Victoria captaram o mistério daquele seu encontro que já estava certamente anunciado nos hieróglifos de um qualquer obelisco, ou nas folhas de papiro que por milénios se perderam, ressequidos e frágeis, algures nas areias do deserto que se alcançava para além das margens do Canal. Conheceram-se em Porto-Saïd. E logo se quedaram no espanto das sensações que experimentaram, aguardando

o desvendamento daquele inusitado encontro com o Amor, ali, no menos propício dos lugares que o podiam ter feito acontecer; mas, talvez, ali fosse mais fácil encontrar a chave para decifrar a linguagem críptica desse estranho sentimento.

Alberto Medina Carvalhal foi um dos passageiros que, mal o barco lançou ferro, logo se resolveu a desembarcar. O calor apertava e, de tão sufocante, chegava a ser insuportável, embora o desembarque dos produtos europeus se fizesse no ritmo costumado. Após ter estado, durante algum tempo, a observar aquela azáfama, ele agora ponderava se devia deixar a embarcação e procurar sítio mais fresco, embora não soubesse aonde.

Anos atrás cumprira serviço militar em Tavira, e fora lá que suportara, até então, as temperaturas mais elevadas a que já tinha estado sujeito. Por isso, nem se admirava que, apesar de terem as mais admiráveis praias, os algarvios de posses procurassem as zonas de Lisboa e a elegante praia da Figueira da Foz, não só por serem mais cosmopolitas mas, especialmente, por o clima ser mais ameno. Esperava que as praias de Goa, com a sombra dos coqueiros e palmeiras, lhe tornassem a sua estada suportável nos meses do calor intenso.

O alferes-médico português acabou por desembarcar com outros seus companheiros de viagem, ainda que alguns voltassem para trás, preferindo o sufoco do barco à inclemência do sol. Do cais, enorme, com vários molhes onde o comboio das embarcações atracava, Alberto apenas avistava, à sua frente, uma comprida rua poeirenta. Nela, os toldos desbotados enganavam os transeuntes com a sua sombra, prometendo-

-lhes algum bem-estar debaixo deles, e nas bebidas que os «Cafés» do bazar ofereciam a quem procurasse refrescar-se.

As águas do Mediterrâneo oriental, tal como as do estreito do Suez, pareciam vomitar um bafo de lava que entontecia. Alberto acabou por se sentar numa espécie de esplanada de um Café, ansioso por ver alguém lá dentro que lhe pudesse servir uma bebida que o dessedentasse. Nunca tinha percebido a urgência do que quer que fosse, tanto quanto agora desejava uma cerveja fresca. «*My Kingdom for... a beer*» - pensou ele. Não, não era de um cavalo que necessitava, tal como o desejo do rei Lear. O génio de Shakespeare exprimiu melhor que ninguém a urgência duma necessidade imediata. E, pela primeira vez, pareceu-lhe curial alguém trocar o seu reino por um cavalo. Ou até o direito de primogenitura por um prato de lentilhas. Ele próprio também trocava todo o dinheiro que trazia nas algibeiras (e nem sabia que quantia era) por uma cerveja fresca.

Sentado com os pés assentes na terra ocre que era mais um pó fino de areia do que terra, esperando ser servido, pôs-se a observar a fauna humana que deambulava ao longo do bazar. Porto-Saïd era porto e entreposto onde vários povos se cruzavam na diferença da língua, na cor da pele e da crença religiosa. O bazar, com as suas tendas e cafés, era sítio de pequenos e grandes negócios. Transacções de produtos exóticos e variados ali se faziam. Os transeuntes eram sempre em maior número do que aqueles que percorriam a rua Príncipe Faruk, onde ficavam os modernos edifícios da Administração, da Companhia do Canal e do Telégrafo. Quando resolvesse regressar ao barco, lá mais pela fresca, Alberto visitaria não só esta rua, mas também a Praça Ferdinand Lesseps. Sempre seria uma

homenagem que faria ao construtor do canal, sendo lá também que se encontrava o esplêndido palácio do governador do Suez.

À sombra do menos desbotado toldo amarelo, que se confundia com os raios do sol, ele esperava, ansioso, que o dono do café o servisse. Devia estar a dormir atrás do balcão que não era visível da mesa, ao lado da porta junto à qual Alberto se sentara. E a sede e o mal-estar aumentavam. Dava-se conta de que já nem conseguia coordenar os pensamentos. Com os botões da camisa, em parte, abertos, provavelmente ainda sentia mais calor na pele. Por isso, voltou a apertá-los. Os árabes, por certo, tinham razão em tapar todo o corpo da inclemência do sol. Procurou sentar-se na cadeira menos desengonçada, mas sem qualquer conforto. As costas ardiam-lhe no contacto com o encosto escaldante.

Os produtos bizarros e variados expostos nas tendas, do outro lado da rua, dançavam-lhe à frente dos olhos. Agora constatava como havia sido imprudente por ter saído do barco àquela hora de maior calor. E o pior é que não se sentia com forças para regressar; temia uma insolação. Quando resolveu desembarcar para vir a terra, deu-se conta do perigo mal passara o portaló. Pôs-se então a deambular pelo molhe, num engano de frescura, ouvindo o marulhar das águas batendo nos cascos das embarcações. Depois, ao avistar as árvores raquíticas e os toldos, ainda que puídos, foi levado pela certeza de encontrar um lugar onde se vendessem bebidas que pudessem refrescar uma garganta ressequida: aquelas que os marinheiros, que tinham folga durante uma parte do tempo da estadia do barco no porto, certamente costumavam consumir: a cerveja, por exemplo.

No mesmo lado da rua, interpoladas com as bancas atafu-lhadas de tecidos, e tudo o mais que se possa imaginar num típico bazar oriental, outros estabelecimentos, que dificilmente se poderiam chamar cafés ou casas de chá ou bares, abriam uma porta para a rua onde, duas ou três mesas e meia dúzia de cadeiras escalavradas, aliciavam os clientes.

Enquanto esperava a cerveja fresca que, entretanto, tivera oportunidade de pedir, no inglês britânico que tão bem se coadunava com a brancura da sua pele e o azul cerúleo dos olhos, tirou do bolso a cigarreira de prata. Era um objecto requintado que tinha gravadas as iniciais do seu nome e a silhueta da torre da Universidade de Coimbra. Havia sido um presente da bela ruiva, sua namorada, enquanto durou o curso de Medicina. Um passatempo para ele e, provavelmente, também para ela que tão requestada era por outros colegas. Há pouco tempo Alberto soubera-a já casada e, segundo a indicação que tivera, o casamento que fizera não augurava futuro. O marido maltratava-a. E Alberto ficou pesaroso com a notícia. Desejava sabê-la feliz, até porque Esmeralda fora uma boa companhia durante o tempo que ele guardava para ela. Mimava-a com presentes que trazia de Lisboa sempre que lá ia. Presentes que ela visivelmente apreciava, pois era D. Dolores que os escolhia e pagava, para descanso de Alberto. Mas, apesar dessas gentilezas Esmeralda desejava mais. «Ele põe-me sempre em segundo lugar» - lamentava-se ela. «E provavelmente tinha razão» - reconsiderava Alberto. «Que seja feliz» - desejou-lhe do fundo do coração.

Abrindo a cigarreira retirou um cigarro e ficou preocupado por, dentro dela, aconchegados pelo elástico, restarem apenas

dois. Urgia comprar um maço mas nem sabia onde encontrá-los. No camarote (parecia-lhe tão longe!), tinha uma provisão de pacotes de reserva que lhe chegariam, e sobravam, até à Índia. Não era grande fumador, mas gostava de manipular o cigarro. Era o que agora fazia batendo-o no tampo da cigarreira em pancadinhas sincronizadas e lentas. Depois, pressionou o cigarro entre os lábios mas nem chegou a tirar o «Dunhill» da algibeira para o acender.

«E a cerveja que não chega!...» E como tardava senti-la escorregar pela garganta abaixo, apagando o fogo que o atabafava. A boca seca impossibilitava-o do prazer de fumar. Este fora um vício que adquirira, também, para contrariar seu pai. Mas só agora se ia dando conta do quanto as suas atitudes eram infantis. O pai tinha razão em o acusar de não crescer. De ser demasiado mimado... E a mãe, sempre, sempre a defendê-lo. «Agora, lá em Goa, naquele clima mau, vais, ao menos, deixar de fumar. Não vais, filho?...» - pedia-lhe D. Dolores, com os olhos brilhantes das lágrimas, evitando que tombassem para não irritar, ainda mais, o marido. «Promete-me, filho». «Prometo, mãe, prometo!» Então, agora que relembrava a promessa que fizera, voltou a abrir a cigarreira e retirou dela os dois cigarros restantes. Amassou-os entre os dedos, fazendo o mesmo ao que tinha nos lábios e deitou-os fora. Não tornaria a ouvir os tangos preferidos enquanto os seus olhos seguiam as espirais azuladas do fumo. O prazer da música era superior ao prazer do cigarro. Prazer, essencialmente, de o ter entre os dedos. Ainda bem que não se tornara um dependente grave da nicotina...

Pouco a pouco, pela porta do café agora escancarada, frente à qual se sentara, começou a sentir um pouco de ar quase

fresco. Era o ar movimentado pelas pás da ventoinha eléctrica, pendente do tecto, que o dono do estabelecimento ligara em atenção às libras ou dólares que o cliente teria nas algibeiras.

- Desculpe o tempo que esperou pela cerveja, mas fui tirar água da cisterna para pôr a garrafa a refrescar - explicou-se o árabe, sorrindo solícito.

Alberto levou finalmente à boca, ávido, o copo da cerveja mas, de imediato, apeteceu-lhe cuspi-la. A água que o homem tirara da cisterna para nela mergulhar a garrafa, devia ter aquecido, de modo a torná-la ainda mais intragável. Caldo, era o que a cerveja parecia. E, quente por quente, valia mais tomar um chá. Então foi o que pediu. Chá simples.

Depressa esvaziou o bule e, agora, finalmente, sentia-se mais confortável. Semi-cerrando os olhos para os preservar da luminosidade que reverberava à sua frente tornando o pó arenoso da estrada, como que uma fita de cobre com centelhas de ouro, sentia o corpo lasso, e uma onda de quase volúpia o inundou. Não era propriamente um bem-estar mas, antes, uma sonolência que lhe tolhia os pensamentos e lhe pesava nos membros. Não lhe apetecia mover-se, nem sequer para enxotar as moscas que lhe poisavam na testa e na ponta do nariz. Franzia-o numa momiche grotesca, sem alento para levantar a mão e enxotá-las. Isso ser-lhe-ia mais penoso do que suportar os insectos poisados na sua pele. O esforço para quebrar a inércia era tão grande quanto a lassidão que o impedia de levantar o braço. Mas, de repente, uma mão rasou-lhe a fronte. Percepcionou e viu, ainda que embrumada, uma silhueta envolta numa onda de perfume suave, ali, na sua frente. Sobressaltado, esbugalhou os olhos e pensou sonhar. Cerrou novamente as pálpebras e deixou-se permanecer

na modorra que o fazia sonhar ou ter alucinações. Voltou a abrir os olhos mas, agora com espanto, fixou a figura que se postava na sua frente. Tão rápido quanto os tinha aberto agora os cerrava para logo os abrir. «Sonhava, de certeza»...

- Posso sentar-me à sua mesa? - perguntava-lhe aquela figura de mulher, com um aspecto demasiado elegante e fresco para o sítio em que se encontrava, ali, naquele lugar e naquela circunstância! Ela sorria-lhe com um ar trocista, o que nem era para admirar visto tê-lo observado a fazer as momices para, em vão, enxotar as moscas, o que, afinal, só a mão dela conseguira. Aos ouvidos de Alberto, a voz agradável soou-lhe como se fosse música, e percebeu que o inglês que ela falava revelava um leve sotaque americano.

Atarantado soergueu-se, de supetão, para puxar a outra cadeira onde ela já se sentava. A mesa dele era a única onde a bela desconhecida teria lugar vago. As outras estavam ocupadas por grupos de marinheiros que, já conhecedores do lugar, tinham ido às traseiras do Café buscar uns bancos e cadeiras de lona meia rasgada, para lhes servir de assento. Na cadeira vaga da mesa de Alberto não se atreveram a tocar.

- Desculpe se perturbei o seu... descanso - disse ela com o mesmo leve sorriso nos lábios. Ele ainda não proferira palavra. Olhava agora, já não insistentemente, aquela mulher elegante e fresca que tinha na sua frente, sem se lembrar de a ter visto a bordo.

«Deve ser passageira de outro qualquer navio» - pensou.

Nova, sozinha, vestida de saia de linho e blusa de seda com uma elegante *capeline* cuja aba, descaída sobre o rosto, não conseguia ensombrar a sua beleza. E era tão bela, tão luminosa

a sua pele rosada e tão perfeitas as suas feições! Os caracóis dos cabelos loiros espreitavam debaixo do chapéu, dando-lhe ainda mais graça. Embora, ali, naquele lugar, nem precisasse de ser tão bonita para ser apreciada como se o fosse. Mas era realmente uma linda mulher!

Finalmente, Alberto apresentou-se e mandou vir outro bule de chá para a acompanhante. «Ela desejava apenas uma xícara de chá...». Ele não deixava de a olhar fascinado e interrogativo. Então começou a falar de si: português, em trânsito para a Índia Portuguesa, mais propriamente para Goa, como médico militar...

E falou... falou quase compulsivamente... Disse-lhe aquilo a que o seu nervosismo o obrigou, como se fosse uma maneira de a prender ao pé de si, enquanto ia falando.

Finalmente, foi a vez dela. Chamava-se Victoria Douglas, era americana, tal como ele adivinhara, e neste momento viajava sozinha. Apanhara, ali, em Porto-Saïd, o mesmo barco em que ele dissera viajar. Portanto, iriam fazer juntos o percurso no Canal, no Golfo e parte do Mar Vermelho. Ela tencionava desembarcar em Porto-Sudão, onde se encontraria com um colega, repórter fotográfico, que a esperaria no cais, à chegada do barco.

Alberto mostrava no rosto a decepção por a viagem dela ser tão curta. Preferia ter a sua companhia até à Índia. E disse-lhe o que pensava, que era já o que sentia.

- Mas eu tenciono seguir para a Índia após regressar do Sudão. Vou apenas a Cartum. - E fundamentou o seu interesse pelo país africano: «A viagem de comboio entre Porto-Sudão e Cartum far-se-ia razoavelmente. O percurso e, sobretudo as gentes, seriam motivo de um exame aturado, o que sempre lhe interessava. E o despertar político e social justificaria uma

estada de observação e análise dos conflitos latentes, ou já a desenrolarem-se». Entretanto acabaram de tomar o chá e, ou fosse pela fresca presença dela ou porque os raios de sol eram menos inclementes, a atmosfera tornara-se mais respirável.

Um grupo de marujos que viria certamente de um outro café, mais abaixo, juntou-se aos que já ali estavam. Sentaram-se no chão, sem se importar que o pó escuro conspurcasse as suas roupas que já estavam mais do que enxovalhadas. E Alberto teve ocasião de reparar que eles bebiam aquela intragável cerveja, juntamente com bebidas brancas. Certamente teriam algumas horas, à sua frente, para cozer a bebedeira e se recomprem, a fim de recomeçarem o trabalho, revezando os companheiros que tinham ficado a bordo.

Daí a pouco o Dr. Carvalho e Miss Douglas sentiam-se já bastante incomodados com a presença deles. Aquele cenário era quase inverosímil: uma mulher ocidental lindíssima e cheia de frescura, como se estivesse numa esplanada de uma grande capital europeia, no meio daqueles homens do mar, desbragados como o são, quase sempre e compreensivelmente, os marinheiros dos barcos cargueiros quando desembarcados em qualquer porto. São recrutados, na maioria, em vários países para um trabalho árduo e nem por isso bem remunerado. A maior parte deles seriam desempregados da guerra que teriam passado à vida civil, ainda atormentados pelos dolorosos fantasmas. Sujeitavam-se a tudo, procurando encontrar um rumo para as suas vidas, atravessadas por inumeráveis carências e sofrimentos. Agora extravasavam, por breve horas de folga, uma euforia e um sentimento de liberdade que o Mundo Ocidental e a Europa,

em reconstrução, lhes prometia. Muitos deles sentiram na carne e na alma o esforço da conquista dessa liberdade e segurança, pois tinham ajudado a firmá-las. Desempenhando a tarefa de que eram responsáveis, fosse em que acção fosse, e do lado em que quer que tivessem estado, mereciam um pouco de prazer, uma migalha de alegria. Alberto respeitava-os na sua forma de agir e até nas palavras que proferiam, por muito incómodas que comesçassem a mostrar-se. Então, levantou-se e foi pagar a conta, generosamente. Pegando com toda a delicadeza no braço da jornalista, encaminharam-se para o molhe onde o barco ainda esperava a sua vez. A estadia demorava ainda bastante tempo.

Ao levantar-se da cadeira, Victoria teve oportunidade de lançar um olhar enviesado aos marujos, embora sem qualquer acinte. Ela era uma mulher compreensiva e tolerante, além de estar habituada a enfrentar as mais desconfortáveis situações, comuns no decurso e no percurso da sua profissão. Não era, portanto, um grupo de homens do mar, embrutecidos pelo álcool que iam consumindo, que a incomodava, mesmo falando alto e gabarem-se do seu desempenho nos prostíbulos de onde acabavam de chegar. Incomodava-a, muito mais, o facto de eles procurarem nos bolsos as moedas que já lá não encontravam. E olhava-os com uma certa comiseração, vendo-os a trocar os passos, cambaleando mais do que no convés do navio, quando assolado pelas vagas alterosas das tempestades. No duro trabalho, à proa ou à ré, as suas pernas musculadas firmavam-se seguras pelo hábito do equilíbrio. Sóbrios, tudo podiam. Alcoolizados, tornavam-se patéticos. Mas quando chegasse a hora, cumpririam com escrupulo as tarefas árduas do seu mister de marinheiros.

Antes de se dirigirem para o cais, Victoria informou Alberto de que iria ao edifício do Correio para contactar o colega. Tinha duas hipóteses de o encontrar: em Porto-Suez ou em Porto-Sudão, como tinham previsto.

James Stewart adorava o Egipto. De Alexandria ao Alto Nilo a sua máquina, gulosa, fotografava tudo o que daria excelentes reportagens fotográficas, aproveitadas e enriquecidas pelo texto de Victoria.

Alberto acompanhou-a durante o percurso que ela tinha de fazer; depois passearam pela rua Príncipe Faruk e pelo *boulevard* Eugénia. Só então se dirigiram para o navio cargueiro que os esperava, ainda a meio da fila do comboio das embarcações, a aguardar a entrada no Canal. Chegados à prancha de acesso ao barco, já o carregador das malas esperava a jornalista. E o capitão também a aguardava como se fossem conhecidos. Victoria, com facilidade reservara a cabine que ia ocupar, provavelmente deixada livre por algum passageiro que ali saíra. O barco não possuía mais do que uma dúzia de camarotes, mas viajava sempre com os passageiros suficientes para os ocupar.

O capitão recebia-a com o aprumo de uma certa elegância, que ainda guardava, apesar do seu aspecto quase rude, de rosto curtido pelos ventos, pela salsugem do mar e pelos anos. Para a cumprimentar ele pôs uma expressão humilde, onde a delicadeza forçada melhor colava, e guiou-a até ao camarote arranjado com o esmero possível. «É o melhor do navio, melhor ainda do que o do Senhor Doutor» - dizia o experiente marinheiro, olhando também para Alberto. Ela agradecia-lhe as atenções com um olhar de simpatia, o que tornava as

palavras mais cordiais. O alferes-médico também reiterou os agradecimentos porque estava muito bem instalado, melhor do que supusera quando, em Lisboa, embarcou no cargueiro de pavilhão do Panamá que o levaria a Goa, em missão individual de substituição. «Portugal servia-se dos navios de carga portugueses, ou com pavilhão de outros países para, pela rota do Suez, transportar pequenas mercadorias, e alguns, ou algum militar. Contudo, não faltavam navios às frotas portuguesas: quer os cargueiros da Marinha Mercante, quer ainda paquetes modernos, ou menos modernos, eram em número suficiente para o transporte de tropas e passageiros para as Colónias».

Ao referir este assunto, Alberto quis mostrar a Victoria que Portugal possuía excelentes meios para ligar, entre si, as suas possessões ultramarinas com a metrópole. Ela olhava-o com ternura e lia nas palavras dele o orgulho por Portugal possuir um tal Império, ao invés dos países mais evoluídos, como a Inglaterra e a França que eram obrigados a abrir mão das suas Possessões, com elegância, a favor da independência dos povos. «Certamente, Alberto nem questionava que os territórios que eram portugueses, há quase meio milénio, pudessem deixar de o ser» pensava ela. Mas, enganava-se: Ele, desde a independência da Índia, em mil e novecentos e quarenta e sete, já punha em causa a razão da existência e permanência dos Impérios. Muitas vezes questionava a justeza do comércio, e da difusão da fé, para o que foi alargamento da Nação Portuguesa, através das colónias. E tudo isso para ele já fora inquestionável! Mas eram agora outros, os tempos, e a história de então não poderia ser julgada e entendida com os pressupostos actuais. No entanto, eram indiscutíveis os conhecimentos e as trocas

de saberes que tanto desenvolveram as ciências e até as artes, em geral; e, com elas, o desenvolvimento dos povos. Mas acreditava que Portugal, mais tarde ou mais cedo, iria ter de enfrentar a magnitude do terramoto da independência das Colónias, agora, por Decreto, tornadas Províncias Ultramarinas. A sua ida para Goa, e o reforço das tropas em todas elas, já se prendia com o facto de o Governo indiano começar a exigir a integração do Estado Português da Índia na União Indiana. E também porque esses territórios começavam a despertar para o desejo de se tornarem independentes.

CAPÍTULO 2

*Entre o breve cruzamento do olhar
E a batida intensa do peito
Nasce-me o fogo da paixão*

Delfim Ferreira Leão - *Dois Dias e um Serão no Inferno*

O Alferes Alberto Medina Carvalhal olhava a bela mulher que ia ser sua companheira de viagem, antecipando o prazer que desfrutaria com a sua presença a bordo, apenas lamentando que a distância fosse tão curta. Depois de Porto-Saïd, fariam o pequeno percurso até Porto-Suez; e, passado o Golfo, navegando ao longo do Mar Vermelho, a meio, atracariam em Porto-Sudão para mágoa dele. Os dias desse itinerário tornar-se-iam mais curtos, à medida que o barco fosse engolindo as milhas que o levariam à próxima atracagem. E Alberto, decepcionado e triste, já sofria pelo quanto lhe custaria vê-la partir. Jamais acreditara que fosse possível prender-se a uma mulher, mal a tinha olhado... mal a vira. E a ela parecia ter acontecido o mesmo. «O amor é, de facto, um sentimento misterioso, incontrolável e inesperado...»

Victoria olhou-o ternamente e sorria-lhe, quase triste. O seu rosto não irradiava o fulgor, a alegria com que já o olhara. Parecia adivinhar os pensamentos dele que lhe turvavam os olhos claros, tornando-os baços, enevoados.

- A viagem até ao Sudão não é muito longa, mas serão uns dias muito agradáveis - respondeu ela à preocupação dele. - E teremos tempo que chegue para conversar. Vai então prestar serviço no Hospital Militar de Goa?...

Alberto parecia ter dificuldade em falar. Anuiu com um gesto de cabeça e foi tropeçando nas palavras, confundido por a ver tão perto de si e tão descontraída.

Mas já ela lhe pegava no braço e o puxava.

- Ande, vamos, que temos pouco tempo para nos arranjarmos para o jantar. Aqui não precisamos de usar traje de cerimónia, mas as pessoas aparecem cuidadas na sala de jantar - disse ela reparando no ar *blasé* do aspecto dele. Alberto seguiu-a agradao pelo contacto da mão dela no seu braço. «Valeu a pena terem-me mandado pela rota do Suez só para viver esta oportunidade de a ter conhecido em Porto-Saïd»... E sorriu-lhe desvanecido quando disseram um «até já» cheio de ambiguidade.

Sentados à mesma mesa na sala de jantar, falaram do Rei Faruk I e da sua jovem esposa Narriman. «A contestação contra o governo atinge agora a própria monarquia. O Rei tem procurado fazer do Egipto um país moderno, mas o progresso cultural e social e o desenvolvimento para a melhoria de vida do povo têm sido lentos, embora se destaque a criação de museus e universidades. E conseguiu que no seu reinado as tropas inglesas deixassem o canal do Suez, e do Sudão, o que se traduziu num enorme benefício para o Egipto» - explanava Victoria.

Após o jantar, encostados à amurada, a jornalista e o alferes-médico, olhavam as luzes das ruas de Porto-Saïd que quase se

resumiam a uma estreita língua de terra com um porto colossalmente grande, por onde passava toda a espécie de embarcações com mercadorias várias. Tal como na antiga rota da seda, tudo por aquelas paragens continuava a transaccionar-se, do Oriente ao Ocidente. Só que agora já não eram as caravanas a transportá-las no dorso dos camelos.

Voltaram a falar de Faruk e Narriman, sempre presentes nas revistas de maior tiragem.

- Tenho simpatia por eles - exprimiu Victoria num acesso de romantismo. - Fiz uma reportagem sobre o seu casamento, como se tivesse entrado num cenário das Mil e Uma Noites... Nem imagina o esplendor, a sumptuosidade, o luxo asiático!... Para quê?... Com tantas carências no país, o povo já não suporta os gastos desmedidos de tal monarquia. E, afinal, o amor dele por ela já parece ser de pouca dura.

- A minha mãe e a minha irmã compravam revistas, entre as quais a *Flama* e a revista brasileira *O Cruzeiro*, para se deliciarem com as reportagens sobre o casamento. Até o meu pai lhes fez a vontade de as levar ao Cinema para verem o Jornal de Actualidades que apresentava desenvolvidas imagens do evento. Deslumbradas, devoravam as notícias do enlace, como se o rei, que fez da bela Narriman, rainha, com ela formasse um casal apaixonado, de conto de fadas. Narriman provavelmente quando casou até acreditaria nisso.

Alberto falava da mãe e da irmã, deixando perceber quanta saudade e ternura sentia por elas. E quem lhe dera, também, poder voltar a dar o abraço de despedida a seu pai! Seria, com certeza, igualmente afectuoso mas, desta vez, sem receio de o mostrar. Então, para afastar a saudade dos seus entes queridos,

ele contou a Victoria o que o Suez lhe trouxe à memória. Ali, à cidade, chegaram em mil oitocentos e sessenta e nove, dois famosos portugueses: o grande escritor Eça de Queiroz e o seu amigo, o Conde de Rezende, para assistirem à inauguração do Canal, e à estreia da ópera Aida, de Verdi. Viajaram de comboio entre Porto-Saïd e Suez visitando Ismaília, a meio da viagem, essa bela cidade de jardins, como um oásis no deserto, que ainda é refrigerio para os habitantes do Cairo.

Porto-Sudão, fundado em 1905 pelos britânicos, servindo Cartum, tornou-se no mais importante porto sudanês do Mar Vermelho. Por isso, Victoria para lá se dirigia, a fim de apanhar o comboio que a levaria, juntamente com o colega, até à capital do Sudão. O barco faria uma estadia de algumas horas, ali no porto, para largar as mercadorias que trazia da Europa e que seguiriam pela via férrea até ao seu destino. E na viagem de regresso voltaria a atracar, para meter nos seus porões o algodão, a goma arábica das acácias e as madeiras preciosas e raras, como o vinhático.

O médico e a jornalista davam-se conta de que o barco ia engolindo as milhas que o separava de Porto-Suez, mas até que chegasse a Porto-Sudão, o tempo chegar-lhes-ia para longas conversas, trocando informações sobre as suas vidas, enquanto iam permitindo que o amor se insinuasse como um menino atrevido. Até sobre os seus nomes falaram. Victoria tomara a iniciativa:

- Já reparou que temos os mesmos nomes da Rainha Victoria e... - do Príncipe Alberto - rematou ele

- E sabe que me chamo Victoria Douglas, porque o meu avô paterno, escocês, era primo do Conde Douglas que casou com

a Rainha viúva do vosso infeliz rei D. Manuel II, falecido no exílio, em Inglaterra?

- Mas isso é uma grande coincidência!... Embora a minha ligação com o Senhor Dom Manuel seja apenas a da nacionalidade. Foi, como sabe, o último rei de Portugal. E como os meus pais sofreram a perda da monarquia e, antes, mais ainda, com o assassinato do Rei e do Príncipe Herdeiro!...

- Foi um crime execrando - sublinhou Victoria.

- De um louco - concluiu Alberto.

- Estávamos destinados a encontrarmo-nos - disse ela, oferecendo-lhe um olhar de imensa ternura, como se assim quisesse celebrar o encontro inesperado. Sentiam-se agora já tão íntimos como se tivessem atrás de si um longo passado vivido juntos. E foi, então, que ela lhe contou o que a levava ao Líbano: «Quando chegara a Porto-Saïd, regressava de Beirute onde, durante alguns dias, procurou ultimar, mesmo sem a presença do seu ex-marido, questões que tinha deixado pendentes, após o divórcio. O casamento havia durado pouco tempo, nem chegara a três anos, mas fora uma união intensa, apesar das frequentes ausências a que a sua profissão a obrigava. No entanto, o divórcio deu-se sem amargura nem ressentimentos». E Victoria, vendo na expressão de Alberto o interesse em conhecer a história do seu casamento, resolveu contar-lha: Tinham-se conhecido numa recepção da Embaixada do Líbano em Londres. Hassan era um diplomata libanês (muçulmano sunita, tal como o Primeiro Ministro do seu país) que, pouco tempo depois do encontro, a contactou na Agência Noticiosa em que ela trabalhava. Ele ficara deslumbrado com ela e talvez, também, com a sua condição de jornalista americana, o

que facilitou ele encontrá-la, lá em Londres, embora soubesse das suas viagens «pelo mundo»...

Victoria facilmente se apaixonou por Hassan. Seduziu-a o porte e a elegância dele, a sua beleza física, a cultura vasta, a mente esclarecida, como entendia a política, particularmente a que se referia ao Médio Oriente. Fascinada, teve a certeza de ser a primeira vez que verdadeiramente se apaixonara, como mulher adulta e vivida que era. Amava a sua profissão porque lhe permitia batalhar pelas ideias justas e inovadoras que emergiam dos escombros da guerra. Victoria, amante da cultura, defensora dos direitos dos povos, via no diplomata libanês o companheiro que, sem o saber, sempre procurara. E foram felizes; tanto quanto uma paixão em labareda a isso obrigava. Mas foram incautos. Não perceberam que era preciso dar espaço aos sentimentos que os ajudasse a ultrapassar as diferenças marcadas pelas suas origens. Para unir o Ocidente ao Oriente não basta só uma grande paixão!... Fundir-se-iam num só, pelo amor intenso, pela emoção que partilhavam, pensavam eles. Em breve, descobriram que nunca há fusão, há só união e, para a manter, são necessários os sentimentos fortes que alicerçam uma relação, e, não só o conhecimento de si próprios, mas também o de cada um com quem se faz par. É daí que advém a generosa aceitação activa e a partilha de tudo o que cada um é, e se fez, pela sua esclarecida vontade. Os mesmos interesses ajudam muito à união que se vai construindo, mas as circunstâncias que os envolvem são fundamentais.

Casaram e ficaram a viver em Londres onde Hassan fora colocado. De tempos a tempos, visitavam a família de Victoria nos Estados Unidos da América, sempre que ele tinha de se

deslocar às Nações Unidas, tal como visitavam o Líbano. Mas, ela, cuja profissão nunca pareceu ser problema para o marido, não conseguiu agradar à família dele. Era demasiado diferente, demasiado tudo o que uma mulher muçulmana não deve e não pode ser. Mais a mais para os sunitas, tão arreigados às leis de Maomé.

Um dia, com amigas ocidentais que viviam em Beirute, Victoria resolveu ir desfrutar o bom tempo e as magníficas praias da Costa do Mediterrâneo Oriental que o Líbano possui. E, como não podia deixar de ser, vestiu o seu fato de banho adquirido numa das elegantes lojas de produtos franceses que lá abundavam, ou não fosse Beirute a Paris do Médio Oriente!... E esse facto, o de ter vestido fato de banho, foi o pecado maior que ela, até então, cometera. As mulheres da família do marido não lhe perdoaram o acto abusado, e que mais do que impróprio foi escandaloso. As reacções dos homens nem as chegou a conhecer. Sobrariam para Hassan. Mas aquelas mulheres que continuavam sob o domínio e o cuidado dos homens, vivendo apenas para eles e para lhes agradar, não puderam compreender, nem muito menos aceitar, a atitude independente e moderna de Victoria. A visão que elas tinham da sociedade e do mundo era demasiado restrita (salvo algumas excepções), e as suas concepções de vida, eram os homens que lhas ditavam. A própria religião que professavam e que englobava toda a sua vida, e determinava a forma de viver, de pensar e de sentir, não as deixava compreender, fosse o que fosse, fora desse mundo que era o deles. As convenções ancestrais da sociedade em que nasceram estavam enraizadas num fundamentalismo islâmico, ainda que mais depurado e amenizado, pelo intercâmbio cultural com a sociedade aberta que era a de Beirute. «Mas

Victoria excedera-se, excedia-se sempre» - diziam elas, mais mortificadas que maldosas.

Hassan amava muito o seu país, a sua religião e a sua cultura, embora se tivesse preparado para a Carreira Diplomática em Londres. E o seu país era lindo, mas possuía poucos recursos naturais. As florestas (famosas na Bíblia porque Salomão utilizou os seus cedros para a construção do Templo de Jerusalém), já quase não existiam. As montanhas onde essas florestas cresceram, no inverno ficavam cobertas de neve, fazendo lembrar a Suíça, incentivando o turismo para os desportos. E não eram só as montanhas; as praias também atraíam os turistas, tal como os casinos que abriam em grande número, sendo uma enorme fonte de rendimento também para o governo. Tudo isto era fenómeno de ocidentalização que os mais fiéis ao Corão viam com reservas. Mas fazia parte da estratégia política para incrementar a economia do país.

Eram muitos os judeus que, chegados da Europa e dos países onde se refugiaram, ou os poucos que sobreviveram ao holocausto, procuravam agora o Líbano como ponte para entrar em Israel, ansiosos por reconstruir a Pátria que não tiveram durante os quase dois mil anos de diáspora, de sofrimento e perseguições. Mas não era fácil porque o problema residia no facto de a Terra Prometida ser habitada há milénios. Estavam lá os palestinianos. Ora, a solução estava em partilhá-la e não disputá-la. Mas, para isso, seria necessário possuírem o dom que a ambos os povos faltava, como falta a toda humanidade! O Mundo seria bem melhor se os homens, nos valores religiosos de qualquer religião, alicerçassem a sua consciência fraterna, não só nas

orações, mas na prática concreta da solidariedade e do respeito mútuo pelos direitos de cada um.

O Líbano a todos acolhia; e muitos palestinianos desalojados lá fizeram lar, sem perderem a esperança de uma Pátria reconhecida sua, que era o mesmo que os judeus pretendiam para si: voltarem a possuir a terra que havia sido também a sua.

Estes factores propiciavam que a cidade de Beirute fosse cenário de grande interesse para Victoria. Podia ver, analisar e escrever. Só lhe era proibido participar, para não escandalizar a família do marido. Então, sempre que lá iam, aproveitava para escrever sobre a história antiga do país, com cidades que, tal como Biblos, em 3.000 a.C., já era uma cidade grandiosa, com o seu porto e baluartes. As ruínas do seu passado levavam a jornalista a reconstruí-lo nos seus relatos, através das pesquisas que fazia e do que ainda era visível.

Os sogros, não pertencendo aos maiores proprietários do país, eram, no entanto, por herança ancestral, possuidores de muitos bens, especialmente de um grande número de salinas, daquelas que percorriam a costa entre Beirute e Tripoli mais ao norte. Por isso, eram pessoas conhecidas e tidas em grande conta. Salvaguardar a reputação de todos os seus membros era a maior preocupação de toda a família.

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO 3

*Noite escura,
a tua beleza fica em mim
como a beleza da mulher amada
quando apagou a sua lâmpada*

Rabindranath Tagore - *Aforismos* - 120

Quando embarcou em Porto-Saïd, Victoria já era uma mulher livre. Divorciada, depois de um casamento em que a paixão nunca permitiu que o amor se enraizasse num acontecer sereno, saíra do Líbano segura da sua decisão, embora bastante fragilizada. Estavam separados há mais de um ano mas ainda o recordava. No entanto, já nada os unia, a não ser uma quase terna amizade que começou a brotar, curiosamente, enquanto preparavam o divórcio. É que ambos sabiam o quanto seria propício para a sua estabilidade emocional se, sem ressentimentos, pudessem ser amigos. E como a amizade é abertura ao outro e capacidade moral para aceitação da diferença, conseguiram, deste modo, que a ruptura não provocasse danos que os fizessem arrepender de se terem conhecido. Pelo contrário, restou uma certa nostalgia do tempo em que foram felizes e a compreensão de não poderem continuar juntos.

Hassan era um homem de princípios rigorosos mas evoluído, embora lhe custasse o facto de a mulher não ter deixado a profissão para ficar junto dele. Passaram mais tempo

separados, devido às viagens dela, do que juntos. Mas ele nunca a recriminara, nem lhe pedira nada. Esperava que ela, por si mesma, resolvesse ficar em casa para construir uma família com vários filhos. Victoria adivinhava-lhe os pensamentos e até lhe dava razão. Mas não era isso o que ela queria. E acreditava que Hassan a compreendia; por isso, sofreu muito ao ver nos olhos dele uma expressão dura de reprovação, ao saber que ela vestira fato de banho e fora à praia. A expressão dos olhos dele, quase de desprezo, magoou-a intensamente, mais do que as palavras que lhe dirigira: «Na América ou na Europa podes frequentar as praias que quiseres. Mas aqui, em Beirute, onde mora a minha família, não tinhas o direito de afrontar os seus sentimentos e os seus valores, e de me enxovalhares. Devias ter pensado nisso».

A partir dessas palavras, Victoria nunca mais deixou de ver, na profundidade escura dos olhos do marido, uma faceta nova que a amedrontava. «Agora não havia mais condições para ficarem juntos» - sentia ela. E pediu o divórcio, resolvida a procurar na profissão o esquecimento, até mesmo dos vertiginosos momentos de felicidade que partilharam.

Deixara em Beirute, entre outros bens, uma esplendorosa mansão que ambos tinham decidido adquirir em conjunto. E foi para tomar posse da parte que lhe pertencia que ela lá tornara. Hassan deixara tudo resolvido com o advogado, o que havia a resolver, apesar de se ter ido embora antes da chegada da sua ex-mulher, talvez para evitar o constrangimento do encontro. Victoria não ficou decepcionada com a atitude dele. Tinha razões para aceitar, com agrado, a lisura com que

ele tratara de tudo, de modo que ela, em aspecto nenhum, se sentisse lesada.

O tempo decorrido desde que se haviam separado propiciara que ela se sentisse reconciliada com a terra que deixava. E não partiu sem visitar a família dele que a recebeu, sem aparente animosidade. Mostraram-se, apenas, corteses. Mas Victoria não esperava mais. Mais, muito mais, recebeu dos amigos que também visitou: cristãos libaneses, judeus, europeus ali radicados, palestínianos e muçulmanos de vários países. Todos lhe deixavam saudades.

Esteve na cidade libanesa de Tripoli e em Haifa, aproveitando para escrever sobre os oleodutos recém-construídos. Com as refinarias e bons portos para embarque de combustível, o Líbano poderia desenvolver-se. Só era necessário que a paz montasse tenda no Médio-Oriente.

James Stewart, o repórter fotográfico companheiro de trabalho de Victoria, regozijou-se com a liberdade que a colega tornou a conquistar. Agora voltaria a ser a mesma jornalista *free-lancer*, como ele, viajando com um projecto, e alterando-o, ou partindo para outro, sem ter de voltar a casa para estar com o marido, ou lhe dar satisfações.

James pensava deste modo porque amava tanto, ou mais, a sua profissão, quanto Victoria a amava. E sabia que sem compromissos familiares, por parte dela, conseguiriam tirar maior partido do trabalho que, em qualquer parte, os esperava.

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO 4

Reis Alexandrinos

*Nas ruas se postou Alexandria
aquele dia para ver passar
os filhos de Cleópatra rainha*

[...]

*Mas bem sabia o povo alexandrino
que tudo isto era engano e só teatro*

[...]

Konstantino Kaváfis - (tradução de Agostinho da Silva)

Na altura em que Victoria chegou a Porto-Saïd e conheceu Alberto, James Stewart encontrava-se na sua muito amada Alexandria. Os milénios de existência deixaram as suas impressões na cidade, com características de tal modo contraditórias, como em nenhuma outra. Magnífica, elegante, suntuosa, suja, miserável e viciosa, eram aspectos que Alexandria sabia gerir a seu gosto, tornando-a singular. Nascida do génio de Alexandre, possuidora da maior compilação do saber humano guardado na sua Biblioteca que, uns ou outros, (fossem eles quem tivessem sido, ou o simples acaso), incendiaram. Alexandria nem por isso perdeu o seu fascínio. Continuou a ser o útero da cultura helenística que só nela poderia ter sido gerada e dada à luz. Hoje continua a ser única, e a ser diferente e igual ao passado, consoante o imaginário de quem a procura.

James sentava-se à mesa de um café que, eventualmente, seria a mesma a que Konstantino Kaváfis se sentava, para escrever os mais belos poemas que só um grego, amante da egípcia Alexandria, seria capaz de engendrar. A música, a poesia, a arquitectura, a arte em geral, emprenhavam-na mas não a desfeíram, nem distorceram a beleza clássica das suas formas que no continente africano, no Egipto, a tornou grega.

James Stewart lembrou-se de que estava na altura de preparar a partida para Porto-Sudão. A todo o momento Victoria iria contactá-lo para confirmar o encontro. O prazer de trabalhar conjuntamente com ela, entusiasmava-o. Ansiava mostrar-lhe a reportagem que fizera no Norte de África e em Alexandria. Fora a Tobruk revisitar a memória da terrível batalha da II Guerra Mundial, ainda relativamente recente para ser esquecida. E lembrou-se, também, de que ainda não lhe mostrara a reportagem que fizera no museu do Cairo, e que iniciara em Paris, concluindo-a em Berlim com os bustos de Nefertiti. Neles, ela aparece magnífica como uma deusa, mas era o busto de Berlim que ele preferia. O seu rosto adornado pelos atavios próprios do Egipto dos Faraós, aparecia com a beleza suprema de uma mulher única. O pescoço longo como o têm as mulheres nilóticas, a boca carnuda, os maxilares bem desenhados, o olhar profundo... Misteriosa e bela! Mas sabia que Victoria preferia o depurado busto do Cairo, onde só a beleza das feições do rosto de Nefertiti brilhavam na pedra cinzenta, já expurgada de cor e de afeiçoamento. O desenho da boca fazia dela a mais sensual dentre todas. Victoria achava comovente a beleza daquela cabeça tão ferida pelo tempo e pelos maus tratos. Por isso, ficaria certamente deliciada com as belas fotografias que ele fizera.

Faltava agora o texto da excelente jornalista que Victoria era, para dar realce e enquadramento às fotografias excepcionais que ele tinha consciência de ter conseguido.

Ainda em Porto-Saïd, à saída do edifício dos Correios, já Victoria punha a hipótese de alterar o itinerário que tinha combinado com o colega. Porém, logo se deu conta de que o seu sentido prático estava a fugir-lhe. Mas, perturbada e confusa, apenas desejava não ter compromissos de modo a situar-se no momento presente, sem projectos, para poder estar, ou ficar, com Alberto.

Havia passado somente o tempo que se contava por horas, na companhia dele; horas que não chegaram, de todo, para ficarem a conhecer-se, e nem deram para dizer tudo o que queriam, sobre si próprios, ainda que tivessem subjacente essa intenção, na quietude em que se olhavam, mais de soslaio do que frontalmente. Mas lá iam intentando conversa sobre temas aleatórios que logo os remetia novamente ao silêncio. Um silêncio que não lhes pesava mas, antes, os envolvia como um manto suave e aconchegante, tornando-os próximos. E essa mudez unia-os mais do que as palavras. Nela, um sentimento inefável e indizível, que começavam a partilhar, cruzava-se com os seus sentidos, tornando o encontro mais e mais íntimo. O amor, por vezes, usa de uma linguagem críptica que só a desvenda quem se abre a ela para a acolher. Era como se eles se tivessem conhecido num tempo e num espaço originário, quando ainda não existia *o onde nem o quando*, e nem essa palavra iniciática, despojada de emoções, capaz de revelar o sentimento puro de quem aprendia a amar. Mas o mistério da palavra não proferida, foi revelado, começando eles a existir, um para o outro, no momento em que mais tarde se

havam de tocar, experimentando o primeiro beijo. O beijo que é o acto de amar que mais profundamente toca a alma.

Entretanto, a realidade começara a despertá-los do devaneio em que haviam mergulhado. Eram os ruídos do barco a zarpar. Tão perdidos se sentiam a caminhar para o amor que perderam a noção de que estavam a sair do Canal, e de que navegavam no Estreito do Suez. Estavam a viajar ao longo da larga margem do Nilo que, belo e manso, se imaginava, lá longe, a estibordo. E, logo a bombordo lhes saberiam localizar o Monte Sinai que lhes apontaria tempos e lugares bíblicos. Mas os olhos deles eram só para se apreciarem. Os seus sentidos estavam inteiramente submetidos à necessidade de se conhecerem. E haviam de conhecer-se profundamente!

Lá fora, no cais, em Porto-Suez, ainda puderam ouvir as milhentas vozes que pareciam ser provenientes de uma Torre de Babel. Vozes que penetravam no navio e os despertavam do desvario e da intensa emoção que os aturdiu.

Os dois enamorados, desde que entraram juntos no navio, em Porto-Saïd, não tinham voltado a sair dele. Seria em Porto-Sudão que Victoria iria encontrar-se com o colega, mas, desse assunto, ainda não voltara a falar com Alberto. Tinham-se afastado de tudo e de todos; só às refeições conviviam com os outros passageiros. Minutos, horas e dias era o tempo de Cronos do qual eles se haviam ausentado. Passavam longos momentos no deque, enquanto desfrutavam as águas do canal cortadas pelo barco, e, largando o olhar, deserto dentro, imaginavam ver as pirâmides monumentais de tempos antiquíssimos, para além da cidade do Cairo, banhada pelo Nilo.

Em qualquer sítio continuavam as suas intermináveis conversas. Alberto mostrava-lhe os livros que levava a bordo. Mas, afinal, o que poderiam ter em comum, um médico-militar português, a caminho de Goa, e uma jornalista americana que viajava sozinha pelas terras do Próximo Oriente, singrando ambos para o mar que separa a África da Ásia? Uma grande atracção logo os uniu, e a razão disso talvez tivesse sido a circunstância de estarem sós e carentes, viajando naquele navio onde tudo parecia bizarro e lhes era estranho. No entanto, entre os passageiros, alguns eram ingleses a caminho da Índia.

Nem se deram conta de que estavam a chegar a Porto-Sudão onde, na manhã seguinte, o navio lançaria ferro. Nessa noite, Victoria mostrou, em labareda, o amor que só poderia ser sincero e que já nutria por ele. Então, pela noite dentro, sob o manto húmido e fresco que se estendia, vindo do deserto, eles trocaram beijos mais escaldantes do que as areias das dunas à hora da calma.

Quando atracaram, Victoria foi a primeira passageira a sair do barco, logo que, da amurada avistara James Stewart que a esperava no cais. Alberto seguia-a sem bem perceber a razão pela qual ela, sem que o tivesse elucidado sobre o que pretendia fazer, tão repentinamente, deixara o navio, embora isso estivesse previsto desde que chegara a Porto-Saïd. Fora lá, em Porto-Saïd, que se tinham conhecido. E agora, em Porto-Sudão iriam separar-se. Alberto não compreendia nem aceitava que isso tivesse de acontecer.

Feitos os cumprimentos, James Stewart inteirava Victoria dos acontecimentos que se viviam no Sudão. Cartum era já

uma cidade explosiva e esperava-se o pior. Uma onda de violência incontrolável já se desenrolava. Até as Missões cristãs eram flageladas, sem respeito pelo seu bem fazer.

- Mas são exactamente estas situações, em limite, que eu procuro, bem sabes.

- Não, Victoria. Sê razoável! Tu estás longe de perceber o que lá está a passar-se. Fica ciente de que eu não te acompanho. Estás a ser insensata!

Então, só então, Victoria olhou para Alberto. Viu-o pálido, de maxilares cerrados e olhos no chão.

- Que dizes, Alberto?

- Eu?... Nada! Absolutamente nada! Que hei-de eu ter para dizer? Não é nada comigo...

E foi quando ela reparou que, naqueles instantes, se tinha esquecido dele e do amor que partilhavam.

- Desculpem-me! Realmente eu estava a ser tonta. E, para mais, com as reportagens fotográficas que já fizeste, vamos ter muito trabalho para tirar partido delas. Mas não para já. Eu seguirei para a Índia! - exclamou ela, de rompante.

- Hei-de arranjar lugar no barco - afirmou, olhando para Alberto. - Mas para ti James, não há lugar. Foram mais os passageiros que entraram em Porto-Saïd e em Porto-Suez, do que os que o deixaram agora em Porto-Sudão. É melhor ficares à espera de uma passagem em qualquer outro barco. Então, irás ter comigo a Bombaim ou a Nova Deli. Vem almoçar connosco, a bordo, para decidir a maneira de ficarmos em contacto.

- Lá irei ter - respondeu James, já de bom semblante. - A Índia espera-nos!...

CAPÍTULO 5

Vês o extremo Suez, que antigamente

Dizem que foi dos Héroas a cidade

[...]

Olha o Monte Sinai, que se enobrece

Co' o sepulcro de Santa Catarina

[...]

Olha as Arábias três, que tanta terra

Tomam, todas da gente vaga e baça

Luís de Camões - *Os Lusíadas*, Canto X

Sentados na coberta, no bordo da sombra, gozavam uma ligeira brisa refrescada pelos salpicos das ondas que se esmagavam, compassadas, no bojo do navio. Permaneceram horas a tentar conversar, naturalmente, sobre qualquer assunto, mas evitando falar de si próprios e da atitude dela, na véspera, quando se encontrou com o colega.

Tinham à sua frente mais de metade do Mar Vermelho; a seguir, o estreito de Bab-el-Mandeb e, logo, entrariam no Golfo de Adem. Então, seria a travessia do Mar Arábico até Bombaim.

Alberto não pretendia simular que estava amuado ou ofendido, mas também não podia deixar de mostrar que, o modo como Victoria o ignorou em todos os aspectos, durante os minutos que conversara com o colega, o magoou profundamente. «Ele servira para a entreter durante a viagem, mas o que realmente a interessava era a concretização do plano das reporta-

gens que previamente estabelecera. Tê-lo encontrado e terem vivido horas e dias de intenso clima emocional, no turbilhão do sentimento que os ia unindo, isso, parecia ter para ela muito pouca importância, face à profissão que de facto amava. Agora ele já não tinha dúvidas. Mas não sabia como agir; ou melhor, não era capaz de proceder como a sua dignidade de homem o requeria. Tinha medo de perdê-la mesmo não a tendo por inteiro». E nestas lucubrações em que se detivera, parecia ter-se afastado dela. Era ardente o calor que os envolvia, aquele que os raios de sol faziam esbrasear a terra que contornavam, e até as próprias águas que o barco ia sulcando. Mas, dentro dele, a chama tornara-se brasa. Ardia, mas já sem o fulgor da labareda.

Victoria receava chamá-lo a si para se desculpar; embora, no seu íntimo, soubesse que nada podia prometer-lhe em relação à opção de vida que há muito fizera. Amava-o mesmo tendo sido um amor súbito. Mas ainda não era capaz de projectar o futuro no amor de Alberto. No entanto, a força desse amor levaria-a, na noite passada, a entrar gloriosamente na cabine dele, e assenhorear-se do espaço e da cama vaga, escondida atrás duma cortina. Só tarde, muito tarde, o sentiu entrar. Ele, pouco barulho fez; e ela fingiu que dormia.

Alberto, na véspera, após o almoço, depois de se ter despedido de James Stewart, deixando-o com Victoria, pusera-se a vaguear pelos deques do navio, falando com um ou outro oficial que encontrava, no desempenho das suas tarefas, ou fazendo pausa entre elas. Lembrava-se agora de que, ao passar pelo bar, bebera mais do que era o seu costume, e lá ficara

perdido na confusão dos seus sentimentos. A felicidade do enleio que ela fizera explodir dentro dele, parecia esmorecer. E quantas decepções (por parte dele e dela), poderia o amor suportar?... Tinham-se apaixonado como se o momento exacto em que foram possuídos pelo Amor, perdurasse para sempre. Acreditavam que esse sentimento exaltante, nascido da ferida no coração de ambos, lhes moldaria a vida a seu bel-prazer. Sabiam que o amor, depois de acontecer, só pode continuar a ser, enquanto for o guardião do respeito recíproco e da dignidade daqueles que se amam. Por isso, nem deviam ainda falar de amor. Era tão menino o sentimento que os unia que só podiam falar de atracção.

Victoria, uns anos mais velha do que Alberto, não era tão ingénua quanto ele. E era, com certeza, menos romântica. A vida que vivera fizera-a mais realista, menos sonhadora. O tempo em que os filmes que via a perturbavam até perder-se do real, já havia passado há muito. Cedo deixara a adolescência; e cedo, deixara os frescos anos da juventude para se dedicar totalmente à profissão que escolhera e a levava para Inglaterra. Lá, sem medo da «Luftwaffe», noticiava as façanhas da «Royal Air Force», e das «fortalezas voadoras», os B-17 dos Aliados. E lá ficou até a guerra terminar. Só então voltou a Nova Iorque para, pouco depois, tornar a fixar-se em Londres. E também pouco tempo passara até que Alberto, já formado em Medicina, partisse para Londres a fim de iniciar-se na especialidade de Cirurgia que, logo, deixaria de lhe interessar. Só depois de sair de Coimbra ele descobrira nela um interesse maior, ao evocar o Professor Bissaya Barreto, a quem muito admirou como Médico, grande Cirurgião, Professor, Homem de Cultura e Cidadão filantropo. No entanto, na altura,

não se decidiu por esta, nem por qualquer outra especialidade. Ainda não sabia o que queria da sua profissão de médico.

Menos de dois anos depois, Alberto e a jornalista encontraram-se em Porto-Saïd, onde se conheceram e se apaixonaram.

Entretanto, enquanto ele meditava no destino e orientação que a sua vida tomara, Victoria chegava junto dele e convidava-o a ir jantar com ela. Sentaram-se a uma pequena mesa que estava vaga; mas a nenhum deles apetecia entabular conversa. As palavras apenas serviriam para esconder a atracção que os perturbava. E sentiam-na quando os seus joelhos, debaixo da mesa, *por acaso*, se tocavam.

Após o jantar, durante o qual foram trocando algumas palavras de circunstância, chegou junto deles o comandante que, com um sorriso malicioso, lhes perguntou se queriam dançar. Tinha bons discos, e o som do gira-discos, adquirido recentemente na Alemanha, era soberbo, como o de uma orquestra ao vivo - afirmava convicto. E explicou o que deviam fazer: como os outros passageiros já quase todos se haviam retirado, eles, arredando as mesas, ficariam com bastante espaço para dançar os tangos e os boleros de que iriam gostar.

Victoria exultou com a proposta do comandante e, mais ainda, quando começaram a ouvir o bolero *Amado Mio* da banda sonora do filme *Gilda*. Então ela puxou pela mão de Alberto, e ele, cambaleando de emoção, deixou-se levar para o espaço livre entre as mesas. Não sabia dançar, não estava acostumado, mas também não tinha coragem de lho dizer. Ela apercebeu-se: «Sabe, ao menos, enlaçar-me?» E, não esperando por resposta, chegou-se a ele. «É assim! Está a ver?» «Sim,

eu isso sei» - respondeu ele a sorrir consolado de sentir a mão dela dentro da sua, e a outra poisando-lhe no ombro. A mão direita dele que mal tocava as costas dela, foi descendo até cingi-la pela cintura. Muito juntos, ouviam a Anita Ellis que emprestava a voz à interpretação de Rita Hayworth, no soberbo filme de Vidor. Ambos atentos à letra do bolero, e embriagados pela música, quase nem mexiam os pés. Afinal o espaço era demasiado para eles. Então, Victoria quebrou o êxtase em que tinham mergulhado: - Este filme era o preferido de Hassan. Vimo-lo diversas vezes. E você, já o viu?...

Alberto, ao ouvi-la falar no ex-marido, abrandou a pressão que as suas mãos exerciam no corpo dela e respondeu de forma a vingar-se por ela o ter invocado: «É para mim um filme de culto, vi-o muitas vezes em Londres e em Lisboa. Como era possível não se ficar preso à mais bela mulher do cinema? À mais bela ruiva do mundo!... Ainda por cima dançando maravilhosamente... Tudo no filme é sedução. Faz-nos vibrar os sentidos. Sabe que eu tive em Coimbra uma namorada ruiva? E era linda!»

- Também gosto muito do Glenn Ford - acrescentou ela para quebrar os arroubos das apreciações dele, ao aludir à namorada ruiva.

O disco chegara ao fim e Alberto voltou a colocá-lo.

- Continuemos! Afinal é tão fácil dançar! - disse ele com uma expressão luminosa em que estava presente uma forte dose de ironia maliciosa. Voltou a enlaçá-la, mas agora mais à vontade, puxando-a para si. - Vá, continue a orientar-me os passos.

Ela, baixinho, ia repetindo a letra da canção: *Amado mio, love me forever and...* - «begin tonight» - concluiu ele antes do tempo. Estavam agora parados pela pausa do gira-discos que

logo recomeçou com outro bolero que ambos muito apreciavam: - *Bésame, bésame mucho* - cantarolou Alberto.

- Continue! A minha pronúncia de castelhano é pavorosa-

... «*Como se fuera esta noche la ultima vez*»

- *Bésame, bésame mucho* - arriscou ela.

- *Que tengo miedo a perder-te, a perder-te después.*

Continuando enlaçados, Alberto procurou-lhe a boca que ela já lhe oferecia e beijaram-se apaixonadamente. Os lábios finos dele, por fim, ainda se uniam aos dela, mais cheios e macios.

Nem se incomodaram de reparar se estavam sozinhos, mas estavam. Os poucos passageiros que haviam ficado já tinham saído, deixando-os à vontade. Tornaram a beijar-se profundamente. E outro ainda, porque o beijo apaixonado não é só contacto físico. É muito, muito mais. É a troca das almas que se procuram...

- Aqui abafa-se! - desfez ela a magia.

- Vamos até ao convés ver se o Mar é Vermelho - respondeu-lhe ele.

A noite estava deslumbrante. Miríades de estrelas iluminavam as águas e as areias do deserto, transformando-as em poalha de ouro. E de ouro, também, eram os reflexos dos cabelos dourados de Victoria.

O barco deslizava nas águas calmas. Ela estremeceu e Alberto, notando-o, pegou-lhe na mão e levou-a para o camarote que, finalmente era ocupado, sem constrangimentos, por duas pessoas, conforme as duas camas que o espaço previra.

Manhã alta o camareiro bateu à porta para entregar a bandeja com o pequeno-almoço para dois. Surpreendidos, acabaram por rir da astúcia simpática do comandante.

Depois... depois naqueles dias a bordo perderam a noção do tempo. Agora pouco falavam com os companheiros de viagem. À noite, depois do jantar, lá ficavam a ouvir música e a dançar. Os boleros, as rumbas, os tangos, mostravam o gosto do comandante pela música sul-americana. Alberto apreciava particularmente os tangos de Carlos Gardel, mas não evoluiu muito na competência de dançar, fosse ao som de que música fosse. Ter Victoria nos braços, face com face, embriagado pela sensualidade da voz do cantor, do ritmo musical e do erotismo de algumas letras, bastava-lhe. E ela também nem devia notar que pouco se mexiam. Afinal, não eram especialmente os pés que sentiam a música!...

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO 6

*George anda ver o meu país de marinheiros
O meu País de naus, de esquadras e de frotas!*

António Nobre

A conversa que Alberto mantinha com Victoria, particularmente à mesa do almoço, costumava ser partilhada por outros passageiros que com eles fizeram grupo. Muitas vezes, o assunto abordado referia-se ao facto de ele ser português e, por isso, especialmente os mais afectos a Portugal, convidavam-no a falar do Império Ultramarino e da gesta dos Descobrimentos. Então, com vivacidade patriótica, mas com comedimento e rigor, ele resumia os grandes momentos das longas viagens marítimas pela costa de África, pelo Oriente e Ocidente, onde em várias terras foram os primeiros europeus a chegar. Exaltou alguns nomes como Vasco da Gama, Francisco de Almeida e Afonso de Albuquerque, entre os maiores ligados à Índia. Entrecruzou factos com benefícios, falou de partilha de bens e de saberes, não deixando de enaltecer o intento prioritário dos portugueses, de levar a esses povos a fé cristã. Mas também deu relevo às trocas comerciais e aos novos conhecimentos deixados e adquiridos. Lembrou Damião de Goes e Garcia da Orta. Mas, como síntese da gesta cantada por um génio, falou-lhes

de «Os Lusíadas», o poema épico de Luís de Camões, ele também soldado em Goa, algum tempo, chegando a viver vários anos em Macau. Nessas terras foi escrevendo a sua obra poética e épica. E, assim, pelas façanhas desses heróis, o Império foi-se alargando e consolidando, até ao ano da morte de Camões, em 1580, quando Portugal perdeu a independência por um período de sessenta anos. Depois outros povos chegaram para aproveitar o que os portugueses tinham conseguido com as suas naus, os seus conhecimentos e a coragem dos seus capitães e marinheiros.

Victoria, não deixando de compreender as palavras dele, ia-lhe contrapondo a atitude incompreensível, por retrógrada, do Governo Português. Queria falar do hoje, não do antanho.

- Veja-se o seu caso - referiu, dirigindo-se a Alberto. - Vai como médico-militar, de algum modo, defender Goa, a vossa Pérola do Oriente. Mas defender de quê e porquê? Não acha que nesta altura seria mais curial negociar do que enviar tropas para lá? Não têm em conta a desproporção dos meios que torna ridículo e patético qualquer esforço bélico da vossa parte? A luta armada, mesmo se os meios fossem muito menos díspares, era questão que já não devia colocar-se. Nenhum povo hoje suporta a colonização.

- Não pense que eu não concordo com o direito que todos esses povos têm em desejar e conquistar a sua independência. Somente o caso de Portugal é diferente. As Colónias já são neste momento Províncias Ultramarinas, ainda que essa designação tenha sido usada mais para a política externa, pois sempre foram, de facto, consideradas território português. As negociações podem agora tender mais para o lado de Portugal. E é bom não

esquecer que foram os portugueses os primeiros a descobrir as terras africanas, das quais fez território português. Foram as naus portuguesas, com a cruz de Cristo que contornaram o Cabo das Tormentas, depois chamado da Boa Esperança. Com tanto sofrimento de tantos!

Alberto admirava-se, consigo próprio, pelo modo como defendera o direito de Portugal possuir as terras que os seus maiores descobriram ou conquistaram, embora, pelo menos, em parte, não deixasse de concordar com a jornalista.

- Tem razão, Alberto, mas não vamos por aí. Estamos noutro tempo; e fique ciente que me comovo intensamente com os feitos do seu Povo. É gesta homérica que esses poetas maiores que citou, cantam tão admiravelmente. Eu própria envergonho-me de mal conhecer a vossa História; mas, pode crer, que a minha ignorância vai deixar de o ser, tanto quanto me for possível.

- Poderei começar agora a ajudá-la!...

Ela sorriu com uma expressão de assentimento e prosseguiu:

- O Governo do seu País tem de ouvir Nehru. Não foi em vão que Mahatma Gandhi fez penhor da sua vida, lutando no caminho da não-violência, fazendo as greves de fome para que todos fossem livres e iguais nos direitos, defendendo, como advogado que era, aqueles que não tinham voz e sofriam discriminações, devido à condição social, raça, à religião e à cor da pele, e por isso, sofrendo prisão. Toda a sua vida fora uma cruzada na África do Sul e na Índia, pelos direitos dos mais pobres, lutando também intransigentemente contra as castas. Mas foi assassinado, não só por tentar mudar as ideias daqueles que pretendem manter subjugados às suas leis e aos seus interesses outros seres humanos, mas por ir contra certas tradições

obsoletas e cruéis dos fundamentalistas. E, afinal, porque não queria a Índia dividida.

- Sim, o que mais pesou para a sua morte foi ser contra a divisão da Índia, contra a independência do Paquistão - observou um dos presentes. Foi um fanático hindu que o assassinou, mas eram os muçulmanos que mais atentados sofriam, embora os hindus também os sofressem.

Victoria ficou calada como se pretendesse homenagear Gandhi, com o seu momento de silêncio. Então, Alberto, recomendou a tentar explicitar o seu ponto de vista que não diferia, na essência, daquele pelo qual ela pugnava. Para cada caso não havia apenas uma mesma solução. E falou dos que lutavam por encontrar soluções viáveis e justas para todos. Porém, ela nem o deixou continuar:

- Eu sei, Alberto, que são muitos os goeses empenhados, política e socialmente, homens de cultura, responsáveis, dos quais alguns foram presos e outros exilados, compulsivamente, em Bombaim e em Lisboa, que têm apresentado a Salazar soluções que poderiam, pelo menos, ser objecto para uma reflexão comum. Os goeses cristãos, em grande parte, anseiam pela autonomia como forma de prevenir a integração. Pelo que sei, eles não querem virar costas à cultura portuguesa, às suas tradições e aos seus valores que, afinal, são as suas raízes, a sua língua e a linhagem dos seus apelidos. Não se esqueça que foi o Alberto que me foi inteirando destes factos, reforçando o que eu conhecia sobre o assunto. Mas sou admiradora de Jawaharlal Nehru, e penso que a recente proposta que ele fez a Salazar poderia ser negociada. Antes da independência segui, com grande interesse, as negociações dele com o Vice-rei da Índia. Ambos

procederam de modo a servir os seus países o melhor possível. E assim se passa com a França. Só falta Portugal...

- A negociação que Nehru pretende é a integração do Estado Português da Índia na União Indiana - contrapôs Alberto. E prosseguiu: -Eu aceitaria de bom grado que, um dia, Portugal, a nossa Índia e as outras Províncias Ultramarinas negociassem, entre si, uma espécie de «Commonwealth» Portuguesa. Seria melhor, muito melhor, do que entrarmos em conflitos armados sangrentos, no meio de ódios destrutivos - concluiu ele.

Victoria parecia nem o ter escutado e, mal ele se calou, ela continuou a justificar a sua admiração pelo Primeiro Ministro da União Indiana, esquecendo-se de referir que o seu pacifismo não o impediu de tratar o problema de Caxemira pela força das armas, embora obrigado pelas circunstâncias e pelas Forças Armadas.

- Nehru sempre se apresentou com uma postura que fez de mim incondicional admiradora - dizia ela. Percebe-se por que é que Gandhi era tão íntimo dele. Admiravam-se mutuamente, lutando pelo mesmo ideal, apesar das suas origens serem tão diferentes. - Nehru é de origem brâmane. Aparenta distanciamento e frieza mas é, sobretudo, um intelectual, um estudioso da sua tradição, mas que também estudou em Inglaterra; e, pela sua preparação e inteligência, a ninguém deixa indiferente. Como eu gostaria de o conhecer pessoalmente! As imagens que nos dão dele mostram-no sempre vestido como um hindu: o casaco branco, justo, chegando-lhe até aos joelhos, apertado desde o pescoço até abaixo; as calças igualmente justas na perna que, como o *jodhpur*, lhe caíam em pregas nos tornozelos; e, na cabeça, o *képi*. E sempre, com uma rosa vermelha na lapela,

cujo significado lhe suaviza a expressão e torna menos tenso o ricto da boca. Será que a rosa tem a ver com a possível relação amorosa que, diz-se, mantivera com Lady Mountbatten? O boato dos seus amores com a esposa do Vice-Rei, mesmo que não passem de um mito, de uma atoarda, veio criar uma auréola de romantismo àquele homem, já por si fascinante, misterioso e aristocrático. Será, sem dúvida, o mesmo cavalheiro de espírito entranhado na filosofia cósmica, mas conhecedor do humanismo cristão, que negociará com o Governo Português, quando este se disponibilizar.

- Duvido que essas negociações se venham a efectuar...
- retorquiu Alberto, pondo fim ao diálogo, não sem antes apoiar a sua asserção no facto conhecido de Salazar não admitir negociar «parte do que é Portugal». - Mas Victoria ainda tomou a palavra, não querendo terminar a conversa sem evocar a jornalista americana Margaret Bourke White que esteve na Índia entre 1946 e 1948, assistindo à independência em 1947 e escrevendo, depois, o conhecido livro sobre todo o processo.
- Não deixe de o ler. Pode comprá-lo em Bombaim, e oferecê-lo ao Doutor Salazar - terminou com ironia.

Alberto ouviu a sua interlocutora com interesse, admirando a análise que ela fazia, embora com algum radicalismo. Não tinha ideias tão abertas quanto as dela; longe disso, pois desde pequeno sempre o levaram a amar essas terras distantes que faziam parte de Portugal. E só agora reparava que, verdadeiramente, nunca se pusera na pele dos naturais desses territórios. Ia para Goa, tornada portuguesa em 1515, convicto da sua missão; mais a mais, porque sabia que uma parte dos habitantes do Território Português da Índia eram cristãos, e alguns

dos outros, fossem hindus, muçulmanos, islamitas ou parses, nem precisavam de ser cristãos para se sentirem herdeiros do passado comum e terem orgulho de serem portugueses. Não sendo os cristãos (raríssimos o são), descendentes de sangue, são-no pelo baptismo que lhes deu o nome e pela cultura, tendo-se por filhos de Portugal. E sentem o mesmo aqueles que, na sua maioria, apenas falam concani que é a língua de Goa, embora miscigenada com o português. Os cristãos beberam, à nascença, a religião, a língua, os costumes, as tradições e, até, o gosto pelo que é europeu. Na Índia Portuguesa, o piano das meninas das casas mais abastadas toca Chopin e modinhas portuguesas, tal como o das meninas da Metrópole, embora sejam quase só as que pertencem à elite da comunidade cristã. Uma minoria, portanto.

Era ainda deste modo que Alberto pensava, tendo as suas razões alicerçadas nos ensinamentos dos livros escolares, na casa de seus pais e na tradição e vocação ultramarina dos portugueses.

Apesar das diferenças entre si que, dia a dia, eram mais notórias, o par enamorado lá ia vivendo o seu amor muito gratificadamente, mas sem o ardor dos primeiros dias. Ele fora-se apercebendo daquilo que os separava, embora isso não diminuísse o desejo de a possuir inteiramente, não só como mulher mas como pessoa, na sua complexidade de ser inteligente e livre. Admirava-a, com a lucidez suficiente para perceber que os atributos intelectuais dela, e a sua maneira de ser e de viver, não era o que mais gostaria de admirar naquela que fosse sua esposa, embora não admitisse escolher uma mulher que não fosse inteligente e bem preparada intelectualmente. Afinal ele era bem mais parecido com o seu pai do que pensava.

O navio, agora sem paragens, ia sulcando o Mar Vermelho, sôfrego do Mar Árábico. O tráfego de embarcações que iam avistando traduzia o comércio intenso e a mobilidade das pessoas, quase só homens, por estes mares.

CAPÍTULO 7

Tarde

*Teus olhos húmidos eram lagos
em que nosso desejo se mirava*

*Tua boca entreaberta era mensagem
do teu corpo moço que se dava.*

[...]

E havia amor a envolver-nos,

[...]

João José Cochofel - *Instante*

Mais uma vez, sozinho na coberta, à medida que os dias passavam, Alberto concluía que a decepção que Victoria lhe dera em Porto-Sudão, tornava claro que jamais poderiam relacionar-se na totalidade do seu ser mais íntimo. Faziam apenas um par numa relação que bastava, mas esfriara, e não o deixava gozar a sua presença na força do amor que sentia por ela. Amava-a, ainda, apaixonadamente, ferido por não poder aceitá-la como ela desejava ser aceite: livre e sempre senhora de si própria. E Alberto envergonhava-se de querer esculpir a sua Galateia. Afinal, para que queria ele uma estátua de mármore, embora animada e aquecida pelos seus beijos?

«Estes sentimentos contraditórios estão a ensandecer-me. Não vejo a hora de chegar a Bombaim, de pisar terra firme

para nela dar consistência aos sentimentos que partilhamos, e resolver as diferenças. Este ambiente quase irreal, que mais parece viajarmos na ‘Nave dos Loucos’, confunde o que devia ser claro.»

Mas Bombaim ainda estava longe. E os dias, passavam-nos, jogando, de dia, o jogo do rato e do gato, como se temessem enfrentar-se; e, à noite, ardendo nos braços um do outro, consumindo-se na paixão que punha de lado o amor sereno e esclarecido. Não sabiam bem como encarar-se quando chegasse a hora da despedida, do até quando e até onde...

Finalmente a silhueta da volumosa construção da entrada na cidade de Bombaim já se avistava: a Porta da Índia. No enorme porto, assinalado pela «*Gateway of India*», ancoravam e partiam inúmeras embarcações. Os majestosos navios de longo curso, de pavilhão inglês, faziam a rota entre a Inglaterra e a Índia.

Chegados a Bombaim e desembarcados, Alberto pegou no braço de Victoria e procurou um meio de transporte capaz de os carregar, e às malas, para os levar ao Hotel. Depois saíram para apreciar a fabulosa metrópole de contrastes. Alberto tentava imaginar os seus antepassados portugueses que chegaram àquele território de ilhas pantanosas, há quatrocentos e cinquenta anos, conquistando várias cidades na costa do Subcontinente. Até que em mil seiscentos e sessenta e um, a ilha de Mumbai, a Bombaim dos portugueses, passou a ser inglesa, oferecida à coroa Britânica como parte do dote da princesa Catarina de Bragança quando casou com o rei Carlos II de Inglaterra. Portugal ficou a perder muito mais do que alguma vez se dera conta. Mas, na altura, era preciso fazer o que fez.

Sempre juntos, e sempre tocando-se com prazer, Alberto e Victoria visitaram museus, livrarias, ruas onde cada uma se dedicava a um mesmo tipo de comércio. Passearam pela *Marine Drive*. Apreciaram os típicos e luxuosos *bungalows*, como o «Royal Bombay Yatch Club» e outras construções particulares e grandes hotéis. Admiraram praças e jardins e a monumental estátua da Rainha Victoria que fora Senhora do maior Império de que um país europeu se podia orgulhar. Encontraram-se com os intocáveis (que pela lei já não o eram), quando se meteram num autocarro que não era para ser partilhado por outros passageiros de outras castas e, muito menos, por brancos. E, apesar de o autocarro ir cheio, os hindus esmagaram-se, ainda mais, para deixar espaço e não tocarem «nos estranhos brancos loiros que, sabe-se lá porquê, se foram juntar a eles». Victoria admirava e confrontava as variadas castas que iam encontrando. E teve ocasião de, em vários sítios, apreciar homens e mulheres belíssimos, altos ou menos altos, elegantes, de pele escura ou mais clara, e olhos negros, castanhos ou claros. Mas os siks destacavam-se, quanto mais não fosse, pelo uso do turbante debaixo do qual escondiam a longa cabeleira negra (como a barba) que nunca cortavam. Com estes, os barbeiros que se encontravam com os apetrechos na rua, para atender os clientes, não faziam negócio. E também actos médicos se praticavam na rua, onde se excisavam cataratas aos doentes cegos. Junto deles, Alberto parou espedado, admirando a técnica multissecular ou milenar que usavam. Era espantosa a rapidez e precisão com que o faziam. Mas o pior residia na quase inexistência da assepsia. As cataratas eram tratadas, mas não muitos seriam os doentes que gozariam a visão, pois

as infecções surgiriam, tirando-lhes a vista ou até a vida. Alberto pretendeu mostrar-lhes que bastaria água e desinfetante para as mãos e uma chama onde passassem a lâmina cirúrgica, para evitar as infecções. Mas não foi capaz, nem teve oportunidade de o fazer. Olharam-no como um intruso e Victoria puxou-o pelo braço...

Todo este cenário se desenrolava no meio da rua sob o olhar manso das vacas, ou do frenesim dos macacos e da altivez dos pavões. Ou até mesmo da indiferença de tantos outros seres, como elefantes e camelos que lá iam na sua labuta com a *'consciência'* de quem ganha o pão de cada dia. E mesmo as grandes árvores de raízes aéreas, como a figueira-de-bengala, aproveitavam a distração das pessoas (ou o seu consentimento), para lançar as inúmeras raízes aéreas que logo se transformavam em troncos, tomando conta de tudo à sua volta, como se fora um abraço. Era assim por toda a Índia. Tudo e todos partilhavam o mesmo espaço. E, deste modo, tanto Victoria quanto Alberto se iam afundando no espírito da Índia, das religiões da Índia, que sem elas não poderia existir, religada a todos e a si mesma. Sem o seu opulento e extravagante panteão, a sua religiosidade, única e tipicamente oriental, não se moldaria tal como é, nessa característica tão própria de submeter o real às exigências do seu espírito. Fascínio, admiração, agonia e incapacidade de compreender, tudo reclamava um olhar crítico que se tornava impossível pela irracionalidade do muito que se apresentava a seus olhos. A mente e os pressupostos de um ocidental não podiam encaixar-se no que Alberto observava. À beleza estonteante, à sumptuosidade monumental encostava-se a mais pungente pobreza, sendo parte dela assumida pelos

conceitos religiosos. E, para debelar alguns destes males, já muito o governo fizera, em tão pouco tempo de Independência, tomando decisões enérgicas e específicas que resultassem numa sociedade melhor, mais evoluída dentro das tradições dos povos que compõem a heterogénea Nação indiana. Em tudo isto, Bombaim era apenas um pequeníssimo espelho da Índia. Victoria tinha tentado preparar Alberto para os cenários que se lhes deparavam. Mas isso não impedia a vertigem do encontro com o realmente diferente, sem possibilidade de juízos de valor. E diferentes eram também as pessoas que iam encontrando nas avenidas, nas praças, nos cafés, nas ruas e nos becos sórdidos. Todos, homens e mulheres eram afáveis e mostravam grande dignidade. Mas os ricos, os muito ricos, só em lugares especiais se encontravam. O mesmo sucedia em qualquer país, afinal. O mesmo não, porque em Bombaim até as «estrelas» de Bollywood se deixavam admirar nas suas casas, através das grandes janelas de vidro que as não escondia dos olhares dos que por lá passavam, e daqueles que dormiam encostados às paredes das suas luxuosas vivendas. O espaço público e privado é mais indiferenciado na Índia.

A estação de caminho de ferro, no estilo inglesado, a magnífica «Victoria Terminus», na sua traça, era o espelho da cidade. Dentro do seu imenso espaço interior, um ventre compartimentado, cruzavam-se pessoas tão diversas no aspecto físico, no modo de vestir e na postura, quanto as suas etnias e as religiões que professavam.

O sub-contidente indiano a todos acolhe, mas é terra que para uns é mãe e para outros parece madrasta, tal como a gigantesca estação donde partem os comboios para todo o subcontinente.

Alguns passageiros viajam nos luxuosos compartimentos, e outros, até no tejadilho das carruagens. E são estes que morrem aos milhares nos incontrolláveis acidentes ferroviários, dos milhares de comboios que diariamente se cruzam. Mas, ainda assim, a Índia toma conta deles. Os elementos propiciatórios a dar-lhes dignidade na morte estão sempre presentes: a água e o fogo cuidam dos corpos dos hindus que são a esmagadora maioria dos filhos da Índia. E nas «torres do silêncio», onde os cadáveres dos parses são lançados para não conspurcarem nem a terra, nem a água, nem o fogo, lá serão devorados pelas aves necrófagas que, pacientemente, esperam os seus mortos. E também o ar participa levando as cinzas dos que são cremados. Por fim, no final de todo o processo, lá está a terra disponível para absorver o que resta de todos os seus filhos. Até mesmo os átomos que sobraram da matéria que os fez humanos, ela recebe amorosamente, como recebe todos os seres. Talvez a morte seja mais doce na Índia!...

E o casal enamorado, no espanto do que via, já nada comentava. Observava, apenas!...

Foram ao cinema apreciar um filme indiano, típico de Bollywood, com muita música, acção e belíssimos actores e actrizes. Mas não prestaram muita atenção ao que viam. Sentados juntos, no escuro da sala, em silêncio, bastava-lhes. Jantaram não sabiam bem o quê, nem onde; e, só tarde, entraram no Hotel. Agora tinham de enfrentar-se e decidir as suas vidas. Alberto ainda queria acreditar que ela iria com ele para Goa. E ela esperava que ele fosse adulto, evoluído e compreensivo, de modo a aceitá-la com a profissão que, por

nada, deixaria. Mesmo amando-o muito. Cada um deles temia não conseguir resolver a sua situação com o pleno agrado de ambos. E, apesar de tudo, tinham a consciência de que, em certos aspectos, encontravam a plenitude da identificação de um só corpo e um só espírito; ou melhor, dois corpos e dois espíritos em união, pois descobriram muito em comum: que as suas emoções reagiam aos mesmos estímulos, de forma semelhante, fossem estímulos intelectuais, sociais ou estéticos.

Pela primeira vez, em certos momentos, embora fugazes, Alberto tinha olhado para uma mulher como se ela fosse parte íntima da sua vida. Jamais pudera imaginar que, em estranhas paragens, a iria encontrar.

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO 8

*O amor, aí que enigma! Consolo no tédio
Estrela do Norte!
O amor é doença que tem por remédio
Um beijo ou a morte*

António Nobre - *Poesia Completa*

Victoria Douglas lembrava a sua vida desde que conheceu Hassan e, depois, Alberto. Além de cronista, ela era, acima de tudo, uma jornalista que escrevia sobre os grandes acontecimentos pontuais que se iam desenrolando na Europa, no Norte de África ou no Próximo Oriente. O que mais a atraía eram os conflitos de ruptura, as revoluções que traziam a mudança que se pretendia ser para melhor, e que o mundo convulsionado exigia. Victoria, numa ousadia pouco racional, chegava a tomar lugar no palco dos conflitos que deflagravam na sua presença. O seu espírito lúcido, a capacidade de compreensão para a rigorosa leitura das ocorrências, necessitava da vivência presencial, de modo a sentir com o corpo os perigos que sofriam aqueles que eram apanhados pelos conflitos e pelas suas consequências gravosas.

Ela amava Alberto, talvez por ele ser tão diferente de todos os homens que conheceu! Sabia agora que seria capaz de deixar tudo para o seguir, só para ficar com ele. Mas achava que não o devia fazer. Era cedo de mais. O tempo suficiente para

se conhecerem bem, ainda não o haviam atravessado. Esse tempo podia esperar enquanto cada um iria desempenhando as missões que tinha pela frente. No entanto, não confundia o dever de Alberto, como médico-militar ao serviço da sua Pátria, com a sua profissão de ‘free-lancer’, ainda que bem sucedida, sendo os seus trabalhos disputados pelos melhores jornais e revistas. Por isso, também não se sentia preparada para deixar de colher os frutos sazonados que lhe caíam nas mãos. Quando chegasse o tempo do reencontro, como agora havia chegado o da despedida, eles saberiam reconhecê-lo. Ouviriam soar a hora. E era por tudo isto, sem mais adiamentos de horas ou minutos, (porque o tempo da separação urgia), que teria de dizer adeus ao seu amado. Mas porque receava não lhe ter explicado bem o que fora a frustração amargurada do seu casamento, teria de voltar a falar-lhe no assunto. E o mais difícil de lhe dizer era que, subjacente ao malogro do casamento, estava também a sua profissão.

Casara por amor assente numa paixão exaltante que o marido lhe retribuía. Mas tudo se desmoronou. Se não fora ter conhecido Alberto, na altura própria, quando já havia rompido os últimos laços com Hassan, provavelmente os seus olhos não teriam visto o médico português, e o seu coração não se teria aberto ao amor que deflagrou quando trocaram o olhar. No entanto, estranhamente, mesmo passado mais de um ano do divórcio, ela ainda sonhava com a imagem do belo diplomata libanês. Tivera-o por marido, mas tudo os separava. E a paixão que os unira, pouco a pouco fora arrefecendo, tornando-os

mais vulneráveis para enfrentar o que lhes era contrário. Felizmente para ela que os olhos claros de Alberto fizeram-na esquecer o fascínio da negrura dos belíssimos olhos de Hassan. Aquele misterioso olhar dele, profundo como um poço silencioso onde ela vertiginosamente se ia afundando. Mas a sua personalidade, num acto de coragem (e a verdade é que também com a ajuda dele próprio), conseguiu desprender-se das fortes amarras que a ligavam a um homem de uma cultura que não era a dela e só, em parte, compreendia. Mas isso não chegava; não lhe era suficiente. E tudo e todos os demais da família dele lhe eram hostis, porque a maneira de ser e de viver dela os afrontava.

Assim como há um tempo certo para o encontro, também há um tempo certo para a ruptura. E ela deu-se... «Com Hassan fui inflexível, não permitindo que ele pusesse em causa a minha profissão. Nunca ele aludia a isso, mas, subliminarmente, era assunto que estava sempre presente. Só que eu nunca dei azo a que o expusesse. Ele desejava ter-me mais perto de si, e isso até aceito e compreendo porque é natural. Mas era também para agradar à família. Só que eu, antes de casarmos, coloquei como condição não deixar a minha actividade profissional. Só a deixaria quando eu própria o entendesse. E era essa a razão por que Hassan mostrava pejo em, abertamente, falar-me do assunto. Eu entendia a sua frustração: a de não ter a mulher companheira, também a governar a casa, a cuidar dele e dos filhos que deveriam ter, para constituírem uma família *de verdade*. Uma grande família, como ele gostaria. No entanto, aceitou as condições que lhe coloquei. Segui-o sempre que o trabalho me permitiu fazendo férias no Líbano, com ele, e a família.

E depois aconteceu o episódio da praia. Tiveram vontade de me apedrejar. Vi-lhes nos olhos. Mas compreendi-as. Quem não respeitou a condição do meu marido fui eu. Só que não suportei a crítica que ele me fez e o modo que usou. «Foi o fim do nosso casamento. Não pude suportar o olhar crítico, duro, quase feroz do meu marido. A paixão gelou! Quero contar tudo isto, mais uma vez, a Alberto. Talvez ele extrapole para a nossa situação e passe a compreender-me melhor...».

Meio aturdida lembrou-se de que Alberto a esperava no bar do Hotel, enquanto ela viera telefonar ao colega que já estava em Nova Deli, a tentar preparar a entrevista com Nehru. No fundo, bem no fundo da sua razoabilidade, ela não acreditava que isso fosse possível. Mas tentariam tudo! Agora só lhe importava encontrar-se com o Presidente da União Indiana. Os outros interesses da sua vida ficariam para depois... E quem sabe? Talvez Goa, em breve, a chamasse do ponto de vista profissional. Falava-se de uma possível invasão dos territórios portugueses na Índia. Mas, para já, isso não estava nos propósitos de Nehru. A comunidade internacional não lhe permitiria tal confronto. Seria demasiado desigual. Mas se a invasão se viesse a concretizar, já que tinham começado as incursões fronteiriças, (Satiagraha), então ela aliaria o útil ao agradável. Partiria para Goa, visitando Alberto e, de bem perto, relataria os acontecimentos que pudessem interessar para a imprensa mundial.

O barco da rota costeira que levava Alberto para Goa, abarrotava de passageiros e carga diversa que iria deixando, pelo menos, em dois portos até chegar a Pangim. Só a bagagem (alguma

indescritível para se viajar com ela), dava para fazer o lastro de que o navio necessitava. Tudo o resto, além dos passageiros, era peso a mais para qualquer embarcação daquele calado. Mas na Índia não é assim. Na Índia, seja qual for o veículo, consegue transportar muito mais carga do que em qualquer outro sítio. Não fora assim com o navio que trouxera Alberto de Lisboa a Bombaim. Nos portos onde parava deixava os produtos vindos da Europa; e, agora, na estadia em Bombaim ficara a encher os porões com os fardos de algodão e juta, entre outros, que levaria para Inglaterra. Mais tarde, em Mormugão, meteria o *coconut* e as especiarias, o óleo de palma e alguns produtos dos que vêm de comboio do leste, atravessando o subcontinente, o território da Índia e de Goa, até ao porto.

Alberto era completamente indiferente ao que se passava à sua volta. Como que em transe, despedira-se de Victoria no Hotel, tomando cada um o seu rumo. Ela ia de avião para Norte, para Nova Deli; e ele, para o cais de embarque dos navios costeiros, em direcção a Goa, à cidade de Pangim. «Será que voltaremos a ver-nos?...» Mas era uma pergunta retórica que ele fazia à sua expectativa. Já não acreditava num reencontro! Houve um momento na despedida que quase o fez voltar para trás e abraçá-la como nunca o fizera. Foi quando se acenaram, já distanciados. As suas mãos, como avezinhas perdidas, agitaram-se num esforço de asas para se unirem num último contacto. Na última noite que haviam passado juntos tudo começara mal. Ambos, no bar, retardaram a ida para o quarto. Tinham medo das palavras que poderiam proferir. E o silêncio, no aposento, seria demasiado opressivo para o poderem suportar. Propuseram-se dar um passeio. Ele, ingénuo, por momentos, e mais uma vez,

continuara a acreditar que no derradeiro instante da despedida, Victoria resolveria segui-lo até Goa, ainda que por pouco tempo. Mas isso não podia suceder. Ela estava demasiado obcecada com a possibilidade de entrevistar Nehru. Nem sequer tinham chegado a visitar, em Bombaim, a casa humilde, mas digna, onde Gandhi viveu e trabalhou no tear com sua mulher. Teciam os seus panos de algodão, mostrando ao Mundo, duma maneira simbólica, que a Índia podia bastar-se a si mesma.

Agora, por não ter podido conhecê-lo antes de ter sido assassinado, Victoria desejava visitar, em Nova Deli, o Memorial do Mahatma Gandhi, visto as suas cinzas terem sido espalhadas por vários lugares da Índia.

Já no avião, afastava o pensamento da figura de Alberto e do desvario em que tinham transformado a despedida, para dar lugar a outro homem que ocupava a sua mente. Esse homem, tido por muito culto, esclarecido e politizado, era o Pandita Nehru.

E Alberto que não lhe saía do seu pensamento!...

Procurava expulsá-lo mas era em vão. Pela primeira vez, a imagem de um homem interferia no seu trabalho profissional... Repetia-se a sua história com Hassan, em relação ao pouco valor que os homens que amou davam à sua profissão que ela punha acima do amor. Por convenções, por egoísmo e por alguma prepotência, amaram-na como se a Segunda Guerra Mundial não tivesse dado o relevo que deu ao trabalho das mulheres, quer no esforço da guerra, quer na construção de uma nova sociedade! Afinal, o homem que amou e o homem que amava, não eram assim tão diferentes. Tinham até demasiado em comum: eram ambos homens!...

E ela apenas desejava ser mulher com direito às prerrogativas dos homens, na profissão escolhida.

O seu amor, tanto quanto o de Alberto, sofrera da privação da dimensão espiritual. Faltava-lhe densidade cósmica. E o corpo não basta. Depois, é mais difícil esquecer um sereno e longo amor do que um afecto, ainda que mais intenso, mas breve na convivência. Agora, já com distanciação, apercebia-se de que amara aqueles dois homens da mesma forma, atravessada por uma violenta paixão física, tanto que não podia alimentá-la com igual intensidade durante muito tempo. Fatalmente acabaria por extinguir-se, pois é difícil uma pessoa suportar uma forte e igual tensão durante muito tempo. O amor torna-se insatisfeito, e a expressão ferosa que se nutre do imediato, necessita de sentimentos arreigados, de modo que essas raízes cresçam no tempo, e se desenvolvam nos múltiplos afectos e nas cumplicidades que se irão gerando. Mas não aconteceu isso com qualquer dos homens que ela exaltantemente amou. Daí a sua crença de que facilmente esqueceria também Alberto.

(Página deixada propositadamente em branco)

PARTE II

*Vejo passar o tempo, o rio calmo
Onde se afoga o desespero humano;
Imagino-lhe a foz, no trágico oceano
Da morte;
E a nenhum Sul ou Norte
Consciente
Consigno vislumbrar-lhe a lírica nascente.*

*Já caudaloso em cada latitude
Em vão procuro a fonte
Que lhe dê começo:
A madrugada de uma telha de água,
Hesitante
Antes do grande dia
Que toda a madrugada principia*

*Ganges sagrado do desassossego,
Vem dos confins do nada
Em direcção ao grande mar vazio;
E à tona da barrenta onnipotência,
Leva a cega inocência
Naufragada
De cada vida nele purificada.*

Miguel Torga

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO 1

*Aqui, diante de mim
Eu, pecador me confesso
De ser assim como sou
Me confesso o bom e o mau
Nesta deriva em que vou
[...]*

Miguel Torga, *Diário*

Alberto Medina Carvalhal nascera em Lisboa. Lá vivera e crescera, dando entrada na Faculdade de Medicina, em meados da Segunda Guerra Mundial.

Lisboa, nessa altura, vivia uma época em que eram gritantes as contradições dos cenários que a compunham. Por um lado, fazia transparecer o seu atraso e os efeitos de um governo férreo e dilatorial. Por outro, desde há quatrocentos anos jamais fora metrópole tão demandada, como era nesta altura, embora por razões diferentes. Refugiados judeus e outros perseguidos eram aos milhares, para fugir ao caos dos horrores da guerra e das perseguições que o nazismo desencadeara. Vindos da Europa Central, demandavam Lisboa como plataforma possível, para noutros continentes se abrigarem de tamanho holocausto. Mas só conseguiram chegar à pacífica Lisboa graças à inigualável benevolência do cônsul português, em Bordéus, Aristides de Sousa Mendes que, apenas pela sua

humanidade cristã, sacrificando o seu futuro e o dos seus, lhes deu os vistos. Mas os desmedidos sofrimentos de que fugiam eram inenarráveis. No entanto, enquanto esperavam obter os passaportes e os vistos, para o Continente Americano conseguidos a peso de ouro, das jóias e de todos os bens que possuíam, esses refugiados, particularmente «as refugiadas», davam um novo colorido à cidade e uma vivacidade inusitada. Os seus modos, a maneira de vestir, o penteado, tudo nelas era alvo de comentário e espanto: mulheres sentadas nas esplanadas dos cafés a fumar e a consumir bebidas alcoólicas era coisa que Lisboa antes não vira.

Alberto Carvalho, como alguns outros jovens escolarizados aperceberam-se dos horrores da guerra gerados na Alemanha nazi. E agoniados, num espanto visceral, procuravam compreender e ler nas entrelinhas, as notícias dos jornais que o Governo cortava e escamoteava. Mas o pouco que os noticiários transmitiam, e o que às escondidas ouviam na BBC, produziam-lhes profundas feridas na alma. O corpo, esse, ficou incólume aos bombardeamentos porque o Governo Português, na pessoa do seu Presidente do Conselho, conseguiu a neutralidade de Portugal. Não sem custos enormes e grandes sacrifícios do povo, pela escassez de bens de toda a ordem que os comboios, atravessando as fronteiras, levavam. E era quase tudo o que o povo produzia e lhe fazia falta. Todavia, não sofreu derramamento de sangue e outros sofrimentos maiores, graças, sem dúvida, à neutralidade de Portugal e às concessões exigidas pela dura política da paz.

Para Alberto, a vida sempre fora fácil e continuou a ser dentro de sua casa. O pai, advogado de nome feito e simpatizante

do regime do Estado Novo, não conheceu dificuldades nem deixou que a família as conhecesse. Em troca, apenas exigia que lhe seguissem as ideias e o imitassem no proceder. Mas do filho não conseguiu esses intentos.

Com a entrada dos Estados Unidos da América na guerra, a esperança dos Aliados na vitória final uniu, mais ainda, num esforço titânico, os que lutavam e desejavam a liberdade e a dignidade para todas as pessoas de todas as condições. Alberto Medina Carvalhal temperou o seu carácter e os seus ideais nestes valores. E neles amadureceu e se fez um homem.

Lisboa tornou-se mais parda, mais cinzenta. A sua luz natural, inigualável, que lustrava os belos monumentos e escondia a degradação e a miséria dos bairros antigos, não era suficiente para contrariar o fardo que as pessoas pareciam carregar nos ombros. Cantava-se o fado nas vielas e nas casas de fado, mas sussurrava-se, a medo, nos lugares públicos. Na Universidade também a Academia era amorfa. Cada um por si tratando da sua vida, era o lema, salvo as honrosas excepções daqueles jovens alunos e professores que acabariam por ser lançados nas prisões políticas e sacrificados na perda das oportunidades profissionais. E Alberto, que gostava do debate de ideias e da partilha de opiniões, não suportava estar entre colegas que mal se conheciam e tinham medo de confraternizar. Claro que os entendia. Nem todos tinham a coragem para sofrer cruelmente o resultado de agir de maneira diferente. Embora ele também respeitasse aqueles que, por ideologia, preferiam estar do outro lado, logo que o convencimento dessa posição fosse ditado por uma consciência de recta intenção. Por isso tinha amigos

da Situação e amigos do Contra. No entanto, sentia-se cobarde por não procurar os limites que o levassem a imitar os que eram perseguidos pelos seus ideais humanistas e democráticos. Era como se uma inaptidão para integrar um grupo, para comungar os ideais, o impedisse; e, por isso, intimamente, culpava o pai pela sua própria falta de coragem ou de vontade, pois sempre o impedira de agir frontalmente. Pouco a pouco, foi-se desligando, cada vez mais, do ambiente académico e de quase todos os colegas com quem se dava. Uma vontade irrefreável de deixar tudo e sair de Lisboa, levou-o a enfrentar a família (o pai, particularmente), até conseguir a permissão para ir continuar o Curso de Medicina em Coimbra. Teve na mãe uma aliada, visto os seus avós maternos terem casado em Coimbra, embora a mãe já tivesse nascido em Lisboa. E o pai sempre ficara muito ligado à cidade dos doutores, onde se formara. Assim, a mística de Coimbra, Alberto herdara-a dos pais, o que jogou a seu favor. Falar da cidade do Mondego era falar de estudantes, da Universidade, das serenatas, da guitarra... «Faria bem a seu filho entrosar-se naquele ambiente» - dizia a mãe, presentindo que a neurastenia do filho podia ser mais do que isso. E convenceu o marido, sem grande dificuldade, embora a princípio ela própria tivesse reagido mal à decisão de Alberto. Mas D. Dolores já estava habituada a que o marido e o filho se contrariassem mutuamente. Pareciam ter prazer nessa espécie de jogo a que ela punha final, mostrando grande amargura com o desentendimento entre eles. Alberto, único varão, era demasiado mimado, e o marido culpava-a disso. Talvez com uma certa razão. Embora respeitasse muito seu marido, D. Dolores não suportava que ele tentasse manipular o filho

como um títere. Quisera impor-lhe o curso de Direito para o vir a ter consigo no escritório de advocacia. Porém, Alberto fizera-lhe frente e entrara em Medicina, provavelmente pela razão maior de contrariar o pai. Este destinara-lhe noiva (que era bonita e rica, filha de um colega), mas Alberto ignorava-a, apesar de a achar atraente. Jamais casaria com ela, apenas porque o pai fazia gosto nisso. Até os amigos, o pai tentava impô-los. Não permitia que o filho levasse colegas lá para casa, para estudarem em grupo, sem exigir que Alberto conhecesse a família a que pertenciam, e as suas ideias políticas. «- Que se lembrasse que lá em casa viviam a sua mãe e a sua irmã...» Mas ainda bem que a casa era bastante grande. No entanto, embora o quarto de dormir de Alberto comunicasse para o mesmo átrio que o dos seus pais e irmã, o quarto de estudo que o pai lhe destinou, era no rés-do-chão. Os colegas entrariam pela porta de serviço, como os criados, para não perturbarem a família - determinou o Dr. Arlindo Carvalhal.

D. Dolores confrangia-se pelo facto de o marido e o filho serem tão diferentes, até na sua maneira de vestir e se apresentar. O marido sempre impecável, elegante. O filho, sempre com um aspecto desleixado. Era ainda, e apenas, a sua atitude reactiva e simultaneamente passiva de enfrentar o pai. Conscientemente, nem gostava de agir desta maneira para o contrariar, até porque sabia ser o pomo de discórdia que, por vezes, acontecia entre seus pais. Mas como achava que o pai era prepotente e injusto para a esposa que, por feitio e educação era meiga e submissa, isso acirrava o marido ainda mais. Por sorte, a irmã em nada era como ele. Amava extremamente a mãe mas admirava mais o pai. E até se convenceu de que o namorado

escolhido por seu pai era o único homem que ela podia amar e receber como marido. Foi fácil imaginar-se a mulher mais feliz do mundo, casada com aquele homem distinto, rico e pomposo; particularmente depois de dar a seu pai o neto que ele tanto ambicionava e, à mãe, a netinha que preenchia as horas mais agradáveis que D. Dolores agora desfrutava.

Os conselhos que o Dr. Arlindo Carvalhal dava ao filho sobre o casamento, aplicavam-se também à filha. Dizia ele: «Para um casamento ser estável e harmonioso deve prescindir da paixão. E mesmo o amor só deve nascer e manter-se após o casamento. Antes disso, é empecilho, perturbando o que deve ser vivido com a cabeça fria e os pés assentes na terra. Uma ligação para toda a vida, antes de ser atada, deve ser racionalmente pensada fora da contaminação do amor apaixonado. Isso é doença, é coisa dos livros e do cinema que faz tontas as cabeças das mulheres. E tu sabes bem que é assim - rematava ele virando-se para D. Dolores.

- Não me digas que não devo ler. Sabes quanto gosto de livros e não acho que me tivessem feito mal. Quanto a filmes, foram tão poucas as vezes que me levaste ao cinema que não chegaram para me provocar qualquer malefício.

- É por isso que não gosto que te metas nestas conversas - disse ele saindo da saleta da mulher. Este era o único lugar da casa a que D. Dolores podia chamar seu. Lá guardava a costura, os bordados e os seus preciosos livros que os filhos lhe faziam chegar, e que as amigas lhe ofereciam. E também o rádio que lhe era tão precioso. A música era tudo para ela; a música clássica e a boa música, dita ligeira, que a Emissora Na-

cional criteriosamente seleccionava. E tinha ainda os folhetins baseados em obras de escritores famosos e o teatro radiofónico que lhe preenchia alguns momentos do dia, tornando-os mais agradáveis quando estava sozinha. A verdade é que a leitura lhe proporcionava também as horas mais desejadas dos seus dias. Enquanto leitora poderia reescrever o livro conjuntamente com o autor: pintar as paisagens a seu gosto; modelar as personagens recriando-lhes as feições e o jeito; prolongar a acção; meter-se dentro dos afectos que elas exprimiam; e até abrir os seus próprios sentidos à vivência das personagens do livro, quer femininas, quer masculinas. E aprender também com elas, especialmente isso. Era a evasão da sua vida monótona e desinteressante, pois com as personagens dos romances revivia até a paixão, esse amor profundo que tivera e sentia ainda pelo seu marido, embora tivesse sempre o cuidado de não lho mostrar por palavras. Não suportaria que ele menosprezasse o amor que lhe dedicava. Era o seu amor por ele. Guardá-lo-ia como um segredo, para sempre, dentro do seu coração. No entanto Alberto, desde cedo, adivinhara o amor apaixonado e a admiração que a mãe nutria pelo marido e, por esse facto, não suportava ver o pai tratá-la com frieza ou, pelo menos, com negligência. Mas também acreditava que ele gostava muito da esposa; que, lá no seu íntimo, a amava e admirava. Uma vez, estando ambos sozinhos, o pai dissera-lhe, em forma de conselho, de homem para homem, que partisse do princípio de que as mulheres (também a sua, quando a tivesse), eram seres menores, sem grandes capacidades. Mas que estivesse sempre atento a elas, pois esperteza não lhes faltava para enganar os homens. No entanto, às vezes, era conveniente ouvi-las

porque também eram capazes de dizer coisas muito acertadas.
«Mas nem sempre, nem sempre!...»

Alberto não foi capaz de perceber se o pai lhe dizia o que sentia ou se ironizava, como às vezes era seu costume. Tinha um sentido de humor que usava principalmente para o seu próprio gáudio...

CAPÍTULO 2

*Vão as serenas águas
Do Mondego descendo,
Mansamente que até ao mar não param;
Por onde as minhas mágoas
Pouco a pouco crescendo,
Para nunca acabar se começaram
[...]*

Luís de Camões - *Canção IV*

Após uma vida académica, mesmo em Coimbra, sem grandes entusiasmos estudantis, devido ao seu modo de ser depressivo, Alberto terminou o curso de Medicina sem que nele se tivesse aplicado como devia e podia. Não satisfez o pai por falta de brilhantismo na nota final do curso. Mas estava licenciado em Medicina e Cirurgia, apto a fazer Clínica, embora pensasse especializar-se. Só que ainda não sabia em quê. Com a Europa no ressurgimento do pós-guerra, poderia escolher o país onde melhor se pudesse preparar na especialidade que escolhesse. Não tinha pressa de nada. Poucos, muito poucos, foram os Professores que admirou e, por isso, mais difícil era escolher a especialidade.

Na verdade, a vida académica em Coimbra também o defraudara. Achava que se perdia muito tempo em brincadeiras infantilizadas ou abrutalhadas, nas quais não lhe interessava participar.

Algumas até poderiam propiciar uma certa iniciação útil à vida, mas desprezou-as. Já em Lisboa, formado, algumas vezes, com amigos, ou mesmo sozinho, ria com gosto ao rememorar algumas das partidas que colegas seus pregavam aos incautos e àqueles que as mereciam, mas sempre cheias de humor hilariante. Eram apenas fruto da irreverência da idade e da condição de estudante de Coimbra, como se, por isso, ficassem obrigados a juntar o proveito à fama que vinha das gerações passadas.

E, contemporâneos de Alberto, foram o famosíssimo Pika, o Nicolau, o Rainha, o Nani, o Zé Portugal, e tantos outros como o Chica Nervosa, a quem a paixão pela mesma *dama*, a Académica, os levou a engendrar situações inusitadas de ousadia e comicidade, apenas para lhe *resguardar* a honra e *desagravá-la* dos golos sofridos. No entanto conheceu a praxe, defendeu-a nos seus aspectos mais elevados, admirou as instituições e associações filantrópicas, o C.A.D.C. (Centro Académico de Democracia Cristã) e a Obra do Doutor Elísio de Moura que os estudantes apoiavam. Da tradição académica usou com orgulho a capa e batina que uniformizava todos os estudantes, ricos e pobres. Alguns destes, nos Actos, até vestiam camisas emprestadas por aqueles que tinham várias e bem cuidadas. A solidariedade entre eles também aqui se mostrava. A capa, por mais velhinha e rasgada que fosse, ficava sempre bem. Nova, sem rasgão, não tinha história. Era agasalho no inverno e, ao ombro ou dobrada no braço, não acalorava no verão.

A praxe, ainda que nalguns aspectos parecesse obsoleta, até mesmo absurda, fazia parte da tradição da Academia e da cidade. Alberto acabou por aprender a apreciá-la nos valores que fomentava: entre outros, os da responsabilidade e solidariedade.

Enquanto experimentou a vida de estudante numa das repúblicas, admirou a forma como todos partilhavam o que tinham. Depois, era a importância das discussões de ideias, da troca de saberes. Sentiam-se protegidos pelas paredes das Repúblicas e pela capa que envergavam, e, por isso, eram mais afoitos nos comentários e críticas à política e ao recurso a procurar saber o que se passava pela Europa e pelo Mundo. No entanto, nessa época aconteceu, e com alguma frequência, a polícia política actuar de maneira violenta sobre aqueles estudantes que exerciam mais corajosamente as suas ideias democráticas e anti-situacionistas, ou até perigosamente mais avançadas. Uma vez, a carga da Guarda Nacional Republicana, a cavalo, assustou de tal maneira a mãe de Alberto que a senhora foi a Coimbra pedir ao filho que se mudasse para uma pensão familiar, cuja dona tinha sido amiga de sua mãe, no colégio que ambas frequentaram.

Quando D. Dolores regressou a Lisboa sentiu, como poucas vezes tinha acontecido, a admiração do marido por ela. Ficaram ambos mais descansados e mais felizes como se tivessem entregue o seu menino aos cuidados de uma ama de inteira confiança. «Agora até se vai alimentar melhor» - dizia D. Dolores. E o marido tecia considerações sobre a melhoria do ambiente de estudo, parecendo desconhecer que o estudo era assunto sério e não descurado pelos repúblicos. Quando, à tardinha, *a cabra*, o toque do sino da torre da Universidade soava, não havia caloiro que não estivesse já em sua casa, ou na república preparado para as horas de estudo, embora os «doutores», já não precisassem de dar o exemplo. E havia os outros, os «boémios»,

que tinham piada mas não deviam ser seguidos pelos caloiros. Foi lá, na república, que Alberto se entusiasmou por aprender a tocar a guitarra de Coimbra. Não lhe foi difícil, visto ter começado cedo a iniciar-se no estudo da música. Chegara a ter aulas de guitarra, em Lisboa, com o Artur Paredes. Lá em casa todos sabiam música e tocar um instrumento. Só a mãe, há muito, deixara o seu piano porque o marido achava que ela o incomodava por não tocar suficientemente bem. Então D. Dolores colocou o feltro bordado a matiz por sobre as teclas de marfim, e fechou o piano que, para os seus dedos, nunca mais foi aberto.

Não deixou de ouvir música na rádio, mas a sua necessidade de criar beleza levou-a a voltar-se para os bordados em que os seus dedos eram hábeis. Assinou a revista italiana «Mani di Fata» e, assim, as suas mãos, sob as propostas das revistas de labores, tornaram-se mãos de fada. Bordava incessantemente; e quando os «napperons», lençóis, toalhas, tudo o que ficava bem com bordados e rendas se amontoavam, começou a bordar tapeçarias para a parede, a fazer tapetes de Arraiolos e a bordar, a seda, uma belíssima colcha, de pequenas dimensões, para a caminha da sua neta, em ponto de Castelo Branco. O ponto e as linhas de seda que «pintavam» os desenhos das aves e das flores, eram inspirados nas colchas que as naus logo começaram a trazer da Índia. «As Modas e Bordados» e outras revistas como a «Eva», davam sempre novas ideias a D. Dolores, de modo que, não só o seu espírito mas as suas mãos estivessem ocupadas a criar. E o enxoval da sua neta seria sumptuoso e diferente.

As modas de roupa pouco lhe importavam. Era cliente há muito, de uma loja de tecidos onde os adquiria, consoante os pareceres da sua modista, de bom gosto, que com ela escolhia

os modelos nos figurinos vindos de Paris. E o mesmo acontecia com a sua modista de chapéus.

Mas as suas «toilettes» pouco prazer lhe davam a usá-las, por serem raras as oportunidades de as exhibir. No entanto, tocar-lhes e apreciá-las no roupeiro já lhe bastava. Vê-las junto da estola de raposa «argentée» e dos casacos de pele que o seu marido tinha gosto em oferecer-lhe, eram cenário para as suas divagações.

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO 3

*Comigo me desavim
Sou posto em todo perigo.
Não posso viver comigo
Nem posso fugir de mim
[...]*

Sá de Miranda

Na pensão familiar o *mal de vivre*, o *spleen*, o tédio de Alberto acentuou-se. O aborrecimento entorpecia-o, e só a insistência de alguns colegas para que praticasse desporto o animou. Iniciou-se em algumas modalidades, experimentou as que mais apreciava, praticadas no Parque de Santa Cruz, acabando por interessar-se pelo basquetebol. E assim o tempo para o estudo do Curso de Medicina ficou mais curto, embora nunca descurasse as aulas a que não faltava. Às 8 horas da manhã já estava de bata vestida no Hospital à espera do Lente. Mas, ao desporto, preferia treinar na sua guitarra os fados e baladas do Bettencourt, do Menano, do Paradela e até dos mais novos, acompanhando o seu amigo Anarolino. Alberto acabou por alinhar, quando estava *de maré*, a fazer serenatas às meninas da simpatia dos colegas que lhe pediam o favor de tocar e até de cantar, debaixo da janela daquelas que eles pretendiam cortejar, ou já eram suas namoradas.

Em nada se esforçou por ser um aluno brilhante, mas dedicou às aulas e ao estudo, o tempo suficiente para não perder

nenhum ano. E fê-lo, não tanto por brio mas por orgulho. Não suportaria essa crítica justa que o pai acabaria por fazer-lhe. Por isso, os ensaios do grupo de fados e guitarradas impediram-no de ir com a mesma frequência a Lisboa. Então, eram os pais que o visitavam. Alojavam-se no Hotel Astória, por vezes no Palace Hotel do Buçaco e também na Curia, conforme a altura do ano. Para D. Dolores esta foi a melhor época da sua vida de casada. O marido justificava a saída de Lisboa para descansar e para ter a oportunidade de vigiar o filho, tentando dissuadi-lo da prática desportiva. Um pouco de ténis bastaria, e no verão o rio Mondego aliciava os jovens, e menos jovens, para a prática da nataçã, na sua praia fluvial.

Apesar desse pouco entusiasmo pela vida académica, Alberto integrava-se naturalmente, acompanhando os seus amigos: ganhou o hábito e o prazer de também ir apreciar as colegas universitárias que frequentavam a *Peneira*, a Faculdade de Letras. No entanto, eram as serenatas que lhe davam maior prazer. Além de tocar guitarra, mais do que razoavelmente, tinha boa voz e acabou por adquirir o gosto de cantar o fado de Coimbra. O tempo dos amores efémeros com as tricanas tinha passado. Agora aconteciam, e mais sérios, com as colegas que começavam, em maior número, a frequentar a Universidade. E Alberto, acabou por ser apanhado pela seduçã de uma estudante belíssima: uma ruiva com cabelos cor de fogo que o incendiou. Mas foi, afinal, um amor tão intenso quanto também efémero. Ela tentava que ele lhe desse as horas que passava nos ensaios. Mas ele preferiu a guitarra e amores menos possessivos.

Era agora frequente rapazes e raparigas universitárias acabarem por casar, entre si. Todavia a maioria deles (até porque ainda eram em muito maior número na Universidade), terminados os seus cursos seguiam para as terras de origem onde procuravam noiva nas melhores famílias, ou onde o dinheiro era estatuto. Eles apresentavam-se com o canudo de doutor que era título como armas de brasão, abrindo-se-lhes as portas das melhores casas. Alberto nem dessa motivação necessitou. Acabou o curso com o mesmo desinteresse de quando o iniciou, aproveitando, no mínimo, a vida académica. Faltava-lhe o jeito para a estroinice. No entanto, quando estava na república, saboreava com maior prazer a cabidela da galinha que os seus colegas subtraíam à capoeira de algum professor menos justo e mais exigente. Ou, então, eram os patos dos lagos do Jardim da Sereia, da Avenida ou do Parque que eles *caçavam*. As aves iam diminuindo em número, sem que a polícia *soubesse* quem teriam sido os *larápios* que os levavam. Já na pensão, Alberto, por vezes ainda aceitava o convite dos repúblicos amigos para estes repastos. E lá ia com as garrafas de tinto de boa cepa, camufladas e aquecidas debaixo da capa, mesmo em noites invernosas, para mais uma patuscada. As garrafas, sempre em número suficiente, eram-lhe enviadas pelo avô materno que, na sua experiência e sabedoria, achava que um bom vinho podia ajudar o seu neto a participar no convívio com os irreverentes mas simpáticos estudantes de Coimbra, sem que as libações fossem em demasia. «Uma vez por outra e com conta e medida...» - dizia o Sr. Medina ao neto. E esta era também uma maneira de lembrar «o seu muito amado filho» que, aos vinte e três anos, se finara com uma tuberculose contraída

em Coimbra. Parecera que estava à espera de acabar o curso em Matemática, e brilhantemente, para que a morte o levasse. O industrial, senhor Medina, tantas esperanças pusera naquele seu filho!... Restaram-lhe duas filhas; uma, que após a morte do irmão deu entrada num convento, embora desde muito novinha já expressasse essa vocação, acabando também por morrer cedo. E a mais nova, Dolores, que casou e que, além de uma neta, lhe deu Alberto. O Senhor Medina sabia que nada de essencial faltava ao neto, mas ficava mais descansado sem que o genro precisasse de saber, ao enviar-lhe os paios, os presuntos e as garrafitas de bom tinto, para ele acamaradar.

Quando se alojara na pensão de D. Domitila, chamada, na brincadeira, pelos estudantes, de «Democracia do Império» visto alguns dos hóspedes serem oriundos das Colónias, Alberto fora lá encontrar um residente goês que, embora afável, não conquistou de imediato a sua atenção. Só com o decorrer dos dias, pouco a pouco, Alberto acabou por admirá-lo e ter prazer em ouvi-lo e conversar com ele. Além de expressar uma natural simpatia, Francisco Barreto de Ataíde mostrava uma inteligência viva e uma vasta cultura bem estruturada.

Após algum tempo de convívio e agradáveis conversas, logo ganharam o hábito de, após o jantar (até porque o bom tempo que agora fazia, a isso convidava), dar um passeio até à Praça da República ou ir ao cinema: ao Avenida, ao Sousa Bastos ou ao Tivoli, quando o filme realmente justificava a perda de tempo e o dinheiro gasto. Criaram também o hábito de ir até ao Café Moçambique, onde Francisco sempre encontrava algum colega, vindo da Índia Portuguesa ou da vasta comunidade goesa fixada em Moçambique. Porém, ele não gostava de perder muito tempo,

e, por isso, feita a digestão do sempre lauto e agradável jantar, confeccionado sob a orientação de D. Domitila, lá voltavam para a pensão onde as horas de estudo nocturno os esperavam. E quando chegou a época de exames, já com o calor a apertar, passaram a deitar-se mais cedo e a levantar-se com o sol, para irem estudar no parque Dr. Manuel Braga, onde a frescura do companheiro rio Mondego suavizava as horas de estudo aturado no calor do estio. Debaixo dos plátanos e das tílias, sentados nos bancos de madeira que, na sua forma curva não eram, de todo, desconfortáveis, lá ficavam até os raios de sol se tornarem insuportáveis, mesmo filtrados pela densa folhagem das árvores. Então voltavam para os quartos da pensão onde Alberto ligava a sua ventoinha que amenizava o ambiente. Já estava tão acostumado a ela que nem ouvia o barulho desagradável do motor que punha a funcionar as suas pesadas pás. Depois, à tardinha, voltavam à baixa para na Brasileira ou no café Palmeira, trocarem dois dedos de conversa com alguns colegas. Ou, então, entravam no café Arcádia para a análise futebolística da Académica e do comportamento dos seus jogadores estudantes. Por vezes, lá encontravam o treinador, Dr. Cândido de Oliveira. E todos perdiam as horas na *teoria* do futebol bem jogado, da sua Académica. Felizmente que no tempo dos exames não havia jogo do campeonato. Mas não só de futebol se falava. Especialmente na Brasileira encontravam um grupo de literatos, que frequentavam a casa do Arco do amigo e poeta João José Cochofel que não se interessavam apenas pelas Musas. E tudo isto, concorria para o bem estar de Alberto.

Os conterrâneos de Francisco ficavam-se mais por Lisboa do que por Coimbra; mas ele tivera um motivo mais forte para deixar

Lisboa. É que D. Domitila era tia da sua mãe que, depois de ter ficado órfã, tinha sido recebida em casa da senhora, que a acabara de criar. E só de lá saiu, já formada em Letras e casada com um goês que se licenciara em Direito, pensionista de D. Domitila. Ambos formados, lá seguiram para Goa deixando a senhora lavada em lágrimas, mas feliz por ver a sobrinha arrumada e com um bom marido. As referências que recolhera da família do seu, agora, sobrinho, foram as melhores que poderia esperar. Ele pertencia a uma antiga família de Goa, de princípios e posses. E era muito boa pessoa. As cartas que Joana lhe escrevia, mostravam como eram felizes. E um dia viriam visitá-la - prometiam eles.

Francisco imitou seu pai na escolha do curso. Mas ficou o primeiro ano em Lisboa, porque colegas seus do Liceu Afonso de Albuquerque, em Pangim, lá tinham ficado. Porém, acabou por ceder ao apelo que Coimbra exercia sobre ele e, especialmente, à vontade dos pais. A mãe queria-o na pensão da tia, em Coimbra. E foi um prazer para todos a ida dele para a cidade dos doutores.

Nos três últimos anos dos seus cursos, em que na Queima das Fitas tiveram direito à imposição de *insígnias*, respectivamente o grelo, as fitas e a cartola, quer o próprio Alberto quer Francisco, ambos se integraram nas festas com o entusiasmo dos mais ferrenhos boémios repúblicos. As fotografias que tiraram e mandaram às respectivas famílias esgotavam o espaço dos álbuns de Família.

Durante o último ano que passariam em Coimbra, não houve dia em que não sentissem a saudade a morder-lhes por

terem de deixar a Lusa Atenas. Mas a saudade não se contenta em desejar voltar ao passado; exige que o futuro lhe traga o que já se teve, ou o que muito se deseja. E era essa impossibilidade que os atormentava.

Alberto, vindo do treino, no parque de Santa Cruz, chegou à pensão açodado e afogueado pelo calor. Trazia na mão o Diário de Coimbra, desse domingo, que estampava na capa a fotografia dos oito estudantes que faziam parte da Comissão do Parque da Cidade para promoverem os festejos nocturnos da Queima das Fitas.

- Posso ver? - perguntou D. Domitila.

- Claro que sim, à vontade.

- São todos tão bem parecidos! - comentou a senhora.

- Os dois que estão no meio são meus colegas de curso.

- São o Raul e o Zé, não são? - perguntou Francisco, enquanto Alberto já se enfiava na casa de banho para o duche necessário.

- Gostava de saber quem são os principais artistas que cá virão actuar, mas as letras são tão pequenas que tenho de ir buscar os óculos - queixava-se D. Domitila.

- Entre outros, sei que cá vem a Maria Clara, o José António, a Maria de Lurdes, a Luísa Maria, o...

- Nem diga mais. Só esses artistas, são o que há de melhor... Mas é pena a Amália não querer vir.

- E faz ela bem!... Depois do filme *Capas Negras*, em que os estudantes se sentiram enxovalhados, ela tenta evitar qualquer atitude desagradável com a sua presença - comentou um hóspede já impaciente pela demora do almoço de domingo.

- Mas ela não teve a culpa. Ninguém lhe faria mal.

- Isso foi o que o Raul lhe prometeu em nome da academia - informou Alberto já vestido e aseado, pronto a ir para a mesa.

- Mas, como?... foi a vez de Francisco querer saber pormenores.

- É verdade! O Raul foi com o colega a Lisboa, a casa da Amália, fazer-lhe o convite com a promessa de que ela seria bem recebida. Mas, nem assim a nossa melhor fadista aceitou vir. Dizia que estava tudo ainda muito fresco. Talvez viesse pelas Festas da Rainha Santa.

- Cá ficaremos à espera de a ir ver e ouvir - dizia D. Domitila, enfiando-se na cozinha.

- Então, e que mais notícias temos? - perguntou Alberto.

- Sob o título Aspectos da Índia Portuguesa traz uma notícia interessante sobre «A época das praias em Goa», falando de todas as minhas saudosas praias: Calangute, D. Paula, Caranzalém, o cronista vai-as enumerando para sul: Velção, Colvá, Varcá, etc.

São muitas e já bastante procuradas, segundo a descrição e comentário que o autor faz. Chega a comparar Salcete à Figueira da Foz. Esta também aqui referida numa outra notícia, aquando de uma visita do Rei Humberto de Saboia ao Palácio Sotto Mayor. Mas lê este artigo sobre as praias de Goa que ocupa quase metade da folha do jornal. Ficas com uma pequena ideia do encanto das praias da minha terra.

- Não me digas! Praias com a água quente e palmeiras?... Que lhe faltará mais? A não ser... - mas Alberto engasgou-se no que ia a dizer, ao olhar para D. Domitila. E, então, um outro estudante que, por hábito, mantinha sempre uma expressão séria, terminou a frase numa forma mais inóqua: - sereias, a não ser sereias com rabo de peixe e longos cabelos de algas...

Todos se entreolharam sem conseguir conter o riso. Apenas o autor da frase permaneceu impassível a olhar para a Senhora que ficou sem saber que expressão havia de pôr, por não ter a certeza de ter percebido a intenção do que havia sido dito e não dito.

Como Alberto tinha carro (era um dos poucos estudantes a possuir automóvel para uso pessoal), apesar das restrições da gasolina que continuava ainda no após guerra, Francisco, a convite do amigo, ficou a conhecer os aprazíveis arredores de Coimbra, incluindo a mais bela praia do país: a Figueira da Foz. E sempre que juntavam as senhas da gasolina em número suficiente, lá iam até à praia da Claridade, para jogar ténis e mergulhar nas ondas apetitosas, na época balnear. E até D. Domitila, por vezes, era convidada, ao domingo, para ir com eles a Tentúgal deliciar-se com as queijadas frescas e os pastéis de doce de ovos e folhado finíssimo. Nesses dias, à sobremesa, os seus hóspedes partilhavam o saborear desses doces conventuais.

D. Domitila sentia-se feliz por, ao ficar viúva, ter resolvido manter a pensão. O marido não a deixara mal financeiramente mas, sem filhos, os hóspedes davam-lhe a companhia que ela tanto apreciava. E tratava-os, de facto, como se da sua família fossem. Eles, em todos os aspectos lhe retribuíam bem. Mais do que nunca, lhe fora consoladora a presença deles, depois de ter ficado sem a companhia da sobrinha. Mas estava feliz por sabê-la bem casada, ainda que tão longe, e ter, agora consigo, um filho dela que era como seu neto.

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO 4

*Teria amado o vento e a fala dos bosques
as imagens da noite, os pequenos avisos
do coração. Iria regressar
por outros olhos às cores do inverno
[...]*

Fernando Pinto do Amaral *Acélia, in Poesia Reunida*

Os últimos anos do curso de Alberto foram, realmente, os melhores da sua estada em Coimbra. Com o colega goês, fizera uma amizade verdadeiramente fraternal que foram consolidando, e à qual prometeram futuro. Francisco, acabado o curso, teria de regressar a Goa, pois era boa altura para arranjar emprego no funcionalismo público, devido à aplicação do Plano de Desenvolvimento». (O pai também trocara a advocacia por um alto cargo na Administração Pública). Mas, antes de seguir para Goa, Francisco teria de passar algum tempo em Londres para contactar familiares e amigos de seu pai que lá viviam e trabalhavam, tal como outros familiares, em Bombaim. E chegado a esta cidade, tendo feito a viagem de avião a partir de Londres, a sua pressa maior foi a de conhecer aquela que possivelmente viria a ser a sua noiva. Seria, se tal sucedesse, um casamento *arranjado*, do qual a sua avó seria a principal obreira. Mas um casamento destes levaria bastante tempo a concretizar-se, devido à juventude da noiva e às

negociações familiares. Havia tempo de sobra para decidir-se. Ou ela, com o mesmo direito que ele de acertarem, ou não, o compromisso.

Em Bombaim ele seria também o *correio* das ideias que fermentavam, em Portugal, para livrar os Territórios Portugueses da Índia de serem integrados na União Indiana, conforme os propósitos de Nehru. E livrá-los ainda do atraso económico, social e cultural a que a Metrópole os tinha votado. Por isso, goeses cristãos, muito bem preparados e interessados em manter incólume a sua Goa, acreditavam que a melhor solução passaria pela autodeterminação das Possessões Portuguesas da Índia. Já nem tomavam em conta a verba astronómica que, (mas só agora), o Governo de Salazar destinava para atenuar esses atrasos e desenvolver a agricultura, a extracção de minério, o saneamento, o desenvolvimento da educação e das Instituições.

Todos sabiam que era tarde para recuperar o tempo em que os Territórios tinham sido votados ao esquecimento. Não era, pois, de admirar que outros naturais, principalmente o médico goês hindu Dr. Gaitonde, que sofreu prisões e exílios, batalhasse incansavelmente a favor da integração da Índia Portuguesa na União Indiana. Não acreditava na autonomia administrativa, até porque faltavam Instituições e Quadros que apenas se poderiam encontrar em reduzido número; e, acima de tudo, como brâmane hindu que era, não tinha especial apreço pelo Portugal cristão. No entanto, em Lisboa, conhecera uma jovem açoriana por quem se apaixonou e com quem casou. Ela, embora aceite com dificuldade, adaptou-se admiravelmente à cultura da família do marido, e lutou pelos ideais dele que passaram a ser também os seus. Em Pangim, enquanto lá viveu, Edila

Dutra de Andrade Gaitonde, pelo casamento, talentosa e bem preparada pianista, nascida no Faial, com o curso do Conservatório feito em Lisboa, teve como uma das suas alunas, Laura Barreto de Ataíde.

Na outra facção da luta política estava o Dr. Bruto da Costa que, com a maioria dos cristãos, pugnava pela autonomia administrativa. Apesar de estar no exílio, em Bombaim, sentia-se acompanhado, até por indianos não cristãos, dos Territórios da Índia Portuguesa, especialmente os das camadas mais elevadas e ilustradas.

Ao povo rural, e àqueles que pertenciam aos mais baixos estratos sociais (as castas inferiores), era-lhes indiferente qualquer dessas soluções. Sobreviviam completamente à margem desses propósitos, e nem se davam conta de que, oficialmente, a casta dos intocáveis fora abolida. Não falavam português, o que obviava à sua completa integração.

Os goeses, em Londres, e sempre em consonância com os que viviam em Bombaim e em Lisboa, eram os que estavam mais bem informados e mais bem escudados nas ajudas internacionais que auxiliavam a sua luta, fosse qual fosse a facção pela qual lutavam. Em Portugal também chegavam as notícias veiculadas pela BBC. Mas as do «Jornal de Actualidades» que passavam nos Cinemas eram previamente visionadas, e cortado tudo o que não interessava ao Estado dar a conhecer.

Um ano após a independência da Índia, em 1948 deu-se o assassinato de Gandhi, facto que quase não teve impacte, nem importou à maioria dos portugueses. Para eles, o Mahatma era visto como amigo de Nehru, inimigo de Portugal. O seu percurso de luta quer na Índia, quer na África do Sul, como advogado,

e que tanto sofrimento lhe trouxe por defender a liberdade dos oprimidos, não era conhecido pelos mais alheados da política.

«Salazar nunca deixará alienar os nossos territórios ultramarinos» - dizia-se. Mas outros contrapunham: «O Acto Colonial desagradou aos intelectuais do Estado Português da Índia, e às Colónias, em geral, mas a proposta contida na Carta que o Dr. Bruto da Costa enviou ao Doutor Salazar, seria a melhor solução para ambas as partes. No entanto, a força da razão histórica de Portugal nada poderá contra a força militar e a política da União Indiana. Salazar está fora do tempo. Vai manter-se obstinado como sempre fez» - comentava-se nos meios mais sensíveis, mais atentos e preocupados, quer em Goa ou Lisboa, Londres ou Bombaim.

Durante o seu curso, Francisco pouco ou nada falava destas questões. O pai tinha-o industriado. O secretismo da acção política na clandestinidade era vital. Amavam Goa, amavam a sua cultura portuguesa e o que receberam da Índia. Desejavam o melhor para os Territórios Portugueses. E o melhor seria, sem dúvida, a Autonomia. A carta do advogado dr. Bruto da Costa, datada de Maio de 1948, ficou sem resposta. Mas ele e os seus companheiros de luta tinham a consciência do quanto seria necessário apressar a melhor solução. Até porque a sua proposta era bem representativa, ainda que as facções contrárias, anti-portuguesas, a partir também de Bombaim, minassem qualquer solução que não fosse a integração na União Indiana, o que não agradava, de todo, aos cristãos de Goa, Damão, Diu, ou aos dos enclaves de Dadrá e Nagar-Aveli.

O Dr. Joaquim Barreto de Ataíde apoiava, na clandestinidade, em Goa, o seu amigo Bruto da Costa porque acreditava

na sua causa. «O território é farto e rico de matérias primas, e à população não falta inteligência e capacidades múltiplas para se saber governar» - diziam. Mas o ano de 1948 teria sido o ano crucial para se ter resolvido a situação, se o Presidente do Conselho de Ministros de Portugal, assim o tivesse entendido. Cada ano que passava, mais difícil seria negociar com Nehru.

E era sobre estes assuntos que Francisco dissertava quando, com Alberto, passavam pela Brasileira, sendo convidado a manifestar-se sobre a questão da Índia, por um grupo que lá era assíduo e cujas ideias políticas estavam mais próximas da militância da esquerda, que eles expressavam através da literatura, da poesia e até da música que cultivavam. O núcleo deste grupo, querido das Musas, frequentava também, na alta, a casa do Arco de João Cochofel, onde todos podiam entrar, embora muitos, ao subir o degrau da entrada da casa, acabassem por se auto-excluir da tertúlia onde a beleza «das artes liberais» tomava assento. Não se sentiam capazes de dar contributo às preocupações de ordem social e artística, que eram as do dono da casa e do seu grupo mais assíduo, embora ele tivesse a casa aberta para todos. Alberto era um dos que a frequentava, levado pelo amigo comum, o Arquimedes, procurando a terapêutica da música do Lopes Graça e outra. Francisco também foi convidado a lá ir para se pronunciar sobre as questões políticas relacionadas com o Estado da Índia Portuguesa. E ele, dentro dos limites que se impunha e usando a sua brilhante retórica, elucidava os presentes, não dizendo o que não queria por mal conhecer os seus interlocutores, embora deixando que conhecessem com mais rigor as suas ideias, e lessem nas entre-

linhas o que ele gostaria de expressar com maior clareza. O que Francisco pretendia eram adeptos à Carta do Dr. Bruto da Costa a Salazar, de modo que fosse mais divulgada, mais conhecida e debatida, por forma a acrescentar-lhe aquilo que, afinal, não faria demover o Doutor Salazar da sua posição intransigente. Francisco também não desejava confrontar alguns dos presentes, que certamente não aceitavam a luta do Dr. Bruto da Costa. Mas sendo o grupo formado por intelectuais, sendo alguns adeptos do Dr. Gaitonde, acabavam por fazer surgir o debate em que todos, com as suas razões, e já num espírito de confiança mútua, expressavam o seu pensar, alicerçando-o nos pressupostos que norteavam a adesão às ideias políticas da sua simpatia. E todos chegavam ao fim da discussão, tirando dela prazer, porque se respeitavam; e, no final, a ideia da auto-determinação de Goa começava a ganhar mais simpatizantes.

Finalmente chegou a hora de Francisco se despedir de Coimbra e de Lisboa e seguir para Londres. De lá voaria para Bombaim; e, após todos os contactos feitos, seguiria para Goa onde começaria a trabalhar num lugar da Administração Goesa, embora sem entusiasmo. Nem o pai nem ele levantavam suspeitas, de gravidade, à Polícia Política, o que lhes permitia servir Goa com mais liberdade de acção.

Ficar a trabalhar para o Governo do Território da Índia, como seu pai, não lhe desagradava, embora o jovem Dr. Barreto de Ataíde desejasse encetar a profissão de advogado. No entanto, para já, estava pronto a desempenhar a tarefa que mais e melhor ajuda propiciasse ao desenvolvimento e à autonomização da sua Goa, a qual, provavelmente, seria na Administração Pública.

Quando, em Coimbra, no final do curso, os dois amigos se despediram, fizeram-no com um 'até breve', sem saber o como e o quando do novo encontro. Mas a certeza da amizade tinham-na bem firme.

Alberto tinha a consciência do quanto iria sentir a falta da amizade fraterna de Francisco. O bom senso que ele revelava, a compreensão dos acontecimentos, o rigor da sua honestidade moral, e, acima de tudo, a sua disponibilidade atenta, faziam dele o melhor amigo e companheiro. Possuía uma inteligência brilhante e intuitiva de que se servia para perspectivar o futuro. Dizia ele que cada um, desde cedo, deve orientar as suas inclinações, os seus interesses e capacidades, de modo que a sua vida possa ser vivida com plena satisfação, no bem estar físico e psíquico, e na grandeza moral para servir as relações sociais e interpessoais, sem que se descurem os valores estéticos. A religião e a arte devem elevar o espírito, reforçando a singularidade da condição humana.

Então, Alberto, para quebrar o arrebatamento do amigo, dizia-lhe: «que grande *Magister* tu darias! Erraste a profissão».

- Não, necessariamente - retorquiu Francisco. No desempenho de qualquer profissão, a pessoa pode e deve contribuir para a transformação da sociedade, para melhor, claro está.

- És um poeta, um idealista, meu amigo.

- Mas não faço versos. E ser poeta (quem me dera!), é ser-se arauto e agente de uma sociedade melhor. E não me refiro apenas aos poetas que se expressam pela palavra, a sagrada palavra certa dos poetas. O *justo*, no sentido bíblico, e no de outros livros sagrados, é-o também.

E assim haviam retomado - à laia de despedida - o tema das suas conversas que reflectiam estas questões.

- Celebremos, então, os poetas! Vamos até ao Penedo da Saudade onde estão bem representados.

- E é um bom sítio para fazer a despedida de Coimbra - re-matou Francisco.

No entanto, Alberto, para espantar o pesar pela despedida, mais uma vez arreliou o amigo que fingia ficar zangado:

- E não te esqueças, Francisco, de lá em Goa, junto à estátua de Luís de Camões, lhe pedires desculpa por o teu antepassado Francisco Barreto, na sua qualidade de Governador, o ter perseguido e prendido, obrigando-o a exilar-se. Em Macau ficou dois anos sob prisão, só então voltando a Goa.

Francisco abanou a cabeça, mas sorriu comovido para o amigo. Desta vez, nem conseguira fingir-se zangado com o «remo-que» de Alberto.

CAPÍTULO 5

*Nas nossas ruas, ao anoitecer,
há tal soturnidade, há tal melancolia,
que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
despertam-me um desejo absurdo de sofrer.
[...]*

Cesário Verde - *Avé Marias*

Chegado a Lisboa com a licenciatura em Medicina e Cirurgia, mas sem vontade de começar a exercer clínica geral, Alberto sabia que devia ganhar alguma experiência, até se decidir pela especialidade que teria de seguir. Mais uma vez esta questão voltou a ser tema de discussão com o pai. Por fim, depois de vários contactos, acabou por resolver ir para Londres. Decidiu-se mais pela cidade do que por qualquer outro factor, escolhendo a cirurgia. O Doutor Bissaya-Barreto tinha-o convidado para ficar lá, no Hospital, em Coimbra, a praticar com ele. Mas não aceitou. Na altura não sabia o que queria. Apenas desejava ir para outro sítio qualquer, fazer não sabia o quê. E foi num Hospital em Londres, ainda com a cidade a sofrer a ressaca dos bombardeamentos e da debilidade económica em que a guerra deixou o País, que ele encontrou o lugar, o estímulo e as condições para alcançar uma boa preparação em Cirurgia. Porém, logo começou a aborrecê-la e abandonou-a depressa, apesar de lá, no Hospital, também

não lhe faltarem beldades ruivas, como aquela que namorou em Coimbra, caso continuasse a preferi-las. Capitosas enfermeiras inglesas, escocesas, irlandesas e de outras proveniências aquecer-lhe-iam o coração no exílio escolhido. E lá também encontrou médicas, já em grande número como não se via, de todo, em Portugal. No seu curso em Coimbra, apenas uma colega chegou ao fim da licenciatura. Das outras, duas ou três, casaram logo no início e desistiram do curso. A única que terminou a licenciatura, também casou e nunca praticou medicina, nunca chegou a ser médica. A sua honrosa profissão era a de dona-de-casa, tal como a esmagadora maioria das mulheres portuguesas, da classe média ou da burguesia. Ser «dona da casa» era condição e vocação bem aceite e não contestada. No entanto, ser médica de senhoras, ser professora, ou desempenhar outra profissão de igual gabarito e mérito, dava à mulher um lugar invejável na sociedade.

A ida de Alberto para Inglaterra não lhe trouxe problemas em relação à língua. Desde pequeno que começou a aprendê-la em casa, tal como o francês. O pai, alegando que era para interesse dos filhos, mas sem dizer que ele próprio gostaria de aprofundar os seus conhecimentos dessas línguas, mandou vir lá para casa, à vez, uma «Mademoiselle», uma «Miss» e mais tarde, uma «Fräulein», que, passado pouco tempo, quando a guerra se anunciava, voltou para o seu país. Por isso, Alberto falava bem as duas línguas. A fluência do inglês ajudou-o muito, quer no Hospital, quer no desfrute de Londres e das suas ofertas culturais. Quanto ao francês, utilizava-o nos livros de estudo e na literatura. E, claro, nas viagens a Paris.

A Inglaterra ressurgia da guerra com um renovado interesse pela arte em geral. E Alberto, com sofreguidão, procurava o que de melhor a cidade oferecia. Além dos mais escolhidos espectáculos, outras formas artísticas os colegas lhe propunham. Com eles ou sozinho, habituou-se a frequentar os espaços onde podia desfrutar teatro, concertos, ópera, ballet, exposições. E era, também, grande apreciador de cinema, quase viciado. Comprava as melhores revistas sobre o assunto que não só o iniciavam, mas o levavam a aprofundar aquela que é chamada a sétima arte. E quanto aos livros, o pai possuía uma biblioteca invulgar de que Alberto não tirara o proveito devido, embora lesse bastante desde muito novinho. E só agora, também, percebia o privilégio que o pai desfrutava de poder ter acesso ao passaporte e viajar quando desejava mas, quase sempre, sozinho. Levando a mulher e os filhos nunca se decidiu a ir além de San Sebastian e Biarritz que foram cidades que deslumbraram Alberto. A sua mãe considerava-as as mais belas do mundo. Não conhecia outras, embora desejasse ardentemente conhecer Paris. Porém, nem era capaz de expressar esse desejo ao marido. Temia que ele replicasse que Paris era uma cidade para ser visitada por homens, devido aos seus interesses profissionais. E por isso ele lá ia, sozinho.

Quanto aos espectáculos, em Lisboa, não lhes faltavam, especialmente teatro, concertos e ópera. Os lisboetas não podiam queixar-se nem da oferta, nem da qualidade. Vinham a Portugal os melhores músicos e os melhores cantores que faziam esgotar o S. Luís e o S. Carlos. E as companhias de Teatro portuguesas eram excelentes, embora os textos fossem visados pela censura, como acontecia com o teatro de Revista,

primando pela qualidade, apesar de ser espectáculo popular, de crítica, e de linguagem desbocada.

Alberto regressou a Lisboa depois de uns meses, poucos, em Londres, que foram mais de lazer do que de trabalho no Hospital, na especialidade da qual depressa se desencantou, não se justificando ficar lá mais tempo. Faltava-lhe o Tejo, o céu azul e a maresia que desfrutava na casa do Restelo. Os pais aceitaram a decisão do filho, conformados, embora o desinteresse dele os preocupasse.

O Dr. Arlindo Carvalho esperava que o filho escolhesse, na zona nova da cidade, um espaço adequado para lhe montar o consultório de Clínica Geral. Mas, entretanto, já Alberto frequentava o Instituto de Medicina Tropical com a intenção provável de ir para o Ultramar. E, por essa razão não acedia à proposta de seu pai. «Andava a ver» - dizia ele, mostrando um desapego ao trabalho que os pais não conseguiam entender. E a situação em casa começou a deteriorar-se. O pai falava, discutia, impunha, mas Alberto não retorquia. E o seu mutismo mais irritava o Dr. Carvalho. No rosto da mãe, Alberto notava aquela lágrima frequente que, mal disfarçada, deslizava lentamente começando a fazer-lhe um sulco na face, o que nele provocava uma angústia intolerável. O pai tinha razão para andar zangado, tal como a mãe em mostrar a sua tristeza por não ver o filho realizado e feliz, ao menos, profissionalmente.

Então, um dia, ele anunciou a seus pais:

- Vou para Goa. As Forças Armadas estão a recrutar médicos para o Ultramar. Devo ser chamado, em breve.

- Mas por quê?... - perguntou D. Dolores quase incrédula.

- Porque há reforços de tropas para todas as Províncias Ultramarinas, devido à contestação que começou a surgir em vários países contra o colonialismo e que se repercute nas Nações Unidas. Os impérios estão a chegar ao fim. Mas não interessa abordar agora este assunto. O que quero dizer-vos é que me ofereci para ir para Goa, antecipando uma ordem de marcha para qualquer outro sítio que me agradasse menos.

D. Dolores parecia sufocada. Tirou o lenço fino de cambraia bordado com o seu monograma, e levou-o ao rosto para tapar a angústia. E o Dr. Carvalho que, por momentos, como se tivesse perdido a voz não conseguindo articular palavra, logo explodiu num misto de espanto e fúria:

- Mas nem pensem que filho meu vai assim para o Ultramar... E logo Goa! Tão longe! Ainda tenho amigos bem colocados no Governo e nas Forças Armadas que ouvirão o meu pedido. Tenho influências...

- Pai, peço-lhe, não faça isso. E por várias razões lhe rogo. Por si, mais do que por mim. Olhe para os filhos de oficiais de altas patentes que já estão a embarcar. Sei de colegas meus, alguns filhos de seus conhecidos que já partiram. O Raimundo foi para Angola e o Leandro para a Guiné. E outros para Moçambique. E nem sempre ficam nas cidades maiores. Alguns vão para o mato.

O pai tentou sufocar a raiva que era mais de desespero, e saiu porta fora dizendo:

- Eu vou saber o que se passa. Não esperem por mim para jantar!

Alberto ficou sozinho com a mãe tentando consolá-la. Mostrava-se calmo e agradado com o destino que conseguira

escolher, e assim poder transmitir à mãe alguma serenidade e aceitação que lhe seria muito útil para, por sua vez, a transmitir ao marido quando, mais tarde, ele chegou apreensivo e decepcionado. Alberto desta vez tinha razão. A ele, Arlindo Carvalhal, tão patriótico, tão nacionalista, ficava-lhe mal pedir para seu filho a escusa de um dever, cujo cumprimento só os deveria orgulhar. Pelo menos teriam de mostrar conformidade com a partida de Alberto para a Índia. E seria dentro de pouco mais de uma semana, de modo a apanhar um navio cargueiro que seguiria pela rota do Suez. Estava já tudo destinado, visto ir em missão individual de substituição, com alguma urgência.

- Tenho de despachar-me a arranjar-lhe as roupas e tudo o que ele deve levar - tartamudeava D. Dolores levantando-se meio atarantada.

- Diz antes, Dolores, o que ele pode levar. Mas é melhor que seja o Alberto a decidir. Ele fará uma relação do que estritamente precisa e pode levar. O resto mandar-lhe-emos depois. Fica descansada: Goa é terra civilizada e bem portuguesa. E nós também não ficamos sós. Temos cá a nossa filha e o marido. E, graças a Deus que temos os netinhos que eles nos deram - rematou o Dr. Arlindo, passando o braço pelos ombros da esposa, e puxando-a a si para lhe dar um breve beijo na face.

Aquele gesto inusitado, de ternura, por parte do marido, confortou e deu prazer a D. Dolores que, mais calma, foi telefonar à filha.

- Consola-te Dolores, o nosso filho nem sequer vai para a guerra! - dizia-lhe ainda ele, para a ver mais animosa. Não há guerra nos territórios portugueses.

CAPÍTULO 6

A Lisboa

*Dizia-te Neruda a mais bonita
E não se enganam os olhos dos poetas.
És a mais bela flor deste jardim
e cheiras a violeta e maresia*

Isabel Rainha - *O Cerco da Quimera*

Embora gostasse muito de Lisboa, há bastante tempo que Alberto vinha pensando ir fazer a sua vida no Ultramar, possivelmente Angola ou Moçambique. Colegas seus, logo que se formaram, deixaram a Metrópole e lá foram montar consultório e trabalhar no Hospital da cidade onde se fixaram. Os outros, em maioria, ficaram em Portugal com o serviço militar feito e a vida instalada. Já não contavam ser chamados. Por isso, a sua surpresa foi grande quando alguns foram mobilizados também para o Ultramar. Alberto teve sorte em ter podido escolher. Há muito que desejava conhecer a Índia, mas não tinha coragem para se radicar profissionalmente tão longe. Era demasiado distante, e os pais não lhe perdoariam, apesar de não ser terra atrasada, sob o ponto de vista cultural. Nem sequer faria grande sentido ele lá montar consultório. Não havendo Universidades nas Colónias, pelo menos, em Goa existia uma Escola Médica, que, desde há muito, formava médicos bem preparados.

Alguns deles, que vieram fazer o exame que lhes era exigido para ficarem na Metrópole, tornaram-se grandes investigadores e médicos ilustríssimos, apreciados também noutros países. Foi o caso do Doutor Froilano de Mello, estudante e professor da Escola Médico-Cirúrgica de Goa, da Sorbonne e da Faculdade de Medicina do Porto, onde se doutorou. A Índia Portuguesa orgulhava-se, com razão, desses seus filhos que se ilustravam também noutras áreas do saber e do serviço à comunidade, engrandecendo Portugal e o Estado Português da Índia.

À medida que o dia do embarque se aproximava, Alberto achava que lhe seria desagradável viajar com gente desconhecida, num espaço restrito como era o de um navio cargueiro. O risco do encontro imediato e próximo com o outro, fosse esse outro quem fosse, apavorava-o. Pois se até o outro de si mesmo, por vezes, tanto o incomodava!... Parecia sofrer de um estado mórbido depressivo. «Mas era feítio, era a sua maneira de ser» - costumava dizer a mãe. «E se é doença, tem de ser tratado» - cortava o pai, sem grande preocupação, acreditando que era próprio da índole do filho. «Sempre fora introvertido, e isso não é doença. Idiossincrasias todos temos!...» Mas só Alberto sabia que tinha passado por uma crise depressiva que deixara marcas por não ter sido devidamente diagnosticada e tratada, embora não fosse preocupante - admitia ele.

Quanto aos amigos, Alberto também não desejava que se fossem despedir dele ao cais e, por essa razão, combinou encontrarem-se num café, em Alcântara, antes do navio partir. Então, um deles, provocatório mas bom amigo, comentou:

- Parece que foi para ti que Teófilo Gautier escreveu: «*Plutôt la barbarie que l'ennui*».

- Não digas isso: Goa não é a barbárie. E podes crer que o meu tédio fica cá...

- Vais sentir-te bem na Índia - dizia o seu amigo André, corroborado pelos outros. - Com esse teu gosto pela ataraxia dos filósofos estoicos, dos místicos hindus e dos ascetas, vais ficar no ambiente propício para fugires a qualquer espécie de turbacão que incomode o teu *sossego espiritual*...

- Deixem-se disso - atalhou Alberto, querendo parecer zangado. Não brinquem comigo! Vocês sabem que, do que eu não gosto, é de perder tempo com futilidades. Então prefiro ficar a ler (que sempre foi uma maneira de defender a minha privacidade), ou a ouvir música... ou apenas a...

- Meditar como um budista - atalhou um dos amigos.

- Ou a ouvir os passarinhos no jardim - dizia outro.

Alberto resolveu não ripostar mas, antes, pedir-lhes desculpa por nem sempre ter sido a boa companhia que eles mereciam.

- Estás desculpado. Mas tens de perder a mania de «sem aviso prévio», mergulhares dentro do tal outro do teu eu!

- Mas vocês tratam-me como se eu fosse esquizóide, ou quê?... Nem neurótico nem psicótico eu sou! Sorte minha, e vossa!...

- É qualquer coisa neurovegetativa...

E foi com uma boa gargalhada para disfarçar a emoção custosa da despedida, que deram mais um abraço antes de Alberto se dirigir ao cais de embarque, onde chegou com bastante antecedência.

Passeando à beira-rio foi questionando as suas ideias em relação ao cumprimento da missão que o levava, enquanto médico,

para Goa. Mas não era o seu dever de médico que ele questionava e, sim, o seu dever de cidadão e militar, colaborando na defesa de um território pátrio. Nunca, ou raras vezes, se detivera a interrogar-se sobre a pertença dos territórios do Ultramar a Portugal, quando outros países abriam mão dos seus, impedidos pela modernidade das ideias da cultura ocidental que não suportava povos submetidos a outros povos. Desde o tempo das Descobertas, haviam passado séculos para a evolução da ética quanto ao relacionamento dos Povos.

«E com os portugueses sempre foi diferente» - congeminava Alberto. «Foram os primeiros europeus que, nas suas naus, heroicamente, no meio de inenarráveis sofrimentos lá chegaram negociando a sua instalação nos territórios. As razões dos Descobrimentos tinham subjacentes propósitos superiores, embora alguns, na prática, não fossem tão aceitáveis». Todavia ele tinha sido habituado a não discuti-los, o que, na altura, também não se podia chamar de desonestidade intelectual. Contudo, agora, eram bem claras as contradições dos argumentos, alguns talvez falaciosos que para si próprio usava e dos quais o Estado fazia bandeira. Pretendia apaziguar a sua consciência quando se propôs aproveitar o tempo da viagem para dissecar ideologias, analisar as suas próprias ideias e encontrar a razão dos juízos de valor tão fortemente arreigados, segundo os interesses subjacentes. Agarrar-se-ia às ideias renovadoras e intelectualmente honestas, capazes de gerar um mundo mais justo. Há muito que aprendera a distinguir os conteúdos dos conceitos nacionalismo e patriotismo, preferindo este para expressar o seu amor à Pátria. E evitava as ideologias sem substância de carácter humano. As «ciências das ideias», podem reduzir-se a doutrinações

que, algumas vezes, confundem por falta de clareza e conteúdo substantivo. Podem tornar-se restritivas, sem universalidade.

A seu modo, Alberto, ia clarificando as noções que melhor se adequavam com a sua maneira de pensar e sentir. E, bem no fundo, ainda acreditava que os Territórios Ultramarinos faziam parte da Pátria Portuguesa. Bem fizeram os goeses em não terem aceitado o Acto Colonial. A Índia Portuguesa nunca foi colónia, e os seus naturais nunca foram colonos!

O apito estridente do navio fazia-se ouvir. Chegara a hora da partida. Alberto já subia a escada de embarque quando, ao olhar para trás, se deparou com o pai que, contrariando o que se combinara durante o almoço da família lá em casa, precisamente para que as despedidas fossem feitas no resguardo do lar, ali apareceu no cais. No entanto, a sua aparência era de quase humildade. Com a mão no chapéu, para o segurar na cabeça contra o vento forte que soprava, o Dr. Arlindo Carvalhal olhava para o filho, meio enleado, como se pedisse desculpa do seu atrevimento por ousar contrariá-lo. Não parecia o mesmo homem. Alberto, sentindo um nó insuportável na garganta, desceu rapidamente os degraus e correu para a figura transida do pai. Os dois homens estreitaram-se num abraço emocionado.

- Vim trazer-te mais um beijo da tua mãe - desculpou-se ele...

- Pai! - foi a única palavra que a comoção permitiu que Alberto proferisse.

- Meu filho!... - e, baixinho, o Dr. Arlindo murmurou: És um oficial-médico. Desempenha a tua missão com brio e honra, e com a tua dedicação e saber de médico, pois assim

servirás a Pátria e o teu semelhante! Que Deus te acompanhe, meu filho!

Ambos tinham a voz embargada e os olhos molhados.

Ainda se acenaram quando Alberto chegou ao cimo do portaló, antes de ser engolido no bojo do cargueiro. Não quis ficar na amurada para não ver aquele homem pujante que, de repente, mais parecia ter-se tornado num velho alquebrado e solitário.

O navio estremecia, arfava e oscilou quando o rebocador o começou a puxar.

Outros barcos surtos no porto também erguiam a prancha e alavam os cabos. No cais havia pessoas a acenar, e um cão uivava.

CAPÍTULO 7

*Ó Tejo de asas largas
Pássaro lindo que se ouve em todas as ruas de Lisboa*

Alberto de Lacerda

Alberto seguia com o olhar o rasto deixado nas águas pelo barco que abandonava o estuário do Tejo, lançando-se nas ondas oceânicas do Atlântico. O silvo agudo da partida ferira-lhe os ouvidos, ou a alma...

Sentia o peito oprimido pela saudade que já estava a sofrer por deixar tudo e todos os que amava. Uma angústia indefinida tomava-o e chegava-lhe aos olhos que se rasaram de lágrimas, sendo talvez causadas pelas farpas geladas do vento que soprava de Noroeste e lhe picavam os globos oculares. A nostalgia plasmava-se naqueles magníficos monumentos recobertos pela História gloriosa das Descobertas. Do seu túmulo, Camões, dentro do Mosteiro dos Jerónimos, acenava-lhe um «*até à vista*». O navio, já longe, mal deixava ouvir o que parecia ser ainda um sussurro de Camões, vaticinando-lhe o que Alberto já dificilmente conseguia perceber. A desordem emocional reconstruía-se. .

O estrepitar do rebocador que deixava o cargueiro à saída da barra, acordou-o daquela bizarra fantasia. «Que estranha alteração se deu no plano da minha consciência?...

Mas enquanto ainda pudesse ver Lisboa ali permaneceria. «Subo às suas colinas, admiro os palácios, as igrejas e o casario branco de telhas vermelhas que lhe dão um ar de alegria e graça!» (E agora era mais com a imaginação que via a cidade). A cor ajuda a esconder a tristeza e a degradação de outros bairros com mais carências. Nessas casas, muito mais humildes, onde deve ser tão penoso viver, o som mais agradável de se ouvir, é aquele que vem das profundezas do Tejo, esse canto que foi prenúncio do fado, com que as sereias chamavam os marinheiros para os confins da Terra ou para os abismos do Mar.

O vento uivante entrava-lhe nos ouvidos e remoinhava-lhe o cabelo. Mas Alberto continuava a divagar: «As sereias do Norte, meio mulher e meio peixe, nem precisavam do canto para atrair os marinheiros. São belas, ao contrário das suas congêneres, as mediterrânicas, das rochas, que, de membros alados e bico aguçado, apenas têm a voz para os prender. A plangência do fado, a sua sensualidade, o mistério que invoca, o sortilégio, deve ter tido remota origem na voz das duas Sereias. E o porquê da sua atracção, só quem as ouviu, como Ulisses (o que veio fundar Lisboa), poderia descrever esse canto que para sempre ficará inaudível e inexprimível. Nem ele teve palavras, ou sons, para traduzir *«o doce canto das suas bocas, o seu límpido canto, inspirado pelos deuses. Projectando as suas belas vozes, as duas Sereias enfeitiçaram Ulisses que, no seu coração, desejou segui-las, sabendo que se o fizesse, elas comê-lo-iam despedaçado, sentadas na ilha do prado florido»*¹.

1 Texto elaborado a partir da Odisseia de Homero, Canto XII, tradução de Frederico Lourenço.

«Mas que estou eu aqui a fazer, sozinho, no meio do temporal? Estou a perder o sentido da realidade. Estou mesmo a tresloucar!...» - dava-se conta Alberto já a dirigir-se para a sua cabine, a fim de mudar a roupa que, de molhada, se lhe colava ao corpo e o enregelava.

Quando o camareiro lhe bateu à porta, encontrou-o já recolhido. Limitou-se a pedir que lhe trouxesse um chá e uma torrada. Precisava mais de dormir do que de se alimentar. Uma boa noite de sono, mesmo *embalado* pelas ondas alterosas, era tudo o que necessitava.

Na madrugada seguinte, com o sol a nascer, sentado no deque, lembrava o que a sua imaginação criara, à saída de Lisboa, não conseguindo compreender o por quê de tudo aquilo. «Teria sido uma desordem confusional passageira devido às emoções da partida? «Provavelmente!» E procurou esquecer o sucedido que era demasiado perturbador. «Talvez fosse por ter sido apanhado no meio da tempestade» - tentava ele uma explicação. Mas agora preferia lembrar a História do seu País: «a verdade é que os portugueses demandaram os confins da Terra para lhes tirar o fim e os medos. Deixou de haver «os fins do Mundo» e deixou de haver o Cabo das Tormentas que passou a ser o Cabo da Boa Esperança. E até deixou de haver povos gerados do conúbio entre homens e animais. Os portugueses encontraram a chave de muitos mistérios e lendas. Os mitos foram abalados e o mundo tornou-se mais pequeno, e tudo mais perto, pela descoberta do novo. Ele também ia tentar desvendar um mundo novo para si. Talvez descobrisse aquilo que o pudesse tornar feliz e que, afinal procurava, sem saber o quê.

Ainda não se adaptara ao navio e já tinham passado a ponta de Sagres, embora ainda tardasse a chegar às colunas de Hércules». Ao jantar desse segundo dia que passava a bordo, visto o primeiro nem contar, foi convidado para a mesa do comandante, provavelmente por ter sido o último passageiro a entrar a bordo.

A mala de porão ia particularmente cheia de livros, em especial, com os de Medicina. Mas também alguns, poucos, entre os seus preferidos da literatura portuguesa e universal. Foram muito, muito escolhidos porque era pequeno o espaço para os transportar. Levou apenas os livros de cabeceira porque, os outros, a maioria dos seus inseparáveis clássicos, tiveram de ficar. Porém, consolava-se por saber que Goa possuía bibliotecas públicas muito bem apetrechadas, para além de outras particulares que os donos poriam à sua disposição, tal como o seu amigo Francisco lhe afirmara. Em casa dos pais e da avó, os Barreto de Ataíde possuíam boas bibliotecas que o esperavam.

Habitara-se a confrontar-se com as personagens dos livros dos seus escritores preferidos. Levavam-no a descer à essência da sua própria existência e a tornar-se autor e actor de si mesmo. E era nesse jogo, nessa representação (apesar de comportar alguns perigos), que ele pretendia conhecer-se melhor e exorcizar o que o impedia de realizar-se. Da ficção mergulhava na realidade, na vida vivida que, podendo ser dolorosa, já não o entediava. A verdade que passava pela ficção, e com a qual se entrosava, era um risco ou um privilégio que partilhava com os outros que o habitavam. Agora começava a sentir quanto lhe fizera bem *fugir* do seu ambiente. *Fugir* também do tédio e da apatia. Nem em Coimbra o seu amigo Francisco conseguira ajudá-lo a deixar,

por completo, *la nausée*, essa náusea da alma, essa agonia do lazer e do desinteresse que o atormentava. Os amigos acusavam-no de ler demasiado Sartre e Camus. Mas eles diziam isso porque não o compreendiam! Não lhe interessava o existencialismo; apenas lia os seus arautos, enquanto autores de uma literatura moderna que veiculava uma nova compreensão da existência.

Naquela embarcação com pavilhão do Panamá, os oficiais, tripulantes e passageiros falavam línguas diversas, conforme o seu país de origem, arriscando alguns, falar inglês com acentuada pronúncia sul-americana, mas bastando para comunicarem. Outros falavam-na bem. Era a sua língua materna. E Alberto ia-se encontrando consigo próprio. Abria-se agora mais aos outros passageiros, aos seus problemas, interesses e necessidades que os levavam a demandar outras paragens. O comandante que falava sofrivelmente o português do Brasil, também quis mostrar-lhe que era capaz de comunicar em inglês. Mas Alberto quase se sentiu em casa ao ouvi-lo falar português. «Não há dúvida de que me receberam com extrema simpatia. Mas não será por mim é, antes, pelo que represento. Sou um Oficial-Médico das Forças Armadas Portuguesas.» Daí, esta deferência...». E sentiu-se bem, sentiu-se orgulhoso dessa sua nova condição, embora fosse apenas um oficial miliciano de baixa patente.

Após o jantar, noite cerrada e fria, foi até ao convés. E sem qualquer analogia, confrontou esta sua viagem com os primeiros navegadores que, contornando a África, dobraram o Cabo procurando a Índia e estabelecendo os primeiros contactos, previstos, na África Oriental.

Entretanto, o navio mercante em que ele também demandava a Índia, ainda navegava perto da costa, mas tendo já saído das águas portuguesas. Lembrando o jantar na mesa do comandante e dos oficiais, quando eles aludiram às viagens que fizeram durante a guerra, trouxe à memória a sua estada em Tavira onde fizera a recruta antes de entrar na Universidade, e de ter ido, mais tarde, para Mafra fazer o Curso de Oficiais. Então contou-lhes que, em Tavira, assistira a bombardeamentos entre os vasos de guerra alemães e os dos Aliados. Os torpedos dos submarinos faziam-se ouvir na praia quando detonavam contra os cascos dos couraçados. Foi lá que ele teve, pela primeira vez, a consciência de que o mundo estava em aceso conflito, e de que a guerra estava mais próxima do que as imagens do «Jornal de Actualidades», nos écrans dos cinemas, faziam acreditar. Ouvira a guerra ao longe mas, como privilegiado que era, não lhe sofrera as consequências, nem sequer na falta dos bens essenciais. Todavia a esmagadora maioria dos portugueses sentiu o que era a escassez e a falta dos alimentos, a começar pelo pão. A alguns valeu-lhes o volfrâmio, aquelas ‘pedras’ das suas terras maninhas que, de repente, passaram a valer mais do que ouro, tanto para os nazis, quanto para os aliados.

PARTE III

*Bela, jovem, toda branca
A vaca tinha longos finos cornos
Afastados como as hastes da cítara
E pintados
Um de azul outro de veemente cor de rosa
E um deus adolescente atento e grave a guiava*

*Passavam os dois juntos aos altos coqueiros
E ante a igreja barroca também ela toda branca
E em seu passar luziam
Os múltiplos e austeros sinais de alegria.*

Sophia de Melo Breyner Andresen, *O Búzio de Cós*

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO 1

[...]

Esta é por certo a terra que buscais

Da verdadeira Índia que aparece,

E se do mundo mais não desejais

Vosso trabalho longo aqui fenece

[...]

Lúis de Camões - *Os Lusíadas* - Canto VI

Bem cedo, na manhã seguinte, quando o barco já navegava em águas costeiras goesas, é que Alberto acordou para a realidade que se expunha à sua mente. A viagem de Porto-Saïd a Goa decorrera como num sonho. Teria sido uma alucinação? Entrara certamente em transe do qual só agora saíra. Apenas em Bombaim, por poucos minutos, vivera a sua realidade. Foi quando ao desembarcar na *Gateway of Índia*, no cais, se encontrara com um eminente goês, exilado na grande cidade, que fora receber das suas mãos as cartas que ele lhe trouxera de Lisboa. Tinham-lhe sido entregues pelo pai de um seu amigo e colega. O encontro em Bombaim havia sido escrupulosamente preparado e Alberto não teve dificuldade em ser discretamente contactado. No momento, sentiu-se orgulhoso de ter servido de correio a tão insígnias pessoas que necessitavam de corresponder-se, sem que as cartas, antes de saírem de Lisboa, fossem violadas ou até confiscadas, como era comum,

por estarem sob vigilância, quer os destinatários, quer quem as escreveu.

Depois desse gesto que o reconciliou consigo mesmo, Alberto voltou a embrenhar-se nos problemas que o seu amor por Victoria lhe criava, fazendo-o ausentar-se daquilo que antes de a conhecer, tanto lhe importava. Nem o facto de, em Goa, ir encontrar-se com o seu amigo Francisco, lhe interessara durante a viagem. Só agora começava a sentir a alegria de o ir rever. Francisco estaria à sua espera no cais do Mandovi, tal como referia na carta que lhe enviou para o Hotel, em Bombaim.

Para ganhar tempo, devido à morosa estadia do navio em Bombaim, resolvera tomar o barco costeiro que o trouxera a Pangim, escusando, assim, de ir desembarcar no porto de Mormugão, junto à cidade Vasco da Gama.

«De Porto-Saïd a Goa viajei fora do tempo e do real, perdido nesse amor doentio que Victoria desencadeou, não só no meu coração mas na totalidade da minha própria vida. Perdi todas as coordenadas, todas as referências. Vivi só para ela! E como ainda sinto a sua ausência!... Sem ela, como é que vou saber viver?... Terei de aprender... E tem de ser a partir de agora!...»

Esta era a intenção que Alberto se impunha e teria de cumprir, com a força de vontade que guardava e sabia onde ir buscá-la. E com este monólogo de clarificação e propósito, começou a abrir os olhos para a terra mágica que demandava. No estuário do rio Mandovi sentiu a alma portuguesa dos navegadores que ali tinham aportado, e viu Afonso de Albuquerque e Camões. No início do séc. XVI o território de Goa passou a ser português, e, por isso, agora os seus sentidos despertos

diziam-lhe que aquela terra partilhava o nome de Portugal. E continuaria a partilhar a mesma alma com a Metrópole, ainda que os goeses que lutavam pela autodeterminação conseguissem os seus intentos. E oxalá fossem bem sucedidos na sua luta, pois talvez fosse a maneira de, um dia, não se perder tudo. De evitar que, mais tarde, Índia Portuguesa e Metrópole acabassem por perder-se uma da outra, pela força da nova e justa política de pôr fim aos Impérios.

Fixando a atenção na entrada da barra, já com o barulho do rebocador a despertá-lo das suas reflexões, admirava o Forte Aguada, o Forte dos Reis Magos e as praias maravilhosas que se avistavam. Nelas, a sombra dos coqueiros, arequeiras e palmeiras imprimia a marca paradisíaca da paisagem subtropical.

Pouco depois, acompanhado por Francisco, e após ter conhecido a família dele, que mesmo sem ainda a contactar já a sentia um pouco sua, iria apreciar a cidade que fora Nova Goa, agora chamada Pangim; e iria a Velha-Goa ver as suas ruínas do passado português ilustre. Especialmente as suas belíssimas Igrejas, cheias de História da Evangelização, da Expansão Portuguesa e dos grandiosos actos de fé, tal como a Igreja do Bom Jesus onde se encontra, incorrupto, o corpo de S. Francisco Xavier. Alberto, então, lembrou-se do pedido que a mãe lhe fizera para que ele tudo visitasse e lhe descrevesse o que vira, nas cartas que esperava que ele lhe enviasse. «E se era verdade que o corpo do Santo, autêntico, estava à vista de todos?...»

Com gosto e determinação Alberto prometeu a si próprio que lá iria, o mais depressa possível. E depois escreveria três cartas: à mãe, ao pai e à irmã, e assim lhes daria muito prazer...

Foi breve o tempo em que ele, admirando o estuário do Mandovi se ausentou da obsessão que sentia pela jornalista. E vão os propósitos que fizera. Logo teve consciência de não ser capaz de, tão depressa, a expulsar dos seus pensamentos. Quando se despediram em Bombaim, ela dissera-lhe baixinho um «até breve» como despedida. Mas para quê fazer-lhe uma rápida visita, em Goa, se era para voltar a ir embora? Ele não poderia suportar vê-la continuamente a chegar e a partir. Este sentimento, por ela, nascera de uma emoção que o fizera exultar, mas também sofrer. Sem Victoria, conhecia o que era a perda, a solidão, embora ao mesmo tempo, se sentisse estranhamente possuído por algo misterioso que só ela lhe transmitira, e que com ele ficaria para sempre, para todo o sempre, *forever and ever*, como ela dissera. Mesmo assim despedira-se da jornalista com um certo acinte ou mágoa. E por quanto tempo ainda sentiria o seu perfume? Nunca conhecera mulher tão encantadora, tão segura de si e do seu querer. Por vezes, junto dela até se sentia intimidado. Victoria era uns anos mais velha do que ele, mas a experiência de vida e os conhecimentos que dominava, não fora só a idade que lhos dera. Foram, certamente, as circunstâncias em que vivera. «Que direito tenho eu de a querer só para mim, em casa, tal como a minha mãe? Será que, afinal, me vou descobrindo num outro Dr. Arlindo Carvalhal? - voltava ele a interrogar-se.

Quando o barco costeiro atracou, lá estava Francisco no cais. Finalmente, ambos se estreitavam naquele abraço que só uma grande amizade fraternal pode fazer acontecer.

- Trouxeste-me os discos com os fados de Coimbra que te pedi? (Foi a saudade de Francisco pela cidade amada, a

perguntar, ansioso. Com tantas perguntas para fazer-lhe, foi aquela que lhe saiu primeiro).

- Claro, e vais ter surpresas com as novas gravações de quem mal conheceste. Há grupos muito bons que estão a surgir...

- Vamos! Lá em casa estão todos desejosos de te conhecer. Até a minha irmã faltou ao Colégio!... Diz que tem muitas perguntas a fazer-te. Mas eu também tenho: a começar pela viagem, claro. Mas, já agora, falamos em casa. O percurso é pequeno e daqui a nada estamos no Bairro das Fontainhas. Vê-se bem daqui, e o Altinho.

- E a bagagem? Só tenho comigo a mala de cabine.

- Deixa, que o Xavier trata de tudo com o meu pai.

Após as apresentações, o Dr. Joaquim Barreto de Ataíde mandou-os à frente, para casa, pois a mala de porão mandá-la-ia directamente para a Messe.

- Tudo isto é bellissimo! - dizia Alberto maravilhado com a entrada em Pangim. As suas praias, as fortalezas, a paisagem onde se destacava o verde profundo dos palmares e o azul do estuário do Mandovi, contrastava com as cores garridas do casario de traça portuguesa com telhados de telha cerâmica. Desse enlace, do europeu-português com a Índia, surgia uma cidadezinha encantadora, cuja garridice escondia o pouco ou nenhum cuidado em expurgar aquilo que, num olhar mais atento, se descobria de desagradável, pelo pouco asseio e pela falta de elementares infra-estruturas. Mas nisto ainda Alberto não reparara. A panorâmica meio exótica que lhe entrava pelos olhos, encandeava-o.

- Vais gostar de cá estar - rematava Francisco.

Alberto desejava ter oportunidade para falar-lhe de Victoria antes de chegarem a casa, mas o percurso não era suficientemente longo.

- Até a minha avó veio para te conhecer. E já nos disse que te quer receber em Ribandar, que é onde ela vive, na antiga mansão, sempre restaurada, dos nossos antepassados. Vais ver como lá tudo é agradável.

As senhoras: a avó, a mãe e a jovem irmã de Francisco estavam ao portão do jardim para receber o senhor Doutor.

Alberto tinha três dias à sua frente, até segunda-feira, quando teria de se apresentar no Quartel. Até lá, em vez de ir para a Messe, ficaria em casa do amigo para conhecer toda a família e pôr a conversa em dia. «Preciso tanto de falar-lhe de Victoria... tenho de arranjar oportunidade de lhe dizer como é a mulher que me prendeu para, logo a seguir, me lançar no desespero. Pode ser que me faça bem desabafar, que eu fique menos oprimido e mais liberto para conhecer estas pessoas que me recebem em sua casa» - congeminava ele, enquanto o amigo lhe nomeava as zonas da cidade e seus edifícios mais notórios que envolviam o bairro onde viviam, chamando-lhe a atenção para a capela de S. Sebastião, por ser perto da moradia dos Barreto de Ataíde. Situados entre o regato de Ourém e o Altinho, os quarteirões de S. Tomé (com a igreja, com o nome do Santo), e o Bairro das Fontainhas, coabitavam com as suas fontes, ruas, praças e ruas. Quer as mansões, quer as casas mais pequenas, embora todas engalanadas pelas trepadeiras floridas, não deixavam de se rodear de um jardim, à medida da sua dimensão.

Pangim era uma pequena cidade que fazia lembrar Portugal, mas de grande beleza natural e cheia de graciosidade pelas

suas casas de estilo colonial português, as suas brancas igrejas, as fortalezas e as praias lindíssimas que, de todo, não lembravam as da Metrópole. Eram diferentes; nelas, banhadas pelas águas quentes, cresciam na areia fina os coqueiros esguios que balançavam ao sabor do vento, querendo abraçar as palmeiras. E havia também os pescadores, sempre a lançar e a puxar as redes. Banhistas viam-se poucos. Não eram muitos os goeses a frequentar as praias, embora os europeus as adorassem.

As senhoras receberam-no como se já o conhecessem. Até a jovem irmã de Francisco, Laura, se mostrou cordial, mas não tão desinibida como parecia, antes de lhe ser apresentada, quando ele, perto da casa, a viu ao portão. Tanto D. Olívia, a avó, quanto D. Joana, a mãe, mal se tinham todos sentado na sala, quase em unísono, perguntavam se o senhor Dr. Alberto desejava uma xícara de chá e, claro, comer qualquer coisa, nem que fosse apenas uma fatia de bebinca. Mas Francisco adiantou-se à resposta do amigo.

- Toma uma xícara de chá, Alberto, com um biscoito de gengibre e, a seguir, vais descansar um pouco no quarto que já está preparado à tua espera. Eu subo contigo.

Os dois amigos estavam ansiosos por ficar sozinhos. Francisco percebeu pelo semblante de Alberto que ele lhe queria transmitir, fosse o que fosse que lhe carregava a expressão e lhe escurecia o olhar. Nunca o conheceu efusivo mas, agora, fora menos do que esperava dele no reencontro, ali em Goa.

- Que tens tu, Alberto? Custou-te assim tanto vires para a Índia? Ou foi a viagem?... Fala!...

Então Alberto abriu a sua alma ferida ao amigo. A mágoa que latejava no seu coração abriu-se numa torrente de palavras que ora fluíam, ora se entrecortavam. «Não sei o que fazer: se hei-de escrever-lhe, ou tentar esquecê-la» - comentou ele, o seu dilema, sentado na cama com o rosto nas mãos como se quisesse esconder a vergonha da sua fraqueza. «Mas, peço-te Francisco, não a julgues mal. O culpado do nosso fracasso fui eu...».

- O melhor é não voltarmos, por agora, a falar no assunto. Vais viver cada momento da tua estada aqui. Pelo menos durante estes três dias em que ficarás connosco. Depois, na segunda-feira, vais apresentar-te, e o trabalho que terás pela frente se encarregará de diluir essa obsessão por ela. Então, logo tornaremos a abordar este teu problema. Quando quiseres... E, agora, depois de te refrescares, mudares de roupa e descansares, então irás descer com outra disposição. Até já, meu amigo - disse Francisco preocupado, fechando a porta atrás de si.

O estado de espírito com que Alberto entrou em Pangim, no dealbar do dia, mal lhe permitiu apreciar a beleza exuberante que seus olhos viam. Mas, ainda assim, sentiu o fascínio daquela terra que demandava, de tal maneira que, por momentos, esqueceu Victoria e a viagem que fizera com ela. E só então a chegada a Goa lhe importava. Era realmente uma pérola portuguesa incrustada no sub-continente indiano. A partir de agora, o propósito era cumprir a sua missão de médico-militar e desfrutar esta terra, com Francisco, e com a amizade da família dele. Iria sentir-se muito bem no convívio deles.

Goa era a simbiose perfeita da terra portuguesa e indiana. Entre os cristãos, era europeia desde a mesa ao vestir. E quão

diferente dos portos arábicos por onde passaram! Foram quatrocentos e cinquenta anos de cultura portuguesa e de religião cristã que levavam Alberto a sentir-se como que em Portugal. Agora compreendia melhor como Goa era terra portuguesa. Só faltava desenvolver-se tanto quanto merecia, nas infra-estruturas. E a anexação possível, pela recente União Indiana, ficaria ainda mais longe de poder acontecer. Claro que estava a pensar com a emoção que lhe obliterava o discernimento. O seu romantismo embrenhava-se na política que devia ser fria e racional, embora naquele momento, fosse bem melhor deixar-se levar pelos sentimentos patrióticos e acreditar no que lhe parecia mais curial. Até os nomes das pessoas e das coisas eram portuguesas como era o nome do Bairro e do regato que corria ali à frente. O regato de Ourém! Agora percebia melhor a pressa, sem respeitarem vez, dos passageiros que, impetuosos, desejavam abandonar o barco. E ele também queria desembarcar depressa. Ansiava estar com Francisco e conhecer pessoalmente a sua família. Apercebera-se do quanto era forte o elo de amizade que os unia quando, na plataforma do cais fluvial o avistara, com o Xavier ao seu lado, o jovem Xavier que fora criado lá em casa, como membro da família, e cuja história Francisco lhe contara.

Mais fresco e mais calmo, Alberto chegou-se à janela do quarto. Tudo era novidade para os seus sentidos: os aromas das especiarias, os perfumes das flores, os cheiros da terra e do que nela habita, a aparência das cores (como se fossem diferentes das que os seus olhos conheciam), a suavidade do ar que lhe humedecia a pele, tudo lhe era novo. E até o pipilar das

pequenas aves, o grasnar das gralhas, o crocitar dos corvos, lhe entravam pelos ouvidos como se fossem novidade.

Ele próprio, sentia-se diferente do homem que saíra de Lisboa. E parecia-lhe que fora há tanto tempo... Com que ansiedade partira da Metrópole para conhecer a terra portuguesa da Índia. Mas, afinal, não mais se lembrara dela, depois de ter chegado a Port-Saïd. Nem saudades da terra onde nascera, nem ansiedade por chegar à terra que demandava. Tudo esquecera. Só o amor por Victoria lhe preencheu os minutos, as horas e os dias... Fora um idiota! Mas não queria continuar a sê-lo. Quando o barco lançara amarras no cais do Mandovi, nem sentiu que tivesse chegado a terra estranha. O exotismo, a beleza estonteante da paisagem, tudo lhe pareceu familiar. E o que mais o impressionou foram as praias que avistou, a vegetação luxuriante, as casas fortemente coloridas e toda aquela gente cristã e não cristã que se vestia de maneira diferente, conforme a sua crença. A cidade fazia transparecer a alma portuguesa exibindo a vocação do velho Luso e a união da mãe pátria aos filhos perdidos, e aos que desejava achar, naquelas «desvairadas» paragens... De Camões a Bocage, investigadores de conhecimentos novos nos mais diversos aspectos do saber, santos e aventureiros, comerciantes, fanfarrões e trapaceiros, todos, alguma semente lá acabaram por deixar. E Goa, a única, também, deste modo, foi gerada em conúbio com os que já lá estavam e com outros que a iam demandando.

«Como estarias feliz a descrever a beleza mística deste lugar se tivesses vindo a Goa! Tudo aqui é milagre: as pessoas, o rio, toda a natureza. Até o mundo vegetal se sente a palpitar...a querer comunicar connosco...»

Olha Victoria, vês aquela nuvem cor-de-rosa que se desloca, rápida, baixando sobre a ilha de Chorão, aqui em frente? São flamingos. Em nenhuma outra parte os flamingos são tantos e tão belos!... Ali, mais à frente, na ilha de Dibar, estás a vê-los a levantar voo? Vão pintar o céu de cor-de-rosa. Porque aqui, o céu não é só da cor dos teus olhos; também é cor-de-rosa, como os sonhos. Eu tinha razão para desejar que viesses comigo até Goa! Mas, recusaste. E, agora, é tarde de mais...»

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO 2

*Fosse-me a carne opaca pensamento,
a vil distância não me deteria
e de remotos longes num momento
até onde te encontras eu viria.
[...]*

W. Shakespeare - *Sonetos* (trad. Vasco Graça Moura)

Quando na tarde desse dia, o da sua chegada a Goa, à capital Pangim, Alberto desceu do quarto onde, após o almoço, pela insistência do seu anfitrião e amigo Francisco, fizera uma sesta repousante, de modo a recompor-se da atribulada despedida de Victoria, em Bombaim, não viu ninguém na sala. A porta para o jardim estava aberta como devia ser hábito; e ouvindo lá fora a voz de D. Joana, foi ao seu encontro, nas traseiras da casa.

- Venha ver, Dr. Alberto, o nosso jardim.

- É muito grande! - admirou-se Alberto olhando num relance, apenas para a copa das árvores que lá cresciam, quase subindo pelo monte acima.

- Não é por minha vontade que o «bosque» existe. Sempre a mandar podar e cortar as árvores e logo elas a rebentar, a crescer... Mas aqui é assim. Tudo cresce rápido. Por um lado a vida é calma, serena e passa brandamente, embora pareça que a natureza é insaciável... esfomeada do sol, das águas da monção e dos ventos que sopram as sementes para as suas entranhas.

Não, não estou a falar por metáforas... É mesmo o que acontece! - reiterou Joana a sua explicação, vendo o olhar curioso e meio espantado de Alberto.

- Eu sei - disse ele - que as terras tropicais, ou subtropicais são assim... O calor e a humidade tornam a natureza pródiga.

- O pior é que parece que até as pessoas sofrem da mesma vertigem-. E, com o seu lindo sorriso, terminou o assunto, dizendo que tinha de ir ver o andamento do jantar. - Não é que Catarina precise de ajuda nas tarefas que tomou à sua responsabilidade, tal como a cozinheira não aceita ajuda nas panelas, como ela diz. Mas o Joaquim e o Francisco devem estar a chegar, quero o jantar na mesa porque hoje, para comemorar a sua vinda, vamos ter fados e guitarradas de Coimbra... Da minha saudosa terra que não vejo há um quarto de século! Porque não tenho querido lá ir, é certo... Não se tem proporcionado.

- Não sou eu que vou tocar, pois não D. Joana?... Ainda mal peguei na guitarra. Apenas quis ver se tinha chegado em condições.

- Vai sim. Todos estamos ansiosos por ouvi-lo tocar e cantar. Ela veio tão bem acondicionada que deve estar impecável. Temos convidados para o serão, como já é hábito, quase todos os sábados, durante a monção. Mas, hoje, antecipamos por ser um serão especial. E a sua guitarra vai ter companhia porque a reunião é em sua honra; depois ouviremos também música de Goa, os mandós. Convidámos alguns amigos que também estudaram em Coimbra. É deste modo que costumo matar as saudades da minha querida cidade. Nasci em Lisboa, onde ainda tenho parentes; no entanto, foi em Coimbra que cresci, estudei e conheci o Joaquim que lá foi terminar o curso, iniciado em Lisboa, como deve saber. O Francisco também nisso imitou

o pai... E, em Coimbra, ainda tenho a minha querida tia, com quem me correspondo frequentemente.

Mas voltando à conversa que tivemos à hora do almoço sobre Laura e o Xavier, dizia-lhe eu que, quando eles eram pequenos não saíam da *selva*. Eu vivia ralada por eles lá passarem tanto tempo, especialmente nas férias. A solução era mandar a Laura para casa da minha sogra, em Ribandar.

«Mas sem o Xavier» - lamentava-se ela - «não tem piada nenhuma ir para lá. Sozinha, não posso andar de barco, nem brincar fora do jardim». Era um diabrete, a minha filha. Tinha de estar sempre ocupada. Em tempo de aulas passava o dia inteiro no colégio, onde ainda aprende tudo o que gostávamos que ela aprendesse, para além das aulas curriculares. E ela gosta de música, de pintura, de bordar... Eu é que não posso estar sem ela, mesmo depois de o Francisco ter voltado. Até porque ele é um homem, com o seu trabalho, a sua vida. E qualquer dia casa. Já tem noiva arranjada em Bombaim, tal como o irmão que lá casou, como sabe.

A Alberto, parecia-lhe que na conversa de D. Joana estavam subjacentes hábitos e costumes muito diferentes daqueles com que ela saiu de Coimbra. Só o amor faz milagres destes. Como é que uma jovem que foi universitária em Coimbra, se adaptou aos costumes goeses, embora alguns de raiz portuguesa, mas também a outros que foram gerados na matriz indiana?... Joana nunca mais voltara a Portugal, talvez pela lonjura. Ali ficou com o marido e a sogra, criando os filhos nos hábitos tradicionais dos cristãos goeses, integrando-se neles totalmente.

António, o filho do meio, com menos 14 meses do que Francisco, não quisera continuar os estudos, preferindo ir para

Bombaim e depois para Londres onde, sob a orientação de um tio de Joaquim, em pouco tempo aprendeu a ser um grande empresário, depois de lá ter continuado a estudar.

- Apesar de tão jovem o meu filho já é dono de uma empresa. E é rico, não só pelo casamento com a prima (em terceiro grau), mas pelo seu empreendedorismo - dizia D. Joana orgulhosa do seu filho. O negócio das sedas (ele tem várias famílias em Surat a trabalhar só para ele, criando os bichos da seda e preparando o fio, pronto a ir para a fábrica), é o que lhe dá muito dinheiro. Além disso, negocia também em jóias que compra a joalheiros de Jaipur. Se visse o que ele nos traz quando cá vem! Mas do que eu gosto é de vê-lo. E a Laura, o que mais aprecia para além do convívio com o irmão e a cunhada, são as revistas de cinema, não tanto as de Bollywood, mas as que chegam a Bombaim vindas de Paris, de Nova Iorque e de Londres, com as apreciações críticas, principalmente dos filmes europeus e americanos. Ela é doida por cinema, tal como eu era e ainda sou e, por sorte, vêm muitas e boas fitas a Pangim. Mas os filmes que ela não tem hipótese de ver, porque não chegam a passar cá, e aqueles, aos quais não a levamos, ela lê os resumos nas revistas fantasiando o que falta, através das fotografias das personagens e da acção. O pai não quer que ela leia indiscriminadamente, sejam livros ou revistas. Então Laura resolveu o problema: fez a sua biblioteca particular na casa da avó, onde muitas vezes, nos meses quentes, lá vai dormir ao Sábado e Domingo e de onde, à segunda-feira vai directa ao colégio. Nós, então, vamos almoçar com as duas, ao Domingo, e aproveitamos a ir a Goa Velha para assistir à missa na Sé ou na Igreja de S. Francisco Xavier. O Joaquim está sempre muito ocupado, apesar de eu não me conformar por ele trazer, ainda,

o trabalho para casa!... Mas sempre foi assim, quer agora, quer quando exercia advocacia. E quando chega a monção, com as chuvas mais persistentes, então é a minha sogra que vem para cá com o seu caixote de jornais antigos - terminou Joana, calmamente, a *dissertação* sobre a sua família.

- Jornais antigos? Mas para quê? E por quê?

- Isso é outra história que depois lhe contarei... Vê? O Joaquim e o Francisco estão atrasados. Desculpe, mas agora vou ver se a Catarina já preparou tudo para o serão. Nem era preciso eu ir verificar, só que não quero que ela se sinta responsabilizada no caso de faltar alguma coisa.

Alberto ficou no jardim, juntando-se a Laura e a Xavier.

- Venha, senhor doutor, que queremos mostrar-lhe e ensinar-lhe o nome das plantas e das árvores. Aqui toda a gente as conhece pelo nome. E também lhe ensinaremos o nome das cobras para o Senhor distinguir as que são venenosas e, assim, não se chegar a elas.

- Eu passo bem sem as conhecer, porque não tenciono chegar-me ao pé delas, sejam venenosas ou não. Agora, as plantas, as flores, as árvores e as aves, agradeço que me ensinem a nomeá-las. Mas já conheço bem os pavões. Há-os em Portugal!... E os macacos também, embora no Jardim Zoológico.

E todos se riram. Deste modo, Alberto foi, com naturalidade, acolhido pelos dois jovens e lá foram para a *selva* que Sebastião continuamente desbastava a mando de D. Joana, num esforço titânico, quase inglório. Naquela terra tudo crescia demasiado depressa. Até Laura que, nos seus catorze anos, era já uma mulher feita.

Alberto tinha comentado com D. Joana o facto de Laura parecer mais velha do que era. Nas fotografias que Francisco lhe mostrava quando, em Coimbra as recebia, ela parecia ainda uma criança.

- E há quanto tempo isso foi? Ela já teve tempo de crescer. O doutor nem imagina quantas vezes já fomos contactados, através das arranjadeiras, por famílias de pretendentes interessados na Laura.

A expressão de Alberto foi de tal estranheza e espanto que Joana entendeu ser seu dever acrescentar uma explicação ao que dissera:

- Sabe, são costumes daqui. Ao princípio, quando vim para cá, também estranhei muito, este, e outros hábitos. Mas, agora, penso que estranharia mais se voltasse para Coimbra ou Lisboa. Embora em Goa vivam bastantes europeus, não se integraram tão facilmente nas comunidades goesas quanto eu. A minha condição, desde logo, era diferente e especial. Quase não deixei família na Metrópole, e vinha casada com um goês. Bastava o amor que me unia a Joaquim para eu querer amar e fazer parte do que ele amava.

- Mas há assim tantos portugueses europeus aqui em Goa?

- Para além dos funcionários superiores do Estado, vêm muitos outros à procura das oportunidades que Goa oferece com as suas riquezas naturais que escuso de evidenciar. As cidades de Margão, Vasco da Gama e Mormugão com o seu grande porto por onde se escoam os produtos como o coco, especiarias e o minério, atraem muitos portugueses da Metrópole, mas também estrangeiros. Há ingleses e até alemães na exploração do minério, embora o Governo dê aos indianos

e hindus goeses concessões para a sua extracção. Fazem enormes fortunas à custa dos trabalhadores muito mal pagos. O Joaquim pode falar-lhe das possibilidades económicas que Goa poderia oferecer, se fosse devidamente bem explorada e para bem de todos. Joana fez uma pausa, e continuou:

- Salvo excepções, penso que os estrangeiros não trouxeram o coração e a alma para Goa. Não a entendem como nós portugueses e não fazem dela a sua terra. Os portugueses que vêm para cá trabalhar, dificilmente tornam para a Metrópole. A não ser os militares e alguns Quadros Superiores de Funcionalismo Público.

- O que é natural - comentou Alberto continuando a conversa. - Quer parecer-me que a vida aqui (e só posso falar de Pangim), deve ser muito agradável. Sossegada e socialmente bastante compensadora, sobretudo para aqueles que, regularmente, ainda podem ir a Bombaim, desfrutar uma grande cidade com muito de ocidental. Ou, pelo menos, a Margão, a que por alguma razão chamam a Lusa Atenas.

- Na verdade eu gosto muito de viver em Goa. Nós aqui, os cristãos, somos solidários e confraternizamos muito. Mas temos amigos muçulmanos, hindus e outros com quem partilhámos até as festas religiosas. Todos tomamos parte nos eventos das tradições festivas de cada um. Aqui, na cidade de Pangim, culturalmente, são os cristãos que dominam, embora sem hábitos de miscigenação, mesmo estando nós, em minoria. Quando cá cheguei quase tudo me era estranho. Mas logo me adaptei a esses usos e costumes dos goeses. As nossas raízes culturais e a religião ligavam-me a eles, sem diferenciação. Quando reflecti sobre o que me era estranho, passei a entender melhor

as pessoas, o seu pensar e agir, e as suas motivações. O que importa é que as nossas raízes são as mesmas há quatrocentos e cinquenta anos. Depressa me tornei goesa, mesmo que alguns dificilmente me aceitassem como tal. Para esses, é o sangue que importa. Por quê? Não sei explicar... Há uma enorme contradição entre o que as pessoas pensam, dizem e o modo como agem. Daí, esta sociedade ser tão contraditória. A Igreja Católica apregoa a abominação das castas, mas nada pode fazer contra a grande discriminação social de que elas são causa e efeito.

De facto, quando chegou a Goa com o seu marido, nem toda a sociedade goesa aceitava ou convidava D. Joana para as suas reuniões. Por não ser indiana, de sangue, viam-na diferente das senhoras goesas de casta superior, que o eram desde os mais remotos antepassados, antes mesmo deles terem recebido o baptismo. E aí residia a contradição que Joana não entendia. Se o que contava era ser cristã, baptizada, de modo que todos se iguallassem na religião católica, por que é que o sangue continuava a ter tanta importância? A verdade é que ser bem aceite por todos, ou não, pouco lhe importava. O amor do marido e a aceitação por parte da sogra, é que lhe importava. Depois, devido à posição oficial que o seu marido ocupava, privando de perto com o Governador, e ela própria, com a esposa da mais alta Autoridade Administrativa do Território Português da Índia, e que era metropolitana como ela, logo os convites e visitas se sucediam, por parte de outras senhoras goesas da elite.

Com o andar do tempo, as famílias, mesmo as de hábitos mais radicais, aceitaram D. Joana, devido à sua classe social e atitude simpática. Sem alijar a sua condição de metropolitana branca,

tornou-se portuguesa de Goa e todos a aceitaram como tal. A adaptação fora conseguida, embora a princípio, o lado indiano tanto a angustiasse, quanto a fascinava. Então fez como a sogra. D. Olívia preparara-se para aceitar tudo e todos, por igual, que foi o que os portugueses fizeram em Goa, quando esta passou a fazer parte do nobilíssimo império português. Pois com D. Olívia algo se havia passado de semelhante. Seu avô, embora de família com a importância que o nome, a classe social e a casta de seus antepassados lhe dava, tinha o senão de ter casado com uma branca estrangeira, anglicana, mas tornada católica antes de casar. Anos antes ele tivera de emigrar de Goa para Bombaim, quando a estrutura social começou a mudar e os bens de fortuna a dissiparem-se. Mas foi bem sucedido na terra que, séculos antes, fora portuguesa e para onde continuavam a emigrar tantos goeses. A fortuna fora-lhe fácil, acabando por casar com a bela escocesa, filha de um dos seus sócios.

Mais tarde, seu filho mais velho foi a Goa casar com uma goesa cristã, para voltar a dar continuidade à tradição familiar. Porém, D. Olívia nasceu já em Bombaim. No entanto, seus pais não tiveram muitos anos para viver a felicidade do seu casamento e da vida próspera que os negócios lhes davam. D. Olívia e seus irmãos foram criados pelos avós, depois da morte dos pais. E, anos mais tarde, foi a vez da avó Rose falecer. Então, o avô, desesperado, começou a odiar a cidade de Bombaim. Por isso resolveu deixar os netos com o seu irmão para que aprendessem a dirigir o negócio da família, e levou consigo a neta, casadoira, para Goa. Radicou-se em Pangim, enquanto restaurava e aumentava o palacete da família em Ribandar, e adquiria algumas das terras de arroz, palmeirais

e outros bens que, muitos anos antes, haviam pertencido aos seus antepassados grãocares.

Assim, a jovem Olívia, pouco tempo depois de se ter instalado em Goa, com o avô, viu-se casada com um Barreto de Ataíde, alguns anos mais velho do que ela. O pior é que ele em nada se assemelhava ao homem que a visitava na fantasia dos seus sonhos, e com quem ela não ousava sonhar acordada. O seu marido era muito diferente dos homens da sua família; não era um marido amante e respeitador, nem muito dedicado ao trabalho. E, ainda para mais, era mulherengo e prepotente. A seu favor tinha o gosto pela poesia, pela literatura.

D. Olívia, algumas vezes sofreu os maus-tratos físicos que ele lhe infligiu. Porém, nunca se queixou, nem às amigas que, na maioria, tal como ela, sofriam também sevícias por parte de seus maridos. No entanto, mais do que as bofetadas que lhe dava o homem que, apesar de tudo, ela aprendeu a amar, doía-lhe ter tido apenas um filho. Mas dava graças por o seu Joaquim se parecer muito mais com o avô materno, do que com o pai. Da bisavó escocesa ele herdara a doçura de carácter, a generosidade e um pouco do sangue que lhe aclarava a pele e os olhos. D. Olívia acreditava que seu filho não seria nunca como aqueles homens que, mesmo culturalmente evoluídos, exibem o seu poder na família, tratando, especialmente a esposa, com absurda crueldade, e até as próprias filhas, a quem mal deixam pôr os pés na rua. A esses *pater familia* que exerciam na esposa e nos filhos a sua brutalidade, Joaquim, durante toda a sua vida, recusou-os para amigos íntimos.

Apesar de tudo, seu pai nunca fora além de umas bofetadas e uns encontrões com que, de vez em quando, o *mimoseava*, a

si e a sua mãe. Contudo isso bastava para que ele não tivesse pelo pai a total admiração que gostaria de sentir, como filho, embora sabendo que uma boa parte dos homens agiam, deste modo, em família. E não era só em Goa. Provavelmente era assim em todo lado. Em Portugal, especialmente nas classes mais baixas, as mulheres não eram mais bem tratadas. Mas, tal como em Goa, tinha a ver com a educação, a partir do berço, e do meio em que cresciam. O que não quer dizer que não haja mulheres mal tratadas pelos seus maridos, em todas as classes sociais, até nas mais altas. A circunstância da mulher é, na prática, e em toda a parte, inferior à do homem. Nem o Cristianismo ainda conseguiu dar-lhe, mesmo pelo casamento, quer estatuto social, quer direitos iguais. Ainda que amada e considerada pelo marido, a sociedade, e a própria lei, vê-a como um ser dependente e abaixo da condição masculina. A mulher é mal tratada. Esta é a regra. E as exceções não são tantas quanto possa parecer. Pela educação, e com o desenvolvimento social e até económico, Joaquim acreditava que a situação feminina poderia melhorar.

Os homens, mesmo os cristãos, facilmente tendem a esquecer os preceitos evangélicos de Jesus Cristo, pela voz do Apóstolo Paulo: «... Não há judeu nem grego; não há servo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo». (Gálatas, 4, 28). É da condição do ser humano, o mais forte querer ter poder sobre o mais fraco e usá-lo, as mais das vezes, com arrogância e violência.

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO 3

*Caem os sonhos um a um
e o sangue estremece.
Caem, e ficam no chão
de quem os morde e os esquece
[...]*

Eugénio de Andrade - *Poesia*

Victoria quebrara o percurso do amor que deveria ter sido de Porto-Saïd a Goa. Perdera-o em Bombaim e não voltou a encontrá-lo; nem sequer o procurou. Estava em Nova Iorque a ultimar as reportagens feitas na União Indiana, enquanto o seu coração e a sua alma, bastas vezes a remetiam para Goa. Definitivamente não pensava voltar a encontrar-se com Alberto, apesar do amor que ainda sentia por ele. Não perdoava o facto de ele não lhe ter escrito, apesar de ela ter deixado o endereço do hotel de Nova Deli, antes de partir de Bombaim. Mas quando conseguiu a entrevista com Nehru, quis partilhar com o homem que ainda amava a sua alegria e o seu sucesso. Então escreveu-lhe para o Hospital Militar de Pangim a relatar-lhe pormenorizadamente a importância do material conseguido. Terminou a carta, despedindo-se apenas com um beijo. Nem procurou saber como fora a chegada dele a Goa, e tudo o mais que era natural querer saber, ou dizer, em relação a ambos.

Alberto releu a carta e concluiu que não pedia resposta. Então, amachucou-a e deixou-a em cima da mesa. Faltou-lhe coragem para a rasgar e deitar fora. Ela relatava, ainda, os seus projectos imediatos: iria visitar o Rajastão, começando pela bela Jaipur, e depois visitaria Agra para ver o Taj-Mahal que é a maior prova de amor traduzida em mármore marchetado de flores, recortadas em pedras semi-preciosas. Apreciou-o nos três períodos do dia, com a coloração branca-leitosa, rosada ou avermelhada, conforme a incidência da luz da manhã, da tarde ou do anoitecer. «Ele também não deveria deixar o Subcontinente Indiano sem ir a Agra» - opinava ela, em *post-scriptum*. E terminava: «Sigo directamente para Nova Iorque. Tens a direcção de minha casa!...»

E nada mais adiantou. Nem uma frase que lembrasse a promessa de o visitar em Goa, e nem uma interrogação a que ele pudesse responder. Perdera tempo e papel a dizer-lhe o que a ele pouco interessava, e a descrever o que podia ser lido num qualquer folheto de propaganda turística, apenas para dar corpo à carta. Falava de uma grande prova de amor em mármore, mas esquecera-se de que ele também esperava dela uma prova de amor, mas por palavras e por actos e, por conseguinte, muitíssimo mais simples do que o Taj-Mahal. Não era o mármore que importava, mas o coração.

Alberto deixou-se cair na cadeira da secretária e passou as mãos pela testa e pelo cabelo, apertando a cabeça para que o crânio não explodisse. Naquelas duas folhas de papel não se podia decifrar nada que se parecesse com as juras de amor que ambos reiteraram, um ao outro, durante os dias em que navegaram,

especialmente entre Porto-Saïd e Porto-Sudão. A partir daqui, o seu sentimento por ela começou a sofrer o aguilhão da dúvida, pondo em causa o amor profundo que ela dizia sentir por ele. No máximo, ele estaria em segundo ou em terceiro lugar, na escala das prioridades pelas quais ela lutava e com as quais se satisfazia. Logo em Porto-Sudão ele ficara a saber que não seria nunca a prioridade da vida dela. Então, pegou na bola de papel enrodilhado que fora a carta e, hesitando entre a gaveta e o cesto de papéis, lançou-a na gaveta vazia e aberta que logo fechou à chave. Sempre estava mais perto dele...

Mas, a chave, lançou-a no cesto dos papéis.

Victoria ainda esperou por carta dele em resposta à sua. E em Nova Iorque acabou por concluir que ele cortara as amarras da nave em que o seu amor já não navegava, naquela nave de loucos que eles foram. Acreditaram na vida vivida a dois ligados por tão grande afecto. Mas a nave do amor improvável naufragou, e, dentro dela, afundou-se o que haviam partilhado. Ficara no fundo, preso no lodo. Decerto nem valia a pena o esforço de o procurar nas águas pardacentas dos seus sentimentos. A chama ténue que lhes restara no peito ainda seria capaz de reacender uma centelha desse lume que fora tão intenso e tão breve, mas tudo se tornara decepção. Não valia a pena qualquer esforço. Desejara tanto que Alberto tivesse sido o homem da sua vida, tal como já desejara que o mesmo tivesse acontecido com Hassan!... Falhara com ambos. Amava ainda Alberto com o corpo e com a alma, mas a razão mostrava-lhe a impossibilidade de ambos poderem articular as suas vidas. Então, teve a consciência e o discernimento de vir a acalentar

a hipótese de, um dia, poder dar oportunidade a outro homem de surgir e entrar na sua vida, embora só depois de ter a certeza de que esquecera Alberto, e já nem se lembrar de ter amado um diplomata libanês que tinha sido seu marido. Mas nada de sentimentos profundos, inquietadores!... A esses, não mais daria guarida. Amara e fora amada por dois homens belos, cultos, educados, mas tão diferentes entre si quanto o eram dela própria. As suas raízes culturais diferiam muito, embora Alberto fosse um europeu requintado. Também nesse aspecto Hassan não lhe ficava atrás. Pelo contrário... Era um homem muito mais vivido. E um diplomata, em toda a acepção. Se voltasse a amar, seria um americano como ela. Um homem comum, como todos os que davam bons maridos, mesmo não sabendo ela que características ou qualidades lhe exigiria para isso.

Victoria divagava para mostrar a si própria que era fácil esquecê-lo. Mas não era. Tinha-o presente, sempre presente com aquele seu ar cheio de magnetismo, indecifrável. O conceito de misterioso guardava-o para Hassan. Na sua diferença eram os dois fascinantes e sedutores. Mas só um sabia que o era...

A dificuldade dela continuava a ser a tentativa de expulsar Alberto da sua mente e do seu coração. Agora estava decidida a consegui-lo. Aproveitaria o nevoeiro do Outono que cobre a cidade, para deixar de ver, com nitidez, a figura dele, tal como agora ainda se lhe apresentava. Até o azul dos seus olhos, gerado na cor do Atlântico com laivos do azul escuro do Mediterrâneo, e o castanho dourado dos seus cabelos se perderiam na luz baça da neblina que também não permitiria que ela lhe vislumbrasse as feições, nem o recorte da boca. E, por fim, chegaria o Inverno arrastando consigo a densa névoa que lhe

levaria, finalmente, a imagem inteirinha de Alberto para as sombras do esquecimento.

Entretanto, o trabalho que ela tinha em mãos, e os prémios que recebera, foram lenitivo para a dor da perda do amado, sendo também consolo para a disponibilidade de tudo voltar a partilhar com os amigos, e dar-se, outra vez, aos eventos sociais e culturais. Os amigos pressionavam-na para o convívio e Victoria ia cedendo, cada vez com mais prazer. Sentia um arrepió quando pensava que podia ter ficado com Alberto, em Goa. «A fazer o quê?» - perguntava-se. «E, de certo, pouco melhor seria em Lisboa!» Não tanto pela cidade, mas pelos preconceitos da sociedade fechada que assim se mantinha.

Voltara a ser a mulher elegante e requintada, das mais bem vestidas e sofisticadas do seu meio. Seduzia com o seu encanto, e isso dava-lhe um prazer muito gratificante e compensador pelas perdas sofridas. Mas nem tudo era fácil. Tinha-lhe custado muito livrar-se do sortilégio de Hassan, tanto quanto agora lhe era difícil esquecer aquele homem imaturo que Alberto apenas aparentava, proporcionando-lhe o júbilo do encontro perfeito quando estava nos seus braços. Nessa altura ele era o homem que a tornava frágil e pequenina. E ouviam música e partilhavam livros, e fruía com deleite igual os pequenos e os grandes momentos de prazer, porque tudo se lhes tornava prazeroso.

Mal sabia Victoria, ou talvez soubesse, que Alberto, lá longe, no outro lado do mundo, no intervalo das funções que o ocupavam, continuava a pensar obsessivamente nela: «Victoria não só me deixou sozinho em Bombaim, mas também me abandonou

cruelmente e para sempre». E, de raiva, jurara a si mesmo não voltar a abrir o coração. «As mulheres não são de fiar» - dizia-lhe o pai, com razão; embora nessa altura Alberto acreditasse que seu pai não o dizia a sério.

Levantou-se e foi fechar as janelas. O vento uivava e fustigava o que lhe aparecesse pela frente. Era o anúncio da monção que já se aproximava, vinda do sul, com as suas águas diluvianas mas generosas, vivificantes, embora devastadoras. Os relâmpagos, em girândola, faiscavam, mas o estrondear dos trovões era, por enquanto, um som abafado e surdo, ao longe. De repente, as luzes apagaram-se em todo o edifício da Messe; e, só então, Alberto se levantou. Tacteando o isqueiro que ainda lhe costumava pesar dentro do bolso (embora já não fosse necessário tê-lo à mão para acender os cigarros de Victoria), com ele acendeu a vela que, há dias, alguém colocara em cima da sua secretária, à espera das tempestades da primeira monção.

CAPÍTULO 4

*Sei que morro de sede mesmo que não te afastes
Sei que não há remédio. Mas que valeu a pena*

David Mourão-Ferreira

Num dia em que Victoria ia a entrar no Edifício das Nações Unidas deu de caras com o ex-marido. Ambos estacaram tolhidos, frente-a-frente, e com a mesma atrapalhação se cumprimentaram.

Não havia razão para a expressão de espanto, ao encontrarem-se ali. Ele, como diplomata nas Nações Unidas, em representação do seu país; e ela, jornalista a viver em Nova Iorque e acreditada também na ONU, onde as notícias de todo o mundo se entrecruzavam. Só, por isso, não seria tão impossível chocarem um com o outro, naquele lugar. Porém, as palavras que trocaram foram a sequência, não do pasmo, mas da perturbação que os fulminou.

- Tu?... Aqui?... - exclamaram em uníssonos. Depois, riram daquele assombro que ambos mostraram. E, durante algum tempo, trocaram notícias de si mesmos.

«Continua maravilhosa! Mais bela do que nunca!» - admirava-a ele, olhando-a abertamente dos pés à cabeça, com o à-vontade que ela não esperava dele na situação em que se encontravam. Estavam divorciados; e, esse facto, bastava para acreditar que

ele fosse mais discreto e formal, naquele primeiro encontro após a separação. O olhar dele, insistente, fê-la sentir-se desconfortável; no entanto, ela própria não deixou de o admirar, ainda que numa forma mais recatada. «Meu Deus! Nem posso acreditar que este homem, fascinante foi meu marido!... Sempre lamentei termos nascido em mundos diferentes, e que tão dificilmente procuram entender-se...» -

Durante algum tempo, embora apressadamente, trocaram as palavras mais urgentes, de todas aquelas que se atropelavam para serem proferidas.

- Então fica combinado. Logo, à hora do costume, no ‘nosso’ restaurante, disse ele como se apenas tivessem decorrido alguns dias desde a última vez que ali jantaram juntos.

E assim se despediram.

Victoria, na reunião de trabalho a que assistia, mal ouvia o que diziam, e pouco argumentou. Concordava, apenas. Felizmente que o seu colega e amigo James lá se encontrava, e bastante empenhado no assunto que estava a ser debatido. Ela revia o seu passado que fora determinante, por forma a que chegasse onde estava agora. Ter ido para Londres (e fora bastante nova), dera-lhe uma boa preparação profissional e uma autonomia e auto-confiança que fizeram dela a jornalista que era. Fora em Londres que passara os três últimos anos da Guerra. E, nessa altura, já lá as mulheres eram dadas a todas as profissões e tarefas, onde os homens agora faltavam para as preencher, embora sempre tivessem sido desempenhadas por eles. Elas, dantes, eram exceção nos trabalhos que se presumia serem de homens. Milhões de mulheres estiveram na retaguarda da guerra, e mesmo na frente, mas sempre ao lado dos homens, sabendo

que o seu trabalho era relevante onde quer que o esforço de guerra delas necessitasse: guiando uma ambulância no campo de batalha, nos hospitais, fazendo uma reportagem, a trabalhar nas fábricas de armamento, ou noutras quaisquer tarefas...

Presenciar e divulgar notícias, colhendo-as muitas vezes em território de guerra, havia sido o seu trabalho, do qual muito se orgulhava. Por isso, não tolerara que os homens que amou pusessem em causa a profissão que desempenhava com rigor e competência. A eles, homens de cultura e educação, já não lhes podia ser permitido pensar e agir como o fizeram. Embora um tivesse nascido num país do Médio-Oriente e, o outro, na Europa do sul, ambos se mostraram presos ao atavismo dos mesmos preconceitos que já não deviam existir nas sociedades modernas e esclarecidas.

«Quanto me decepcionaram estes dois homens que amei! E, pela mesma razão, também, quanto eu os decepcionei a eles!... Mas amei-os porque os admirei tal como eram, enquanto mostraram respeitar-me como eu era, mesmo não valorizando as minhas competências profissionais. Na concepção deles, para uma mulher bem nascida, a ocupação privilegiada é a de se dar à família, acompanhando o marido, ou estar à sua espera no recato do lar. É inacreditável que homens de cultura pensem deste modo em plena metade do séc. XX!... Mas, vendo bem, eles são o fruto do espírito retrógrado dos seus países! Não têm culpa de acabarem por mostrar-se como realmente são, embora pretendessem passar por homens do seu tempo, evoluídos e modernos, defendendo os seus valores». Mesmo assim, Victoria continuava a sentir muitas *saudades* de Alberto. Ele dera-lhe a conhecer a essência dessa estranha palavra,

muito mais abrangente do que a de nostalgia, ou qualquer outra de expressão sinónima. E com o passar do tempo ele amadureceria e tornar-se-ia diferente. Pelo menos, talvez menos possessivo, menos menino mimado. Ou não!...

Quanto a Hassan, gostara muito de o ver. Especialmente porque não surgiu entre eles a sombra de qualquer animosidade ou ressentimento. Mas não parecia diferente. Apenas um pouco mais solto, mais ousado e menos espartilhado na sua condição de árabe. O que não é para admirar, pois nada nem ninguém é igual a si mesmo, senão no momento em que o é... E sempre a palavra *diferente* lhe cirandava na cabeça para definir Alberto e Hassan!

As pessoas são singulares, mas só de algumas se pode dizer que são diferentes. E ela não voltaria a deixar-se seduzir por qualquer outro homem, só porque o achasse único. «Tonta que tu és, Victoria... Pois não sabes que o amor se alimenta da diferença? O mistério é o que atrai. E, tanto, que pode levar à insensatez, à doídice...»

Era tarde quando Victoria e Hassan saíram do restaurante.

- Sim, estou sem carro - respondeu ela à pergunta que ele lhe formulou.

- Ainda bem! Mas, de qualquer forma, eu exigiria levar-te a casa.

«Lá estava ele a usar palavras carregadas de sentido que ela detestava. *Ele exigia*... Uma simples palavra remetia-a para uma convivência que a tinha feito sofrer, sem que ele se desse conta. E, por isso, nunca assumiu as culpas do extinguir da paixão que partilharam. Foi ela que teve de assumir toda a responsabilidade

da ruptura. Sozinha. Mas tudo isso era passado. Já não podia tornar atrás, e nem queria.

- Precindo do motorista - ouviu-o ela dizer. - E sempre queres ir já para casa? Vives certamente na mesma casa que era dos teus pais?...

- Claro! É a da minha infância; e, agora, infelizmente só minha, pois, como bem te deves lembrar, meus pais faleceram num acidente de automóvel. E remeteu-se ao silêncio. Lutava contra todas as emoções que lhe embargavam a voz. E nem sabia se era também por um certo prazer de voltar a estar com o ex-marido, se por arrependimento de ter aceite jantar com ele...

Não tinha passado assim tanto tempo desde que haviam feito aquele percurso sem o convencimento de que o faziam juntos pela última vez. Mas, afinal, não fora. Seria agora a última vez? O tempo que mediava contava-se por pouco mais de dois anos, embora lhe parecesse muito, muito mais. Entretanto outro homem entrara na sua vida! E dela saíra, também, como Hassan. E as duas semanas que estivera com um, confrontava-as com os dois anos que vivera com o outro...

O ex-marido lembrava-se, ainda, de como abrir o portão do jardim e onde estacionar o carro. Junto à porta da entrada da casa, ele estendeu-lhe a mão aberta para que ela lhe desse a chave. E Victoria, meia tonta, viu-o abrir a porta e entrar, atrás dela. Toda a habitação estava às escuras, e enquanto ele acendia as luzes, ela tomava consciência de que devia dizer, fosse o que fosse, para quebrar aquela intimidade que se adensava.

- Queres tomar um chá? - perguntou-lhe com uma especial entoação que envolveu a palavra 'chá'. A mesma intenção que

silenciou a oferta de uma bebida, fosse brandy ou whisky. E ele entendeu a alusão às proibições a que, em família, se sujeitava no Líbano, quando lá iam.

- Sim, prefiro um chá - respondeu ele naturalmente, como se nada de subentendido tivesse captado na oferta que ela lhe fizera. Afinal, quase nunca tocava em álcool.

- Se quiseres ouvir música fica aí. Deixa-te estar. Eu já trago o chá. E pouco demorou com a bandeja, o bule, as duas chávenas e um pratinho com as bolachas de gengibre e canela.

- Ainda fazes estas bolachinhas? Parece que estavam à minha espera.

- Mas não estavam, Hassan. Faço-as, ou mando-as fazer, muitas vezes. Tenho amigos que as apreciam tanto quanto eu ou tu, afinal.

O entusiasmo dele arrefeceu. Mas o chá estava quente e soube-lhe bem. Então recostou-se no sofá que dantes era o seu, a ouvir os mesmos discos que, tal como então, ainda ali estavam.

- Vou vestir uma roupa mais confortável - disse ela, ansiosa por uns momentos, sozinha. Não tinha coragem de o convidar a sair. Mas tinha de o fazer se ele tencionasse demorar-se.

No quarto, frente ao espelho, ela tentava tirar a gargantilha e abrir o fecho nas costas do vestido. Mas, num instante, apareceu no espelho, reflectida, a figura de Hassan. Era só o reflexo do seu ex-marido - pensou ela para se acalmar. Tudo o que não queria era descontrolar-se.

Com gestos delicados ele pegou-lhe nas mãos e baixou-lhe os braços, para ser ele a correr-lhe o fecho do vestido que era elegante e lhe ficava muito bem. Então, delicadamente abriu-lhe o fecho da gargantilha, que fora escolhida por ele, e

que brilhava no decote generoso! Victoria estremeceu quando sentiu o toque dos dedos dele na sua pele. «Se ele não me tira depressa a gargantilha do pescoço, eu sufoco».

Mais uma vez sentia-se culpada de não sabia o quê. Mas, junto dele, era sempre o que sentia. Talvez o facto de não partilharem os mesmos costumes: o de um homem, como ele, não poder suportar que a esposa não fosse apenas, e só, a sua mulher, como as outras da sua família. A verdade é que nunca houvera mentiras ou sonogamento do que era importante, de parte a parte. E até o facto de não terem a mesma identidade, dava mais fascínio à sua união, embora, pouco depois, já ambos constatassem como era difícil ultrapassar as diferenças que os separavam. E serenamente aceitaram o desfecho da relação, quando o momento certo o fez acontecer, ainda que numa forma violenta. Contudo, a serenidade acabou por tomar o seu devido lugar, de modo que o desfecho do divórcio se fizesse pacífico.

Victoria tentava que o seu corpo não participasse no contacto das mãos de Hassan. Porém, quando ele a voltou e a puxou a si, abraçando-a e beijando-a, ela sentiu o corpo lasso, como se fosse desmaiar.

- Não negues que ainda me amas - questionou-a ele com voz surda e rouca.

Então, ela não se conteve e gritou, descontrolada:

- Não!... Vai-te embora. Deixa-me! E empurrava-o na direcção da porta.

- Não faças isso, Victoria. Não desperdices o amor que ainda sentimos, um pelo outro. Vais ver que agora tudo será mais fácil.

Eu estou a viver em Nova Iorque e por cá ficarei durante bastante tempo. Nem que tenha de deixar a carreira diplomática.

- Mas amas-me assim tanto? - perguntou ela, lembrando-se do olhar dele que a aterrorizara quando fizera eco com a família...

- Ainda perguntas, Victoria? Apesar de tudo... Mas não, não voltemos a falar do que se passou.

- Deixa-me - gemeu ela. E Hassan voltava a abraçá-la.

- Vai-te embora! Vai... Deixa-me!... Não sabes que amo outro homem? Está longe, mas amo-o.

- Será que o amas? - perguntou ele, ao virar-lhe as costas para se ir embora.

E ela, num acesso de raiva, empurrava-o para o jardim.

-Sim. Eu amo o Alberto... Amo-o muito!

Agora, sozinha, toda ela tremia de frio e solidão. Precisava tanto de ser acarinhada pelo homem que amava. «Mas qual?» - gritou-lhe o coração. «Nenhum! Nenhum deles!» - respondeu a si mesma.

Sofrida e amargurada constatou que, apesar da sua consagração profissional e social, não voltara a sentir, em plenitude, o prazer de ser mulher. E era da presença de Alberto que sentia falta. «Nunca, nunca mais viajarei de barco!...»

CAPÍTULO 5

[...]

Não chegues a Port-Saïd, navio de ferro!

Volta à direita, nem eu sei para onde.

[...]

Fernando Pessoa - *Álvaro de Campos - Opiário*

«Sabes Victoria, hoje comecei a ter a certeza de que nunca mais ouvirás de mim palavras de amor, pois, certamente, não nos voltaremos a ver. E se acontecer tornar a encontrarmo-nos não poderei dizê-las porque já não as sentirei. É certo que por algum tempo, pouco, foste o amor da minha vida. Mas agora não és mais; no entanto, a tua recordação ficará algures, dentro de mim, sem que sejas uma lembrança dolorosa ou incómoda.

De vez em quando, pela vida fora, é provável que recordemos o encontro no nosso barco em Porto-Saïd, e a viagem que nele fizemos até Bombaim. Poderia ter sido de Porto-Saïd a Goa com amor, e, então, talvez eu não estivesse agora a escrever-te outra vez esta espécie de carta que não te enviarei. Por isso, nunca as lerás. Creio que não voltarei a comunicar contigo. Jamais o faria!

Ainda tenho muito para te dizer, mas calarei tudo o que dentro de mim gostaria que fosse partilhado contigo. Não te verei mais. Não irei procurar-te. E sabes porquê? Porque não creio que tu também, algum dia, me procures seja onde for.

Há dias, penso que sofri uma qualquer súbita perturbação semelhante a um colapso nervoso. Foram várias as condições, até as atmosféricas, que se conjugaram para que isso me tivesse acontecido. Já anteriormente, à saída de Lisboa, me tinha sucedido algo de semelhante; portanto, tu não és a culpada pela confusa agitação momentânea que a minha mente desencadeou. Então, e agora, logo retomei o estado de consciência, suficientemente lúcido, para decidir afastar-te do meu pensamento. E assim, Victoria, saíste da minha vida. Acho que estou curado daquele indizível domínio que a tua presença, ou até só a tua lembrança, exercia sobre mim. Por isso, esta é com certeza a última carta que te escrevo e que guardarei só para mim. No entanto, quero que saibas que não lamento, não lamentarei nunca que o barco que me trouxe à Índia tivesse ancorado em Port-Saïd. Não te ter conhecido e amado, teria sido uma perda na minha vida. Por essa razão, eu te agradeço o que me deste, e o modo como acolheste o que eu igualmente te ofereci. Esqueçamos a parte final da nossa história e deixemo-la em suspenso, para sempre. «Je ne regrette rien». Como ouvíamos na voz da Piaff...

Tu também não deves lamentar, penso eu.

E com o adeus mais definitivo que conheço na tua língua, me despeço, desejando-te felicidades e que realizes os teus desejos.

Farewell Victoria

Alberto»

PARTE IV

*Estranha idade nos deste, para que tua face se
estampasse no linho.
A vida nos pediste pela vida, peregrinos reunidos à
tua mesa.
E em verdade, em verdade, foi longo o caminho, e
nele rasgámos os pés, o caminho, e uma
espuma de corolas cresciam em seu flanco.
Onde quer que abrissemos o livro, teu nome se
imprimia, pois entre nós morava a morte por
então.
Preciso era que uma ave se levantasse. E não fosse
senão do clarão da alvorada, e não fosse, e
por ela suplicássemos: «Fica connosco, por-
que o dia vai no fim».
Depois veio o mais simples desse tempo: olhara
direito o esplendor dos lírios, de um trago
beber da esponja de vinagre.*

Mário Cláudio - *Poesia, Estâncias II-2*

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO 1

*Olha a seara madura
Penteada pelo vento,
Olha a fruta enrubescida
Pelos afagos do sol.*

*Retém no peito um suspiro
Amordaça o coração.*

*Olha o choro a entoar
Um louvor à criação.*

Delfim Ferreira Leão - *O Grau Feminino da Poesia*

Jamais a mãe de Xavier lhe deu a conhecer quem era seu pai. Mas, nem a ele, nem a ninguém. Era como se ela própria o não conhecesse, nunca o tivesse visto, nem soubesse que ele existira; ou, definitivamente, o tivesse esquecido.

Quando, D. Joana Barreto de Ataíde a foi buscar, e ao filho recém-nascido, ao Mosteiro, em Goa Velha, e os trouxe consigo para acolhê-los no seu lar, logo as Irmãs a avisaram de que a estranha rapariguinha pouco mais era do que uma criança que lhes aparecera ainda com sinais visíveis de parto recente, e com aquele minúsculo bebé ao colo, sem que tivesse aberto a boca para dizer uma só palavra. Às perguntas das religiosas ela esbugalhava ainda mais os seus grandes olhos

negros que maiores pareciam no rostozinho delicado de menina que ainda não tivera tempo para acabar de crescer. E sem proferir palavra, olhava-as intensamente, alternando o olhar para o fixar no seu filhinho. Era talvez a maneira de lhes pedir ajuda para o seu bebé que insistentemente gritava. E ela aconchegava-o nos seus bracinhos frágeis, apertando-o contra o peito que em nada se assemelhava ao peito de uma mãe que dera à luz um filho, tendo de o amamentar. Numa aflição desmedida procurava (expressando-se apenas com o olhar) que as Irmãs vissem que o seu seio, quase infantil, não tinha leite suficiente para alimentar a criança. Ele, bem vivo, sugava e gritava, insaciado. Ora voltava a procurar o mamilo, ora sugava os próprios dedinhos, tão secos como os seios da sua mãe.

Era um quadro de tal modo confrangedor que Joana não hesitou em levá-los, de imediato, para casa, mesmo sem consultar o marido. Entretanto, chegava uma das religiosas trazendo consigo uma ama de leite que sempre era possível encontrar-se ali no Mosteiro. E o bebé mamou até à saciedade. Finalmente consolado, adormeceu. E a menina-mãe, encostada a Joana, adormeceu também, de exaustão e de consolo por ver seu filho saciado.

- Como é que eu vou lidar com ela se não me entende? Será surda-muda? - interrogou-se Joana, mais para si própria do que à espera de resposta.

- Ela faz-se entender para o essencial que é o bem-estar do seu menino. E compreende-nos bem, tenho a certeza - referiu a Irmã parteira que já a observara e, entretanto, se juntara ao grupo, depois de ter mandado averiguar se alguém a conhecia.

- Deve ter vindo de longe com os peregrinos, e perdeu-se dos acompanhantes.

- Mas é estranho não a terem procurado...

- É tudo muito estranho - respondeu a Madre Superiora. No meio da confusão, perdida, ela deve ter-se afastado quando começou a sentir dores.

- Desculpe, Madre - contrapôs delicadamente a ama de leite - mas parece-me que ela reagiu ao contrário das outras: uma mãe quando chega a sua hora, procura auxílio. E ela já só nos bateu à porta com o filhinho nos braços. Certamente estava perdida e sozinha quando a Raquel a encontrou e a trouxe para cá.

- Encontrou-a lá em baixo, junto ao regato - entre os arbustos - continuou a Madre. Disse-nos que a viu a lavar-se e a limpar o bebé, à beira da água, e a embrulhá-lo nuns trapinhos que já trazia consigo. Apesar de meio tontinha, a Raquel soube ajudá-la e conduzi-la ao Mosteiro. Quando lhe abrimos a porta foi um espanto para todas nós, embora todos os dias tenhamos razões para ficar espantadas e doridas com o que nos aparece. Mas quem ela é, e de onde veio, é difícil sabermos. Talvez...

D. Joana não deixou a religiosa continuar e atalhou para acabar com as conjecturas:

- Posso levar a ama connosco para que fique também lá em casa a amamentar a criança?

- Pode sim, senhora D. Joana. Há muita procura de amas quando estão na condição em que a Constança se encontra: com leite e sem filhos. Ela ainda cá está porque perdeu, há pouco, a criança que deu à luz, depois de ter enviuvado. Leite não lhe falta, e amamentar um bebé só lhe fará bem, mais a mais, em casa de D. Joana.

- Então ela ficará em minha casa enquanto o bebê precisar. Depois, logo se há-de ver. Mas é uma mulher com bom ar.

- Constança é boa mulher, esmerada e competente em qualquer serviço - informou uma das Irmãs.

- Ela pode ficar connosco enquanto o desejar - concluiu D. Joana.

A Irmã parteira ia dizendo que o bebê augurava vida, ali aninhado e farto, no colo da ama de leite. Quanto à pequena mãe que o deu à luz, só necessitava de descanso e de ser bem alimentada.

- E de carinho - corroborou D. Joana. Depois, quando estiver recomposta, veremos se fala e que língua é a dela.

- Já experimentámos falar-lhe em concani, maranati, português, e hindi...

- E outras - disse alguém - Mas só parece entender-nos em concani e em português. No entanto, nem um som lhe tirámos da boca!

Tempo depois, à tardinha, D. Joana reparou que a pequena mãe fora sentar-se no jardim da casa, do lado da sombra, e debaixo do caramanchão das buganvílias cujas folhas e flores iam caindo ao sabor da viração que, soprada do mar, facilmente as soltava dos ramos recobertos com mais flores do que folhas. Caíam como se fossem de papel, leves, esvoaçando antes de irem atapetar o chão. «Tenho de lhe dar um nome, um qualquer, pelo menos até saber como é que ela se chama. Mas, primeiro, tenho de prepará-la. Chamar-lhe-ei Maria...» E, aproximando-se, fez uma festinha na bochecha de cetim do bebê, comentando:

- Que pena vocês não terem nome. Assim nem sei se és cristã e se desejas baptizar o teu filhinho para lhe dar um

nome. Toda a gente tem nome, todas as criaturas: os animais, as árvores e as florzinhas... E também o mar, os rios, o céu... Eu até já pensei ir às Igrejas, começando em Pangim e ir por aí fora, levando-te comigo, claro, para saber se foste ou não baptizada. Algum Padre ou alguém haveria de conhecer-te, em alguma igreja, capela ou mosteiro. Mas, mal D. Joana deixara em suspenso o que estava a dizer, a rapariguinha, num repente, ergueu-se e, com a mão livre, enclavinhou-a sobre as mãos de D. Joana poisadas no regaço, abrindo muito a boca como se fizesse um esforço excessivo para pronunciar o som que não saía. Só as lágrimas se lhe soltavam, como um rio. E o pavor estampado no seu pequeno rosto era tamanho e medonho.

Joana mal a vira, sentiu que a pequena há muito devia andar perdida e em estado de choque. E, agora, o olhar, o mutismo e o seu corpinho que mais parecia um farrapito enrodilhado, desvendava-lhe o sofrimento inenarrável por que ela devia ter passado. Fora, de certeza, violentada e violada brutalmente, mas por quem e onde? Ela até talvez soubesse quem lhe fizera tanto mal, mas o pânico de poder desvendar o aterrador e proibido segredo, levava-lhe a fala. Joana estava convencida de que havia um violador, e um segredo que ela era obrigada a guardar para salvaguarda do seu filhinho. Mais tarde, Joana contou ao Padre Nuno este revelador episódio e as suas próprias suposições.

- Sim, provavelmente o energúmeno proibira-a de falar, talvez com terríveis ameaças. Deve ter sido isso. A pequena não pode falar por estar ainda muito assustada. Quem sabe o que lhe terá acontecido? - comentou o sacerdote com ar de

comiseração, e preocupado. Mas Nosso Senhor, na Sua Misericórdia, pô-la em boas mãos. Chamámos a senhora D. Joana porque sabíamos que era pessoa para fazer qualquer coisa de bem por esta infeliz criatura. Aqui, no Mosteiro, temos muitos casos, mas não tão delicados quanto este. Ela precisa de cuidados especiais... E acho que não devemos voltar a fazer alusão aos tenebrosos momentos pelos quais ela passou.

- Vamos cumprir isso, Senhor Padre, prometo-lhe!

De seguida falaram sobre o baptismo da criança, mas não sem saberem se a mãe era cristã. Tudo indicava que era, pois Joana vira-a a benzer-se e, de olhos fechados, mexendo os lábios como se rezasse, enquanto o menino mamava. Então tirava-o do colo da ama para que ele bolsasse, e apertava-o nos seus bracinhos, encostando-o ao coração. Os dois coraçãozinhos batiam em unísono, como quando o tinha dentro de si. D. Joana olhou-os e concluiu que, naquele momento, ninguém lhe arrancaria o filho dos seus bracitos frágeis, que se tornariam fortes como cabos de um navio para o proteger, no seu colo. Contudo, quando ele chorava com fome, então era logo ela a pô-lo ao seio da ama. E observando-a, Joana reafirmou o seu propósito de nunca, nunca mais a pressionar. Amá-la-ia, somente, e ao pequerrucho. E todos, lá em casa, fariam o mesmo. Que ficasse sossegada e confiante.

Numa outra ocasião estando as duas com o bebé sentadas no mesmo sítio no jardim, de súbito, sempre abraçando o bebé, agora com um só braço, a pequena baixou-se e, pegando num ramito solto da buganvília, escreveu na terra que a sua mão alisara: «Sou Catarina cristã meu filho Xavier»...

Joana sentiu uma comoção indescritível por Catarina ser baptizada e saber falar e escrever português. «De certeza que cresceu num dos orfanatos dos mosteiros missionários de Irmãs oriundas de Portugal. E teria fugido do lugar em que foi criada, aproveitando meter-se no meio dos peregrinos, por estar grávida. Isto que estou a deduzir faz sentido. Assim chegou a Goa Velha antes de ter tempo de chegar ao mosteiro onde os peregrinos eram acolhidos. Deve ter ficado para trás devido ao peso da gravidez... E foi então que, desviando-se para o lado do regato, aí deu à luz sozinha. Mas como vou eu desvendar o porquê de tudo isto? Por que é que ficou tão aterrorizada quando ouviu a hipótese de irmos as duas procurar pelas igrejas, capelas, mosteiros e orfanatos, se alguém a conhecia, a tinha ajudado a criar ou, simplesmente, a tinha baptizado? E quem a teria engravidado? É aí que reside o cerne do mistério que a pôs em choque...»

Então, Joana envolveu nos seus braços Catarina e Xavier, pronunciando-lhes os nomes, pela primeira vez.

- Foste muito corajosa!... E nem eu nem ninguém precisa de saber mais do que aquilo que tu já me disseste. Um dia, quando voltares a poder e a querer falar, também só dirás o que quiseres. E hás-de falar para que o teu filho te ouça. E nós também, que gostamos muito de vocês. Não ficar sempre cá em casa -. Então beijou-a, alisando-lhe com a mão os cabelos lavados recentemente, e tratados pelas mãos de Constança.

-Anda, vamos para dentro. Precisas de descansar e são horas da mamada do Xavier. A Constança já deve ter acabado de cozer o bolo que a Conceição lhe estava a ensinar a fazer. E tu vais comer uma grossa fatia dele. Depois, hás-de também aprender a fazê-los.

A Conceição é uma óptima cozinheira e muito boa pessoa. E o marido, o Sebastião, também é um bom homem. Vais ver.

Então Joana percebeu que Catarina abanava a cabeça negativamente, como se o pavor voltasse, por ter ouvido falar de um homem. «Teria sido o jardineiro do Mosteiro em que viveu?» - interrogava-se Joana, apenas porque Catarina não suportava a presença de Sebastião. «Lá estou, outra vez, a ficcionar...».

No dia seguinte, logo pela manhã, ainda Joana tomava o pequeno-almoço quando ouviu o ruído de uma *charrette* a estacionar à porta. Pelas vozes, logo teve a certeza de ser a sua sogra. Intrigada, veio recebê-la; e, qual não foi o seu espanto, quando viu o cocheiro e a criada a carregar cada um a sua mala.

- A Senhora finalmente mudou-se cá para casa, Senhora D. Olívia? Dificilmente se habituara a tratá-la por mãe, como seria de bom costume. Mas por que razão haveria de tratar D. Olívia desse modo, embora fosse a mãe de seu marido? Era sua sogra e ambas se estimavam mutuamente, com muito carinho. Tanto, que D. Olívia entendeu e aceitou que a nora a tratasse apenas pelo nome.

D. Olívia, em resposta à pergunta de Joana, foi abrir as malas, ali no meio da sala; e, orgulhosa e consolada, exibiu dois enxovais que as suas amigas ajudaram a reunir na véspera. Bastou-lhe um dia para que ela pudesse vir entregar um enxoval completo para o Xavier. A mala trazia roupa em quantidade e tamanhos vários que ele poderia usar, pelo menos até aos dois anos, incluindo o lindo vestido branco e longo, para o dia do baptizado. Na outra mala vinham roupas também muito variadas para o tamanho da jovem mãe, e outras que permitiam

que ela crescesse e se fortalecesse. Roupa e sapatos não lhe faltariam, o que fez Joana ficar de boca aberta. E sem se dar conta, saiu-lhe a palavra que poucas vezes tinha dirigido a sua sogra, embora cada vez mais a usasse. Talvez por ter ficado orfã muito cedo, guardara a palavra que pertencia à memória de sua mãe. No entanto, agora, como em outras ocasiões raras, por muito especiais, a palavra saiu-lhe espontaneamente:

- Mas... Oh mãe, como é que a Senhora reuniu tanta roupa em tão pouco tempo?... É tudo tão bonito e novo, e em tão bom estado!... Assim, nem vou precisar de comprar nada.

Foi este o comentário de Joana, um pouco decepcionada por não se justificar fazer todo o enxoval que tanto prazer lhe daria...

Mas D. Olívia estava radiante. E isso bastava.

- Então para que são as amigas, se não nos ajudam quando chega a altura? E já viste que também vêm roupas e sapatos para a Constança? Nem da roupa interior ou das camisas de noite se esqueceram! Podes crer, Joana, que elas ficaram gratas por terem tido a oportunidade de colaborar contigo com esta migalhinha de ajuda a estas pobres criaturas. Pobres, é uma força de expressão. Que agora têm-nos a nós, como família. Deixa-me lá ir vê-los -. E Joana seguiu a sogra que avançou pela casa dentro até ao quatinho dos fundos.

- Ajeitaram-se, aqui, a Catarina, o bebé e a Constança, até fazermos as obras, lá atrás. Sem mexer na parte onde vive a Conceição e o marido, ampliaremos a casa onde os três irão ficar.

Sim, porque o Xavier a crescer, deste modo, vai precisar de muito espaço. Olha, olha as mãozinhas dele. Parece que já encheu todas as pelezinhas. Já nem está engelhadinho - observava D. Olívia com o olhar do seu afecto.

- Também, não exageremos - dizia D. Joana olhando para o bebé. Pouco tempo tinha passado desde que começara a sugar o leite de Constança. Mas era verdade: já fazia diferença e bem notória. O bebé fortalecia-se à medida que o afecto delas por ele também crescia.

- Hoje vou ficar aqui convosco até depois do chá. Só volto para Ribandar à tardinha. O Manuel e a Céu que veio comigo para fazer as compras da casa, vão-se embora pois têm lá muito que fazer; e, depois, o Joaquim irá levar-me.

- Acho muito bem - concordou Joana, olhando a sogra com ternura. E ele tem sempre um enorme prazer de ver a mãe cá em casa.

- Mas tu, ontem à noite, quando me telefonaste, não me disseste quem vai ser a madrinha do Xavier.

- Ontem à noite eu ainda não tinha falado com a Catarina sobre a escolha da madrinha. Mas, hoje, quando lhe coloquei a questão, ela foi muito clara, falando pela boca de Constança que propôs o nome da Senhora D. Olívia (que foi quem ofereceu o enxoval). Então, Catarina abraçou-a, e deu-lhe um beijinho, como se quisesse agradecer-lhe o facto de ela lhe ter lido o pensamento. E, eu só tive de fazer a tradução do beijinho revelador.

- E tu, Constança, vais levar o Xavier, no teu colo, à pia do Baptismo.

A resposta de Constança também foi sem palavras. Pegou no menino e deu-lhe muitos beijinhos...

- Sabes que eu aceito a decisão de Catarina? Apesar de eu já ser velha para ser madrinha de um bebé, tenho muito prazer de olhar por ele, enquanto for viva. Depois, se eu morrer antes de ele estar bem encaminhado na vida, vocês tomarão conta dele e farão o que eu faria.

- A senhora vai viver ainda muitos anos, se Deus quiser. E a sua responsabilidade, quanto ao Xavier, já é partilhada connosco. A Catarina vai ficar em nossa casa para sempre, se ela quiser. E, por conseguinte, a criança também.

- D. Olívia, encantada, voltou à questão do enxoval:

- Penso que vem aí roupa apropriada para a cerimónia do baptizado.

- As suas amigas pensaram em tudo!

- Pois... se não têm mais em que pensar...- retorquiu D. Olívia com um doce sorriso malicioso. E pegando no braço da nora puxou-a para o jardim.

- Diz-me lá, soubeste mais alguma coisa sobre a Catarina?

- Não, e nem me parece que alguma vez venhamos a saber. Aliás, prometi-lhe que não indagaria nada acerca da sua vida. É como se ela tivesse nascido quando deu à luz o filho. E o Joaquim concordou comigo. É melhor não falarmos, aventando hipóteses, sobre o seu curto e doloroso passado que, de todo, não conhecemos.

- Nem a idade dela sabemos... - cismou D. Olívia.

- Amanhã vamos ao médico, ao Dr. Faustino, para que ele veja mãe e filho.

- Acho bem! E tenho a certeza que o Sr. doutor os seguirá com interesse. Pode ajudar muito a Catarina.

- É o que pensamos - corroborou Joana, seguindo em direcção à cozinha.

- A Conceição espera as minhas instruções sobre o almoço. E, lá fora, o Sebastião também quer que eu o oriente sobre o corte dos arbustos e de algumas árvores, para ficar com mais espaço para o aumento da casa.

- O jardim está lindo. Ele é um bom jardineiro.

- E até pedreiro, agora, ele é. Pega em tudo o que é preciso ser feito. E faz bem tudo aquilo em que mete a mão. O Joaquim já lhe deu instruções para ele arranjar pessoal para aumentar a casa dos fundos. Sem mexer na parte em que eles vivem, mas pegada à sua, vamos construir a casinha da Catarina e do Xavier, onde a Constança ficará, também, enquanto estiver connosco.

- O Sr. Dr. Joaquim - dizia Sebastião - já me entregou o desenho da casa. Depois de feita, vamos rebocar as duas em conjunto, e pintá-las da mesma cor. O que o Sr. Dr. Joaquim não quer, é que desfeiem o jardim ou até o quintal.

- Não, isso não. E deixem um espaço aberto, largo, para que as árvores não as envolvam. Já sabes que não gosto de selva.

Mas, Senhora D. Joana, eu ando sempre a cortar nelas, a podá-las e a desbastá-las...

- Também no jardim da frente e dos lados da casa, quero que tenhas o mesmo cuidado. E o chão sempre limpo, sem terra misturada no saibro grosso.

«Esse teu medo dos bichos!» Costumava dizer-lhe o marido.

«Tenho medo dos bichos, muito. E principalmente apavora-me tudo o que rasteja...».

No quintal bastam as árvores de fruto, as samambaias, o ficus, o tufo dos bambus e pouco mais. Fico sempre assustada quando vejo os meninos a brincar no quintal, enfiando-se por entre os bambus e a ôdd...

- As cobras só saem das tocas ao anoitecer. E a Senhora sabe que os meninos a essa hora, não vêm brincar cá para fora. É muito menos para o meio das árvores.

- Vigia-mos, Sebastião. Toma bem conta dos meus filhos... Do meu António e do meu Francisco.

- Está descansada. Os meus netos, um com oito e outro com nove anos têm muito tino, como seu pai sempre teve - interveio D. Olívia, para frisar que não concordava que o seu neto, o António, tivesse de ir para um Colégio como aluno interno, apesar de sempre ter tido aversão pelo estudo. Nem na escola nem em casa conseguiam que ele fizesse os deveres ou ficasse atento às aulas. Não por falta de capacidades, pois mostrava inteligência e argúcia para aprender tudo aquilo de que gostava. Então pensaram, como solução, interná-lo num bom colégio inglês (que os havia em Goa), onde os métodos de trabalho lhe seriam inculcados. Esperavam que essa resolução desse bons resultados - consolava-se D. Olívia.

Joana nunca sentira apenas dó pela menina-mãe. Estabelecera-se entre ela e Catarina, de imediato, um afecto sincero, uma grande ternura, embora a pequena lhe guardasse uma certa distância que era respeito e deferência, e que perdurou. Joana percebeu que assim era quando, bastante tempo depois, ao entrar com ela numa loja, Catarina, ao ser interpe-lada, respondeu: «Trabalho em casa da Senhora D. Joana e do Senhor Dr. Joaquim. Vivo lá em casa, com o meu filho e trato agora, também, da menina Laurinha». Catarina definiu o seu estatuto em relação à família Barreto de Ataíde. Foi escolha dela. Provavelmente sentia-se melhor nessa posição, embora se orgulhasse de ser tratada como afilhada. Mas, por madrinha, ela só tratava D. Olívia, a madrinha de seu filho e sua madrinha do Crisma, quando aceitou testemunhar o seu querer, amadurecido e responsável de ser cristã, confirmando o baptismo que lhe tinham ministrado em pequena. No entanto, quando as pessoas se referiam a ela e ao seu

filho, nomeavam-nos como os afilhados da família Barreto de Ataíde.

Como todas as crianças saudáveis e amadas, Xavier, embora franzino, desenvolveu-se rapidamente tornando-se um rapazinho cheio de energia, de olhar vivo, inteligente e meigo. Apenas Francisco achava que Xavier crescia muito devagar, embora, agora no colégio, tivesse pouco tempo para brincar com ele. E muito menos António que, no colégio inglês onde gostava muito de estar, não tinha tempo para brincar, nem nas férias. Os desportos, os torneios entre os vários estabelecimentos de ensino de Goa e até de Bombaim, e, também as horas de estudo, não lhe deixavam tempo livre. Mas a sua preferência ia para o críquete que, isso sim, havia de ensinar o Xavier a praticar, fazendo do menino um futuro campeão.

Aconteceu, finalmente, que Joana realizava mais um sonho no seu casamento feliz com Joaquim. Esperava, agora, outro filho, depois de um largo interregno sem ter conseguido voltar a engravidar, embora sem perder a esperança de ter uma menina. Os dois partos muito seguidos e difíceis, com um intervalo de pouco mais de um ano, tinham-lhe provocado lesões embora não irreversíveis mas que dificultaram outra gravidez. Agora, que estava de esperanças, tanto lhe fazia dar à luz menino ou menina. Partilhou essa grande alegria com Joaquim que só não a amou mais porque não era possível. Mas comprometeu-se a amá-la ainda melhor, dando-lhe, até, o tempo que lhe faltava mas que ele ia conseguir, para estarem juntos. O nascimento de Laura deu grande alegria a todos. Até Catarina se modificou na sua maneira de ser. Fisicamente havia-se tornado numa pessoa muito diferente da menina enfezada que fora mãe antes

de crescer. Mas medrara a olhos vistos, conjuntamente com o filho. Era agora uma rapariga bonita, de porte altivo e elegante, embora de expressão humilde, quase de inferioridade. Quando interpelada por essa sua atitude e postura, retorquiu:

- Sou como os da minha casta...

- Mas que casta, Catarina? Não digas isso. Aqui em casa não há castas! A religião cristã foi a primeira a tentar aboli-las; mas, séculos antes da União Indiana, aboliu a dos intocáveis. O Evangelho ensina que todos os seres humanos são iguais, seja qual for a sua origem ou a cor da pele. E que sabes tu da tua casta?

Ela, porém, não respondeu. Continuava a falar o menos possível, até com D. Joana ou mesmo com o filho. Para comunicar com eles quase lhe bastava o olhar, a expressão e os gestos que valiam por palavras exactas e profundas. No entanto, falava bem português, com alargado vocabulário, quando e com quem era necessário entabular conversa. Ora isso, para Joana, era uma hipótese de que Catarina fora criada por religiosas missionárias portuguesas, que as há em grande número nas várias Missões que existem em Goa. Mas o mistério permanecia e Joana estava convicta de que dificilmente, ou nunca, seria desvendado. E, agora, que Catarina falava, se não se lhe referira era porque tudo esquecera. E isso é que importava.

Havia sido num dia normal, sem que ninguém o esperasse, que Catarina começara a falar. Depois de Laura nascer, com ela ao colo, abria-se-lhe a boca para sussurrar-lhe palavras cheias de meiguice. E agora que Laura era já uma promessa de mulherzinha, com ela e com o filho, Catarina brincava e falava, contando-lhes histórias e ensinando-os a cantar. Joana, obser-

vando a Catarina mulher, pensava: «Quem diria que ela trazia este acervo consigo, de lá de onde veio e onde foi certamente feliz, até ser medonhamente desgraçada. Mas trouxera consigo a semente de felicidade. «Deus é Misericordioso!» - costumava dizer Catarina, tantas vezes, como se fora islâmica.

Depois do nascimento de Laura, Constança, que preparava o desmame de Xavier, para voltar ao Mosteiro, acabou por ficar mais algum tempo lá em casa a convite de D. Joana, não tanto para continuar a ser ama de leite, visto Joana pensar poder amamentar a sua menina, mas para ajudar no que fosse preciso. Afinal, o leite insuficiente de Joana pouco durou, e Constança acabou por ficar para amamentar a pequena Laura.

A permanência da ama Constança, lá em casa, ajudando Catarina, com as crianças, foi um grande auxílio e descanso para Joana. Assim, podia continuar a acompanhar o seu marido em algumas deslocações que ele tinha de fazer em serviço. Especialmente a Margão, Joana acompanhava-o com muito prazer. A cidade era linda e evoluída. E lá, várias famílias, de longa data relacionadas com a família Barreto de Ataíde, faziam questão de recebê-los nos seus palácios. Joana tornava-se cada vez mais goesa, mesclando os seus costumes metropolitanos com as tradições e os usos indianos de Goa. Uma das amigas, casara em Lisboa com um advogado goês, colega de Joaquim, que lá se formara, e a trouxera para o enorme palácio de onde ela não mais quis sair, nem sequer de visita à metrópole. Tudo o que amava e a encantou estava ali em Margão. Ia a Pangim apenas para visitar amigas, entre as quais Joana. E ambas aproveitavam bem o tempo. Iam ao cinema embora

Margão tivesse mais salas de cinema, e mais oferta cultural do que Pangim; iam às recepções, ao Clube Nacional, acompanhadas pelos respectivos maridos, agindo e sentindo como goesas de nascimento. No entanto, a conversa dos quatro incidia sobre Portugal. Não o esqueciam, mesmo não sentindo a nostalgia da ausência e da lonjura. Debatiam, em comum, as suas preocupações quanto ao futuro político da Índia Portuguesa, tendo dificuldade em aceitar que os seus territórios alguma vez deixassem de ser portugueses.

Entretanto, os dois casais, talvez pela dificuldade em encetar as despedidas, combinaram, para breve, uma visita a Kerala. Todos desejavam visitar o Forte de Cochim, especialmente a Igreja de S. Francisco, tendo sido ambas as construções mandadas erigir pelos Portugueses. «A Igreja data o seu início em 1502 e os restos mortais de Vasco da Gama lá repousaram antes de terem sido trasladados para Portugal - lembrava Joana, com os conhecimentos que a Faculdade de Letras de Coimbra lhe acrescentara. Tencionavam ainda aproveitar ir a Mylapore para visitar a Basílica de S. Tomé que também os portugueses fundaram no séc. XVI, sobre o túmulo do Apóstolo que àquelas paragens chegara no séc. I d.C. Perto da Basílica fica também uma igreja católica fundada por um monge franciscano em 1516. «Quantos laços de longa data, unem Portugal à Índia!» - comentavam eles. Tantos, que nem valia a pena serem rigorosos no destrinçar dos que eram lenda, ou realmente história.

(Página deixada propositadamente em branco)

PARTE V

*E somos inocentes, quando vimos
mostrar o nosso rosto de afogados,
perfeito cada incêndio anunciado
de dentro, bem de dentro, incêndio, ou golpe.
Assim as terras longe se encontraram,
despidas como o tacto das maçãs,
unidas a si próprias, e a seus ventos,
seus monstros hibernando junto às fontes.*

Mário Cláudio - *Do Espelho de Vénus de Tiago Veiga*
Vénus Genitrix, 9

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO 1

Moça Morena e Ágil

[...]

*Moça morena e ágil, o sol que fez os frutos
o que dilata os trigos, o que retorce as algas
fez o teu corpo alegre, os luminosos olhos
e essa boca que tem o sorriso da água*

[...]

Pablo Neruda - *Vinte Poemas de Amor
e uma Canção Desesperada*

«Sou portuguesa de Goa, católica e fruto de sangue indiano e de sangue branco europeu. Desde que há memória e registo na família sabe-se que os nossos antepassados hindus já habitavam estes territórios quando as primeiras caravelas portuguesas chegaram à Índia com os conquistadores desta terra. E com eles vieram os missionários que logo devem ter convertido os meus antepassados. Devem ter sido dos primeiros a ser baptizados pelos jesuítas. A avó Olívia está convencida de que foi o próprio S. Francisco Xavier que baptizou os seus ancestrais. Neles se cruzaram os Menezes, os Gama, os Costa, os Barreto, os Souza, os Albuquerque, etc. É verdade que durante o comando de Afonso de Albuquerque, e, por ordem dele, especialmente as belas muçulmanas cativas e outras, indianas, foram baptizadas para se tornarem esposas dos soldados

portugueses que lhes fecundaram o ventre dando origem aos *casados*. E por todo lado, os lusos deixaram a sua semente nas mulheres com quem tiveram *comércio*, por essas terras com as quais foram tendo contacto. Nos territórios tornados portugueses, deixaram os *descendentes*, embora não seja motivo de orgulho para os indianos, pertencerem aos *descendentes*. Ainda hoje estes são tratados sobranceiramente por aqueles que o não são. Aqui, dos europeus herdaram-se os nomes cristãos pelo baptismo, não pelo sangue. Mas eu orgulho-me de ter sangue branco português misturado com o indiano. A nossa família sempre se orgulhou de as suas raízes estarem em dois continentes, o que nos enriquece.

Diz a avó Olívia que a sua avó Rose, escocesa, era ruiva e bela como a flor que lhe deu o nome. Eu sou morena, mais escura do que a minha mãe que é portuguesa branca, e não sendo loira tem a pele e os cabelos claros, e os olhos esverdeados. É linda como não há outra. Mas dizem que sou parecida com ela e também muito bonita. Serei? Gostaria de saber se herdei o tal falado mistério da beleza da mulher euro-indiana, que nem sei que mistério é esse. Por acaso, o Dr. Alberto achou-me encantadora e afirmou-o à frente de todos. O que quer dizer que me viu como uma miúda. Se olhasse para mim e me visse como uma mulher, não o teria dito dessa maneira.

O Francisco, sempre que o trabalho de ambos lhes permite, costuma ir buscar o amigo e leva-o a conhecer a cidade. Às vezes, eu também vou. Lembro-me do interesse com que o Dr. Alberto apreciou as estátuas de Afonso de Albuquerque, de Camões e até do goês Abade de Faria que descobriu o uso do hipnotismo. Alexandre Dumas inspirou-se nele para o seu

livro «O Conde de Monte Cristo». E frente ao Largo da igreja, erigida em lugar cimeiro, Alberto admirou a branca igreja de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, barroca, à qual se ascende por uma escadaria monumental de flancos trabalhados. A torre sineira, no frontão, é ladeada por duas torres. No lugar desta igreja existiu uma capela que os navegantes visitavam logo que, de Lisboa, chegavam a Goa, dando graças pela viagem. Apreciamos o que há de mais bonito em Pangim e nos seus arredores, desde as praias à floresta onde crescem as árvores que são preciosas: o sissó, a teca, o sândalo, a cânfora, o pau-rosa e muitas outras. Mas agora o Dr. Alberto já vai sozinho para onde quer, guiando o jipe e, quase sempre, dispensando o motorista. Por isso, pouco o vejo. Apenas cá em casa, ou na casa da avó, e raramente. Só quando janta connosco.

Laura gostava muito que a avó lhe falasse da antepassada Rose Margaret, avó de D. Olívia. Dizia que ela tinha a pele mais branca do que o leite de búfala, o que não a impediu de ser uma fervorosa defensora das tradições indianas, daquelas que convergiam com as cristãs para a união das pessoas. Por isso, toda a gente gostava dela. Por amor ao marido tornou-se goesa católica, sem que tivesse vivido em Goa. O oratório, frente ao qual todos os dias rezava *completou-o*, juntando às imagens cristãs, uma pequena escultura, muito colorida, do deus Ganesh, tão venerado pelas suas amigas hindus que, envoltas nos belos e sedosos saris, lhe frequentavam a casa. Algumas dessas imagens trouxe-as D. Olívia consigo quando, com seu avô, veio viver para Goa. E não esqueceu o simpático deus com tromba de elefante que (quem sabe?) traria muitas benesses

para o seu novo lar e lhe daria a sabedoria da vida. Assim, as veneráveis imagens dos católicos e hindus lá permaneceram no novo oratório, sem que alguém tivesse coragem, ou interesse, em destrinçar este estranho sincretismo, ao qual ela ainda juntou Lakshmi que colocou aos pés do Crucifixo de marfim. As razões da avó Rose eram lógicas e plenas de respeito pelos seus amigos hindus. E jamais, lá em casa, alguém a contestou. Com D. Olívia sucedeu o mesmo: boa católica, adorava Deus numa representação da Santíssima Trindade, e venerava as imagens dos santinhos, tantos, quanto as peanhas do oratório podiam comportar. E lá estava Nossa Senhora da Conceição em destaque, Santo António, S. Francisco, e São Patrício, benevolmente acompanhados por Lakshmi (a deusa da riqueza) e pelo auspicioso senhor Ganês (ou Ganesh), deus do conhecimento e fautor de outros proveitos abençoados.

Alberto estava em Ribandar, junto ao rio Mandovi, a convite de D. Olívia, embora desta vez somente tivesse, por companhia, a senhora e a sua neta Laura.

O solar, ou o *lagarto*, como D. Olívia gostava de lhe chamar, devido à forma que os acrescentos lhe deram, era bastante antigo mas sempre bem conservado, embora as belíssimas janelas do lado do jardim e da entrada principal trabalhadas no topo, em leque, continuassem a ter as carepas (e não o vidro) para filtrarem a luz crua do sol, tornando-a mais suave, leitosa, e não deixando entrar o calor.

Mas D. Olívia tinha razão, o solar lembrava, de facto, um gigantesco crocodilo, dormitando na margem do rio, e rodeado por um fresco e bem tratado jardim. A *cabeça* poisava no

relvado que atapetava o espaço, desde o portão até à porta que dava acesso à entrada da casa. A *bocarra* do desmedido *lagarto* era a entrada para o vestíbulo que se ligava ao salão de visitas. Do lado do rio ficava o pequeno cais onde um bote a remos ondulava nas águas, preso a uma grossa estaca, junto à qual tinha começo o muro que rodeava a propriedade. A sala de jantar ocupava uma parte do *ventre do avantajado réptil*, deixando largo espaço para o salão e salas, e para os quartos de dormir que se prologavam até à *parte grossa da cauda*. A área restante chegava para outras pequenas divisões, ocupando, a cozinha, *a parte terminal da cauda*. Daí, abria-se a porta para os anexos no quintal arborizado com o pomar e as árvores preferidas da dona da casa. Longa varanda voltada para o rio, da qual se avistavam os mangais e as ilhas de Chorão e Divar, refrescava a grande mansão através das portas envidraçadas quase sempre abertas. As grossas portadas de madeira apenas eram cerradas na altura das tempestades. Então, até o bote era recolhido e posto a salvo das águas revoltas das cheias que chegavam a lambar os altos alicerces da casa, continuando ilesos. O *lagarto* estendido à beira-rio, parecia querer ligar Ribandar, da Nova à Velha Goa.

- No final da semana, quando terminar o seu serviço hospitalar, se tiver dispensa, vai logo direito a minha casa, de onde só voltará a sair na segunda-feira de manhã - impusera D. Olívia, sem dar azo a que Alberto contrapusesse qualquer razão para a recusa do convite, mais a mais, estando ausentes a nora e o neto. - Joana, como sabe, acompanhou o Francisco a Bombaim para conhecer melhor a futura nora e a família dela.

- E, acima de tudo, para rever o meu irmão António - lembrava Laura.

- O Joaquim prometeu-me que, no domingo, pelo menos, virá almoçar connosco. Assim espero. Aquele meu filho trabalha de mais... E não se esqueça, Dr. Alberto, que tem de guardar algum tempo para mim, pois tenho umas coisas que lhe quero mostrar.

E claro que ele reiterou à amorosa senhora, o enorme prazer que tinha em ficar ao seu dispor. Estar com D. Olívia, dar-lhe todo o tempo para a escutar e dialogarem sobre os mais diversos assuntos, era a melhor maneira de passar o final da semana - afirmava ele, gentilmente. Laura que os ouvia, sentia-se esquecida e posta à margem. «Ainda bem que vim munida de revistas que me emprestaram. E tenho aqui bons livros na biblioteca da casa. Posso ler o que quiser, sem os olhares da *censura* da mãe e do pai.

A avó já lhe tinha posto no quarto o romance da Coleção Azul, o “John Chauffer Russo”, de Max du Veuzit. Laura nunca se interessara por ele, apesar de algumas das suas amigas já o terem lido e apreciado muito. Lê-lo-ia também, já que augurava ter tempo de sobra para ler esse e os outros livros que a avó não lhe colocara no quarto. Antevia que Alberto ficaria *preso* durante todo o tempo, sabendo qual seria o tema da conversa: a um canto da sala, os caixotes preciosos da avó já estavam a postos para serem abertos. «Pobre Dr. Alberto!»...

Joana partira para Bombaim com Francisco, ansiosíssima de abraçar o seu filho do meio, António José, e a nora que estava de esperanças. Um neto, ou neta, era o mais precioso

dos presentes que António e Inês lhe poderiam dar. A si e a Joaquim. Quantas vezes trocaram impressões pela alegria da chegada de um neto. E agora já estava tudo combinado: o baptizado seria em Ribandar, e o casamento de Francisco com Patrícia haveria de ter lugar em Bombaim. Joana sorriu ao lembrar-se da recomendação de Catarina para que, tanto o baptizado quanto o casamento, se realizassem em Goa, e não em terra estranha. Como se fosse possível a noiva e seus pais cederem a tal sugestão! «Faz tudo para ganhares a simpatia da mãe da noiva» - tinha-lhe recomendado D. Olívia. Mas nem foi necessário esforçar-se. Já se conheciam desde o casamento de António José com Inês, embora Joana mal se lembrasse de Patrícia. Ainda bem que uma forte empatia aconteceu entre ambas. Joana achou Patrícia, embora mais nova, parecida com Inês:

- Não é para admirar. São primas e cresceram juntas, muito unidas. Têm os mesmos gostos, até na maneira de se vestir - comentaram as duas cunhadas, mães de Inês e de Patrícia.

- Que lindo casal vocês fazem! - exprimiu Joana, comovida, olhando o filho e a futura noiva.

- A mãe disse o mesmo de mim e da Inês... Recorda-se?

- Claro que sim, meu filho. E tinha toda a razão para o afirmar... Que lindas noras os meus filhos me deram. Sim, porque Patrícia já a vejo também como minha nora.

- A Inês e eu só lamentamos que o Francisco não queira vir fixar-se em Bombaim e, por isso, nos leve a Patrícia com ele.

- Quem sabe se um dia não terei de me radicar aqui e deixar de ser português. Ou, então, optar por Portugal e ir para lá. Ou ainda, e é o que terei por mais certo, para não deixar a minha

amada terra, passar a ser um indiano em Goa - proferiu Francisco com ar magoado, à laia de resposta ao irmão.

- Percebo o que queres dizer.

- Mas eu não! O que sabem vocês que eu não saiba?... - quase gritou Joana, num estremecimento de alma que a gelou de preocupação. - O que é que está a passar-se entre a Índia e Portugal? Digam-me, por favor.

- Nada de novo, minha mãe! - responderam-lhe os dois. - E o pior é que o Governo Português, ao negar-se à possibilidade das negociações para a autonomia dos Territórios Portugueses da Índia, pode levar a perdermos tudo, e acontecer a integração mais depressa do que pensamos.

- Não, isso não! - interveio o sogro de António - Nehru tem muitos outros problemas a resolver. E a questão de Goa há-de pensá-la e resolvê-la na altura oportuna, sem pressa...

Joana estava surpreendida com as palavras e as ideias, nelas implícitas, que Francisco expusera. Não duvidava de que o filho preferira sempre a autonomia administrativa da sua terra, a qualquer outra solução, de modo que o esforço para o seu progresso fosse mais de acordo com o querer dos goeses católicos de cultura luso-indiana, ainda que em minoria, considerando a população total, mas cuja finalidade fosse uma vida melhor para todos os habitantes. Tendo em conta o desenvolvimento do Território de Goa, Damão, Diu e os Enclaves, em todos os aspectos, e para bem de todas as suas gentes, seria melhor a Autonomia. E melhor para Portugal, mantendo-se, assim, as relações seculares. Joana via-lhe no olhar uma amargura e um desencanto que não se coadunavam com o encetar do seu noivado. E, como mãe, adivinhou que o filho teria de escolher

o seu futuro, não só o seu mas também o de Patrícia; e foi essa responsabilidade que veio ao de cima, explodindo nas palavras amargas que proferira.

Entretanto, António José chegara-se ao irmão e transmitia-lhe palavras de futuro. «Vamos ver no que isto dá... A verdade, eu sei, é que Nehru, que o Ocidente admira e a quem a União Soviética gostaria de prestar ajuda, não é só um intelectual invulgarmente inteligente e preparado. Aparenta ser, e é, um homem frio, paciente e tolerante; mas a sua determinação não tem limites. E, tal como Gandhi, é um defensor da não violência. Mas é muito instado pelas Forças Armadas para resolver a integração da Índia Portuguesa na União Indiana» - concluiu António, olhando para a mãe como se lhe pedisse ajuda. E ainda acrescentou: A União Indiana é um enorme país cheio de potencialidades para vir a tornar-se numa grande Nação. Vejam as mudanças já notórias desde a independência! Nehru tem muito em que pensar, cá dentro...». Todos compreenderam e aceitaram a sua intervenção. Afinal, António, era mais indiano que português. Até em Londres estudou como sendo indiano e não goês! Mas sem perder a nacionalidade de português de Goa, acabou por obter o passaporte inglês.

- Vocês parecem esquecer que logo em 1950 graves tumultos se deram no Instituto Indo-Português aqui em Bombaim - lembrou Francisco.

- Deixemos este assunto que, de uma forma ou de outra, escapa ao nosso controlo. Qualquer solução, vamos acreditar, será a melhor - referiu o pai de Inês.

- Tem razão, meu sogro. Com as duas nacionalidades ficaremos bem.

- Não, António, tu sabes que para todos nós não será assim! Teremos de escolher, caso se dê a integração pela União Indiana: Se eu escolher ser português não posso continuar em Goa - esclareceu Francisco. E concluiu: - Por hoje já chega de preocupação de ordem política. É o dia em que vim pedir a mão da minha noiva e não quero ver-lhe no olhar qualquer laivo de tristeza ou preocupação. - *Carpe diem!* - citou ele a expressão latina para desanuviar o ambiente. Viver e gozar um dia de cada vez era o que agora convinha, embora ele não fosse capaz de o fazer. Neste momento sentia a falta do seu amigo Alberto, pois só com ele podia mostrar as suas reservas quanto aos dias que se vislumbravam sombrios.

De regresso a Goa, Joana pressionou o filho a contar-lhe o que sabia sobre o futuro da sua amada Goa, em tudo preferida para nela viver toda a sua existência.

- Não há mais nada que eu saiba, em concreto, que a mãe e o pai não saibam também. E o pior já começou. Com o bloqueio económico, já anunciado, veio a necessidade dos vistos para se entrar em qualquer parte da União Indiana. Acabámos de ter essa experiência...

A viagem serviu para que mãe e filho abordassem assuntos cheio de interesse nas suas conversas. Há muito que não conversavam tanto.

Graças aos ingleses, que deixaram os muitos milhares de quilómetros de linha férrea e carruagens de grande conforto, para quem tivesse posses para as ocupar, a viagem de quinhentos

quilómetros, entre Bombaim e Goa, poder-se-ia fazer agradavelmente, se houvesse linha férrea, a partir do norte do Território de Goa. Mas não havia. A única via, para um comboio mais apropriado ao transporte de matérias primas, entrava em Goa pela fronteira leste passando perto da cidade de Margão, directa ao porto de Mormugão, na desembocadura do rio Zuari. Por isso, o melhor para os viajantes era o transporte em barcos de cabotagem.

Francisco, durante o seu noivado de um ou dois anos, como estava previsto, algumas vezes teria de percorrer essa distância entre Goa e Bombaim, não prevendo grandes dificuldades para conseguir o visto, até porque o irmão e o sogro poderiam mover influências, caso fosse necessário. Ele pretendia ver e conversar com a sua noiva antes do casamento, para não o realizarem conhecendo-se mal.

A violação das fronteiras, pelas invasões dos *satyagrahis*, desarmados gritando «Viva a Índia», pretendiam usar a técnica da não violência proposta por Gandhi, anunciando a necessidade urgente da solução tentada a nível diplomático, antes que fossem os militares indianos a agir. Mas o Governo Central ignorou o perigo, embora já se acreditasse que isso pudesse, um dia, vir a acontecer; mais a mais, estando agora cortadas as relações diplomáticas.

«E só a solução encontrada nas Chancelarias poderia ter minimizado os efeitos das pretensões da Índia. Agora vai sendo tarde» - constatava Joaquim. Passava-lhe pela cabeça pegar na família e ir para Bombaim, onde poderia recomeçar a vida como advogado indiano, mas cristão de Goa, e não porque

temesse retaliações dos integracionistas mais extremistas que sabiam do seu empenho e simpatia pela autodeterminação. Mas tudo isto eram conjecturas de antecipação, embora daquilo que, por certo, iria passar-se. A mais refractária em deixar Goa era, não a mãe, mas a sua mulher; mesmo tendo um filho em Bombaim, Joana não admitia ir para lá viver. E para Portugal, nem pensar. Deixar os filhos e os netos (que haveriam de nascer), tão longe, não lhe era possível admitir, nem como hipótese. Ela preferia permanecer em Goa, ainda que a forçassem a ser indiana nos documentos oficiais. Não via outra saída. E Joaquim e a sogra acabaram por concordar com ela. Apenas, a Laura, agradava a ideia de ir para Lisboa. Quanto a Francisco, também não queria abandonar a sua terra natal. Sabia que, deixar a Índia, não faria sentido para aquela que ia ser sua esposa. Ser-lhe-ia muito penoso deixar a família tão longe. E ela, afinal, até já era indiana... Tornando indiano, deixando de ser português, ele poderia continuar a trabalhar em Goa. Só mudaria a nacionalidade. Mas não era isso o que nem ele, nem seu pai, desejavam. Pelo menos para já, tinham outros planos para pôr em prática, mesmo sem saberem se a situação vigente permaneceria durante poucos, ou mais anos. Ambos tinham começado a pensar no assunto.

Desde que estava em Goa, Alberto sentia-se quase feliz. Encontrara-se finalmente consigo próprio; e, sereno, sem a angústia do *mal de vivre* desfrutava a amizade e a companhia dos Barreto de Ataíde, de alguns amigos, camaradas e de goeses que estudaram em Lisboa ou em Coimbra.

Mas de uma coisa ele estava consciente: era a de que não fora talhado para a vida militar. Desempenhava as tarefas que

lhes eram cometidas com probidade e zelo, como era seu dever, especialmente dando o melhor que sabia e podia para tratar os doentes e, mais do que isso, acompanhando-os e dando-lhes o seu tempo. Por vezes preferia a companhia deles à dos camaradas. Tinha dificuldade em lidar com a hierarquia militar, embora ressaltando excepções. Afinal, estabelecera uma boa relação com o Coronel-Médico que, preparando a sua partida para Portugal, não deixou de o ajudar a integrar-se nas tarefas que tinha de desempenhar. Sendo bem mais velho do que Alberto, o Oficial compreendia a sua falta de vocação para a vida castrense. Cumpria o seu dever, embora por vezes fosse tentado a contornar as ordens que tinha de pôr em prática, não por prazer, irreverência ou espírito de subversão, mas porque dificilmente perdia o hábito de racionalizar os porquês de todas as acções que tinha de desempenhar. Frequentemente esquecia-se de tomar conhecimento das ordens de serviço para o dia seguinte; e, logo, antecipava os problemas que essa falta lhe traria se não cumprisse rigidamente o regulamento. Valia-lhe, por enquanto, o Coronel que, a título de saborearem juntos um chá, conversavam sobre o trabalho, como se fosse o balanço do dia que acabava enquanto tomava conhecimento das ordens do dia seguinte. «Só tenho de entrar na rotina»...

«O Senhor Coronel-Médico é um excelente oficial, tanto quanto é um médico bem preparado e muito boa pessoa» - escrevia Alberto a seu pai, visto eles se terem conhecido, ainda que vagamente. Tinham em Lisboa amigos comuns. E Lisboa era ainda um meio pequeno para quem tinha algum destaque social.

Foi ao tomar conhecimento desse facto que Alberto compreendeu porque é que o seu acto que, de tão gravoso que fora,

podia ter sido tomado por insubordinação, afinal, lhe fora relevado apenas com um dia de detenção. Não tanto o nome de seu pai mas, muito mais, a compreensão tolerante do Coronel e a sua consciência profissional de médico, evitou-lhe uma pena mais pesada do que aquela que sofreu. Fora, o caso, o seguinte:

O hábito de resolver as tarefas que tinha de desempenhar, racionalizando-as pelos seus próprios pressupostos, em vez de estar atento ao cumprimento rigoroso das ordens superiores, levou-o, logo na primeira tarefa a desempenhar no Hospital, a transgredir a ordem de serviço. Mas o coronel-médico entendeu que não houvera propósito de desrespeito. No entanto, o oficial de dia não deixou de o invectivar, com uma expressão mais dura do que as palavras que usou: «O senhor alferes-médico tinha obrigação de saber que as vacinas eram apenas para os soldados brancos. Foi falta de ponderação, foi até mais do que um acto irreflectido que não se pode aceitar. O senhor tem toda a obrigação de saber o que é a imunidade! Logo, desperdiçou as vacinas com os soldados naturais desta terra e com os sipaios vindos das colónias de África». «Como se também eles não apanhassem as doenças tropicais», remoía, para si, Alberto, durante o tempo em que estivera sujeito às averiguações. «Fiz de propósito!» apetecia-lhe gritar. Mas ainda bem que ficou calado. De outro modo, considerá-lo-iam louco e nem dos choques eléctricos se livraria... Só agora se dava conta do quão temerário fora na sua atitude. Ainda por cima, a exigir não só várias agulhas (que ia desinfectando como podia), mas também algumas seringas. Recusara-se a dar a vacina com uma só seringa para todos.

O Major não lhe perdoara o atrevimento; mas o Coronel-Médico compreendeu-o e, por isso, o ajudou. O escândalo

da atitude de Alberto foi comentado no Hospital, embora o Comandante exigisse que, pelo bom-nome das Forças Armadas, não passasse para fora. E assim procederam. Como se não tivessem ouvidos, nem língua para comentar!...

E foi, de imediato, que Alberto sentiu a repercussão do processo a que fora sujeito. Alguns camaradas, mesmo sem proferirem uma palavra, davam-lhe palmadinhas nas costas. Outros, olhavam-no com um ar de quase desprezo e afastavam-se com receio que ele lhes pegasse o bacilo do espírito revolucionário (quem sabe?), vermelho. Outros, ainda, dirigiam-lhe picardias, para as quais, ele não tinha ouvidos. «E não são todos soldados portugueses?» era a frase de Alberto, repetida, por troça, por alguns situacionistas que se julgavam os únicos patriotas. Alberto ignorava-os, simplesmente.

Numa terra onde as raças e as castas ainda determinavam os actos mais insignificantes que se intrometiam até na estrutura castrense, aquela sua atitude fora tida como inqualificável.

- Ele é louco...

- É arrogante!...

- Sente-se superior a tudo e a todos...

- Não é bem assim!...

- Eu acho que foi uma grande lição que ele nos deu...

- A quem? Aos que são como ele?... Por mim dispenso as suas lições. Para pró-vermelho basta o Nehru que, com as suas amizades no Kremlin, ainda nos vai dar problemas...

- Que sabes tu das ideias políticas do nosso alferes-médico?

Estes eram alguns dos comentários contraditórios que se ouviam.

As esposas dos oficiais, devido à chuva, passavam a tarde na Messe, a jogar partidas de «mah-jong», enquanto comentavam as novidades que sempre alguém se comprazia em trazer. Por sua vez, as senhoras levavam-nas, em «segredo», a outros círculos de amigas. E tudo se sabia, tudo se inventava ou empolava. Não havia mais nada para fazer... Na matinée do Nacional, no domingo seguinte, toda a gente *ignorava* o que se passara no Hospital Militar.

«O meu marido nem me contou nada. Não sei o que se passou». Mas, de soslaio, as senhoras iam olhando o doutor, admirando-o como se ele fosse o Gregory Peck ou o Gary Cooper.

- Vocês viram o filme “As quatro penas brancas”? É aquele em que entra aquele actor... - E era deste modo que mudavam de conversa quando Alberto se aproximava. Para uns ele era o bom herói. Para outros, o subversivo, quiçá perigoso. Era assim a nova pele que lhe colavam ao corpo, tornando-o centro das atenções, coisa que ele detestava, e o levava a isolar-se ainda mais dos camaradas militares, acabando por se resolver a deixar a messe, embora passado pouco tempo já todos ou quase todos, o tratassem com respeito e, até, com uma certa deferência. O seu refúgio era a casa de D. Olívia que a Senhora teimava em oferecer-lhe, para que ele lá ficasse. Porém, Joana foi mais directamente ao encontro da vontade do amigo de seu filho. Depressa lhe arranjou um confortável bangaló. E, para servi-lo, não faltaram impedidos e criados competentes.

Eram em número reduzido os portugueses metropolitanos que habitavam Goa e, menos, ainda, proporcionalmente, no restante Território. No entanto, em Pangim, os naturais da Metrópole que lá viviam por estarem em comissão de serviço ou

tempo indeterminado devido a outras circunstâncias, quer fossem militares, quer funcionários dos vários Ministérios, com as respectivas famílias, formavam um grupo de agradável convívio. Com alguns deles a Província abria-se às novidades mais recentes do espírito europeu, saído do pós-guerra, que pretendia criar condições de vida dignas para todos. E revigorava-se também o Cristianismo. Para isso, em Goa, muito tinham contribuído as comemorações do quarto centenário de S. Francisco Xavier. Até para Alberto fora ocasião para reencontrar um pouco da sua fé da catequese que andava perdida. Ele visitava, amiúde, a Basílica do Bom Jesus onde, no seu túmulo de prata, S. Francisco Xavier dormia, mas com pouco sossego, devido aos inúmeros peregrinos que também, ali em frente, visitavam a Catedral do Padroado do Oriente, que o é desde 1514. Estas igrejas que se erguiam no vasto terreiro arborizado, que era bastante aprazível. Pelo menos fora arranjado para as recentes comemorações. Porém, era com a família Barreto de Ataíde que ele, ao domingo, frequentava a Igreja paroquial para assistir à Missa, mais por consideração para com os amigos, do que por convicção.

O Estado português tratava agora, com afínco, do desenvolvimento de Goa, Damão e Diu, mas especialmente de Goa. Começava a dar-lhes as infra-estruturas que lhes faltavam. Goa precisava de muito mais do que a limpeza que começou em 1950, para a celebração em 1952, do quarto centenário da morte de S. Francisco Xavier, e que foi feita, especialmente, em Velha-Goa, restaurando também alguns dos monumentos que ainda era possível serem recuperados, tal como o Arco dos Vice-Reis. A Sé, a Igreja do Bom Jesus, e outras igrejas tiveram

sempre a preocupação do Governo de as manter em devido estado. No entanto, grande parte do património perdeu-se por incúria. Foi o que aconteceu ao palácio do Xá Adil, depois residência dos vice-reis, do qual apenas restam os pilares que ladeavam a porta, com o lintel.

Velha-Goa ficou de cara lavada para receber os muitos e ilustríssimos visitantes, e não só portugueses, do clero, da sociedade civil e das Forças Militares. Mas só agora, finalmente, se falava na construção de um Hotel condigno para receber visitantes: o Hotel Mandovi.

Pangim, ou ainda Nova-Goa, modificava-se. Devido à carência de tudo, notava-se agora que o esforço político para o seu desenvolvimento, proporcionava melhor condição de vida aos seus habitantes. Em várias áreas, o Território Português ganhava com o Plano de Desenvolvimento. Joana comentava para Alberto que «Goa, a fervilhante e bela Goa de Quinhentos, particularmente a Velha-Goa dourada, tinha nessa altura uma população à volta dos 300 000 habitantes. Nem Lisboa, nem sequer Londres, nesse tempo, chegavam a ter essa população. Por isso se dizia «que quem vê Goa não precisa de ver Lisboa!»

CAPÍTULO 2

Sensibilidade

*Que sensibilidade me sobe
da passada adolescência?
Que agudeza dos sentidos
me perturba a consciência
[...]*

João José Cochofel - *Os Dias Íntimos*

Joana preocupava-se com o futuro da filha. Não queria que ela casasse muito nova. Preferia que continuasse os estudos, embora sabendo que as meninas não tinham grande hipótese, pois ainda não funcionava a parte feminina do Liceu, e nem os Colégios de Religiosas ministravam o 7º ano, apesar de a modernização do ensino estar a fazer-se. Por conseguinte, ou iria para Bombaim, por sugestão da avó, ou para a Metrópole - solução que Joana preferia. (Afinal, é o que acontece com Xavier). No entanto, seu marido entendia que, desejando Joana que a filha tivesse um diploma antes de casar, então o mais simples era mandá-la fazer o curso do Magistério Primário, ali em Goa. E foi Laura quem ficou mais interessada na proposta do pai, pois que, à mãe, a solução não agradou muito. Tinham as férias para resolver o assunto; e Joana preferiu aguardar que a situação se clarificasse. Mas

Laura decidiu fazer o Magistério Primário e preparar-se, *por fora*, para tirar o 6.º e o 7.º ano.

Apesar do recato da sua educação, tinha facilidade de se entrosar com outros grupos sociais. Falava correctamente inglês e, desde pequena, o concani; dava catequese na igreja paroquial e, talvez, por isso, tivesse ficado entusiasmada com a ideia de vir a ser professora de crianças. Joana esperava a oportunidade de falar com Alberto sobre o assunto, pois habituara-se a comentar com ele os problemas que a preocupavam. Ainda há pouco tempo o tinha conhecido e já lhe custava pensar que, quando acabasse a comissão, ele regressaria à sua terra, a Lisboa. «Todos nos habituámos demasiado à sua presença», constatava ela. «E, depois, iremos sofrer com a sua ausência; todos nós, incluindo a Laura... Acho que me tenho descuidado com a minha filha, mas vou colmatar essa falta, embora saiba como é difícil que ela se abra comigo. Está numa idade problemática, delicada, e, por isso, terei de ser mais atenta e presente. Podemos sair as duas, ir à cidade Vasco da Gama visitar o Instituto, o museu, a biblioteca... Meu Deus! Como tenho descuidado a minha filha!... Deve ter sido por não querer ver quanto ela cresceu. Preocupo-me quando a vejo melancólica, embora, logo a seguir, ela me apareça esfuziante, levando-me à constatação da sua normal condição de adolescente a tornar-se mulher».

Alberto também reparara que Laura estava muito desenvolvida, em todos os aspectos, para a sua idade, mas afinal as amigas da mesma idade não o estavam menos do que ela. Quer lá em casa, quer na praia, as conversas das meninas remetiam para os mesmos centros de interesse que já nada tinham de infantil. Todas elas a amadurecer a adolescência, tornando-se mulheres.

Laura e Xavier cedo deixaram de procurar ficar juntos nos seus tempos livres; e, esse afastamento tornou-se mais notório à medida que foram crescendo e escolhendo outras companhias e outras ocupações. Foi também a doença dele, a primo-infecção que ele teve nos pulmões que os afastou. O Dr. Nery Sampaio fez questão de o levar para a sua casa, em Pondá, onde o tratou. Em Pangim era mais difícil, dado o clima e os hábitos que ele ganhara de só estar bem ao pé do mar ou do rio.

Desde pequeno que o passatempo preferido de Xavier era ir para o cais do rio ver chegar e partir os barcos de cabotagem, veleiros e os pequenos cargueiros. Outras vezes, aproveitando levar os livros de estudo, pegava na bicicleta e ia sentar-se debaixo da pérgola, em frente à praia de Miramar, quedando-se a imaginar as naus e galeotas, caravelas e galeões que há mais de quatrocentos anos chegavam ao Mar Arábico e fundeavam na baía do Mandovi, vindas de Lisboa. Um dia havia de chegar a sua vez de fazer a mesma viagem, entre Lisboa e Goa, em paquetes, veleiros ou navios mercantes que, rumando também ao porto de Mormugão, lá alijavam a carga, enchendo de novo o bojo e os porões. Mas ele nunca falara com Laura desse seu anseio, nem aos amigos com quem jogava críquete, ainda que sem descuidar o estudo. No Liceu sempre quisera ser, em tudo, o melhor; e agora, a acabar o 7º ano, nenhum colega teria melhores notas, especialmente em Matemática que era, e sempre fora, a sua disciplina preferida. Era ele quem dava explicações a Laura quando ela necessitava, e essa era ainda uma maneira de estarem juntos, agora que já não iam brincar para o quintal. Crescer afastava-os, mas o tempo que lhes sobrava davam-no àquilo que gostavam de fazer. Ela ficava ao piano; ele ia prati-

car desporto. Para além do críquete, era a natação a actividade desportiva da sua preferência. O Liceu Nacional Afonso de Albuquerque e outras escolas, entre as quais as inglesas, organizavam torneios de várias modalidades em que ele sempre participava, com a prévia anuência do Dr. Nery Sampaio, o seu médico.

O Dr. Joaquim, sempre que podia, lá estava a puxar por ele e a aplaudi-lo, orgulhosamente. Para Xavier era este o melhor prémio que os torneios lhe podiam dar... Apesar dos seus problemas de foro íntimo, Xavier tinha consciência de que era um rapaz afortunado. Tinha uma família como não havia outra, tinha bons amigos e, como estes lhe diziam, até as raparigas o preferiam. Admiravam-no pelos seus sucessos e mostravam o seu interesse por ele, nas matinés dançantes do Nacional, onde Xavier não ia para dançar. Mas nenhuma o prenderia. O seu futuro não era ali em Goa, principalmente por causa de Laura que se distanciara dele à medida que foram crescendo; mas, mesmo que não fosse possível ela partilhar desse futuro que teria o mar de permeio, ele não podia trocar a imagem dela por outra mulher. Desde criança que a tinha no coração; e o pior, é que a mãe adivinhara o seu segredo e sofria com isso. Por meias palavras e alusões, Catarina mostrava ao filho a absoluta impossibilidade de ele realizar esse seu absurdo desejo de vir a casar com Laura. E o certo é que ela também nunca se interessara por outro qualquer. «Mas ainda bem» sentia Catarina «que aparecera o Dr. Alberto para distrair a menina das suas fantasias de criança. Laura e Xavier cresceram juntos, gostavam muito um do outro, mas nada mais podia suceder em relação ao afecto que partilhavam. Catarina já estava descansada em relação a Laura. Porém, quanto ao seu filho, sofria por ele e com ele.

Por essa razão, aceitara de boamente a ideia de D. Olívia o querer mandar estudar para Lisboa, talvez para a Escola da Marinha.

O único que, em parte, contrariava esse projecto, era o médico que o tinha tratado dos pulmões. O Dr. Nery Sampaio, amigo dos Barreto de Ataíde, convencera-os a deixá-lo levar o menino (tinha ele onze anos), para sua casa em Pondá, onde mais facilmente, o poderia controlar e tratar radicalmente. O convívio com o mar era-lhe nocivo. A humidade pastosa bloqueava-lhe os pulmões não o deixando respirar como devia. Tinham de tirar-lhe da ideia a carreira que ele pretendia, embora, é certo, tivesse ficado completamente curado, sem sequelas; só cicatrizes.

Tinham passado duas semanas sem que Alberto e Laura se tivessem voltado a encontrar. Ele espaçava as idas lá a casa, e Laura, apesar de sentir a sua falta, aproveitara a ocasião do retiro do final do ano para voltar ao Colégio.

Quando, dias depois, ambos se reencontraram, Alberto fez-lhe notar que sentira a sua ausência, mas não questionara ninguém para saber dela.

- Esteve fora?...

- Sim, estive no Colégio, num retiro, a fazer penitência...

- A fazer o quê?

- Penitência. A meditar e a rezar pelos meus pecados e os dos outros.

- Não sei se percebo o que me está a dizer...

- Noutra altura lhe explicarei. Agora vamos para dentro, pois vim chamá-lo para o jantar. Como sabe, a avó, mesmo na nossa casa, aprecia o rigor nas horas das refeições.

- Mas, diga-me. Não são apenas os monges, os padres e as freiras que fazem retiros? - continuou ele, curioso, e duvidando de que ela falara a sério.

Laura não lhe respondeu porque, entretanto, chegara Francisco. Então, já na sala, ela sussurrara-lhe:

- Amanhã vamos passar o dia a Ribandar, e lá explico-lhe. Pode ser que também queira participar num retiro, tal como eu. Só lhe faria bem!

Assuntos pendentes, relacionados com o trabalho deles na Administração Pública, prenderam o Dr. Joaquim e o filho em Pangim. Joana assegurava que iriam jantar a Ribandar. «Por isso, o Alberto podia levar a Laura e D. Olívia, se não se importasse».

- Tenho lá em casa o almoço à espera de todos. Ao menos, vamos nós. Nem um dia de feriado o meu filho e o meu neto podem gozar! - comentou D. Olívia

- É pior ainda! - lembrou-lhe Joana. - Têm as cerimónias relativas às comemorações que o feriado celebra.

- Vamos então nós os três, cedinho, antes que o calor aperte.

E, como o carro já os esperava, puseram-se a caminho desfrutando a frescura das margens do Mandovi, até ao palácio de D. Olívia. Alberto sempre estranhara denominarem deste modo a mansão, ou palacete de Ribandar, mas era costume de Goa e, pelos vistos, de toda a Índia, chamar palácio às casas grandes, às maiores e mais ricas, embora não fossem necessariamente sumptuosas e muito menos, em relação aos espaventosos e verdadeiros palácios indianos.

Após o almoço, D. Olívia retirou-se para a sua sesta na cadeira *voltaire*, na qual, com as pernas levantadas e poisadas sobre os

longos braços de madeira alisada, a senhora se sentia confortável e mais fresca do que na cama. Entretanto, Laura propusera a Alberto ir até à biblioteca. Ela mostrar-lhe-ia alguns livros de escritores da Índia Portuguesa que tão mal conhecidos eram na Metrópole. Depois, se ele quisesse ficar a ler ou a fazer a sesta, que ficasse à vontade, pois ela iria para o seu quarto acompanhada pelo livro que numa das prateleiras acabava de escolher.

Alberto notava que Laura estava diferente, mais distante. Mas não via o que é que tivesse acontecido que fosse causa da mudança da atitude dela para consigo. «Ou aconteceu?...» remoía ele, enquanto Laura fechava a porta atrás de si.

Já só quase pelo meio da tarde ela voltou à biblioteca, onde ainda esperava encontrá-lo.

- Tenho estado a ver e a folhear, com muito interesse, estes livros que me indicou, e que irei ler. Eu não conhecia estes poetas e ficcionistas goeses que devem ser muito mal divulgados em Portugal. E nem se entende porquê!

- Isso não sei; o que sei é que alguns são realmente interessantes. Vai gostar de os ler. E, mais logo, se quiser, venha comigo apanhar o fresco do rio, lá em baixo, junto à margem.

Ele anuiu. Iria após o chá.

Chegado à saleta, encontrou-a vazia. Apenas em cima da mesa reparou com alguma admiração, num exemplar do Jornal de Notícias que na capa trazia a notícia, com uma fotografia, da abdicação do rei Faruk do Egipto e, em consequência disso, a entrada de prevenção da Esquadra Britânica do Mediterrâneo e as Forças do Canal de Suez. Porquê um jornal de 27 de Julho de 1952, já tão antigo, ali poisado na mesa?...

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO 3

*Desçamos ao fundo do desejo
Atrás de muito mais que a fantasia*

Alexandre O'Neil

Quando D. Olívia convidara Alberto a permanecer sentado junto dela, à mesa do chá, de onde a criada acabara de levar a bandeja, pretendia mostrar-lhe alguns jornais. Alberto, com uma certa curiosidade, anuiu com palavras de agrado à proposta da senhora.

D. Olívia, nos seus gestos delicados, começou por abrir a caixa que continha os jornais com referências à família. Quase todos os exemplares eram de «A Vida» e de «O Heraldo», publicado em português, mas outros eram em concani, e até em inglês, publicado em Goa.

- Vou mostrar-lhe notícias várias que vieram a público sobre esta nossa terra e sobre a nossa família. Nestes relatos estão representados os momentos mais significativos da minha vida e de todos aqueles que foram e me são mais queridos: nascimentos, festas, viagens, casamentos, doenças, mortes... tudo, o bom e o mau aqui está estampado. Acha estranho, Dr. Alberto, que eu tenha guardado os jornais para reviver estes acontecimentos?

- De maneira nenhuma! Apenas um pouco insólito, até pelo trabalho que a Senhora tem em preservá-los. Cada exemplar

embrulhado nesses panos odorizados com - penso eu - especiarias e folhas secas. E resinas cheirosas como o benjoim, além de aparas de cânfora e sândalo. Ele tinha feito a Farmacopeia e conhecia bem estas fragâncias.

- São plantas contra os bichos. E o linho que os envolve é para não apanharem humidade.

Alberto olhava para a senhora, mais espantado do que devia: mas, à medida que D. Olívia lhe ia lendo, uma ou outra notícia mais relevante, ele ia ficando saturado. Na sua cabeça já se misturavam os nomes, os acontecimentos, os mortos e os vivos... Cabeceava de sonolência sem que o pudesse evitar. Mas D. Olívia nem reparava. Lia e comentava e, por momentos, em silêncio, ficava-se a religar os factos, para logo continuar...

Alberto atingira o limite da sua paciência: mexia-se na cadeira, tirava o lenço da algibeira limpando as gotículas da transpiração que, da testa, já sentia correrem-lhe pela face, e ia fazendo alguns comentários que extrapolavam dos relatos que D. Olívia recitava. Sim, porque a Senhora já quase sabia de cor todos os textos sem precisar de os ler. E nem se dava conta da exasperação de Alberto.

Finalmente, Laura veio libertá-lo:

- Não quer vir para a varanda apanhar o fresco da tarde e ver o pôr-do-sol? Ó Avó, por favor, dê tréguas ao Dr. Alberto!

Ele balbuciou uns monossílabos, mas os seus olhos expressavam tal gratidão para com Laura, que ela pôs-se a rir.

- Venha, aqui na sala abafa-se.

- Espera, Laurinha, eu só queria mostrar agora ao Dr. Alberto os jornais, especialmente *A Vida* que publicaram os contos e os

poemas do teu avô. Pode ser que noutra altura os queira ler?... E olhava para Alberto interrogativamente.

- Com certeza! - dizia ele. Mas espantava-se com o ar de orgulho e carinho da Senhora, pelos trabalhos literários do marido. Seria que D. Olívia conseguira transmitir ao homem com quem casara alguma da sua sensibilidade? E a sua admiração pela avó de Laura era maior do que o enfado a que ela o sujeitara.

- Eu vou, Laura. Eu vou para a varanda. Até porque a senhora D. Olívia, por hoje, já está cansada de ler tantas notícias...

- Desculpe eu não ter ido salvá-lo mais cedo, mas estava tão entretida com este livro que me esqueci de que estava, há muito tempo, a ser atormentado pela minha avó.

- Não, não foi tão mau assim! Ao menos fiquei a conhecer os acontecimentos relevantes da vossa família. Até a licenciatura de Francisco lá é referida. E o seu exame do 5.º ano! E os seus aniversários...

Laura atreveu-se a olhar para ele frontalmente e, por momentos, fixou-o nos olhos. Depois, levantou-se e perguntou-lhe:

- Importa-se que eu vá buscar-lhe a guitarra para que a música de Coimbra embale o Mandovi, tal como embalou o Mondego? É que o Mandovi só conhece a sitar.

Alberto sorriu-lhe e não foi capaz de negar-lhe o pedido.

- Eu vou, eu vou buscá-la. Deixei-a no meu quarto.

- Mas passe ali pelo fundo da varanda para a avó não o ver...

Não era a primeira vez que Laura o ouvira tocar, ou cantar. A voz dele e a sua guitarra, tinham-na transportado para o ambiente de Coimbra, como se lá tivesse vivido. Agora, talvez o mesmo lhe sucedesse. Desceram da varanda para a margem

do rio, sentando-se nos blocos de pedra (quem sabe se vindas das ruínas de Goa Velha), e ali ficaram a deixar-se absorver pela música, na paisagem esplêndida. Estranhos sentimentos e intraduzíveis emoções percorriam os nervos e a pele de Laura no arrepió que a fez estremecer, provocado, não pela brisa desfeita, soprada do Mar Arábico, mas pela tormenta que a música e as palavras entoadas pela voz nostálgica de Alberto, tornava quase insuportável. Ela apercebeu-se de que o seu corpo se transformava como se, de repente, tudo nela crescesse e a tornasse diferente. Não tinha apenas os cinco sentidos. Outros, que não saberia definir, se lhe acrescentaram. E penosa era a angústia que a trespassava. Mas esses momentos que experimentou revelavam-se também numa sensação de enorme prazer que a entontecia e lhe dilacerava as entranhas, provocando-lhe uma vergonha imensa que se tornava aflição. Era intolerável o que sentia. Mas o grito para a libertação desfazia-se na alma e aninhava-se no coração. Tamanha era a beleza que a possuía, demasiada para o seu corpo frágil, para a sua alma impreparada... Por isso, os sentidos cederam e dos escombros geraram-se as mais desordenadas e obscuras emoções.

Os dedos de Alberto, insensíveis a estes sentimentos, feriram as cordas da guitarra que gemia e chorava, traduzindo, através da plangência das notas musicais, o turbilhão do vendaval que a beleza desencadeara. Laura ainda estremecia na confusão e na desordem dos sentidos que lhe tinham desvendado segredos recônditos. O corpo rígido, os nervos contraídos e os músculos tensos, doíam-lhe penosamente. Só os fados, as canções, as baladas do Bettencourt, do Camacho, do Menano

e do Anarolino (que era amigo de Alberto e de Francisco), exprimiam e interpretavam o que ela sentia.

Os últimos acordes que Alberto tangeu, e a que a sua voz envolvente deu corpo e alma, foram levados pela corrente branda do rio Mandovi.

Laura olhava para ele, agora serena mas fascinada, e ele sorria-lhe, naquele sorriso doce dos seus lábios finos. Ela teve, nesse momento preciso, a revelação do seu amor acabado de nascer. Do seu amor por ele.

O silêncio do entardecer despertou-os. O globo solar, parecia polvilhado com as cores do arco-íris que se expandiam, em faixas, e se misturavam nos farrapos das nuvens que desciam do céu para se desfazerem no mar, tornando imprecisa a linha do horizonte. O vento começava a soprar, agitando os ramos finos das árvores esguias, acompanhado pelo rio rumoroso que balbuciava palavras primitivas que só os peixes e as aves entendiam.

Um carro estacionou na entrada do portão aberto. Eram os pais de Laura e o irmão que chegavam a tempo da hora do jantar para, logo a seguir, regressarem a Pangim, tal como Alberto, após o breve serão de domingo.

Laura ficaria mais uns dias em casa da avó. Precisava de sossego, de espaço e de tempo para estar sozinha, de modo a conseguir disfarçar dos outros a exaltação que a presença de Alberto lhe provocava, agora que sabia que o amava. Nem a ele, muito menos a ele, queria revelar o seu segredo. Depois voltaria a Pangim para, como era costume, ir com a mãe e as amigas, até à praia. O pai e o irmão, e provavelmente Alberto, lá iriam ter, sempre que lhes fosse possível, ainda que só ao

cair da tarde, para se «refrescarem» com os mergulhos nas águas quentes do Mar Árábico. Escolhiam durante a semana as praias que lhes ficavam mais à mão, quase sempre a de Miramar. Mas frequentavam também a Aguada, D. Paula e outras, um pouco mais distantes, ao domingo. Muitas e belíssimas praias era o que não faltava na orla marítima de Goa, onde a elegância dos coqueiros e a sombra das palmeiras vergando os troncos para que os seus ramos se beijassem, as tornava mais frescas, mais aprazíveis.

O Cine-Nacional anunciava para o sábado seguinte, à noite, e para a matiné de domingo, o filme *E Tudo o Vento Levou*. Laura já nem conseguia reprimir a sua ansiedade. Ver um dos mais belos filmes, como as revistas de cinema o anunciavam e descreviam, era motivo para fomentar a sua impaciência. Mas quando, na véspera, alguém, ao serão, falou nos bilhetes que não foram reservados e deviam ter sido, Laura sentiu-se desfalecer. No entanto, Francisco resolveu o problema e ainda conseguiu três bilhetes para sábado à noite que seriam para os pais e para Catarina, e três para a matinée de domingo, destinados a Laura, Francisco e Alberto. D. Olívia preferia o teatro, e outras festas lá no Nacional, ao cinema que lhe cansava os olhos e a cabeça.

Alberto pediu desculpa por não se ter antecipado na aquisição dos bilhetes, mas... fora coisa que não lhe viera à ideia. Não se lembrou que era um filme especial, ainda que já bastante antigo. E todos sorriram, uns para os outros, pelo seu pedido de desculpas. «Não tinha de o fazer» - diziam-lhe. E além disso, conheciam bem as suas distrações. Por essa razão é que Francisco

já se habituara a antecipar-se ao amigo, mesmo quando era do interesse apenas deles os dois, ou até só de Alberto, fosse numa situação idêntica, ou de qualquer outro cariz.

Catarina, enquanto servia o almoço de domingo, como era seu costume, não se cansava de falar no filme. “Até o senhor Dr. Joaquim me teve de emprestar o seu lenço para eu enxugar as lágrimas - dizia ela - ensopei o meu com a *guerra...*»

- O meu não to emprestei porque também precisei dele - lembrou Joana, apesar de já o ter visto anteriormente. Só Catarina e Laura não tinham tido a oportunidade de o ver.

- Mas não falem agora no filme. Não contem nada - implorou Laura, olhando para o mostrador do seu Tissot.

- Temos de nos apressar. Hoje a sessão da matinée começa uma hora mais cedo porque o filme é muito longo. E talvez seja preferível irmos de carro - sugeriu Francisco.

- Não acho que seja necessário - contrapôs Alberto. - Depois deste almoço convém-nos ir a pé para suportarmos melhor as horas que vamos estar sentados.

E foi o que decidiram. Laura não se pronunciou. Por um lado estava ansiosa por chegar ao Nacional; mas, por outro, o passeio a pé ao lado de Alberto, era um prazer já antecipado que não desejava perder.

- Está anunciado “O Grande Caruso” com o Mário Lanza - lembrou Francisco.

- Espero que não seja no dia da festa dos meus anos.

- E vai ser uma grande festa, se Deus quiser - augurou Joana.

- Memorável - corroborou o dr. Joaquim, olhando ternamente para a filha que, daí a dias teria dezasseis anos.

- Só tenho pena que o meu Xavier não tenha visto este filme. Fica-se a saber o que é o horror da guerra e, também, como as pessoas, por tontice, por falta de cabeça e com os sentimentos embrulhados, entram numa confusão que lhes estraga a própria vida, e a dos outros!

Então, Francisco chegou-se a Catarina e abraçou-a pelos ombros: - Deixa lá. Ele vê-lo-á com certeza. Mas do que ele gosta é de filmes de *cowboys*...

- E dos passados no mar, com piratas. O filme preferido dele é, ou pelo menos era, o Gavião dos Mares. E eu também gostei muito. O Errol Flynn é tão bonito!

Mas Laura, logo se envergonhou do que dissera ao ver o sorriso zombeteiro de Alberto.

- São horas, vamos... E foi a primeira a sair.

Francisco, no intervalo do filme, encontrou um amigo com quem gostaria de trocar umas palavras; combinaram que, no final da sessão, esperariam um pelo outro, para conversar um pouco.

- Vão andando que eu já vos apanho. E vão depressa que não tarda a voltar a chover. Nós, lá dentro, nem demos pelo aguaceiro.

Ele tinha razão. Por vezes, antes da monção chegar, os dias nebulosos, mesmo nos meses mais quentes, fazem com que as nuvens, saturadas, bolsem pequenos aguaceiros que, nem sempre, são assim tão pequenos.

As cores ígneas do pôr-do-sol, escondidas pelo vapor brumoso, fazia a noite cair rapidamente. Alberto pegou no braço de Laura e puxava-a de modo que ela igualasse o ritmo dos seus pés pelos dele, que era mais rápido. Mas isto era o que ela, de todo, não queria, mesmo que a chuva a ensopasse. Com a roupa leve que usava nem tinha importância que ficasse

molhada. Logo secaria. Agora caminhavam em silêncio, pois qualquer palavra poderia denunciar o que sentiam. As faces dela queimavam-lhe debaixo dos pingos de chuva como se fossem incendiadas por um sentimento esquisito de vergonha ou, qualquer outro semelhante, como o pudor. Mas esta era uma palavra de que ela não gostava; por isso nunca a usava, tal como pejo ou pundonor... que são palavras de adultos.

- Cuidado com as poças. Os seus sapatos brancos vão mudar de cor. - E, rodeando-lhe os ombros, puxou-a a si para lhe conduzir os passos, conforme os seus. Silenciosos, partilhavam a estranha calma que o anoitecer arrastava, apesar da expectativa da borrasca. O andamento dele tornava-se mais lento enquanto a rodeava, agora pela cintura, puxando-a mais a si. Laura sentia-se levada pelo ar, como se levitasse. E ambos experimentaram a mesma impressão pelo toque dos seus corpos. Ela pensou que, na sua anca, devia poder ver-se uma roseta de fogo. Finalmente, chegados ao portão da casa ele largou-a e, só então, reparou que os cabelos dela pingavam.

- Corra para casa, Laura, que os pingos viraram bátegas. Mas ela nem se mexeu. Permanecia estática, à espera de não sabia o quê. Ele despedia-se dela, roçando-lhe os lábios nos cabelos sedosos e ainda perfumados. Depois olhou-a nos olhos e beijou-a na frente.- Corra por favor, Laura, corra para casa.

E ela corria sabendo que a forma como ele a beijara nos cabelos e na testa, não foram beijinhos de ternura. Conheceu a diferença na pressão e no calor dos lábios dele.

Francisco chegara, entretanto. Mas já Laura se esgueirava pelo jardim e Alberto saltava para dentro do seu jipe que ali deixara estacionado. Agarrado ao volante gritou para Francisco:

- Até amanhã! À tarde vou ter contigo ao teu gabinete para falarmos. Boa-noite! - E já não ouviu o amigo a responder-lhe.

Laura entrou em casa logo seguida pelo irmão. Estava perturbadíssima e envolvida por singulares emoções. A mãe, que já a esperava, notou-a estranha, mas remeteu a causa da perturbação da filha para o filme. Nele, até o que era belo, era-o de uma forma violenta. «Laura soçobrou a tão fortes emoções» - deduziu Joana. E limitou-se a perguntar:

- Então, filha, gostaste do filme?

- Foi lindo de morrer!... Amanhã falamos. E, agora, se a mamã não se importa vou subir para rememorar as cenas de que mais gostei. Não me leve a mal eu não descer para jantar. Está bem?

- Está!... O pai vai compreender. A Catarina leva-te um copo de leite e uma boa fatia de bebinca para te alimentares. Não fiques toda a noite a fantasiar. Sonhar de olhos abertos pode ser perigoso. Olha filha, deixa que os sonhos te povoem a mente apenas quando estiveres a dormir porque, esses, desvanecem-se depressa e não deixam marcas.

Joana não valorizou muito a atitude da filha; sabia que a adolescência provoca estados e situações que são a forma de se aprender a conhecer e a dominar as emoções, os afectos e os sentimentos. «Mais a mais», dizia Joana a Alberto quando, mais tarde, conversaram a respeito de Laura e do filme: «a sensibilidade que ela possui e a inteligência viva que desde pequena a leva, antes do tempo, a querer entrar no mundo dos adultos, faz-nos perceber que o filme lhe tenha convulsionado o seu mundo afectivo, sempre exacerbado, até pelas leituras

e pela sua fantasia. As próprias amigas estimulam a sua capacidade de efabulação, sempre à espera que ela lhes conte o que lê e... até o que sonha. Logo de manhã, à mesa, já ela está a preocupar-se em não esquecer os sonhos que teve para, no caminho da Escola, os ir contando às amigas.» E Joana, em silêncio, lembrou a sua própria adolescência (que nem a palavra se usava), quando reprimia e escondia tudo o que intimamente a dilacerava, sem que soubesse o que era. Felizmente tinha os estudos, os livros, o piano para se libertar do que desmedidamente intenso a fazia sofrer. Então escrevia versos... Quantos sonetos sofridos ela escrevera!... E lá ficaram em Coimbra, lançados num cesto de papéis, que era o sítio deles. Depois, apareceu Joaquim. Bastou olharem-se para ficarem a saber que tinham encontrado o sentido das suas vidas.

Passados dois dias já o filme fora esquecido.

António vinha a Goa em viagem de negócios e ficaria, como era costume, por alguns dias em casa de seus pais, para matar saudades de todos, família e amigos que deixara ao radicar-se em Bombaim. Porém, agora, outro motivo o trazia a Pangim, que era o de levar Xavier consigo, não para Bombaim, mas para Lisboa onde ficaria a estudar.

António resolvera-se, finalmente, a concretizar o desejo de expandir mais o seu negócio em Lisboa. Por isso, há alguns meses, um dos seus primos, sócio nos empreendimentos de Bombaim, partira para Portugal com o fim de dar forma à ideia de estabelecerem um grande armazém de produtos de luxo indianos, e antiguidades que eram artigos de interesse para o apetite do exótico, por parte de quem tinha o gosto e

o poder de compra. Mas, para já, também com familiares que lá se radicaram, queria incrementar o armazém de tecidos e tapeçarias, que nada tinha a ver com aquele que pensava vir a estabelecer, um dia mais tarde. Teria de ser muito especial, pelas peças preciosas que lá poria à venda, embora nada que se parecesse com o de Londres, mas do mesmo género. Por isso, agora, lá iria para começar a estudar o mercado. Levaria tempo.

Entretanto, levando Xavier consigo, passariam por Londres, e, só então, voariam também para Lisboa.

A documentação de Xavier para fazer os preparatórios de acesso à Escola da Marinha estava pronta, tendo sido a avó Olívia que não descurara nenhum pormenor, a procurar a ajuda de todos. Em Pangim, o filho e o neto facilmente resolveram o necessário para que, em Lisboa, Xavier tivesse acesso fácil ao que lhe fosse necessário. E ficara bem entregue, lá, entre amigos e parentes. Foi então que ele soube da vantagem em candidatar-se com um ano de frequência da Universidade, preferencialmente da Faculdade de Ciências ou Engenharia. Seria então isso que faria: o 1.º ano da licenciatura em Matemática.

António José despedira-se da mãe, da avó, da irmã, e de Catarina, e seguira para o cais onde ainda se encontraria com o pai e o irmão, pois tinha assuntos a tratar.

A despedida de Xavier, lá em casa, foi mais emotiva do que pretendiam, embora ele soubesse que seria um momento difícil para todos e para cada um. A mãe, D. Olívia e D. Joana depois de o terem abraçado e beijado, molhando-o com as suas lágrimas, ficaram as três abraçadas, consolando-se mutuamente. Nem deram pela falta de Laura. Mas ele sabia onde encontrá-la,

lá, no “bosque”, debaixo da árvore-da-gralha, onde a sua “casinha da árvore” se desfizera. E Sebastião soube que era a altura de queimar-lhe o esqueleto. No entanto, a figueira-da-índia lá estava com mais raízes aéreas, ainda mais copada.

- Eu queria ir com o meu pai e o Francisco ao cais, mas acho que não sou capaz. Por isso, esperei por ti aqui, no nosso sítio - dizia-lhe Laura.

- Há muito tempo que nós já não temos sítio. Nem aqui, nem noutra parte qualquer - proferiu ele num tom de intensa amargura.

- Xavier, eu gosto muito de ti. Tanto quanto sempre gostei.

Ele não articulou palavra. Olhou-a, dorido, e num ímpeto, abraçou-a convulsivamente para logo a largar.

- Escreve-me! Conta-me tudo... - pedia-lhe Laura.

- Escrevo à minha mãe e, por ela, saberás notícias minhas e eu de ti - dizia ele, virando-lhe as costas e, apressado, caminhando para a rua onde Francisco e o Dr. Joaquim o esperavam. E Laura lá se deixou ficar até ser capaz de deixar as lágrimas debaixo da árvore que trepava para o Altinho. Quando, tempo depois entrou na casa, tinha os olhos secos mas espinhos acerados cravados no peito.

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO 4

Aquele beijo
Perdido agora
Encontro-o em mim

J. Luís Fonseca - (inédito)

Devido à chuva, Alberto espaçava as suas visitas a casa dos amigos. E, talvez, por essa razão, Laura se mostrasse irrequieta e impaciente. Pegava num livro e logo o punha de lado. Abria o piano mas, ainda mal aflorava as teclas, já o fechava. Joana começou a preocupar-se, mais ainda, ao dar-se conta de que a sua filha ficava num estado de ansiedade sempre que Alberto era convidado, a propósito do que quer que fosse, para jantar lá em casa. Laura não parava: saía para o jardim, especava-se junto ao portão, e ali ficava a olhar para os dois lados da rua, sujeitando-se a permanecer à chuva até que ele chegasse.

Na sala, procurava sentar-se no sofá, ao seu lado, tornando-se mais afoita nas conversas que provocava e nas perguntas directas, do foro íntimo, com que o interpelava. Fora o caso de, com o maior desplante, querer saber se ele deixara namorada na metrópole, ou se alguma goesa já o prendera. Joana espantou-se com o atrevimento da filha. Dera-lhe uma excelente educação, incutira-lhe boas maneiras e disciplina. Mas onde estava tudo isso, agora? Ia a reagir; porém, conteve-se,

chamada pelo seu bom senso. Podia não ter passado de uma irreverência devido ao defeito que ela ainda não conseguira extirpar da maneira de ser da menina: esse defeito da curiosidade desmedida que tanto pode levar aos caminhos do conhecimento, como às maiores inconveniências, quando mal usada. Laura, já enervada pela pausa de silêncio mas, fazendo-se distraída, esperou a resposta dele, disfarçando a sua curiosidade. Alberto, confrontando-se com a ousadia dela, respondeu calmo: «Não, não deixei namorada. Mas é praticamente impensável que eu não esteja já preso, ou não acabe por me prender, a uma goesa.» E fez outra pausa que se tornou num outro espaço de silêncio intolerável. Então, rematou: «O problema é que são todas tão encantadoras que eu teria enorme dificuldade em escolher uma só, entre elas...»

Ao ouvir esta resposta, Joana ficou tranquila. Alberto não desmereceu da confiança que ela depunha na sua delicadeza de maneiras e no seu carácter. Mas, a Laura, o comentário dele não lhe agradou; e Alberto reparou que ela, como se fora ainda uma criança e não a jovem mulher, de dezasseis anos, em que se tornara, baixou a cabeça e o beicinho tremeu-lhe de contrariedade. Ele sentiu vontade de rir, mas conteve-se; e nem sequer deslindou a sua resposta. Pusera nela um pouco de malícia que não só desagradara à jovem, mas também podia tê-la magoado. Bem no íntimo, ele sabia que fora para sua própria defesa que lhe respondera daquela maneira.

D. Joana saíra, entretanto, da sala; e, Alberto, fitando Laura, acrescentou:

- Ah, esqueci-me de dizer que tenho o coração...

- Vazio? - adiantou-se ela, num ímpeto.

- Não, vazio não!... Mas, de certo modo, sem compromissos. Então ela pôs um sorriso nos lábios e, com um ar de candura e malícia, pensou: «Isso quer dizer que vou ter uma oportunidade. E sei o que fazer. Nos livros e nos filmes isso aprende-se».

A partir daí Laura, acintosamente, procedia como se o evitasse. E ele lamentou essa atitude dela, pois que, em vez de a sentir inoportuna, começava a apreciar a sua presença e algum interesse nas conversas dela. Era uma jovem inteligente e bem preparada, quer pelo colégio quer na Escola do Magistério que frequentava, mas especialmente no ambiente familiar. Acima de tudo, Alberto gostava de a ouvir tocar piano, permitindo-lhe ela que ele pudesse escolher as partituras suas preferidas, entre as pautas que poisavam em cima do piano vertical, francês. Nestes mais de dois anos da sua estada em Pangim, ele vira-a crescer, desabrochar e desenvolver-se física e intelectualmente. Ela sabia, com perfeição, elaborar os conceitos que desenvolvia a partir do acervo cultural que possuía, devido também à quantidade de bons livros que devorava e a seguir digerira com a ajuda da mãe. E para Alberto era também muito interessante discutirem os mesmos autores e as suas obras preferidas. Laura levava-o a ler os romances clássicos da literatura inglesa como, por exemplo, Jane Austen e as irmãs Brontë que, no original, a biblioteca de D. Olívia incluía. Só a seguir, lhe deu a ler a moderna Virgínia Woolf.

Ele suspirou de alívio. Tanto romantismo seguido já bastava.

- Mas porque me dá a ler só escritoras e não escritores?

- Pela qualidade, pela beleza da escrita, pelos temas e pela forma; e porque adivinho que já leu mais livros escritos por homens do que por mulheres.

- Não faço essa distinção. Como lhe disse já li Virgínia Woolf. Aliás, já conhecia as autoras que me indicou. Mas a Woolf com o seu fatalismo pessimista é capaz de tornar um momento banal em algo de supremo e de evanescente. Tudo, qualquer acto vulgar, passa a fazer sentido na sua escrita.

- O Alberto parece a minha mãe a analisar os escritores, mesmo os modernos que ela lê e critica. Não os devora.

- Eu? De todo! O curso da sua mãe é de Letras, enquanto eu só reproduzo o que os críticos dizem, aceitando ou não os seus comentários, consoante entendo os escritores que produzem em mim prazer e abertura a tudo o que pertence à vida e lhe dá sentido. Interesse-me pela escrita que subverte as convenções e a realidade. Mas aprecio muito a análise psicológica e a argúcia e ironia com que alguns escritores escalpelizam a sociedade.

- Tem aqui a prateleira de autores, de expressão inglesa, que era reservada ao meu avô: Conrad, Lawrence, Joyce, Hemingway, Huxley e outros. E também vários poetas. A minha avó foi tão fortemente coagida a não lhes tocar que nem após a morte do marido ousou transgredir a ordem que ele lhe dera. O meu avô achava que os temas destes livros ou eram imorais ou a avó não tinha capacidade para os entender. O que é curioso é que uma das autoras aí presente é Elisabeth B. Browning com o seu livro «Sonets from the portuguese» que eu li.

- E gostou?

- Tanto!... Expressim o amor devotado que dedicou a seu marido Robert Browning. A poesia de ambos uniu-os.

- O amor apaixonado que sentiram um pelo outro, partilharam-no com Sintra, onde viveram algum tempo.

- Afinal, quando é que voltamos a fazer outro serão, para falar dos filmes que cada um de nós mais gosta e por quê?...

- Por mim, quando quiserem... Mas certamente o resultado seria o mesmo: a Laura ficaria indecisa entre o *Othelo*, do Welles e o *Monte dos Vendavais*; a sua mãe tornaria a escolher *Breve Encontro*, do Lean; o seu pai nomearia os de Chaplin, o Francisco e eu, os filmes franceses e italianos; e todos, no fim, acabaríamos por votar no *Casa Blanca*.

Por ser baseado no livro da Emily Brontë, o filme, «O Monte dos Vendavais», era o preferido de Laura. A intensidade romântica, o torvelinho e os arroubos dos sentimentos das personagens faziam deste livro o seu eleito. A seguir, elegia ‘A Paixão de Jane Eyre’, da Charlotte Brontë. Estava na fase da literatura inglesa, induzida pela avó, para desenvolver um inglês mais clássico que, no conceito de D. Olívia, «sempre era mais elegante». E a frequência do Colégio Inglês também lhe condicionara o gosto. Mas era o romantismo exacerbado dos amores impossíveis que a atraía. A literatura actual não lhe provocava igual exaltação.

O hábito que Alberto tinha de divagar, deixando o pensamento soltar-se, à deriva, e o trabalho no Hospital, faziam com que ele esquecesse que, lá fora, a chuva devastadora o obrigava a permanecer fechado, como se fosse prisioneiro. Ele dificilmente suportava o calor húmido da monção marítima, e o vento que rugia, zurzindo e fustigando tudo o que lhe fazia frente. O bramido do vento e do mar, o estrondear do temporal desfazendo-se em trovões e relâmpagos, incapazes de cortarem

a bruma densa e, mais ainda, as vergastadas violentas e pertina-
zes da chuva, provocavam-lhe intenso mal-estar que o impedia
de adormecer. De dia, no Hospital, não sentia esses efeitos.
Então, para aliviar a tensão que lhe desgastava os nervos, dei-
xou o seu frágil bangaló e regressou ao quarto da Messe. Acu-
sava a falta da mansão de Ribandar onde se sentia tão acom-
panhado e acarinhado, ainda que fosse apenas por D. Olívia.

Mas, com a monção, apenas os criados lá ficaram. E, em-
bora se sentisse muito bem na casa dos Barreto de Ataíde, em
Pangim, não era a mesma coisa. Só ao jantar, quando estavam
todos, é que o ambiente e os temas das conversas (de homens,
como dizia Laura), o punham mais à vontade e com uma sensa-
ção de bem-estar que o inundava. Particularmente devido à pre-
sença de Laura. Ganhava a convicção de que começava a apre-
ciar demasiado a companhia dela. Da sua presença ou ausência
dependia o grau de satisfação que o ambiente lhe proporcionava.

CAPÍTULO 5

Dice la tarde: «Tengo sed de sombra!»

Dice la luna: «Jo, sed de luceros».

La fuente cristalina pide lábios

Y suspira el viento.

Federico Garcia Lorca - *Cantos Nuevos*

Com a inauguração do Hotel Mandovi, Alberto ficou com mais um dos agradáveis sítios onde podia passar o seu tempo de lazer e saborear a cozinha de Goa, nos magníficos restaurantes do hotel, logo reconhecidos como os melhores, não só de Pangim, mas do território goês. Esse reconhecimento foi-lhe prestado pelo dr. Vieira Alves (médico do aviso português Gonçalo Velho), que teve o prazer de lá encontrar. «Mas o chauti do Café Moderno é soberbo» - dizia-lhe o colega, e Alberto comprovava-o, embora achasse que não era melhor do que o que já degustara em casa dos pais de Francisco ou na de D. Olívia. No hotel, ao fim da tarde, e à noite, as bebidas podiam ser apreciadas, não só no bar, mas também debaixo dos elegantes caramanchões de trepadeiras com folhagem densa, de verde macio e flores exuberantes, que transformavam o espaço num lugar aprazível e um pouco mais fresco, do que debaixo da copa de um guarda-sol. E a música, retransmitida de programas anteriormente gravados, chegava modulada, sem estri-

dências, tornando mais perfeito esse tempo de lazer. Quando a noite caía, o ambiente convertia-se num local mais requintado: as luzes feéricas que atravessavam o jardim, projectavam-se nas águas da desembocadura do Mandovi. E todos os frequentadores do hotel apareciam arranjados com primor, não só os cavalheiros mas também as suas esposas e as filhas casadoiras, notadas pela elegância das *toilettes* e das suas maneiras.

Os Barreto de Ataíde tornaram-se assíduos frequentadores. Até D. Olívia apreciava as variedades e a música. Então, a música de dança, especialmente as valsas (que a remetiam para os seus tempos de menina), faziam-na sonhar os momentos que não se concretizaram na sua vida. Mas também gostava de ver dançar tangos, blues e swings, assim, bem dançados como o seu filho e a nora dançavam... Nos concursos, eles ficavam sempre classificados nos primeiros lugares. Só Francisco é que parecia ter medo da pista. Nunca o lá viram. E Alberto, só pesadamente se mexia ao som da música, quando Laura lhe implorava o convite com os seus olhares desejosos. Mas ele evitava olhá-la para não ver a sua ansiedade que era súplica, traduzida nas mãozinhas de gestos nervosos, que no regaço iam entrelaçando os dedos. Ela ficava-se, então, de olhar vago a fitar os pares, fingindo não ver os rapazes conhecidos, filhos de amigos de seus pais que ensaiavam tímidos passos em direcção a ela, para a «tirar do lugar». Outras vezes, era ela que sem disfarçar muito o seu alheamento, nem pôr em causa o modo recatado de menina de «boas famílias», lhes lançava um rápido olhar convidativo, ou de aquiescimento. Farta de ver os outros pares na pista, preferia dançar com qualquer um desses jovens conhecidos, mas que ela achava desinteressantes, a ficar

toda a noite sentada, a que Alberto a *obrigava*. Por vezes, eram também os rapazes que preferiam ficar encostados à parede da sala, em vez de se afoitarem a arranjar par. Isso acontecia, especialmente, na noite dos concursos. Um destes foi ganho pelos pais de Laura a dançar o tango. Joana ficou encantada com o prémio: um conjunto de toucador, em prata, composto de espelho, caixa pó-de-arroz, escova de cabelo e outras, num estojo magnífico de pele, forrado de cetim vermelho.

Nessa noite os jovens foram esquecidos; e Laura, como tantas vezes aconteceu, sentiu a falta de Xavier, apesar de ele não gostar de frequentar bailes. Era, antes, o desporto que ele sempre preferira, especialmente o críquete ou o xadrês, não se cansando de o afirmar quando teimavam com ele para que os acompanhasse. Catarina também se recusava mas por outras razões. Festas, para ela, eram as quermesses da Igreja e respectivos festejos religiosos, mas também as festividades profanas abrihantadas pela música dos mandós, a música típica goesa de reminiscência dos cânticos litúrgicos cristãos, que podia ser dançada, aos pares ou de roda.

Nessa noite do prémio, sentada, permanecia apenas Laura; e, duas ou três cadeiras, a seguir, estava Alberto. Até D. Olívia se levantara para, no grupo das suas amigas, comentar a justeza do prémio atribuído ao par formado pelo seu Joaquim e Joana.

A orquestra, descansando em breves intervalos, lá ia tocando música de jazz (para animar) e os *blues* que se insinuavam no corpo dos que os escutavam atentos. Laura reparou que até Alberto batia os pés ao ritmo dos instrumentos. Então, num repente, puxou-o para o meio do salão onde alguns casais mais idosos aproveitavam agora o *slow* para dançar em

passos lentos. Como sempre, Alberto mal se mexia, limitando-se a envolvê-la nos seus braços mais do que as conveniências permitiam. Laura tentou desvencilhar-se. Então, ele tomou a iniciativa de a levar para o jardim e, sem serem vistos, seguiram para debaixo do caramanchão. A orquestra principal fazia a pausa para o descanso dos músicos que, no bar, tomavam uma leve refeição e se dessedentavam. As pessoas seguiram-nos e os bares do hotel encheram-se. Os altifalantes levavam a música da orquestra que insistia nos *slows*, e a voz cheia e bem modulada do vocalista, enchia os espaços exteriores do hotel. Alberto e Laura ‘escondidos’ pelas trepadeiras do caramanchão, tendo na frente apenas o mar e a lua, arrastavam os pés enquanto a música os envolvia e unia. Os lábios dele roçavam o pescoço dela, a face, os lábios e as pálpebras que ela tinha fechadas, porque não podia ver o que estava a acontecer. Mas, rápido, ele puxou-a pela mão e arrastou-a consigo para o relvado, mandando-a para dentro da sala.

- Não, não vá por aí por causa dos holofotes; entre pelo outro lado, por onde saímos. Eu já a sigo...

Laura, como se fosse um autómato a que ele desse corda, fez o que lhe indicou. Chegada à sala de baile viu o irmão com ar de quem os procurava.

- Viste o Alberto, Laura?

- Vi, há pouco ele estava no jardim a olhar para o mar. Também não admira. A lua a projectar-se nas águas serenas é o espectáculo mais belo da noite.

- Estiveste com ele? Lá fora? - perguntou ansioso.

- Porque é que me perguntas? Que te importa se eu estive, ou não, com o teu amigo?

- Oh Laura... Nem imaginas quanto me preocupo. Ele, mesmo sem o saber e sem fazer de propósito, acaba por ser um sedutor. E tu és tão inocente e tão frágil, minha irmã!

- Mas não confias no teu amigo?...

- Confio. O pior é que confio. De contrário não o traria para nossa casa.

- Mas, então, porque é que estás preocupado?

- Por ti. Não vês?... E preocupo-me para evitar que os nossos pais tenham razões para também se preocuparem.

- Oh meu irmão!... E que mal tinha se ele e eu nos viéssemos a apaixonar. Não gostarias?...

- Laura, tu nem sabes o que dizes. O Alberto não é para ti. Ele não te vê como uma mulher por quem pudesse apaixonar-se.

- Mas, porque não? Que sabes tu dos seus sentimentos? O certo é que eu não seria a primeira...

- És mesmo criança... Confundes a amizade e a ternura que ele sente por ti como se fosse amor... Essa tua propensão romântica pode vir a fazer-te sofrer. E é isso que eu quero evitar, tal como também quero preservar a amizade do Alberto.

Se a pele de Laura não tivesse aquele tom amorenado, Francisco mais facilmente teria notado o rubor que lhe queimava as faces.

- Não digas tontices, Francisco - balbuciou ela. Perturbada e constrangida não queria que o irmão adivinhasse os seus sentimentos, embora lhe fizesse jeito ter nele um aliado para reter Alberto junto de si, até que ele se desse conta de que a amava e desejava desposá-la.

Francisco olhou a irmã, perscrutando-a. A expressão dela, enleada e embevecida, traduzia um arrebatamento que não lhe era vulgar.

- Laura, diz-me a verdade. Alguma vez o Alberto ultrapassou os limites, quer em palavras, quer em gestos? Vocês têm estado muito tempo juntos. Mais do que seria sensato.

- Não! Oh, não! Podes crer que não...

«Infelizmente - dizia ela para si mesma - que Alberto pouco ou nada ousou. Quem me dera que me tivesse sussurrado as palavras que tanto anseio ouvir-lhe...»

- Está bem! Mas se estranhares qualquer atitude por parte dele, diz-me logo, para que eu possa entender-me com ele, a bem.

- Não gostarias mesmo, que ele me desposasse e me levasse para Lisboa?

- Vês? É dessas tuas fantasias que eu tenho receio. Penso que o Alberto pode ser homem de paixões, mas não o vejo a casar-se; pelo menos, para já. Sabes que eu já vi a Catarina a olhar para vocês com uma expressão carregada de preocupação?

- Isso é porque ela quer que me arranjem cá o casamento, sem grandes delongas, para ficar descansada, diz ela. E quer convencer-me de que qualquer um dos partidos que fizeram as suas propostas através da ‘arranjadeira’, são o melhor da cidade. Como se eu alguma vez casasse com um noivo arranjado.

- E porque não? Eu não vou fazer o mesmo?

- Vais, mas é diferente. A Patrícia é prima da nossa cunhada, não é desconhecida. E olha, Francisco, peço-te encarecidamente que não te preocupes comigo e com o Dr. Alberto. Não te metas entre nós. Por favor.

- Agora é que me deixas em cuidado. Mas, o que me vale é que confio nele... - Tu tens de te convencer que ele não se sente pertença desta terra. Não vê Goa como a sua casa e nem

a entende como qualquer de nós. É verdade que nunca o vi tão feliz como aqui, mas não o imagino a ficar por cá.

- E a mim? Imaginas-me a viver em Lisboa?

- Que estás tu a querer dizer-me?... Não me digas que tu...

- Nada, não estou a querer dizer nada...

- Não te iludas, minha irmãzita!

-E porque havia de iludir-me se o Senhor Tenente Dr. Carvalhal nunca olhou para mim como se eu fosse uma mulher? Nem ninguém cá em casa. Para todos continuo a ser a menina pequena, apesar de ir fazer dezassete anos e de já ter ouvido a avó a comentar com a mamã a hipótese de me escolherem pretendente. Por sorte minha, ainda não falam em *arranjarem-me* marido. Apenas pretendente. O Dr. Alberto é que não deve pensar como a avó; ele sabe lá dos nossos costumes...

- Sabe! Embora lhe seja difícil entender alguns. Mas, mesmo antes de cá chegar, deve ter lido tudo o que apanhou sobre o Estado da Índia, particularmente Goa. Livros não lhe faltaram. O difícil é aceitar tantos costumes e hábitos que para nós são naturais. No entanto, para um metropolitano, um goês não é propriamente um minhoto ou um algarvio. Somos tidos, apenas, como diferentes. E isto que exprimo não quer dizer que Alberto não nos considere como íntimos amigos, quase como família, mas há diferenças que nem sabemos explicar, ainda que não interfiram com o nosso relacionamento sincero. Por tudo isto, peço-te, Laura, não te ponhas a fantasiar...

Com o papá e a mamã foi diferente. Apaixonaram-se mal se viram -. E calou-se porque a mãe chegava junto deles, com um ar descontraído e feliz.

«O Alberto é um homem de carácter, de honra e de educação» remoía Francisco, afastando-se. Ele conhecia bem o amigo, mas também sabia que ninguém se conhece a si mesmo. De Quílon a Sócrates, de Cristo a Buda, todos disseram o mesmo, à sua maneira. Como é que então podemos conhecer o outro, por mais próximo que nos seja?... E Francisco, pelo exercício da memória analisou o amigo desde os seus primeiros tempos, em Coimbra, quando se conheceram. Realmente nunca o virar tão descontraído, tão jovial, tão bem disposto, tão feliz como o via agora. Fizera-lhe bem vir para Goa. Até o seu trabalho no Hospital ele desempenhava com agrado e profissionalismo, segundo ouvira. Chegara a Goa ferido de amor, mas depressa se curara. Fora uma febre violenta da “picada de um mosquito”, mas não gravosa. Nem precisou de quinino para a tratar. Esse homem que, em Coimbra, tantas vezes lhe parecera macambúzio e entediado, ficara na barra do Tejo.

Quando saíram do baile, o tempo rapidamente havia-se transmutado numa tempestade ciclónica. Tinham-se demorado no aconchego do bar e da música, conversando com os amigos, nem se dando conta de que eram os últimos, embora não fosse ainda muito tarde. (As outras pessoas, menos distraídas, saíram a tempo de não apanhar o pico do temporal). Claro que a família Barreto de Ataíde, em peso, não deixou que Alberto fosse para a messe. Dormiria lá em casa e lá passaria o domingo, já que estava de folga.

Antes de amanhecer, sem poderem dormir porque o vento fazia bater portas e janelas, acabaram por descer e reuniram-se na sala onde tomaram chá e biscoitos servidos por Catarina que,

depois da partida do filho, em noites de temporal, não queria dormir sozinha na sua casa. Só D. Olívia não quis tomar nada. Queixava-se de não poder ir à missa. «Mas nem as portas da igreja abrem» - lembrava-lhe Joaquim. D. Olívia ainda pensou ficar em jejum para o caso do tempo melhorar, rápido, e as igrejas abrindo, ela poder comungar. Mas o sentido da realidade foi mais forte, reconfortando-se, então, com o seu chá verde.

Pela primeira vez Alberto tinha visto a casa com as portas e as janelas todas trancadas. A luz sombria, pegajosa e nevoenta, entrava apenas pelas frinchas das gelosias de uma janela da parede contrária ao sopro do vento. Não havia electricidade em toda a cidade. D. Olívia juntou-se a Catarina na cozinha para rezar o terço a Santa Bárbara, e o responso. E, na sala, Joana comentou:

- Para conversar só precisamos de uma vela - disse ela, apagando as outras. Por descuido não tinha, em casa, grande provisão delas; por isso, havia que poupá-las.

- O melhor é voltarmos para os quartos. Em cima dos lençóis ficaremos mais confortáveis - volveu Joaquim. E foi o que fizeram tornando todos, a adormecer.

Só D. Olívia é que se deixou ficar na sala, recostando-se nas almofadas do sofá com uma das caixas dos jornais a seu lado, mas adormeceu também.

Mais tarde, Catarina, na cozinha, preparava um almoço ligeiro, segundo a sugestão de D. Joana. Laura ajudava-a, com um pouco da sua imaginação, para tornar a refeição simples mas agradável, e com um toque inusitado pelos produtos que, com a ajuda de Catarina, encontrou na despensa. O caldo de galinha coado, seria frio à temperatura da água da moringa,

onde os cubinhos do tomate seco, da manga, do pepino e dos pimentos coloridos boiavam e davam cor, no meio das ervas aromáticas e do toque das especiarias que Laura ousou adicionar a seu gosto. E a salada levou também o toque atrevido dos ingredientes e sabores que ela escolheu. As carnes frias, fatiadas, foram da responsabilidade da cozinheira. Estavam prontas de véspera, guardadas na ‘geleira’ que funcionava a petróleo para o caso de faltar a electricidade. Os temporais da monção não deixaram Conceição desprevenida. Apesar do fogão a lenha, ela gostava de cozinhar, a ver bem o que fazia. E com o tempo sombrio, em que o dia mal se distinguia da noite, ela aproveitava as abertas da névoa densa e a luz eléctrica, para adiantar o que tinha de fazer. O temporal que se anunciava, cada vez mais forte, em breve derrubaria os restantes postes e seria um dia sem luz.

Alberto, que nesse domingo contava dormir até mais tarde, mesmo porque ali, em casa dos amigos, não seria incomodado, mal conseguiu adormecer com a borrasca. Acordou com a chinfrineira do cucuricar que vinha do quintal, onde uns raios de sol pálidos rompiam pelo amainar da chuva, na recente madrugada, despertando os pequenos galináceos e outras aves que num frenesim avoejavam pelas árvores da pequena mata, procurando o sustento. Açapada entre os tufos dos bambus, uma pavia punha o seu ovo, sem grandes cuidados para o esconder, sabendo que, logo, mãos humanas lho iriam retirar, se as cobras não chegassem primeiro. Alberto não se conteve e, levantando-se, abriu um pouco a janela. Tinha saudades de ver o sol. Até mesmo aqueles anémicos raios provisórios já lhe bastavam. As flores também aproveitavam: abriam-se

voluptuosamente e os insectos logo surgiam a visitá-las. Do jardim evolava-se um perfume doce e intenso. E, como se fosse uma banda sem maestro, a música continuava: era também o pipilar das pequenas aves que se diluía no crocitar dos corvos, nos guinchos dos macacos. Mas eram os galitos da índia que se impunham na estridência, em falsete, do seu corococó, sobrepondo-se às gralhas que cobriam o ficus-da-índia, chamada a árvore-das-gralhas.

Alberto acabou por descer, quando se apercebeu de que já alguém cirandava pela casa, e encontrou Catarina que lhe ofereceu uma bandeja com o chá já preparado. Mas recusou. E não vendo mais ninguém, subiu para o quarto, fechou a janela, trancando-a, meteu-se na cama e, incólume ao barulho que logo foi substituído pelo agravamento do temporal, voltou a adormecer, mas agora já *embalado*, novamente, pelos pingos fartos que caíam, e pelo uivo do vento que anunciava ciclone. O cansaço chamou-lhe o sono, e o conforto do resguardo do quarto, fê-lo sentir-se ao abrigo de todas as tempestades.

- E queria Laura ir hoje à praia!

Adormeceu rápido, e sonhou com ela, enquanto o temporal se desenrolava desmedido, sem dar mostra de embrandecer.

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO 6

[...]

O absurdo como a flor da tal Índia

Que não vim encontrar na Índia, nasce

No meu cérebro, farto de cansar-se.

A minha vida mude-a Deus ou finde-a.

[...]

Fernando Pessoa - *Álvaro de Campos, Opiário*

Alberto sempre fora um ser inquieto perante a incerteza do seu destino, embora a vida lhe tivesse sido fácil, destino que ele também nunca procurou delinear, decifrar ou alterar, já que o homem nasce, e cresce e morre consciente dessa absoluta incapacidade que radica na sua condição humana. E como poderia alguém ter o poder e a clarividência para alterar o que não conhece? E se tivesse esse conhecimento? Como escolher um só destino entre as várias possibilidades que se lhe oferecessem? Afinal, para uma vida, há só um destino!...

Era por conhecer bem as idiossincrasias do amigo que Francisco temia que a irmã se apaixonasse por Alberto. Intuíva que dificilmente ele faria uma mulher feliz, dada a sua maneira de ser. No entanto, a mudança que o seu estado de espírito e o seu comportamento sofreram, para melhor, augurava que, à medida que amadurecesse, se tornasse num homem mais equilibrado e mais objectivo.

Durante a tarde, a chuva que voltava a ser ininterrupta e o calor abafado tornando a pele pegajosa, tinha também efeitos nefastos na disposição de todos. Então, D. Olívia pegou na caixa dos jornais e, aleatoriamente, tirou um deles e pôs-se a lê-lo como se fosse o jornal do dia.

- Oçam só esta notícia: o chamado “rio sem pontes”, o Mandovi necessita urgentemente, não de uma mas de várias pontes... E o articulista explica os porquês: «Até os barcos e os ferry-boats que fazem a ligação com as ilhas estão velhos e a precisar de rápida substituição...»

- Mas a mãe não vê como esta notícia é antiga? - atalhou-a Joaquim.

- Não percebo como é que a avó tem prazer em ler notícias desactualizadas.

- Desactualizadas, Francisco?... É certo que os ferry-boats foram renovados mas, por acaso, tu vês alguma ponte já feita ou a ser construída? Não? Pois não! Então, como vês, a notícia continua actual!

- Desta vez D. Olívia ganhou a argumentação.

- Ganho sempre, Dr. Alberto, ganho sempre. As notícias não se desactualizam. Ficam no tempo, podendo ser sempre interpretadas sob vários pontos de vista - e continuou. - Ouçam esta: «a Índia e a França retomaram as negociações devido à exigência da Índia em integrar Pondicherry no seu território». Os franceses acabarão por ir de abalada, mais cedo ou mais tarde.

- Não há-de faltar muito - comentou Joana - embora, há anos, se fale nisso.

- Quer ouvir, Dr. Alberto? Chegou a Goa a jornalista Fernanda Reis, repórter dos diários do Brasil, também correspondente

de guerra, portuguesa. No regresso da Coreia, onde visitou as frentes e entrevistou o General Van Fleet e o Coronel Moon, escolheu Goa para descansar.

- Como tantos outros jornalistas estrangeiros, e até escritores, pagos pelo Governo Português para visitarem o Território da Índia Portuguesa - comentou Joaquim.

- Oh, mãe! Há quanto tempo essa senhora jornalista cá veio e se foi embora! - exclamou Joana.

- Pois é. Mas se não fosse eu a ler a notícia vocês já nem se lembravam, e o Dr. Alberto não tinha ficado a saber que Goa foi escolhida como estância de repouso por uma jornalista famosa. E por outros.

Ele não fez qualquer comentário, como resposta. Ficou, apenas, a recordar uma outra jornalista que não se interessou por vir a Goa... E ainda bem que não veio...

- Bem - disse D. Olívia, arrumando o jornal na caixa. Agora vou ler, mas sem comentários, «A Ilustração de Goa» que tem sempre bons ensaios, biografias e poesia de qualidade. Mas não! Como já vai sendo tarde dou só mais uma vista de olhos ao «O Recreio das Damas».

Mesmo estando os quatro a jogar cartas, enquanto Laura folheava as suas revistas cinéfilas, não deixaram de estar atentos às considerações de D. Olívia. Por isso, Alberto comentou:

- Pelo título, vê-se logo que é uma revista feminina, exclusiva para as senhoras.

- Olhe que o título é redutor. A revista é dedicada a um público com interesse cultural, e não só feminino, necessariamente.

- Não imagino um homem, numa esplanada, a ler «O Recreio das Damas»!...

- Tem razão, Dr. Alberto. O título afasta os homens e leva as senhoras a comprá-la e a lê-la. Provavelmente é a única que lêem. Mas há qualquer coisa de errado nisto. Ou não!...

Quando D. Olívia se recolheu ali na casa do seu filho e nora, fez-lhe falta a mesa-de-cabeceira do seu quarto de Ribandar onde poisavam os livros que, à noite, lhe faziam companhia. Mesmo não sabendo sânscrito gostava de ter perto da cama esses livros sagrados dos seus antepassados brâmanes, conjuntamente com a Bíblia que a sua avó Rose trouxera da Escócia. D. Olívia bastas vezes os juntava no seu regaço vendo as gravuras dos deuses guerreiros hindus, intensamente pintados nas cores mais berrantes, e das suas roliças mulheres também em estampas muito coloridas. E ia lendo os livros daquela Bíblia que não possuía o ‘Imprimatur’. Não era uma Bíblia para católicos; mas a Senhora, apesar da sua consciência formada na Igreja Católica, lia no Antigo Testamento todos os livros que o compõem sem que disso tivesse sentimento de culpa. O Livro das Horas e os Evangelhos, esses, conjuntamente com o rosário de contas de âmbar, eram manuseados todas as noites nas suas orações e meditação. Mas outro, ainda, tinha lugar no seu quarto: era um exemplar de “Os Lusíadas” que também lá poisava como se fosse um livro sagrado. E quantas estâncias dele a Senhora sabia de cor, reproduzindo-as como se fossem orações! «Livro que fala dos antepassados é também um livro sagrado» - entendia D. Olívia.

Naquele quarto que, agora, ali em casa partilhava com a neta, a Senhora adormeceu com duas revistas. *A Flama*, ligada à Igreja e editada em Lisboa, que divulgava assuntos diversos

de interesse da vida cultural e social. Fora num desses artigos que D. Olívia teve conhecimento de que um menino de onze anos viera de Itália para reger a Orquestra Sinfónica em Lisboa. Chamava-se ele Pierino Gamba. A outra, *A Mocidade Portuguesa*, local, publicava notícias várias endereçadas especialmente à comunidade escolar. Falava do Clube Náutico e enaltecia várias modalidades, desde a natação ao xadrês, pelas quais Xavier se interessava. Assíduo no Clube Náutico, era, no entanto, no xadrês que ele conseguia os mais importantes troféus. Por isso, o seu nome ganhava evidência nas páginas da revista; e ver-lhe o nome ali estampado, como que aliviava as saudades que D. Olívia sentia do seu afilhado. «Que nada lhe faltasse, lá longe, onde estava agora, com ele, a sua preocupação. Mas uma preocupação minimizada pelo facto de Xavier, além de ter ido encontrar parentes dos Barreto de Ataíde e amigos, radicados em Lisboa, conheceu mais uma família onde tinha sido bem recebido». Fora o caso de, estando o Dr. Alberto ainda há pouco tempo em Goa, já D. Joana recebia uma carta remetida por D. Dolores que, em seu nome e no do seu marido, lhe agradecia, e a toda a família, a maneira afectuosa como lhes receberam o filho. Por isso não tinham palavras para lhes agradecer, referindo também o carinho da Senhora Dona Olívia. Começou, então, uma troca de correspondência periódica entre a mãe de Alberto e a mãe de Francisco. Enviavam fotografias e relatavam os acontecimentos mais marcantes, de modo que acabaram por se tornar tão íntimas, como se fossem conhecidas de longa data. Até o Dr. Joaquim Barreto de Ataíde e o Dr. Arlindo Carvalhal se correspondiam quando tinham, ou não tinham, notícias importantes a transmitir um ao outro. Haviam sido contempo-

râneos na Faculdade de Direito e, agora, através das fotografias, reconheceram-se perfeitamente, embora não tendo sido alunos do mesmo curso.

Por sua vez, D. Olívia tinha uma caixinha de cartão forrada a chita estampada com flores garridas, onde guardava as cartas de D. Dolores que, de vez em quando, relia. A fotografia da família de Alberto, com as encantadoras crianças, sobrinhas dele, tinha-a na mesa do *hall* num *passepartout* em prata que comprou para o efeito.

Ambas as famílias se prometiam visitas futuras e todos acreditavam que, logo que possível, esse desejo se haveria de concretizar. D. Dolores sonhava com a terra de Goa como se esta fosse o Paraíso, de tão bela que a imaginava, tendo razões de sobra para assim a entender. Esperava um dia ir rezar junto ao túmulo de S. Francisco Xavier, e ficar uns tempos com os Barreto de Ataíde. E eles, em Lisboa, ficariam na sua casa, quando viessem à Metrópole.

CAPÍTULO 7

*Rio barrento, rio barrento
o seu curso lento e quente é o silêncio.
Não há desejo mais calmo do que a calma
de um rio.*

T. S. Eliot (*trad. Helder Moura Pacheco*)

- Gosto mais do Mandovi bravio do que rumoroso - respondeu Laura a sua avó, quando esta a foi encontrar sentada na margem do rio, na enchente. Ela tinha ido a Ribandar mostrar a D. Olívia o diploma da Escola Normal, mesmo não tendo a certeza do destino a dar-lhe. Fez a Escola Normal preparando-se, também, com bons explicadores por fora, que os havia excelentes, para fazer o 7º ano do Liceu. E fizera os exames com sucesso. Mas era o diploma da Escola Normal Luís de Camões que a avó mais apreciava. «Agora podia casar ou começar a trabalhar», dissera-lhe a mãe, sem a coagir ao que quer que fosse. «Mas, minha filha, não vale a pena resolveres nada sem primeiro o Francisco casar. Quando regressarmos de Bombaim ou (quem sabe?), até lá, mesmo, se há-de resolver o teu futuro». E Laura lembrou-se que Patrícia e Inês tinham irmãos solteiros, mas não se deu ao trabalho de descodificar o significado das palavras da mãe. Afinal, todos a queriam casada, mas ninguém lhe perguntava quem era o noivo que ela desejava.

Durante toda a semana não viu, nem soube de Alberto, embora o nome dele fosse várias vezes pronunciado. «Temos de perguntar ao Dr. Alberto»... «que pensará disto o Dr. Alberto»... «será que o Dr. Alberto...».

Veze sem conta ouvia o nome dele mas, as mais das vezes, ouvia-o na sua própria cabeça. Ia para a cama com a imagem e o nome dele, levantava-se com ele, vagueava com ele... Só Catarina se apercebia do que se passava com a sua menina e sofria com ela. Tentava mostrar-lhe que esse sentimento era sem futuro.

- Deixe de pensar no Dr. Alberto, Laurinha. É muito nova para ele e muito diferente. Não daria certo...

- Por favor Catarina, não me digas nada; ele é problema meu.

- Não, o Dr. Alberto não é problema seu. A menina é que faz dele o seu problema. Mas deixe-o partir, como tem de ser. Depois verá que lhe há-de aparecer o noivo que lhe convém.

- Seja ele quem for, tenha a idade que tiver, e cultura e gostos inteiramente diferentes dos meus, tanto faz... Logo que as famílias concordem com a união, é o que interessa, não é? Até tu e a mãe vão concordar, se ele for do nosso meio... Que me arranjem, então, alguém muito especial, para tu o aceites. Tu que nem o teu filho achavas digno de levantar os olhos para mim! Pensas que eu não sei, que eu não adivinhava o que tu lhe dizias?...

Catarina ficou atordoada com as palavras de Laura e não conteve as lágrimas que se lhe soltaram, por não ser capaz de proferir qualquer palavra. Laura, arrependida por ter magoado a sua querida Catarina mas, ao mesmo tempo, de bem consigo mesma por ter tido a coragem de ter dito o que há uns anos teria gostado de lhe dizer, fugiu para o quintal, para o sítio que já não era refúgio, onde ela partilhara os bons e os

menos bons momentos com o seu companheiro de infância. E da casinha onde brincavam já nem o sítio restava, porque os ramos da figueira-da-índia, a árvore-da-gralha, a ôdd, a sagrada árvore com tantos nomes, o tinham transformado. Também eles tinham crescido e se enraizaram onde puderam. A casinha caíra aos bocados e apodrecera com a humidade, sem que Xavier, após as monções, a tornasse a consertar. Já não era necessária; por isso, há muito que os restos dela tinham desaparecido. E o afecto, ainda que infantil, mas intenso e profundo que nos seus coraçõezinhos abrigavam, será que também desapareceu? «Não, isso não» - reagiu Laura ao pensamento que a incomodou. «Crescemos; a adolescência modificou-nos e outros interesses surgiram. Porém, a nossa amizade permanecerá incólume» - decidiu ela por ambos. «Onde estará agora o Xavier? Esteja onde estiver, há muito tempo que deixou de ser o meu companheiro. Mas tenho tantas saudades dele! Nestes momentos em que me sinto perdida ele faz-me tanta falta!» E sofrida por ter magoado Catarina, Laura esforçou-se por entrar com um ar natural na cozinha que era onde ela devia estar a limpar os olhos ao avental, devido ao fumo que lhe provocava lágrimas e lhos fazia arder, sem ter de dar outras razões para o congestionamento dos olhos.

- O correio já veio hoje? Trouxe carta do Xavier? - perguntou Laura displicente, tanto quanto o fingimento lho permitia.

- A última chegou há dois dias. E a menina leu-a!

Laura esboçou um sorriso, como desculpa.

Então, já sem fingimentos olharam-se e abraçaram-se, juntando as lágrimas.

Catarina limitou-se a abanar a cabeça...

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO 8

Ardente

*Ardendo
no mar à sua roda
O corpo nada
e lentamente acorda*

Só de Amar - *Maria Teresa Horta*

Chegou finalmente um domingo soalheiro que era de folga para Alberto e lá foram todos à praia. Laura convidou duas amigas para irem consigo e Catarina reforçou os cestos da merenda. Francisco e o pai, como era costume, foram os primeiros a ter de regressar a casa, devido ao trabalho que sempre os esperava. Então Alberto saiu da água e foi fazer companhia a D. Joana que, cansada de nadar pusera o sarong sobre o fato de banho, ficando à sombra da palmeira baixa e frondosa. Ele olhava com ar de beatitude, num bem-estar indizível, para as meninas que brincavam, como golfinhos, nas águas claras do Mar Arábico. «Nunca me senti, em parte alguma, tão feliz como me sinto em Goa. Eu devia cá ficar» pensava ele, destacando entre as três, o corpo escultural de Laura que, de pé, junto à praia, com a água pelos joelhos, lhe acenava chamando-o para mais uns mergulhos. «O meu bem-estar, esta sensação de felicidade deve, em parte, ter a ver com aquela «sereia» que ali me

está a acenar. Tenho de refrear os meus impulsos. Esta ponta final da minha estada aqui pode ser perigosa, desencadeando o que a todo o custo devo evitar.» Muitas vezes vira Laura em fato de banho, todos eles modernos e elegantes como os que vestiam as jovens das praias do Estoril, mas só agora notava como o corpo dela era o de uma mulher completada e perfeita. Belíssima mulher em que ela se transformara. Ou só agora ele a observava como uma adulta? Mas não. Já antes, noutras ocasiões, agiu para com ela vendo-a como mulher. Tenho de a evitar!» E com este propósito fez-lhe sinal de que não ia para a água, ficando antes com D. Joana.

«Nunca cheguei a ver Victoria em fato-de-banho; mas que importa se tantas vezes desfrutei a sua nudez?» Sentia-se desconfortável por este pensamento lhe ter surgido, enquanto olhava, mas sem laivo de malícia, para a menina que sempre lhe aparecia como mulher. Laura continuava a chamá-lo por gestos... Ele, fingia que não a via!... A razão era mais forte do que o amor.

Vieram-lhe à memória duas passagens dos Poemas Homéricos. Uma, onde se fala de uma linda donzela «que na forma e na beleza igualava as deusas»². Outra, sobre «a mais bela das mulheres». Confrontou-as com Laura e Victoria: Laura é Nausícaa, a das lindas vestes, semelhante a uma deusa, que se encantou por Ulisses, e ele por ela. Helena, «a dos alvos braços, dos belos cabelos, das belas tranças»³ que fascinou todos os homens, embora os cabelos de Victoria lhe caíssem soltos. E eu, a que

2 Homero - Odisseia Canto VI - trad. Frederico Lourenço.

3 Homero - Ilíada, Canto III e XI - trad. Frederico Lourenço.

herói me assemelho? Eu?... Sou apenas um pateta a olhar para aquela miúda.

- Já reparou como as meninas nadam bem? - perguntou-lhe Joana, embevecida. O cuidado que as escolas põem na prática dos desportos, também para as raparigas, vê-se nos resultados. Tornam-se desenvoltas, ágeis e saudáveis, não acha?

Claro que Alberto concordou, meio engasgado.

- Eu não conhecia essa preocupação de ministrar desporto ao sexo feminino.

- Mas de que maneira!... Das escolas oficiais às particulares, religiosas e escolas inglesas, todas se unem em actividades desportivas que dão origem a grande número de jovens atletas, em torneios intercidades e até com Bombaim.

- Sabia disso em relação aos rapazes, mas não tinha ideia que incluísse as raparigas. Deve ser influência inglesa.

- E é também da Mocidade Portuguesa Masculina e Feminina que dinamiza o preenchimento dos tempos livres com o desporto, e outras actividades interessantes, independentemente de nós podermos questionar as motivações de cariz político que possam existir subjacentes. De qualquer modo, está de acordo com o célebre lema “Mens sana in corpore sano”. Aliás, esta intenção sempre esteve presente nas escolas católicas, laicas e nos seminários como, por exemplo, o dos Jesuítas, em Rachol. E sabe que lá, num dos seus cursos são ministrados sete anos de Teologia, e de Filosofia, não só para a formação do clero mas também para leigos?

Alberto ficou admirado, não deixando de fazer alguns considerandos sobre o elevado nível cultural de uma elite, no

melhor sentido do conceito, que se encontrava em Goa. Depois voltou à importância do desporto.

- O Xavier chegou a mostrar-me os muitos troféus que ganhou nas várias modalidades que tem praticado.

- Por vezes, nós preocupávamo-nos com o tempo que ele dedicava ao críquete, ao ténis, à natação e ao atletismo. Mas, afinal, foi sempre um óptimo aluno, tirando as melhores notas e sempre presente em tudo o que tinha interesse. Durante os torneios, com a participação de escolas de Bombaim, não imagina o tráfego dos barcos de carreira que traziam atletas e espectadores. Deve lembrar-se daquele grupo de meninas hindus que vieram o ano passado, vestidas com os seus belos saris, executar os seus bailados, juntamente com estudantes hindus, cristãos, muçulmanos, parses e outros. A sua presença, em Goa, deveu-se a esse intercâmbio. Ficou famosa, há dois ou três anos, uma atleta de Bombaim, chamada Dolly Nazir, que fez a nado a travessia do Mandovi e do Zuari, o que nunca havia sido feito. E, já agora, convido-o para irmos visitar a exposição dos trabalhos dos alunos da Escola de Artes e Ofícios. A Laura também aprecia muito estas exposições. Ela, na verdade, prefere a arte ao desporto. Um pouco de ténis e a natação lhe bastam. Mas a arte, em geral, e especialmente a música, o cinema e a literatura, são os seus verdadeiros centros de interesse.

- O Território está provido também de outras boas escolas, pelo que me parece.

- Não tanto de escolas públicas, embora haja agora um esforço nesse sentido. Temos aqui em Nova Goa boas escolas e diversificadas instituições culturais, mas não são em demasia, e nem suficientes. O doutor conhece a Escola Médica Cirúrgica

que ministra também Farmácia e Enfermagem. Temos o já mencionado Liceu Nacional Afonso de Albuquerque, a Escola Normal Luís de Camões e a Escola Nacional Feminina que, é pena, só ministrar ensino até ao 2º grau. É muito pouco. Embora não faltem colégios particulares religiosos e as escolas inglesas. E há ainda os grupos cénicos que são verdadeiras escolas de teatro. Já os conhece bem, viu-os actuar no Teatro Nacional onde costumam também realizar-se palestras de elevado conteúdo cultural, versando temas variados. Na música, temos bons professores e bons intérpretes. Alguns deles foram para a Metrópole e lá se notabilizaram, até como professores do Conservatório. A Índia Portuguesa tem gerado ilustres filhos na cultura, em geral, que não só aqui na terra mãe, mas em Portugal e noutros países, se tornam célebres. O Dr. Alberto já teve ocasião de assistir, até na nossa companhia, aqui em Pangim, a concertos de música clássica por intérpretes de muito bom nível.

Alberto corroborou o parecer de D. Joana e resolveu ser mais abrangente na apreciação musical, dizendo: - E, já agora lembro, também, os espectáculos de variedades no Casino-Restaurante. E sei lá que mais!...

- Mas o que nos deu maior prazer (o Alberto ainda cá não estava), foi a vinda do Orfeão Académico de Coimbra. A excelência do repertório, as vozes, os momentos com os fados e guitarradas de Coimbra, e, em especial, a alegria dos estudantes partilhando-a com toda a população, tornou-se num acontecimento inesquecível.

- Eu também não estava em Coimbra quando eles cá vieram, mas foi bastante divulgada a viagem do Orfeão e o sucesso que

tiveram. Os jornais deram grande ênfase ao acontecimento. Mas - continuou Alberto - há ainda outros espaços culturais, desportivos e de lazer como, por exemplo, o Clube de Ténis com os seus eventos. A D. Joana não é grande frequentadora, parece-me.

- Não, talvez porque não jogo, ou jogo mal. A minha sogra é assídua espectadora, com o seu grupo de amigas, dos campeonatos que lá têm lugar, até de Mah-jong. Mas eu acho que é um clube muito elitista. Aliás, só as senhoras goesas da classe alta saem de casa... Todas as tardes, a elite da cidade lá se reúne. Apesar de o Joaquim, pela sua posição no Governo, me colocar, mais do que a par das outras senhoras metropolitanas, esposas dos Juizes da Relação e Municipais, dos Conservadores, e das elegantes esposas dos Oficiais da Guarnição Militar que tanta vida e brilho dão ao clube. Apenas, isso sim, acompanho o meu marido às recepções, quer no Palácio do Governo, quer noutros lugares adequados aos diversos acontecimentos. Assistimos, há pouco, ao casamento da filha do Senhor Governador Quintanilha de Mendonça e Dias, com o Senhor Tenente da Marinha Fernando Simões da Fonseca. Foi um acontecimento memorável. O Senhor Tenente é o responsável pelo Clube Náutico cujas actividades desportivas o Xavier sempre preferiu, a todas as outras. Adora o mar. Quem diria que depois de uma primo-infecção ele se tornaria num atleta aplicado a várias modalidades, distinguindo-se sempre em todas. Não sei onde ele ia buscar tempo para se dar tão intensamente ao desporto. Nós temíamos pela sua saúde mas, como o Dr. Nery Sampaio o vigiava continuamente, isso sossegava-nos.

- Estou espantado com o relato que a D. Joana me faz da vitalidade e qualidade da vida cultural e social, pelo menos aqui em Pangim.

- Também não é tanto assim, Dr. Alberto. Margão é-lhe superior. A preocupação cultural em Margão é notável. Daí chamarem-lhe a Lusa Atenas. E vê-se logo pelas casas de espectáculos. Margão tem três cinemas que passam 500 filmes por ano, ao contrário de Pangim que não passa dos 100, ou pouco mais. Mas o desenvolvimento da Índia Portuguesa podia e devia ser muito maior, a começar nas infra-estruturas. É o empenhamento das escolas que, no seu conjunto, se tornam grande motor do desenvolvimento das actividades para os jovens. E as actividades femininas também, apesar de tudo, são de considerar com os seus cursos específicos de grande utilidade. Tem sido feito um bom trabalho, estimulando valores humanos e cívicos, de modo a esbater os defeitos desta sociedade tão estratificada e preconceituosa. Pode crer que não estou a exceder-me. Pelo contrário. Acho que faltam escolas públicas e entre outras as do Ensino Técnico (também aqui em Pangim), quer para rapazes, quer para as raparigas. Se não fosse a Igreja Católica, e outras, com a sua preocupação educacional, seria bem pior. O Estado Português tem esse dever, o de fomentar a valorização e independência da mulher, ainda que sem interferir directamente nas tradições. Mas é um campo demasiado delicado e, por isso, votado quase ao esquecimento pelas autoridades competentes. A mulher das classes mais baixas tem pouca importância, até como ser humano. E, depois, apesar de no território português da Índia se terem abolido as castas, elas aí estão, bem visíveis. Nem a Igreja as

conseguiu extirpar, pois estão ainda no âmago das tradições. Na família do Joaquim há brâmanes e chardós; o António, com o seu gosto pelo comércio, é disso um exemplo, como o são, de outro modo, os outros meus filhos, amantes do estudo e do saber. Mas nem acredito muito que isso tenha a ver com as castas. E são tantas!... Ninguém fala nos intocáveis. Nehru aboliu essa execranda casta, tal como a Igreja o fez, mas vê-se que ela ainda anda por aí, como se, os assim denominados, fossem infra-humanos e os outros não os vissem de outro modo. Foi mais fácil à Igreja abolir a veneração das vacas.

- Eu constatei o facto, particularmente em Bombaim, quando lá aportei. Fez-me muita impressão porque são os próprios que se sentem intocáveis...

- Esperemos que as mudanças políticas e o desenvolvimento social, imprimam novos conceitos éticos e estabeleçam uma relação humanizada e fraterna entre as pessoas. Mas isto tem origem remotíssima na tradição hindu. Por isso, é mais difícil de extirpar.

Joana calou-se, por momentos, como se os pensamentos lhe tolhessem a fala; e, Alberto, acompanhou-a no silêncio. Quando voltou a expressar os seus pensamentos ela fê-lo num outro tom de voz, quase sussurrando:

- Lembrei-me agora de uns versículos de uma linda oração hindu que a minha sogra reza e que muitas vezes eu ponho nos meus lábios:

«O Mundo inteiro é apenas uma família:
que todos sejam felizes,
que todos sejam saudáveis,
que todos realizem o bem...»

E evocou também Rabindranath Tagore, cujo desejo e ideal era o de que a Europa e a Índia se compreendessem; que o Oriente e o Ocidente se aproximassem estreitando-se numa amizade fundada no respeito mútuo. «Em Goa essa experiência parece tender a realizar-se, se lhe derem tempo e circunstâncias» - pensou Joana, mas sem o expressar.

Alberto ainda evocava a oração hindu, verdadeiramente universal, que se integra também na mensagem de Cristo, concluindo que todos os fiéis, de todas as religiões, a deveriam ter nos lábios e no coração. Pelo menos, em homenagem a Gandhi que tanto lutou por uma maior igualdade dos seres humanos, e da possibilidade de a todos ser permitido trilhar os caminhos que podem levar ao maior usufruto dos bens da vida plena, numa dimensão espiritual purificadora.

«A Índia está a tornar-me místico»!...

- Não percebi o que disse.

- Não é nada, D. Joana. Apenas estava a pensar em voz alta...

Alberto já estava habituado a que as doenças recrudescer após a monção. As águas arrastavam detritos e estagnavam, o que concorria para os surtos das doenças gástricas e infecciosas. No Hospital Militar, como nos outros da cidade, as camas ficavam praticamente todas ocupadas: era a malária que os sipaios também já traziam das colónias de África. E era ainda a cólera e as desinterias que o ocupavam o dia inteiro no hospital, quase sem descanso, nem ao domingo. Ele já não estranhava. E tendo os medicamentos necessários, o sucesso do seu empenhamento na cura dos doentes era compensador. Em casa dos Barreto de Ataíde também já sabiam que o Dr. Alberto não saía

do hospital, embora sentissem a sua falta. Laura aceitava penosamente a situação. Tinha orgulho no homem que amava. «Ele é um bom médico e muito dedicado», e saber isso reconfortava-a mas sem a consolar. Preferia-o ao pé de si, ainda que isso fosse prova de egoísmo da parte dela. «Havia enfermeiros no hospital para dar os medicamentos aos doentes», remoía ela.

Quando os surtos das doenças amainaram, tinham-se passado semanas, durante as quais, poucas vezes, o Dr. Alberto visitara os amigos. A sua vida durante esse tempo, fizera-se apenas entre o Hospital e a Messe dos Oficiais.

Finalmente aparecera-lhes, mas mais magro, mais abatido. Precisava da alegria de Laura, dos cozinhados lá de casa, e da presença de todos eles. Dos serões, e de os acompanhar ao cinema, ao Nacional, embora nem disso se lembrasse quando tratava os doentes. Então, Laura, ao vê-lo tão desgastado, envergonhou-se do seu egoísmo, mas sem se arrepender de o querer só para ela. E o Dr. Alberto falou-lhes da luta que travou para tratar a cólera, endémica em toda a Índia, o tifo e tantas doenças, umas mais graves que outras. «A malária, com o quinino, que nem sempre era debelada nas diversas formas do paludismo; mas, agora, com a cloroquina e outras fórmulas, já vão diminuindo as recidivas e consegue-se cura, na maior parte dos casos. E não esqueçamos que, felizmente, estamos na era dos antibióticos milagrosos, o que torna incomparavelmente mais eficaz o tratamento dos enfermos das doenças infecciosas, também as do trato respiratório, incluindo a tuberculose, embora sem o sucesso de cura que seria desejável. Com essa medicação estamos a ganhar batalhas contra estas infecções, e outras, que dantes dificilmente eram tratáveis, ou

não o eram de todo. Com o advento das sulfamidas e da penicilina, e agora a estreptomicina, tudo começa a mudar. Mas não é só a medicação que importa. É extremamente relevante a vacinação quando ela existe para a doença em causa, e o diagnóstico correcto e precoce. Alberto, ao pensar na vacina, lembrou-se e com toda a justiça, que foram os indianos que a descobriram. Também a profilaxia conta muito, apesar dos nossos soldados ainda terem dificuldade em compreender e aceitar a sua importância. Saem do quartel e não se lembram que se devem coibir de ingerir o que não é de confiança, e evitar contactos perigosos. Mas como não os podemos manter fechados, o importante é sensibilizá-los para os cuidados a ter, por forma a prevenir as doenças. Bom seria que estes ensinamentos fossem extensivos a todas as populações.»

E era deste modo, empenhando-se na profilaxia, no diagnóstico e na mais correcta adequação do tratamento à doença e ao paciente, que o Dr. Alberto ocupava as horas dos seus dias, os quais se iam sucedendo, premiando o seu esforço e a dádiva do seu tempo e de si próprio, com bons resultados.

Mas, para isso, também teve a ajuda preciosa dos trabalhos científicos do eminente Professor Doutor Froilano de Mello, que fora director do Instituto de Bacteriologia de Pangim. Os trabalhos que publicou sobre a Malária, a Tuberculose, a Lepra e outras doenças muito ajudaram Alberto a debelá-las. O ilustre goês foi perseguido por Salazar, devido à sua luta pela independência de Goa, Damão e Diu, à maneira da «Commonwealth» britânica; por isso, teve de emigrar para o Brasil.

Além de prestigiado médico e investigador, o Doutor Froilano também tinha servido o Corpo Médico do Exército Português em Goa, com a patente de coronel.

(Página deixada propositadamente em branco)

PARTE VI

Ilusão e ficta imagem

*Desce o crepúsculo e seu presságio.
A sombra esbate o amanhã
E na alma dói o medo*

*Quiétude amarga,
O repousar da noite.*

*Enterrada no cair do dia
A ânsia de luz e a busca da certeza.*

*Um manto de silêncio
Presente a angústia e a derrota.
Em vão o sonho arrepia a noite.*

*O caminho, rompe-o o abismo.
Nada transpõe o aqui.*

*Nos passos, palavras e gestos,
Ilusão e ficta imagem*

José Ribeiro Ferreira - *Ficta Imagem*

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO 1

*Quando Gilgamesh pôs a coroa, a gloriosa Ishtar
ergueu os olhos e viu a beleza de Gilgamesh.*

Disse ela:

*«Vem até mim Gilgamesh, e serás o meu noivo;
concede-me a semente do teu corpo, deixa-me
ser tua noiva e serás o meu marido»*

Gilgamesh - Versão de Pedro Tamen

O casamento de Francisco com Patrícia realizou-se pela festa de Nossa Senhora da Conceição. Dava mais que tempo, a Alberto, para assistir ao casamento, como padrinho do noivo, e ainda ir passar o Natal com a família, em Lisboa.

Apesar de os noivos e parentes próximos serem católicos, as cerimónias, e a própria festa do casamento, foi orientada no esplendor e na duração, como era costume entre hindus e muçulmanos (alguns ainda seus parentes), e amigos e convidados. Os noivos notavam-se fatigados devido a tantos compromissos com familiares e amigos, em especial por parte da noiva. Finalmente, deixaram-nos partir em lua-de-mel. Tinham escolhido o Rajastão com as suas belas cidades, ornadas de magníficos palácios, dignos das Mil e Uma Noites. Foram directamente para Agra com o intuito de partilharem da homenagem ao Amor, admirando o Taj-Mahal. Depois tencionavam conhecer Nova Delhi, Jaipur e Udaipur, a cidade dos palácios

que pareciam flutuar sobre as ilhotas, no meio do lago. O expresso de Agra era um comboio moderno e de primeira classe, confortável e luxuosíssimo. Francisco, industriado pelo irmão que os acompanhara à *Victoria Terminus*, contratou um criado para toda a viagem, e alugou a cama que todas as noites teria de ser montada. Os noivos, no final da viagem de núpcias, muito teriam para contar.

Alberto e Laura, apesar de cada vez mais atraídos um pelo outro, mas cada vez mais distanciados, assim passavam o tempo, em Bombaim. Mas a certeza de que o desejo de permanecer juntos os entontecia, é que os levava a evitar a atracção que ambos experimentavam quando estavam perto um do outro. No entanto, era pior quando fugia cada um para seu lado. Até que, exaustos da luta em que ambos saíam vencidos, num dado momento oportuno, quase ao lusco-fusco, ele passou rente a ela e, disfarçadamente, sussurrou-lhe: «O carro que o António me emprestou está estacionado junto à porta, do lado do Club. Siga-me com alguma distância». Laura respondeu-lhe com o olhar.

Ela abriu a porta do Studebaker de vidros foscos azuis, da cor dos assentos, e entrou. Alberto arrancou célere pelo percurso da *Marine Bay*. A mansão dos pais de Inês ficava em *Malabar Hill*, no luxuoso bairro sobre a colina com parques e jardins e belíssima vista para o mar. Alberto estacionou o carro frente ao deslumbramento do mergulho final do pôr-do-sol; e foram também as pálpebras de Laura que baixaram lentamente, cerrando dentro delas o brilho intenso das pupilas que o encadeavam. Sedentos, beberam-se nos beijos que não

apagavam o fogo do seu amor; antes o avivavam até queimar e doer. E a frase que Laura, há tanto tempo desejava ouvir, soltou-se finalmente do coração de Alberto, murmurada por entre os lábios que a beijavam:

- Amo-a muito, Laura! Já deve ter adivinhado quanto a amo, meu amor...

- E eu também o amo muito. Tanto!...

Abraçados na noite que era azul dentro e fora do automóvel, com as luzes que bordejavam a marina projectando-se nas águas azuis escuras da baía, tornando-as mais claras, eles ouviam, apenas, o bater dos seus corações.

- Temos de ir! - disse, finalmente, ela.

- Ninguém dará pela nossa falta - tentou ele fazê-la acreditar.

- Amanhã teremos tempo e oportunidade para conversar. E há muito para dizer, não acha Alberto?...

- Certamente, Laura - disse ele, beijando-a mais uma vez.

- Vamos, então. Tem de ser!...

Chegados à porta de casa, Laura entrou e dirigiu-se para o seu quarto. Estendeu-se em cima da cama de olhos fechados a reviver os momentos mais intensos da sua vida. Finalmente sabia o que era a felicidade que só a paixão do amor podia oferecer. «Sou tão feliz, tão feliz!...» Mas desejava partilhar com alguém essa felicidade que ainda não podia contar a ninguém. Queria Alberto ao pé de si; precisavam de estar juntos, de ficarem unidos para sempre. E como já esperava, tornou-o a ver, de relance, à hora do jantar. Os homens fizeram grupo, à parte, e saíram de seguida para o «Yacht Club».

«Amanhã, pensava Laura, amanhã teremos o dia para nós...» e, consolada, acabou por adormecer.

Na manhã seguinte, quando todos se reuniram na sala de jantar e Laura viu António procurar por Alberto que acabava de entrar na sala, ouviu o irmão dizer:

- Consegui-lhe passagem ainda para hoje num Constellation da Pan American que faz escala em Carachi, Beirute, La Valetta e Paris. De lá para Lisboa já é fácil arranjar bilhete noutra qualquer Companhia, como bem sabe.

Alberto, ao ver a expressão de Laura que estava junto de António, mal conseguiu articular as palavras que devia ao amigo e, mais dificilmente, as encontrou para Laura. Todos se sentaram à mesa, mas ela queria fugir dali e morrer. Alberto também queria fugir, mas para não ver a dor de Laura. Ele não queria fazê-la sofrer, só que não podia agir de outro modo para bem dela. Já lhe fizera mal de sobra. Teria de parar. Quando, na véspera, a deixou à porta de casa, voltou a pôr o carro em andamento e automaticamente dirigiu-se para a *Marine Bay*, estacionando no mesmo sítio, a fim de pensar no que se passara entre ambos. O tremeluzir das luzes dos globos dos candeeiros que contornavam a avenida reflectiam nas águas a iridescência das pérolas. Talvez por isso chamassem ao semi-circulo da baía, o Colar da Rainha.

Finalmente, Laura teve coragem para dizer à mãe que não estava a sentir-se bem. Doía-lhe a cabeça e sentia-se nauseada, por isso, voltaria para o seu quarto. Precisava de dormir um pouco mais.

- Espera, filha. Eu peço ao Alberto que te veja, antes de ele ir ao hotel preparar a bagagem. Mas foi tão veemente a recusa de Laura que D. Joana não insistiu.

Os pais de Patrícia tinham alugado os quartos de um Hotel novo, ao lado de sua casa, para alojar os convidados que não viviam em Bombaim. O Dr. Alberto era um dos que ficara no Hotel, ao contrário da família do noivo que fora instalada em casa dos sogros de Francisco. Porém, Alberto não se sentiu deslocado; com ele ficaram os parentes e amigos de Francisco, e de seus pais, que viviam em Goa.

Joana deduziu que o mal-estar da filha se devia à fadiga, à falta de horas de sono reparador, aos excessos das comidas e a toda aquela excitação dos dias da boda. No entanto, quando viu Inês disponível pediu-lhe que fosse ver a cunhada e lhe levasse uma chávena de chá, visto não ser de bom tom ela deixar a sala onde entretinha um grupo de Senhoras, falando-lhes de Pangim.

Foi com Inês que Laura se abriu mas pedindo-lhe segredo, embora não lhe contasse tudo o que acontecera. Era só a mágoa de saber que Alberto ia partir para Portugal, mais cedo do que ela esperava. Contava que ele ficasse mais uns dois dias, como estava combinado, para pensarem juntos a sua vida futura.

Inês defendeu-o: - Mas foi o António que apenas lhe conseguiu passagem para hoje, e não para depois. Nem sabes como é difícil, nesta altura, conseguir-se uma passagem de avião para a Europa. Mas tu, Laura, tu vais cá ficar uns tempos connosco até aliviarest a tua mágoa, sem que os teus pais a adivinhem. Não vale a pena que alguém saiba da tua decepção. O Dr. Alberto podia ficar mal visto por causa das congeminações erróneas que se fizessem. E ele não é propositadamente o culpado desse teu desgosto, pois não? Ou é?...

- Não! não... Ele nunca me pediu ou prometeu nada. Por isso, nada me deve. Eu é que fui tonta.

- Deixa lá! Nós mulheres somos assim. Sonhamos muito. Mas acredita-me: tu hás-de vir a ser feliz, como eu e a Patrícia. É tão fácil, para ti, arranjar um bom marido. Vais ver que é... Até aqui no nosso meio.

- Laura nem respondeu. Inês confundia amor com marido, o que, por sorte, acontecera com eles, quando mal se haviam conhecido.

D. Olívia, entretida com as mães e avós das esposas de seus netos, e com as crianças, nem tivera ocasião de interiorizar que Alberto partiria dentro de poucas horas. Mas Joana lamentava a partida do médico amigo cuja ausência lhes custaria muito. Apegaram-se a ele, embora já estivessem a contar com o seu regresso à Metrópole. Fora como um filho - dizia ela.

Alberto não sabia como encarar Laura, embora tivesse de falar com ela; era imperioso dizer-lhe que a sua partida inesperada não alterava o que ele já tinha resolvido fazer: não a prender a si, porque não a merecia; e as razões, mais tarde, tentaria explicá-las. Agora, não iria ao fundo da questão, não seria capaz de o fazer. Entretanto, soubera que ela se recolhera não tencionando descer, por sentir-se mal disposta e adoentada. E que pedira à mãe que se despedisse dele também por ela. Fora melhor assim. A má disposição dela facilitara a despedida, para ambos.

O Dr. Joaquim e D. Joana fizeram questão de o acompanhar ao aeroporto, juntamente com António. Lá em casa, Alberto despediu-se de todos. Por último, abraçou D. Olívia pedindo-lhe que apresentasse à neta as suas despedidas.

- Fora demasiada a excitação e a falta de repouso - dissera D. Olívia, corroborando a nora. Logo, ficará bem. E, num momento oportuno puxou Alberto para um canto e confidenciou-lhe: - Fez bem em pedir-me, especialmente a mim, para eu conversar com a Laura sobre a sua partida sem despedidas. É uma expressão de tristeza, mas também de cumplicidade, velou-lhe o rosto. - Desejo-lhe, meu bom amigo, tantas felicidades quanto as que desejo para a minha neta. Como sabe, quase sempre a felicidade está nas nossas mãos. O doutor sabe que é assim! - afirmou D. Olívia convicta de que Alberto compreenderia as suas palavras sibilinas. E com mais algumas considerações do mesmo teor, a senhora deu-lhe o último abraço de despedida.

- Levo-a no coração, senhora D. Olívia - terminou Alberto, afastando-se em direcção à rua onde já era esperado.

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO 2

*Ó louca desvairada ideia
de fixar em ti o meu olhar
de condensar em ti os meus segredos.
És o gosto do sol
o cheiro a luz
primeira fonte de lúcida loucura
[...]*

Isabel Rainha - *Canto Em Tom Maior*

Assim que Laura adivinhou que o avião levantava voo para rumar às terras do ocidente, onde ela gostaria de ver o sol a pôr-se, saiu da cama e pegou no caderno, no qual costumava escrever o que os acontecimentos dos seus dias lhe ditavam. Era um hábito que lhe ficara desde o tempo do colégio, e que, agora, com dezassete anos ainda não perdera. Nem só memórias nem ficção mas, especialmente, aquilo que necessitava de exprimir, de recordar ou repensar. E, também, tudo o que desejaria que acontecesse na sua vida futura, ou tivesse sucedido nos dias já passados. Mas nem era capaz de escrever. No entanto, desejava relatar no seu diário, ainda sob pressão, a verdade das suas sensações para que não as esquecesse, nunca. Só depois de ler e reler a carta que dele recebeu, é que voltou a pegar na caneta e, com o sofrimento mais agudizado, conseguiu escrever:

«Quando Alberto chegou a Goa eu era uma adolescente, naquela viragem turbulenta e encantatória, perante um mundo que começava a ser também o meu, e que, perturbando-me, me deslumbrava sem que o entendesse. Agora, passados três anos, muitas das minhas colegas do colégio e as minhas melhores amigas ou estão noivas ou já casaram. E eu sinto-me mais só do que nunca, nesta casa cheia de gente, onde até tenho pretendentes.

Tonta de amor, mesmo não tendo a certeza se quero ou não quero que esse sentimento perdure dentro de mim, por esse Alberto que não sei se mo merece, sinto a falta de Xavier para conversar com ele como quando éramos pequenos, e ele me esclarecia sobre o que eu não compreendia. Tirava-me as dúvidas e expulsava de mim todos os medos. Mesmo os do futuro, quando eu não sabia, ainda, o que era o futuro. Mas ele já sabia. Ele sempre soube tudo.

Esqueci-me completamente do Xavier quando ainda o tinha junto de mim. E só agora, que está tão longe, é que me lembro dele. Como eu precisava de o ter por perto para lhe falar desta confusão de sentimentos dolorosa e perturbadora, em que o Alberto me deixou. Mas ainda bem que o Xavier não está aqui porque eu não podia, nem devia falar-lhe de Alberto. Não quero falar dele a ninguém. Que estranho amor o que ele diz sentir por mim! Se me ama, porque é que me deixa? Que se passará com ele? Certamente ainda terá a ver com Victoria, a mulher que amou e, por isso, não me pode amar inteiramente. Como se só agora tivesse descoberto que o amor é o tudo, e se é menos, então é nada. Ele deixou cair a sombra aos pés dessa mulher que *amou* e, só por inércia, suporta o corpo vazio

com que ficou. Um corpo sem sombra deve estar vazio. Os mistérios hindus falam nisso. O que eu sei é que ele é um homem esvaziado de alguma coisa que lhe faz falta para sentir-se completo. Não é fruto da minha imaginação, não! Eu via-lhe nos olhos quando atrevidamente o fitava. E era quase nada o que eu lhe via, ou o que ele me permitia que eu visse. Este homem é mesmo um espaço fechado, onde nem a mim tolerava que nele entrasse, mesmo quando dizia que me amava perdidamente. E a verdade é que ele tem o aspecto e a postura de alguém que se perdeu no sítio errado e, por mais que procure, não consegue descobrir-se. E eu que acreditei que ele pudesse encontrar-se através de mim! Não quero continuar a sofrer por ele que tem toda a razão em dizer que não me merece. Se não me ama como eu o amei, e amo, apesar de tudo, então não é digno de mim. Mas como eu gostava de o ajudar, se é de ajuda que ele necessita! Penso que nos faltou o tempo. E quando o tempo nos falta, tudo se nos torna adverso. Ele diz que me quer muito e, apesar de tudo, eu acredito, ainda que de nada me valha.

Lembro-me da primeira vez que o vi de perto. Desencadeou-se em todo o meu ser uma tal vertigem emocional, alucinatória, que senti o meu corpo tornar-se tão diminuto que ele nem me via, nem dava por mim, não se dando conta da minha presença. Apenas quando o Francisco pronunciou o meu nome, e Alberto olhou para a minha presença, existente, é que o meu corpo voltou ao normal, distendendo-se sem que eles tivessem reparado no que me tinha acontecido. A minha imagem real, corpórea, desconstruíra-se só de olhá-lo, reconstruindo-se magicamente quando o Francisco, nomeando-me, fez com que Alberto me fitasse. Eu era então

uma adolescente insignificante, mas a minha mãe primara para que eu tivesse o melhor aspecto possível, embora eu, contrariando-a, acabasse por prender os meus belos e fartos cabelos, de reflexos acobreados, num exuberante rabo de cavalo; mas o vestido fora escolhido pela mamã. Lembro-me de que era em *robbia* branca com pintinhas vermelhas do tom da fita que prendia os cabelos, e da outra que me cingia a cintura delgada, cujas pontas davam atrás uma laçada. O decote redondo descobria-me o colo, e a saia rodada era guarnecida por um folho que lhe dava ainda mais amplitude.

A mamã usava um simples mas elegante vestido camiseiro de seda estampada, em tons suaves, enquanto a avó pusera um dos inevitáveis conjuntos de saia com blusa de seda e um dos seus preciosos lenços de seda, sobre os ombros, a condizer com os tons de cinza. Por sua vez, a Catarina, trazia como sempre, um vestido exageradamente sóbrio, mas alegrado por uma das belas golas de renda que, de oferta, possuía em número suficiente para lhe encher uma gaveta. Era a única vaidade ou garridice a que se permitia: usar, conforme as circunstâncias, a mais singela ou a mais elaborada gola bordada, ou de renda feita à mão, de bilros, de crochet, ou de compra, das mais requintadas.

Alberto, (não digo quando cá chegou), mas nestes últimos tempos em que fui crescendo tornando-me, entretanto numa mulher, em plenitude, ele bem podia ter sido um bom companheiro para mim. No entanto, cada vez mais parecia ter receio, ou desinteresse em estar comigo. Punha-me de lado, preferindo passar o serão a jogar às cartas com os meus pais, a avó e o Francisco; à canasta, quando lá estavam outros ami-

gos de meus pais ou do meu irmão. Isto, apesar de me ter dito que não gostava de jogos de cartas. Mas não quis que eu lhe ensinasse a jogar ao Mah-jong, apesar de eu também não gostar de nenhum jogo. É tempo perdido, quando podemos conversar. E há tantos bons livros para ler que nem uma longa vida chega, só para os muito, muito bons. Eu ensinar-lhe-ia o Mah-jong apenas para o ter ao pé de mim. Foi a avó que fez questão de me ensinar e eu aprendi para lhe fazer a vontade e por curiosidade. Não para ocupar o tempo que seria perdê-lo. A avó também não gosta de jogar às cartas, por aí além. Mas faz paciências durante a monção quando está sozinha, para não estar sempre a ler. Os olhos já estão cansados para ver as letras miúdas - diz ela.

Enquanto escrevo distancio-me do Alberto mesmo falando dele. Então, torna-se, para mim, apenas um elemento de análise, objectivado, de modo que eu possa compreendê-lo melhor. Mas se eu nem os sentimentos que neste momento sinto por ele, os posso compreender!... Será que o amo ainda, depois de me ter fugido e eu ter lido a carta que me enviou? Claro que amo. Mas já não me atrevo a afirmar que continuo apaixonada por ele, pois fez esmorecer o fulgor desse sentimento exaltante que me tinha levado a um estado de êxtase quando me beijou, dizendo que me amava muito. Quantas vezes já escrevi o verbo amar?...

Fiquei doente. Trataram-me do corpo porque tinha náuseas e febre. Do que me ia na alma não me podiam tratar. A minha mãe desconfiou, a avó adivinhou e a Inês soube de tudo, porque respondi às perguntas, não muito íntimas, que me fez.

Alberto, na carta, expôs os seus sentimentos, mas não falou das suas intenções, nem dos seus propósitos. Era como se estivesse a ver-se a um espelho no qual se reflectisse a imagem da

sua pusilanimidade (à maneira de *Dorian Grey*), que o torna propenso a magoar-se a si mesmo e aos outros. A mim, por exemplo! Será que Victoria lhe fez tanto mal que o inibiu de voltar a assumir o amor? Ou foi ele que lhe fez mal, a ela?

Creio que ele não é capaz de cuidar dos seus sentimentos e, muito menos, dos que faz nascer nas mulheres que, de alguma forma, seduz. Mas não! Não o acho um sedutor mal intencionado. É um fraco. A minha avó tem razão ao dizer que ele precisa de uma mulher que o ajude a enfrentar-se. E essa mulher podia ter sido eu. Mas já não sou. Não quero ser!

CAPÍTULO 3

*Feliz aquele que administra sabiamente
a tristeza e aprende a reparti-la pelos dias
Podem passar os meses e os anos nunca lhe
faltará
[...]*

Ruy Belo - *A Mão no Arado*

Ainda em viagem, Alberto sentiu necessidade de escrever uma longa missiva, a Laura, com a intenção de lhe dizer que teria preferido despedir-se, pessoalmente, para que ela ficasse bem ciente das razões da atitude que ele tomou. Pedia-lhe a sua complacência e compreensão pela forma como agiu, embora não tivesse alternativa. Não pretendeu fugir dela. Aceitou a oportunidade de deixar Bombaim, o mais depressa possível, visto, logo na noite anterior, ter decidido não se precipitar num compromisso que poderia não ter o futuro que ela esperava, apenas por culpa dele. Amava-a muito, mas temia não ser capaz de a fazer feliz, tanto quanto ela merecia - reiterava ele. Esperava que ela compreendesse que, apesar de correr o risco de lhe parecer timorato, não agia como um covarde mas, antes, por honestidade moral, o que tornava a sua atitude irrefragável. Beijara-a apaixonadamente e as expressões de afecto que trocaram mostraram como ambos se amavam. No entanto, e, apesar disso, preferia não a arrastar para uma rela-

ção que terminasse num casamento em que ela não fosse feliz. Tinha razões para temer esse desfecho. E pedia-lhe que acreditasse que, quando ele a convidou a entrar no carro, não fora com o intuito de desfrutar a mulher estonteante em que Laura se tornara, mas pelo amor que ela fizera despertar nele. Não a quisera macular. Não era um homem sem carácter. Os beijos que trocaram sentira-os como as primícias do propósito que, então, estava resolvido a concretizar. Todavia, quando a foi levar a casa, achou por bem não se precipitar, antes de pensar melhor nas consequências desse impulso, ainda que ditado pelo amor que ela fizera enraizar no seu coração. E decidiu que não podia arrastá-la para um torvelinho de enganos que nada tinha a ver com a verdade do amor que sentiam. Acreditava que o afecto que partilhavam era genuíno, embora lhe parecesse insuficiente para uma relação duradoura e compensadora, capaz de enfrentar insuperáveis obstáculos. Para que uma vida a dois fosse inteiramente feliz, a ele, faltava-lhe o que não lhe poderia dar. E, assim, Alberto ia rememorando o essencial que pretendia dizer na carta, enquanto dobrava as folhas que escrevera e as metia num envelope com o nome de Laura, e este, num outro, endereçado a D. Olívia, já com o selo francês adquirido no aeroporto de Paris, onde esperava outro avião para Lisboa. Procurava escrever e enviar a carta para Bombaim, de modo que rapidamente ela chegasse às mãos de Laura. Entretanto, resolveu lê-la novamente para se certificar que dissera o essencial, de modo a ela o compreender e perdoar, embora ele não lhe dissesse tudo. E muito menos por escrito.

Remoendo o conteúdo e a forma do que escrevera, voltou a tirar as folhas do sobrescrito e leu-as:

«Minha querida Laura

Peço-lhe perdão pela forma como agi e, até pela ousadia de me dirigir a si deste modo, dadas as circunstâncias de ter parecido que lhe fugi, e apesar de ter a consciência de que a vou magoar. Mas a Laura será, para mim, a minha muito querida Laura que vou amar para sempre. Primeiro, foi a simpatia que nasceu entre nós; logo, surgiu um carinho afectuosíssimo; até que, pela convivência, fomos desenvolvendo um sentimento mais profundo que, passando pela admiração e assente na amizade, fez eclodir o amor quando, um dia, olhei para si e vi a mulher fascinante em que se tornara. Certamente não foi num dia que a descobri, mas, aconteceu pouco a pouco, à medida que convivíamos... Porque eu amo-a, Laura. Há dois dias tive-a nos meus braços e afirmei-lho. E porque a amo muito, e de maneira diferente daquela que amei outras mulheres, tenho de ser mais responsável consigo. Quero ter certezas, mesmo sendo tudo tão transitório, nesta vida. O nosso amor não pode, não poderia ser apanhado pela fugacidade de uma relação que fica sem sentido, embora eu saiba que o meu amor por si jamais será efémero. Mas amar, só por amar, não basta. É preciso construir. Desculpe-me, não o que lhe digo, mas o que não lhe estou a dizer. Por escrito é-me muito mais difícil. Mas também não interessa o que fica por dizer, logo que acredite que a amo e sei que não posso fazê-la inteiramente feliz. E a Laura merece o todo, não só uma parte do que quer que seja. O amor exige uma totalidade e uma coragem que eu não possuo.

Lembra-se? Passaram vários meses quando nesse escaldante mês de Junho ficámos na praia até ao pôr-do-sol. Tínhamos nadado, sem que nos déssemos conta, para bem longe da orla

da praia. Então, vendo-a ali, junto de mim, só minha, abracei-a como um náufrago procurando salvação e beijei-lhe os lábios, nem sei se dentro ou fora da água. Quando pisámos a areia macia e quente, ainda, do sol tórrido, o meu propósito era o de, no dia seguinte, falar consigo e com os seus pais. O Francisco estaria presente e eu contava com a ajuda dele. Mas a noite é boa (ou má?) conselheira e, quando acordei, já tinha perdido a coragem de a pedir em casamento. Depois, envolvi-me bastante com o trabalho no Hospital, por variados motivos, o que fez com que nos víssemos muito menos do que era costume. Entretanto chegou a segunda monção (mais rigorosa do que era habitual - diziam-me), e eu passei a visitar-vos sem regularidade, embora, uma vez por outra, lá fosse jantar.

Em seguida, no final da monção, as cheias tinham alastrado, e as lamas e os detritos trouxeram as costumadas epidemias endémicas da Índia, para além das outras sempre presentes nessas e noutras alturas. Recrudesceram as doenças e por isso, trabalhei incansavelmente durante largo tempo, sem espaço para o lazer. Chegava à noite quase sem forças para ir jantar à messe. Mas, no Hospital, durante o dia e até durante parte da noite, enquanto trabalhava, ia buscar alento e conforto à sua imagem, como se a tivesse a meu lado. A exaustão ajudava-me a fantasmear e a sentir a sua presença. E quando acontecia eu ir à vossa casa, e nós estarmos juntos, então a ânsia de fazê-la minha mulher aumentava, exacerbada, na medida em que o meu ânimo e as minhas certezas diminuía. Revoltava-me contra mim próprio, agoniado e envergonhado de ser tão pusilânime. Mas eu acreditava que era uma questão de honestidade moral, o que acabava por elevar a minha auto-estima. Era como se

estivesse em guerra com o meu amor por si e, derrotando-o, me tornasse um herói. O pior é que os galardões que a mim próprio oferecia pela coragem, não eram mais do que o sofrimento e a solidão.

Pasmo quando me recordo de ter pedido a Victoria em casamento e de ter sofrido com a sua negativa. Eu não a amava como a amo a si e, talvez, por isso, não me faltou a ousadia. Mas como é que nos poucos dias em que nos conhecemos (ela e eu), e estivemos juntos, podíamos ter consolidado o amor que eu pensava existir entre nós, ou, pelo menos, o meu por ela? Foi apenas uma paixão imoderada que as circunstâncias criaram. Desculpe-me ter-lhe falado dela e do que se passou entre nós. Mas sei que não é novidade para si. As minhas conversas com o Francisco, sobre Victoria, nem sempre foram discretas, eu sei... Mas falava dela porque o amor que eu pensava dedicar-lhe, *para sempre*, logo se esvanecera, mal cheguei a Goa.

A sua presença, Laura, a sua alegria e força de viver, a curiosidade por tudo conhecer, a sua maneira de ser prendeu-me e encantou-me. Por isso, mais tarde, facilmente compreendi que até a sua beleza, a desabrochar, se sobrepunha à de Victoria, sem que, no entanto, fosse possível confrontá-las, tão diferentes eram. A sua companhia, durante os três anos que estive em Goa, fez de mim um outro homem, melhor e mais feliz. Mas, nesse tempo, não era ainda o tempo de ousar amá-la e de mostrar-lhe que a amava. Sei exactamente quando tive consciência de que o sentimento que nutria por si era verdadeiramente amor, um profundo amor que a Laura despertou em mim. Foi na inauguração do Hotel Mandovi quando, na pérgola, não resisti a beijá-la. Eu sei que foi há pouco tempo;

mas, mais uma vez, os meus propósitos falharam na manhã seguinte. No entanto, o enleio que a sua presença me provocava vinha de muito atrás, da altura em que eu me envergonhava do meu encantamento por si, devido à sua idade. Lembra-se, de quando voltávamos do Cinema, de assistir ao filme «E Tudo o Vento Levou», de eu propiciar que os nossos corpos se tocassem? E, depois, a despedida no portão, carregada de... (não, não vou proferir essa palavra que a posso ofender). A Laura, na altura, nem se devia dar conta do que eu sentia; por isso, direi apenas que a maneira terna e, aparentemente cândida, como me despedi de si, estava eivada de inusitados e impróprios sentimentos.. Antes, eu já ficava perturbado ao ouvi-la e *vê-la* tocar piano para mim. A música saía dos seus dedos para me acariciar. E era como se eu sentisse a sua pele sedosa a roçar na minha. Então, evocava o poema de David Mourão-Ferreira:

«Quem foi que à tua pele conferia esse papel
de mais que tua pele ser pele da minha pele»

Sentia-me confundido com o prazer que desfrutava ao ouvi-la tocar. E quanta vergonha me fazia corar, o pensamento de que os seus pais pudessem adivinhar o que eu sentia por si! Temia que o meu embevecimento se tornasse notório... E, assim, os meses e os dias, dos três anos (por si prolonguei o tempo da minha comissão), foram passando até chegar o momento final em Bombaim. Eu queria falar-lhe de mim, dos meus problemas que o são, de facto, da minha maneira de ser e do nosso futuro, se chegássemos a esse ponto. Mas tudo se precipitou quando a tomei nos meus braços para a estreitar a mim e beijá-la!

Penso que para esse desfecho, também contribuiu a longa festa do casamento, com todo aquele cerimonial sumptuoso, com a carga *sensual*, de cariz hindu, de apelo aos sentidos que me fez precipitar, exacerbando os meus sentimentos. Levou-me a extravasar o que não estava nos meus propósitos. Depois, aconteceu-me como sempre, *um depois* que eu tomo, por lúcido, quando vejo ou imagino sinais do destino para protegê-la de mim, e dos meus irrompantes propósitos de a fazer minha mulher. Mas se soubesse como me senti dilacerado ao deixá-la, a Laura logo me perdoaria, embora a minha dor não fosse de tal modo excruciante, a ponto de não partir sem a ter pedido em casamento. Ou, então, sou um herói! Penso que, em parte, sou. Consigo arranjar coragem (não, não é desculpa), para não sujeitá-la a partilhar a sua vida comigo. Não a mereço! É essa a consciência que eu tenho para evitar torná-la infeliz. E nem há contradição no que digo. Amo-a e não a desposo porque a amo. É a clarividência de mim próprio que a isso me obriga. Pode crer, Laura, que é um acto de amor fugir de si. Um dia vai compreender, embora, só então, me perdoe. E eu andarei talvez, a vaguear, por sei lá onde, esperando não me perder inteiramente de si. Nem imagina quanto eu fui feliz no seu convívio! A sua família proporcionou-me um ambiente, de tal modo afectivo e agradável, que tornou a minha estada em Goa o melhor tempo da minha vida. Ou, então, foi a Laura!... Foram todos vós, graças ao facto de ter conhecido o Francisco em Coimbra. Como eu me sentiria feliz se merecesse desposá-la, vindo a fazer parte da sua família!... Mas nem isso me fará correr o risco que tento evitar.

O meu pai, pelos cânones sociais e familiares, é um bom marido. E nem eu posso dizer que a minha mãe foi infeliz no casamento, apenas porque ela, como a grande maioria das mulheres, em toda a parte, aceitou como felicidade estar subjugada ao poder, aos caprichos e ao domínio do marido. Mas teve compensações: teve os filhos e os netos que tornaram a sua vida cheia e feliz. São compensações que ela não trocava por nada. Ter filhos é muito mais do que qualquer compensação, seja lá do que for...

Neste momento a Laura estará a interrogar-se sobre que tipo de defeito, físico ou mental, poderei eu sofrer. E tem razão. Eu percebo que, o que escrevi, deve parecer-lhe estranho. Eu próprio, me acho estranho. A verdade é que me parece que vivi sempre numa espécie de solipsismo, como se a realidade só existisse para e dentro de mim. Mas como eu gostaria de partilhar consigo uma existência sã e benfazeja, onde nos realizássemos um para o outro. Quanta contradição! Quanta incongruência! dirá a Laura, com razão. Eu sei que há qualquer coisa de mórbido na maneira como sinto o problema que enfrento; por isso a protejo de mim, até um dia poder abrir-me consigo, se, então, ainda a encontrar disponível para me ouvir e eu puder ultrapassar os meus problemas.

Esta carta não merece resposta. Não a escrevi para a Laura se preocupar em responder-me. Correríamos o risco de me fazer perguntas a que eu não lhe poderia responder. Peço-lhe apenas que converse com a sua avó, pois tenho a certeza que a Senhora Dona Olívia, com a sua sabedoria e bondade, vai ajudá-la a ultrapassar o mal que lhe fiz, mesmo tendo procurado evitá-lo. A Laura vai precisar da sua avó para superar o

afecto que me tem se, por acaso, ele puder subsistir depois de ler esta minha justificação incompleta. Nada mereço de si embora me consolasse saber que não me negaria a sua amizade. E acredito firmemente que, um dia mais tarde, quando eu tiver coragem de enfrentar os meus *fantasmas*, ou os meus problemas sem solução, nos iremos voltar a encontrar. No entanto, não lhe direi *Até à vista* mas, antes,

Até sempre, Laura!

O seu dedicado

Alberto»

No momento em que Laura acabou de ler a carta, as lágrimas correram-lhe mais grossas. Chorava pelo seu amor desprezado e inútil, mas chorava mais, ainda, por Alberto que era muito mais infeliz do que ela. Quando a avó lhe entregara o sobrescrito, acompanhando o gesto com algumas palavras, com as quais parecia querer preveni-la para o procedimento estranho dele, Laura, ainda que ansiosa por descodificar o propósito da avó, já previa o conteúdo da carta. Talvez, por isso, apenas as suas mãos lhe tremessem quando a abriu, pois o coração já não lhe estremecia no peito, nem pela emoção, nem por qualquer laivo de esperança, de alegria, e nem de decepção. Parecia meio tonta a tirar as várias folhas do envelope, deixando-as cair.

- Muito terá ele para te dizer! - comentou D. Olívia. - Vai, vai lê-la, que estás numa aflição. Talvez já saibas, como eu penso que sei, o que ele tem para te dizer e, por isso, tanto anseias por lê-la, quanto é grande o receio de enfrentares o

que também adivinhas. Vá, enfrenta esses pedaços de papel! E acredita sempre que tudo o que nos acontece tem o seu lado bom, ainda que, no momento, nos faça sofrer com desespero. Depois, só é necessária a coragem para o ultrapassar. E ela não te falta...

Sabe, avó - dizia Laura, algum tempo depois, com as lágrimas a secarem-se-lhe: o Alberto pede-me a minha amizade e eu até acho que, mais tarde, lha poderei dar. Agora nem sei se tenho sentimentos por ele. Mas ainda tenho! Neste momento, o amor ainda resiste ao que ele escreveu, embora lho retirasse desde já, se fosse capaz disso. O meu amor enganou-se. Não devia ter sido dado a um homem como ele. Pobre Alberto!... A Avó, alguma vez detectou que ele apresentasse qualquer anomalia, sintomas de distúrbios psicológicos ou qualquer perturbação deste género? Ou qualquer doença?...

- Não, minha querida. Alberto, penso eu, não sofre de qualquer defeito ou transtorno. Ele, como já te disse, apenas precisava de uma mulher como tu para o ajudar a resolver os seus problemas afectivos que receia assumir. Mas não sei falar sobre essa matéria; sei, apenas, que se ele tivesse, por esposa, uma mulher como tu, deixaria as suas contradições e os seus receios que lhe vêm, talvez de vivências anteriores pouco saudáveis e da educação que teve. Sei lá, filha! Ou, então, pode acontecer que ele tenha mesmo qualquer problema que só ele conhece...

- A avó não leu a carta mas eu deixo-lha aqui!

- Nem preciso de a ler. Ele também me enviou umas palavras. Eu sei que as suas inibições e escrúpulos são excesso de probidade e medo de não ser capaz de te fazer feliz. E tudo se

resume a isso. Mas não quero falar mais de suposições. Nem *ses* nem *porques*, nem *por quês*...

A experiência de vida de D. Olívia e a sua idade refinaram-lhe a intuição. Era como se visse as pessoas por dentro, especialmente aquelas com quem tinha relações de empatia e amizade. «Meu pobre amigo, Dr. Alberto! Deus o faça feliz, muito feliz porque ele, só por si não será capaz de encontrar a felicidade, nem de fazer feliz uma mulher.»

- Oh, avó! Depois de ter lido esta carta eu fico na dúvida de poder continuar a sentir por ele qualquer sentimento que não seja o de pena. Aliás ele *cancelou* a nossa relação, achando que eu nem sequer lhe devo escrever, o que eu também não tenciono fazer. Mas ainda o amo, apesar do espanto e da mágoa. Não fui capaz de, num instante, arrancar o amor do meu coração. Só que já não é um sentimento lindo e puro. Está inquinado pelas palavras dele, embora eu saiba que o meu coração o irá expulsando, aos poucos, até à última fagulhazinha. No entanto, quero ficar com a recordação do homem que me fascinou, com a lembrança da sua ternura e da sua imagem. E Laura viu-o, nitidamente, tão presente como no primeiro momento em que o vislumbrou e o começou a amar: aqueles seus olhos azuis, ora da cor do céu, ora roubando ao Mar Arábico a sua cor azul turquesa. E os lábios, sempre com um sorriso suave, sereno e meigo. E também a voz, tão doce! E ele, no seu todo, um homem encantador, culto e sensível que uma permanente melancolia ainda mais acentuava o seu fascínio. Não acha, avó?

- O quê, Laurinha?

- Nada! Estou a pensar no Alberto mas já não choro. Ele era uma vez um homem maravilhoso de sensibilidade requintada,

encantador; tanto, tanto, avó, tanto que ele era amoroso! - proferia Laura entrecortadamente como se soluçasse.

- Não digas que ele era. Não fales no passado, como se ele já não existisse. Apenas se foi embora mas, quem sabe?... Talvez volte quando encontrar a sua confiança e lucidez que deixou perdidas, em algum sítio, antes de vir para cá. E eu que lhe quero tanto bem! Quase como a um neto!...

Passados dois dias, Joaquim e Joana resolveram deixar Bombaim com a Catarina e D. Olívia, de regresso a Goa. E Laura, afinal, acompanhou-os. Custar-lhe-ia muito mais permanecer em Bombaim que mais lhe lembrava a partida de Alberto.

Foi na mansão da avó que procurou refúgio para acolher a imagem nítida dele. Mas só encontrou a sua ausência. Essa sim, era marcadamente a sua representação. Porém, para expressar a dor que a atormentava, Laura nem necessitou de chorar. As vozes ressonantes dos mangais dos pântanos e as das palmeiras, das arequeiras, acácias e tamarindos, lá longe, nas ilhas, choravam por ela e em vez dela, ajudando-a a afugentar a saudade que sentia de Alberto, daquele Alberto meigo e distante com quem se sentava na margem do rio.

O outro, o de Bombaim que a tinha feito chegar muito perto do limiar da máxima fulgurância do amor, a esse tentou esquecer-lo, transformando num filme o episódio que viveram em *Marine Bay*: Mas, pouco a pouco, foi realizando o convencimento de que só existia um mesmo e único Alberto que era o das ilusões, dos enganos, aquele que tanta felicidade lhe dera com a sua presença e o seu amor, apesar de ser um estranho amor que ela não queria para a sua vida futura, para nunca mais.

Os dias iam passando mas a comovente melancolia de Laura não a deixava. Ele pegara-lha. Por isso, continuou em casa da avó, até que um dia, num rasgo decidido, atirou ao rio essa tristeza e a saudade que ainda tinha do homem que ali amara.

«Afiml que estou eu aqui a fazer, se as memórias se tornam mais vivas?».

O tempo da separação desde a partida de Alberto foi-se alongando. Notícias, ele ia dando regularmente ao seu amigo Francisco e, pelo Natal e aniversários, todos, lá em casa dos Barreto de Ataíde, tinham direito a um Cartão de Boas Festas, e às palavras personalizadas, que não aos costumados estereótipos, quer das Festas Felizes, quer dos aniversários.

Todos ficaram a saber, por Francisco, e pelas cartas de D. Dolores para D. Joana, que Alberto fora para Edimburgo, fazer a especialidade de Neurologia. «Daí, comentarem o facto de os sobrescritos, por vezes, trazerem a estampilha da efígie da Rainha Isabel II. Os de Boas Festas do Natal eram, por norma, expedidos de Lisboa. D. Olívia regozijava-se pelo facto do seu jovem amigo ter escolhido um Hospital Universitário escocês, em Edimburgo, para fazer a especialidade escolhida. Ele até devia lembrar-se de ela lhe ter falado que a sua avó Rose Margaret havia lá nascido. «Que a alma dela interceda pelo Alberto» - orou D. Olívia perante o seu oratório *ecuménico*.

O facto de ter referido Isabel II fê-la lembrar de como gostava de ler o relato da sua coroação. Então, foi buscar um dos caixotes dos jornais e, entre «O Herald», «Heraldo» e o «Diário de Notícias», preferiu este porque trazia uma linda fotografia da rainha com o príncipe consorte e os dois filhos: o príncipe Carlos e a princezinha Ana. Isabel II, sob o peso da enorme

coroa, apresentava um lindo sorriso. A crónica telefónica, a partir de Londres, do correspondente do jornal da metrópole que D. Olívia assinava, descrevia, ao pormenor, a magnífica cerimónia. O tempo é que não podia «ter sido mais cruel» - referia o repórter, em 2 de Maio de 1953, porque a chuva intensa caiu continuamente durante toda a cerimónia. Mas os muitos, muitos milhares de súbditos não desistiram de esperar ver a sua jovem Rainha e de cantar-lhe o hino *God Save the Queen...*

PARTE VII

*Que verbo pode mudar uma mulher
quando a flor do júbilo definhou
e colher do seu coração o fogo apavorado
de não amar para que os seus pulsos
tivessem um quebrar de caule?*

*E que secretas neblinas de oração
em seu transbordante ritual de oráculo e paixão
interditam o tempo a sua usura
pois fêmea é ainda o modo como se entrega
à ímpia incisão da flor que se abra do coração.*

João Rasteiro - “Eu cantarei um dia da tristeza”

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO 1

*Aqueles olhos aproximam-se e passam
Perplexos, cheios de funda luz
Doces e acerados, dominam-me
Quem os diria tão ousados?
Tão humildes e tão imperiosos,
Tão obstinados*

Irene Lisboa

Tendo-se passado quase dois anos após Alberto ter deixado Goa para regressar à Metrópole, e mais de quatro desde que Xavier fora estudar para lá, eis que, de surpresa, este regressou a Pangim de visita à família. Apenas para Joaquim e Francisco a sua vinda era esperada, mas como lhe haviam prometido segredo, honraram a palavra, cumprindo-a.

Foi justamente Laura quem Xavier viu primeiro na rua, a caminho de casa, passando por ela quando vinha no carro que alugara no cais para trazer a bagagem. Esperou algum tempo até ela entrar no jardim e, só então, ele abriu o pequeno portão que ela havia fechado. Laura, já à porta de casa, foi alertada pelo chiar das dobradiças e, olhando para trás, teve uma visão. Não podia acreditar que era Xavier quem ali estava a dois passos dela. Ficou a mirá-lo sem emitir um som que fosse, de espanto e alegria. Olhavam-se entontecidos e estáticos sem saber como haviam de cumprimentar-se. Mas, de repente, e num mesmo

ímpeto correram um para o outro e abraçaram-se para, de imediato, se largarem enleados. A vergonha e o pudor pelo gesto impensado que já não lhes era permitido, paralisou-os, embora continuassem a fitar-se.

- Estás tão bonito e tão... tão... tão homem!...

Ele, sorrindo, nem sabia que dizer-lhe.

- E tu, Laura, tu já nem pareces a minha Laurinha. Que linda mulher que tu és! Uma mulher que eu não conheço. E as palavras saíam-lhe sem que as analisasse. Era como se não ouvisse as palavras que proferia.

- Mas eu sou a mesma: a Laura que estava cheia de saudades do seu Xavier. Lembras-te que quando éramos crianças era assim que nos procurávamos? «Viram o meu Xavier?... Viram a minha Laura?»

- Há quanto tempo isso foi! Depois começámos a crescer e aprendemos que não devíamos tratar-nos desse modo. Nem demos tempo a que nos chamassem a atenção para esse delito. Enquanto éramos pequenos até nos achavam graça, mas depois...

E Xavier não acabou a frase porque Laura o atalhara, pegando-lhe na mão dizendo:

- Anda, anda para dentro que as nossas mães nem sonham que estás aqui, tão perto delas, e com essa farda branca que te fica tão bem. Pareces mais alto. Cresceste!

- Quando daqui saí ainda estava na idade de crescer. Lembras-te?

Apesar de mais nova dois anos, Laura acabou por ultrapassá-lo em altura. Agora, porém, a diferença entre eles quase se tinha anulado. Ele era de estatura mediana, mas para o baixo. «E agora, ela ainda era um pouco mais alta do que ele» - consta-

tavam os dois. No entanto, devido ao desporto e aos exercícios exigidos pela profissão, ele fizera-se um homem bem constituído e musculado.

- Anda, vamos! - insistiu ela.

- Entra tu, Laura, e prepara-as. Eu entro já.

Xavier sentia-se dominado por uma perturbação tão grande quanto seria a de rever a mãe e D. Joana. E olhava à sua volta: ali, a casa grande e lá mais atrás, as casas pequeninas. E a madrinha D. Olívia, como reagiria ela quando o visse? Fizera mal, fora um erro desejar fazer-lhes uma surpresa... Mas, de repente, estava frente a sua mãe. Ambos, penosamente, tinham suportado as saudades. E, agora, era D. Joana que se juntara a eles formando um abraço a três. Laura olhava-os com as lágrimas correndo-lhe pelas faces, e Catarina quase desfalecia nos braços do filho.

- Mas é um milagre! Nem posso crer! - dizia ela enquanto o cobria de beijos e afagos.

Pouco depois, subrepticamente, Joana deixou-os e foi telefonar à sogra, preparando-a para a visita do afilhado.

- Escusas de estar com rodeios porque eu já sei quem é a visita. Olha, não digas nada para ser eu a fazer-lhe a surpresa de, daqui a pouco, aí chegar. O Francisco já está à espera para nos levar para aí. Até já.

- Era assim que eu te imaginava - dizia-lhe D. Olívia quando abraçou o seu querido afilhado. Pareces um actor de cinema de Bollywood ou de Hollywood. Que homem lindo que tu estás! - constatava a Senhora, disputando-o a Catarina para o admirar e abraçar.

- Deixem o rapaz respirar - dizia Joana, afastando-as de Xavier.

Joaquim e Francisco também o olhavam, comovidos. Este até se esquecia de que era padrinho dele, pelo facto de ser ainda muito novinho quando lhe deram essa responsabilidade, apesar de então já ter feito a Primeira Comunhão. Mas para obviar qualquer dúvida quanto à idoneidade do padrinho, pediu-se a S. Francisco Xavier que aceitasse mais um afilhado. E assim se fez conforme os cuidados da Igreja, ficando o Santo a ser o verdadeiro Padrinho de Xavier que até já tinha também o seu nome.

- Então, Xavier, já podemos fazer-te as perguntas que se impõem, ou queres tu começar a contar-nos o que tens para nos elucidar acerca de tudo o que fizeste? Queremos saber tudo. Mas, para já, diz-nos: quanto tempo cá ficas? - inquiriu Joana por saber que esta era a pergunta que todos, afinal, desejavam fazer, para ficarem a conhecer a resposta. Xavier, no entanto, foi vago: - «As férias não são tão grandes quanto eu próprio desejava. Mas vão chegar para matar saudades e, ficarem a saber tudo, tudo desde que o António me levou daqui, até hoje».

A cozinheira, para fazer o jantar, não teve a mais pequena ajuda de Catarina e nem, sequer, uma sugestão de D. Joana. Mas não era preciso; Conceição lembrava-se dos pratos preferidos de Xavier. Entretanto, ele já a tinha procurado para lhe dar um abraço, perguntando-lhe pelo marido que, como sempre, estava às voltas com o quintal, onde Xavier o foi encontrar.

Só para o jantar, em família, ele teve licença de tirar a farda. Antes, não lhe haviam permitido, sem que todos o admirassem. E, de facto, a sua pele escura contrastava, num belo efeito, com

a imaculada brancura da farda. Valorizavam-se mais. A sua pele e o cabelo escuro, levemente ondulado, o perfil nasal não acentuadamente curvilíneo, mas dando às feições correctas uma expressão viril, indicavam, talvez, a sua origem marata. Por parte do pai, da mãe, ou de ambos os progenitores, era mistério que Xavier nunca desvendaria. A mãe, ou o guardava, inacessível, no mais profundo do seu íntimo ou, por certo, o esquecera, pelo trauma. Nunca, por nunca ser, alguém voltara a falar no assunto. Segredo ou mistério morrera sem que lhe tivessem dado existência. Mas agora Xavier tinha pai. O seu pai era brâmane, com quem não tinha aparência física, embora fosse semelhante no carácter e no coração. Que importava a diferença na estrutura corporal, se ambos possuíam grande dignidade de postura e personalidade? Ambos olhavam para o próximo, fosse quem fosse, sem subserviência nem arrogância e cada um se aceitava como era. Xavier não parecia um deus grego, tal como o loiro Alberto, mas era o homem do Génesis moldado no humus e, por isso, ligado aos elementos, à terra e... ao mar! E religado ao que dava sentido à sua existência. Descendente do povo do sul, ou marata, com algumas gotas semitas, de judeus da diáspora que lá haviam chegado, era o que a sua aparência fazia supor. Mas fosse ela qual fosse, que importância tinha?...

O jantar foi longo como longo foi o serão. Todos tinham perguntas a fazer, excepto Catarina que se limitava a ouvir o filho como que em adoração. Mas, a dada altura, fazendo-se despercebida, saiu da sala e foi a sua casa arranjar a cama de Xavier com lençóis fresquinhos, embora o quarto todos os dias fosse cuidado como se estivesse a ser habitado. E quando as flores, no jardim, abriam em profusão, na jarra da cómoda, elas

davam mais cor e alegria ao quarto. Sebastião providenciava para que as flores não faltassem.

O primeiro a olhar para as horas foi Francisco. Tinham de voltar para Ribandar, pois o final da gravidez de Patrícia assim o exigia. A pedido da avó, os então recém-casados, tinham ficado a viver na sua casa, com ela, e lá continuariam. «Uma família grande exige uma casa grande» - dizia D. Olívia, adivinhando ser esse o desejo de Francisco e da esposa. Eles iriam encher o solar de crianças, e cumpriam a tradição que era, a casa de família ser para o filho primogénito, embora Joaquim tivesse preferido ficar em Pangim.

Na manhã seguinte, Laura, que não conseguira dormir, ergueu-se da cama, cedinho, como se não estivesse em férias e tivesse de ir dar aulas na Escola do Ensino Primário, onde era professora. As crianças, na sua sofreguidão de aprender, não lhe davam tréguas na preparação das aulas e na correcção dos cadernos. Mas foi este trabalho que a ajudou a superar a falta da companhia de Alberto, o homem que, afinal, ela logo deixou de desejar para seu marido. Não era um homem indeciso no amor (se ama ou não ama, se quer ou não quer) que ela imaginava para companheiro da sua vida. Por isso, até já se esquecera que o amara. Já nem se lembrava da sua aparência de tristeza estética que tanto a fascinava.

Xavier fora ainda mais madrugador do que ela. Estava habituado a isso mas, agora, era a ansiedade a não deixá-lo dormir.

- Esperava-te aqui no nosso sítio. Sabia que virias ter comigo.

- Nosso sítio?... Mas, Laura, há quanto tempo nós deixámos de ter o nosso sítio! Éramos tão novinhos nessa altura. Depois, tu arranjaste outros sítios, com outras companhias...

- Olha lá, Xavier, tu estás a recriminar-me?

- Não, não, Laura. Perdoa-me. Pelo contrário; antes mesmo de nos terem separado, devido ao meu problema pulmonar, já eu tinha começado (e bem cedo), a sair da tua vida. E tu nem te davas conta. Eu fugia para o cais e para a praia, não só porque gostava de barcos e do mar, mas também para não sentir a tua falta. Passavas o teu tempo no colégio e com as tuas amigas. Depois, bem sabes, nunca quis ser empecilho...

- Oh, Xavier, como podes dizer tal coisa! Tu que foste sempre tão amado, tão querido por todos. O que eu senti a tua falta quando o Dr. Sampaio te levou para casa dele, em Pondá, para te tratar!

- Mas nessa altura tu tinhas dez e eu quase doze anos... E sei perfeitamente que foi a partir daí que eu nunca mais deixei de sentir a tua falta.

- Mas eras tu que te afastavas. Sempre, sempre os desportos, até aos domingos... E quando o médico não te permitia o abuso de certas modalidades, particularmente do críquete, de que tanto gostavas, ias enfiar-te no clube de xadrêz. Ao sábado, à tarde, e ao domingo, estavas sempre ocupado. E eu acabava por achar natural. «Rapazes querem-se com rapazes» - ouvia eu lá em casa. Mas agora que somos adultos, podemos compreender a maneira como crescemos, e esclarecer todas as dúvidas, para que não fique qualquer mágoa entre nós. Vamos conversar muito sobre as nossas vidas. Somos livres para nos darmos o tempo que quisermos. Penso eu. Não estás comprometido?...

- Não, não. Não estou. Nem tempo nem interesse tive para arranjar namorada. Isso não estava nos meus planos. E tu?... Sei...

- Por favor, Xavier, atalhou Laura, não fales no Dr. Alberto. Ficámos amigos, apenas.

- Mas eu não ia falar nele; mal o conheci!... Apenas ia dizer-te que, pelo que sei, tu também não estás comprometida. Por isso, acho que podemos conversar à vontade. Não é assim?...

- Claro que é. Eu nunca quis aceitar nenhuma proposta de casamento, apesar de já estar com dezanove anos.

O peito dele, largo e musculado, abriu-se para sorver um profundo hausto de ar; os olhos negros brilharam-lhe mais e o belo sorriso mostrava serenidade e doçura.

- Hoje podemos ir passar o dia em Ribandar.

- Não, Laura, hoje vou ao Dispensário ver o meu pai e depois vou passar o dia com os meus amigos. Vou sair à procura deles e apreciar o que há de novo nesta minha terra.

- Então não almoças connosco?

- Não, certamente, não. Já avisei a minha mãe. E à tarde, vou até à praia onde espero encontrar, na faina da pesca, amigos de infância. Provavelmente, tal como seus pais, estarão a puxar as redes e, então, ajudá-los-ei, como quando era pequeno.

- E não te esqueças de usar o *logotim* e o turbante. Só que te falta o cabelo comprido para nele o esconderes. E a barba, também te falta a barba comprida.

- Oh, Laura, que ironia é essa? Sempre me dei com hindus, pobres ou ricos, com muçulmanos e parses, sem que aqui em casa me recriminassem. Muito pelo contrário.

- E provavelmente o princípio de tuberculose que tiveste, foi lá na praia, a ajudares a puxar as redes, que tu a apanhaste. Sempre molhado, mesmo no tempo da monção para lá fugias, e nem te lembravas de vir a casa para comer. Nem os castigos

te mudavam a mania da praia e do cais, e de brincar na rua. Foi na praia com a roupa molhada no corpo a apanhar o vento frio, naquelas férias de Natal que tu adoceste. E doentes já estavam alguns daqueles pobres meninos que, de certeza, não mais encontrarás.

- Mas eu agora já não sou uma criança. Já não vou jogar ao *apá-lipá* nem aos *goddé*... Sou um homem, Laura! Ou não reparaste?

- Ai não que não reparei!...

E com esta resposta dela, ambos deram uma gargalhada que os tornou mais bem dispostos e cúmplices.

- Anda, vamos entrar que estou cheio de fome. Pasmos como as carências e os hábitos ainda fazem uma refeição de uma tijela de água, onde cozeram alguns grãos de arroz!... E tanta gente que só tem a *canji* para dejejuar ou para cear!...

- E outros que nem sempre a têm... E Laura não disse, mas pensou, que tinha de ir visitar uma sua pequena aluna que estava muito doente. No dia anterior tinha-se encontrado com a mãe dela que ia vender meia dúzia de bananas, do cacho da bananeira que crescia ao lado da cabana, para poder comprar uns bagos de arroz para a *canji*.

Antes de se sentar à mesa, Laura chamou discretamente Catarina e pediu-lhe que arranjasse um bom cesto, com alimentos vários, para levarem a uma das suas alunas doentinha, e dos seus irmãos mais pequenos, certamente também doentes.

«Faz-lhes também uma grande travessa de arroz doce. Vais ter tempo porque o Xavier hoje não almoça cá. E, ao jantar, vamos a casa da avó. Ele tem saudades de Ribandar.

- Mas a Laurinha sabe onde mora a sua aluna?

- Eu sei onde moram todas as minhas alunas, Catarina, especialmente aquelas que vivem miseravelmente, em sítios onde seres humanos não deviam viver. Vamos lá as duas. Mas não fales nisso agora, para o Xavier não ficar a saber.

- Era bem capaz de querer ir connosco...

- Depois falamos com a minha mãe. Sei lá se as crianças, e os pais, também não precisarão de ir ao Dispensário Anti-Tuberculoso. Mas eu tratarei disso. Vou falar com o médico. Mesmo quando os apoios das Instituições existem, os muito pobres nem se atrevem a pensar que são, também para eles. Eu nem digo que a culpa é das castas, ou das etnias, porque é igual em toda a parte, mesmo sem as castas. É assim onde há pobres muito pobres...

Os dias iam passando e Laura apercebia-se de que Xavier não procurava encontrar-se com ela como nos primeiros dias. Em Ribandar reviveram os melhores momentos da sua infância. Andaram de barco; e, com ela ao leme, e os remos impulsionados pelos braços musculosos de Xavier, imprimiram tal velocidade à pequena embarcação que até o rio se espantou. Laura chamava-lhe marinheiro de água doce, mas depressa se calou amedrontada com a celeridade com que o barco cortava as águas.

- Ainda hei-de comprar um veleiro - dizia ele, pegando-a pela cintura, ajudando-a a saltar para terra.

Uma noite foram também ao cinema para ele matar saudades do Cine-Nacional. Mas Catarina acompanhou-os por impossibilidade de D. Joana ir com eles. O filme tinha demasiada violência para o gosto dela, apesar de ser lindo e romântico.

Mas da música é que Catarina gostou. Era muito bonita. E que bem que o tal Johnny a tocava, na sua guitarra.

Xavier e Laurinha apreciaram muito o filme, e, a caminho de casa, iam cantando a canção que já conheciam e olhavam-se com tanta meiguice que até Catarina a sentiu na sua preocupação. Tão felizes que eles se mostravam! Pareciam outra vez crianças... mas só na felicidade que irradiavam, porque os olhares que trocavam nada tinham da inocência de quando eram pequenos.

Laura desejava estar mais tempo com Xavier. Todo o tempo possível, mas parecia que ele fazia de propósito para que isso não acontecesse. E, ainda para mais, foi estar uns dias, em Pondá, em casa do seu pai, o Dr. Nery Sampaio e de D. Lakshmi. Isso, Laura entendia e teria gostado de ter ido também com ele, embora compreendesse que o casal desejasse ter Xavier só para si. Queriam acolhê-lo e mimá-lo como fizeram quando ele era pequeno e o trataram, não só porque o olhar constante do médico ajudava ao tratamento, mas também pela bondade dos ares. A região de Pondá era muito bonita e cheia de interesse, pelos seus monumentos hindus e pela Mesquita. A mansão dos Sampaio, rodeada de um grande jardim, fora construída no cimo de um monte onde a ondulação do terreno o tornava suficientemente elevado, nos seus quase quinhentos metros acima do nível do mar, por forma a tornar o clima mais ameno, sem as agulhoadas dos ventos marítimos soprados de oeste, ou a humidade pegajosa, como acontecia em Pangim e que, por vezes, até dificultava a respiração. Aquele casal sem filhos, amigos dos Barreto de Ataíde, tinham amado e cuidado do menino como se fosse uma bênção do céu, especialmente

para a solidão de D. Lakshmi. Mas isso tinha sido outra história que Laura agora não queria recordar. Desejava apenas, para si, a presença de Xavier que, já não tinha dúvidas, lhe andava a fugir. Até, ao almoço, mesmo quando Francisco vinha almoçar a casa dos pais, para não ir a Ribandar, Xavier algumas vezes se escusava de partilhar, com eles, a refeição. E, na da noite sucedia o mesmo. Preferia jantar sozinho, ou com a mãe, lá na casa deles, alegando ser-lhe difícil chegar a horas, quando vinha de encontros com os amigos. Ou, então, quando ia passar a tarde na Biblioteca, onde consultava documentos preciosos, de grande interesse para ele, do tempo das Descobertas e das Conquistas. Pela mesma razão se deslocava à cidade de Vasco da Gama para, no Instituto, investigar o que lhe interessava, na Biblioteca.

Numa manhã em que Laura saíra para o quintal, em direcção à casa de Catarina, lobbrou, através da pequena janela, a cabeça de Xavier inclinada sobre a mesa. O sol tirava reflexos metálicos de obsidiana do seu cabelo negro, levemente ondulado, embora Laura, do rosto dele, visse apenas a fronte e as pálpebras descidas, certamente sobre um livro aberto, de muito interesse. Então, sem que ele se desse conta, dirigiu-se à porta que abriu mansamente, só então perguntando se podia entrar. Ele, apanhado de surpresa, levantou-se, ficando frente a ela, ambos sem saber o que haviam de dizer. Mas surgiu-lhes, finalmente, a saudação formal:

- Bom dia - saudou-o ela. «Eu estou apaixonada por ele, estou mesmo, e quanto eu estou!...». Deslumbrada, Laura assegurava-se do amor maduro que sentia por ele. E uma felicidade, sem receios nem questionamentos, inundava-a.

- Bom dia, Laura. Então?...

- Então, digo eu! Não me procuras, não falas comigo... Que hei-de eu pensar, diz-me lá?...

Mas era sem qualquer laivo de acrimónia que ela o investia. E, nos seus lábios, ele perscrutou um sorriso indefinível que o invadia...

- Nada. Como vês estou a estudar. Já te tinha dito que quando regressar a Lisboa tenho um exame importante e pouco tempo para me preparar. Após o curso que fiz, e o ano que acabei de passar a navegar, posso propor-me à Carreira de Engenheiro de Máquinas da Marinha Mercante.

- Foi sempre o que quiseste. O mar e os barcos são a tua paixão, acima de tudo...

- Nem tanto - articulou ele, baixando o tom de voz. Laura fez que não ouviu para obrigá-lo a ser mais explícito. E continuou: - Eu compreendo, embora saiba que tens ido a Ribandar. Ao menos dizias-me para eu lá me encontrar contigo. E por mais que a avó seja possessiva, e queira a tua atenção, até gostaria que eu também fosse. E lá poderíamos conversar, à vontade.

- Sobre quê, Laura? Será que ainda temos muito para dizer, um ao outro?...

- Oh, Xavier! Que se passa contigo? Tens-te tornado diferente, à medida que os dias passam. Por quê?... Diz-me!...

E Laura chegou-se mais perto dele pondo-lhe as mãos nos braços, como se pretendesse obrigá-lo a olhá-la nos olhos. Mas Xavier reagiu de outro modo: num ímpeto abraçou-a alucinado e, como num acto de exacerbação, beijava-lhe a fronte, o rosto, o colo, procurando-lhe depois a boca para um beijo longo

de posse absoluta. Finalmente, naquele desvario, ele esconjurava os fantasmas que o perseguiram desde que deixara de ser criança, ou até desde que o era. E, com furor, sem ligar aos escríptulos que sempre o haviam calado e manietado, dizia-lhe:

- Eu amo-te, Laura! Será que nunca percebeste que, desde tão cedo, eu te amava? Devias, pelo menos, tê-lo percebido quando eu parti. O silêncio das cartas que não te escrevi era bem revelador, se tivesses querido entender. Mas já estavas completamente alheada de mim quando eu fui para Lisboa. Por isso, decidi que só teríamos notícias, um do outro, através das cartas da minha mãe e da tua família.

- Escrevias a todos, menos a mim.

- Eu tinha-te avisado e, na altura, não me pareceu que tivesses ficado aborrecida.

Laura ficou calada. Xavier tinha razão. Durante os três anos da sua estada em Goa, ela só tivera olhos e coração para o Alberto. Depois, ficara esvaziada de sentimentos, incapaz de pensar nele ou em qualquer outro homem. Vivera tão feliz quanto se pode viver num limbo amoroso. Vivera, apenas. E só quando Xavier regressou, ela sentiu o deslumbramento de ver nele um homem, o homem que ele era, e que a fascinou.

- Mas eu também te amo, Xavier. Nem sabes quanto me perturbou descobrir que te amava tanto; e foi logo, mal chegaste. Sei lá se já não te amava... A verdade é que eu devorava as cartas que escrevias a todos, menos a mim. E ninguém estranhava que assim fosse. Estranhariam, certamente, que nos escrevêssemos. Já não seria próprio, na nossa idade!... Mas, agora, vão saber que te amo e que quero casar contigo. Por favor, Xavier, diz-me que desejas desposar-me.

- Isso não é coisa que se peça por favor. E quem sou eu, Laura, para que me implores que case contigo? - dizia ele olhando-a perdidamente.

- Tu és o Xavier Riacho Sampaio (nem precisavas do acrescento do nome), um homem muito digno, com uma profissão muito nobre (a do mar), e que ama e é amado pela Laura Barreto de Ataíde. Depois, a família dele e a dela, há muito que estão ligadas por estreitos laços de afecto. Era isto que desejavas ouvir? Pois ouviste! Somos dois adultos, Xavier. Somos senhores das nossas vidas. E amamo-nos muito!... Por que é que ficas tão calado e não me respondes nem me olhas?...

- Queres mesmo casar comigo, Laura? E posso acreditar que não tens outro no teu coração? - questionou-a ele, com inusitada audácia.

- Oh, Xavier! Como podes fazer-me essa pergunta? Achas, mesmo, que eu seria capaz de dizer que te amava, se tivesse a lembrança de outro homem no meu coração? Certamente estás a querer referir-te ao Alberto, mas não tens razão para o fazeres - queixou-se ela. E os seus olhos rasaram-se-lhe de lágrimas doridas. - O Alberto foi, para mim, uma fantasia de adolescente; um galã de um filme romântico do qual fui a protagonista, sem que ele tivesse sido o sedutor. Ele apareceu-me naquela fase do meu crescimento em que me «apaixonava» por todos os belos actores...

Xavier teve vontade de contrapor-lhe que pensara que o Dr. Alberto teria sido, para ela, mais do que ela dizia. No entanto, calou-se porque sabia que não tinha o direito de fazer qualquer referência ao que quer que tivesse havido entre eles. E Laura, por sua vez, também achou que, sendo a verdade

um pouco diferente, não valia a pena estar a relembrá-la e a reavaliá-la. Não que a fizesse sofrer, mas, por isso mesmo, não valia a pena. Tinha a certeza de que no seu coraçãozinho de menina, Xavier lá encontrara poiso e lá ficara aninhado, mesmo até quando outro lá entrou. E quem sabe se num recôndito, escondido no esquecimento, também esse outro lá ficaria? Será que os amores morrem totalmente, ou deixam semente? E os sentimentos, morrerão por completo? O coração, na sua misteriosa essência, deve ter lugar para todos e cada um dos sentimentos ainda que não chegue, nunca mais, a desvendá-los, parecendo remetê-los para as sombras do olvido.

Enquanto, em *flash*, o seu pensamento ia discorrendo sobre estes mistérios, Laura apercebeu-se de que Xavier a fitava profundamente como se, só com o olhar, procurasse fazê-la sua, apenas sua. E, agora, delicadamente abraçava-a para a beijar com a intensidade do seu amor. Laura retribuía-lhe o beijo e dizia-lhe que se ele não tivesse afirmado que a amava, ela acharia maneira (não sabia como) de o enredar na sua *sedução* até ele ficar apaixonado por ela, tanto quanto ela estava por ele. E riram ambos, confirmando o seu amor.

- Agora temos de ir *espantar* a minha mãe e a tua família. E seja o que Deus quiser! Como é que eu vou enfrentar os teus pais?

- Não com os músculos - aconselhava Laura, passando-lhe as mãos pelo peito e pelos ombros. Ele aproveitou para voltar a apertá-la nos seus braços, beijando-a apaixonadamente. E, perdidos nesse beijo longo, não repararam que Catarina abriu a porta e ia a entrar quando se deparou com eles. Em grande aflição testemunhou-o, mesmo recuando de imediato.

- Entre, mãe, por favor. Temos uma surpresa para todos (para nós também foi), e a mãe é a primeira a saber.

Catarina, sem pinga de sangue, quase desfalecia. São loucos? São, são loucos! - tartamudeava ela. Eu não quero ver nem ouvir mais nada. E correu para a casa grande.

Joana viu-a entrar, de tal modo transtornada que teve de usar de firmeza para exigir que ela lhe explicasse o que acontecera para a pôr naquele estado.

- Mas eu até tenho vergonha de contar - queixava-se ela, aumentando, assim, a preocupação de Joana que acabou por ouvir da boca da pobre Catarina, o sucedido. Iguamente, apanhada de surpresa, Joana, sem palavras, subiu ao seu quarto e lá se deixou ficar por algum tempo. Entretanto, os apaixonados entraram para a sala e sentaram-se, direitos e expectantes.

Quando a mãe de Laura desceu, sem palavras abraçou a filha e, depois, olhando Xavier nos olhos disse-lhe baixinho mas firme: fá-la feliz! Então, só então, o abraçou também.

- Nós queremos casar o mais breve possível para eu poder acompanhar o Xavier quando ele tornar para Lisboa.

- Mas é muito pouco tempo, minha filha! Nem tempo há para os *banhos* na Igreja.

- Falamos já hoje com o Senhor Padre - resolveu Laura.

- Deixa, eu vou tratar de tudo. Amanhã damos um jantar às pessoas mais íntimas para começar a divulgar o noivado. E tratem de ir a Ribandar contar à avó.

- E... e eu tenho de ir a Pondá... - disse Xavier.

- Não! Agora não tens tempo. Tu Laura, durante, ou depois do almoço, falas ao teu pai e ao teu irmão; tu em primeiro lugar, abrindo caminho ao Xavier - aconselhava Joana.

- Mas não devia ser eu?...

- Deixa lá o protocolo... Olhem, falem os dois ao mesmo tempo para que a confusão seja maior. E Joana já sorria, disposta a enfrentar a situação com naturalidade.

- Só precisava de cá ter a tua avó. - E virando-se para Xavier, concluiu: - A tua madrinha vai ser a vossa grande aliada. Vão a Ribandar buscá-la. A Patrícia entenderá. Hoje não contem comigo para nada. Tenho de fazer os convites para amanhã, aos amigos e familiares. Xavier, tu vais falar com o Dr. Sampaio, o teu pai, que o é pela força da lei e pela vontade dele, embora eu às vezes me esqueça. - Hoje é dia de consulta cá em Pangim - observava Xavier. E D. Lakshmi também cá está.

- Ainda bem - rematou Joana. A seguir ao almoço tu vais falar com o teu pai, e eu e Laura, com D. Lakshmi. Eles vão ficar muito, muito contentes. Mas temos de ter cuidado com a senhora, pois o coração dela, devido à doença gravosa que sempre a afectou, não suporta emoções fortes.

- Ao menos que alguém fique contente! - exclamou Xavier com uma certa ironia.

- Não brinques, Xavier. As pessoas, apanhadas de surpresa, por vezes, podem reagir de maneira diferente daquela que reagiriam numa situação mais ponderada. Foi o que aconteceu à tua mãe e a mim.

- A madrinha Joana está com receio da reacção do padrinho Joaquim, não está?...

- Até certo ponto, sim. Mas já decidi. Logo que ele chegue eu falo-lhe, a sós. Depois falam vocês.

- Parece-me que hoje ninguém aqui vai almoçar - comentava Laura, querendo parecer reinadia mas receando a atitude

do pai. Era tudo tão inusitado, para ele. Mas talvez deixasse de o incomodar aquele sentimento que parecera de perda, quando o Dr. Sampaio lhe pedira permissão para perfilhar Xavier, ainda que nada mudasse na vida dele. Nem sequer imaginava tirá-lo da casa dos Barreto de Ataíde, nem de ao pé da mãe. A sua esposa também compreendia isso. Tinham-se apegado muito ao menino quando ele fora lá para casa deles, e, como não tinham filhos, ganharam-lhe muita afeição. Depois foi a preocupação do Dr. Sampaio quando pensou que Xavier, mais tarde, iria para Lisboa estudar e fazer carreira, sem nome de pai. Quando, confrontado com esta preocupação do amigo, o Dr. Joaquim ficara muito surpreendido, pois nunca tinha pensado no assunto e, então, já era tarde para ser ele a adoptar Xavier, precisamente quando o amigo lhe pedia permissão para o fazer.

- É Xavier quem decide - rematou o Dr. Joaquim a conversa, que fora longa, com o médico amigo.

E Xavier, embora confrontado com uma situação extremamente delicada, acabou por dizer-se muito honrado e fazer tudo por merecer o nome do Dr. Nery Sampaio. O afecto que tinha por ele e por sua esposa conferia naturalidade à situação, embora recusasse que fizessem dele seu herdeiro. O Dr. Sampaio, após o curso de Medicina, casara com D. Lakshmi, uma senhora hindu bastante rica; e, como não tiveram filhos, talvez devido à sempre frágil saúde da senhora, acharam Xavier digno de ser seu herdeiro. Mas este levou-os a darem outro rumo às suas intenções. Os carecidos das benesses de Dispensários Médicos, de Orfanatos, Asilos, ou Escolas poderiam ser a multidão dos filhos da sua generosidade, que se iriam multiplicando. Que pensassem nisso. E o casal pensou

na proposta de Xavier, ficando-lhes agradecido pela ideia que nunca haviam tido coragem de equacionar e concretizar. Em breve, já o Dr. Sampaio daria consulta num Dispensário com o nome de sua esposa. E numa Escola, também com o nome da Senhora, as meninas passariam o dia a aprender o que lhes seria muito útil, abençoando-a pela sua dádiva.

CAPÍTULO 2

*Ela pisa o mundo com a sua sombra
ela executa a lágrima com as trovoadas
entre a castidade e o remorso
alastra nas cordas de um pulmão espesso
[...]
Quando sob o canto dos grifos se viu nua
mergulhou fogosa no limiar da intimidade*

João Rasteiro - “Eu cantarei um dia da tristeza”

Laura iria ser a Senhora Xavier Riacho Sampaio; e o Médico e sua esposa, felizes, orgulhavam-se do casal de noivos, agora também seus filhos.

Foi num ambiente de regozijo e congratulações que decorreu o jantar de noivado onde estava, também presente, o notário Dr. Meneses, amigo comum de todos os convivas. Mostrara-se o profissional competente e criterioso, mas também o amigo clarividente, aquando do processo da perfilhação de Xavier, por parte do Dr. Sampaio. E ali estava para tratar do que fosse necessário em relação ao casamento.

Os Barreto de Ataíde mostravam-se satisfeitos com o rumo que Laura dera à sua vida, escolhendo e aceitando Xavier para seu marido. Joana ouvira, sorrindo, o comentário que, na cozinha, Conceição fazia para o marido: «sempre é melhor a menina casar com o Xavier do que não casar. Isso é o pior que pode

acontecer a uma mulher. E a Laurinha, a continuar a recusar os pretendentes que, não sei porquê, não lhe têm agradado, corria o risco de se ver solteirona. Sim, porque os anos passam depressa, e os da juventude correm rápidos como os rios na monção». Sebastião acenava, que sim, com a cabeça, pensando no trabalho de jardinagem que o esperava lá fora, logo pela manhãzinha. Agora, após o farto jantar, só queria que a mulher se despachasse para ir dormir. A cinza da fornalha do fogão já ele a tirara e a levava para o monte, de onde sairia quando fosse necessária, para fazer obstáculo às formigas e cobras, evitando que fizessem caminho na direcção da casa.

Catarina é que, apesar de eficiente, como sempre, ajudando a servir o jantar, se movimentava inexpressiva como se fosse um fantasma. «Alegra-te, Catarina, vamos ser comadres»... Mas a este comentário de D. Joana, ela só respondeu com uma espécie de queixume, aceitando a situação como fruto de um destino inelutável. Ainda não ultrapassara aquela espécie de vergonha que a possuía. Pelo contrário, Joana e Joaquim mostravam o que sentiam: muito mais do que conformidade, faziam transparecer a sua alegria pela escolha que Laura fizera. Xavier daria um óptimo marido.

Entretanto, os hóspedes levantaram-se da mesa e passaram à sala para o café e as bebidas. Até o *fêni*, ao lado do vinho do Porto, foi servido como licor sempre presente nos momentos festivos, acompanhando o pão-de-ló e a bebinca. E todos comentavam o delicioso jantar, compromisso entre a comida portuguesa e a indiana que era, afinal, a comida goesa no seu melhor.

Os noivos aproveitaram a ocasião e saíram para o jardim. De mãos dadas olhavam, em silêncio, o céu estrelado, e nem

se mexeram ao ouvir passos no saibro, até que foram rodeados para mais um abraço de D. Olívia:

- Tu, Xavier - dizia a Senhora - foste fiel ao amor pela Laurinha pois, desde menino, o guardaste no teu peito. E tu, minha filha, só agora tiveste oportunidade de conhecer o homem em que ele se tornou, para lhe dares todo o amor que também guardavas, sem preveres a quem o oferecer. (Laura, teve a percepção de que a avó aludia a Alberto, de alguma forma, mesmo sem saber que sentido lhe atribuir). Estou muito feliz por vocês. Não ser venturosos no vosso amor, tenho a certeza!

Mas D. Olívia queria aproveitar a ocasião de estarem os três sozinhos para lhes dar alguns conselhos que eles fossem reflectindo e interiorizando. Sabia lá ela se encontraria outra oportunidade de poder transmitir-lhes o que achava importante para eles guardarem como uma herança preciosa: dizer-lhes que não lhes queria transmitir apenas a sua experiência pessoal sobre o casamento, mas tudo o que de importante na sua vida longa fora observando e apreendendo. Que não pensassem que uma relação matrimonial, como a dos pais de Laura, era vulgar. Que não, não era. O amor é uma flor maravilhosa mas de caule frágil que facilmente se quebra, e, então, a seiva deixará de a alimentar. Que coisa mais triste que uma flor sem viço, sem perfume, com as pétalas a secar, a desfolharem-se até que nada fica. E a morte do amor, como a da flor, é irreversível. A vida que deixa de existir não torna a ser.

Era comovedor o amor que se *via* e *sentia* entre Joana e Joaquim. Foram abençoados mas também sábios e cuidadosos na forma como cuidaram da sua flor. Por essa razão, o amor que dedicam um ao outro sempre foi apaixonado e profundo.

E inalterável, porque cada um se preocupa com o outro numa doação total. É por isso que Joaquim olha para Joana e, ao ver-lhe as rugas do rosto e os braços flácidos, pensa que foi dádiva da vida, dos anos que passaram para a tornar mais bela. E Joana pensa o mesmo em relação aos *estragos* que o tempo fez no seu marido. «Que a verdade, a abnegação, a entrega de si próprio, a disponibilidade, o respirar em função do outro, seja a vossa preocupação de cada instante. E assim, na medida em que cada um se der ao outro, estarão a tornar-se um só, embora prevenindo que não haja identificação total. É na vossa diferença que o amor se vai revigorando. A vossa unidade será união formada pelos dois com as vossas diferenças que se pretendem bem notórias. E viverão emocionados pelo privilégio dessa dádiva, de cada um colocar o seu cuidado no outro. Assim, mesmo apartados por incontáveis milhas, sentir-se-ão sempre juntos. Mas quantas dificuldades e sofrimentos a vida há-de colocar no vosso caminho? Seja o que for, saberão ultrapassá-las. Sofrerão duplamente porque sofrem pelos dois; porém, quando chegarem as horas do regozijo, também a alegria e a felicidade será a dobrar. Alegrar-se-ão, por si próprios e cada um pelo outro. Esta forma de amar faz parte do amor gratuito de Deus para tornar os humanos mais próximos de Si. É o amor oblativo.

D. Olívia tinha a consciência de que as suas palavras eram um presente e o seu legado. - E já agora, Xavier, quero dizer-te o que nunca, nestes anos em que estiveste fora, eu tive oportunidade de te expressar: sabes que fiquei muito ciumenta quando o Dr. Sampaio te perfilhou? Talvez por ter receio que ele te apartasse de nós. No entanto, hoje não tenho dúvidas de

que foi muito bom para ti, para ambos, afinal, para não falar também na D. Lakshmi. Já tenho conversado com o meu filho sobre este assunto e vimos claramente a mão bondosa do destino em todo este percurso: o Dr. Sampaio encontrou um filho a quem dar o seu amor, partilhando-o com a esposa. Sei que D. Lakshmi vai ser a tua madrinha de casamento, com o Dr. Narciso como padrinho; penso que foste tu que escolheste, e bem. E, como eu ia dizendo, acabaste por ganhar um pai que te fez esquecer o fantasma daquele que nunca existiu na tua vida.

- A avó está certa - disse Laura.

- A madrinha tem...

- Então não vais chamar-me avó? É que tu precisas, também de ter uma avó, porque padrinhos e madrinhas não te faltam.

- Nunca me passou pela cabeça tratá-la por avó. Mas vou, vou passar a chamá-la avó. A nossa querida avó Olívia! E rodeou-as, uma de cada lado, com os seus braços fortes, dirigindo-se os três para dentro de casa. D. Olívia foi fazer grupo com D. Lakshmi, Joana e Patrícia. O tema das suas conversas tocava os mais variados assuntos. Entretanto, o Senhor Padre veio despedir-se; e, nesse grupo restaram o Dr. Joaquim, o Dr. Narciso e o Dr. Nery Sampaio.

Francisco não se juntou a eles. De pé, com o copo na mão que, levemente, ia fazendo chegar aos lábios, não deixava de pensar no seu amigo Alberto. Laura acabara por encontrar o seu caminho e parecia inegavelmente feliz. E ele? Também acabaria por ser feliz? Oxalá assim viesse a suceder... Como sentia a falta do amigo! Quanto a Xavier, e ao seu perfilhamento, Francisco só agora se dava conta de que, talvez por andar a preparar o seu casamento, na altura, não ligara muito ao assunto.

Nem conhecia bem o casal Sampaio, pois quando Xavier adoeceu, ele estava a estudar na Metrópole. De regresso, já formado, fora um dia, com seus pais, visitar o casal que tratara de Xavier, visto todos terem acabado por fazer uma amizade mais estreita.

Chegados ao solar de Pondá, Francisco recordava agora a imagem de deslumbramento que, na altura, o impressionou. Na entrada da casa, enquanto o marido vinha ao encontro dos visitantes, esperava-os uma deslumbrante imagem de mulher: D. Lakshmi, envolta no seu sari de seda cor de açafão, exactamente do mesmo tom das inúmeras flores que ponteavam os canteiros do vasto jardim, aguardava-os com um doce sorriso na sua expressão serena. Ao seu lado, uma criada segurava uma bandeja de prata onde descansavam várias grinaldas feitas com as pequenas flores, de um amarelo quente e vivo, que a senhora ia colocando ao pescoço dos seus amigos. O conjunto da senhora com as flores em que pegava e as que enchiam os canteiros, formava um todo como se fora uma pintura. Mas o que mais o impressionou foi notar, na expressão de D. Lakshmi, um misto de alegria por receber os visitantes, embora, subjacente, uma acentuada melancolia se lhe espelhasse no rosto delicado e formoso, ainda que já não jovem e, sem dúvida, revelando uma saúde delicada.

Quando, no carro, de regresso a Pangim, Francisco comentou com os pais a cena que descreveu, eles desataram a rir.

- Mas por que, se riem?...

- É que, quando cá trouxemos o Xavier, pela primeira vez, o quadro que te impressionou, pela beleza, era exactamente o mesmo. Então, o menino, ao descer do carro perguntou, em voz alta e espantado:

- Aquela Senhora, ali, é a flor mãe das florinhas amarelas do jardim?...

- Penso que foi neste momento que ele seduziu, para sempre, D. Lakshmi e o seu marido - foi comentando Joana.

Mas, foram também os seus modos gentis e educados, a sua brilhante inteligência, a paciência e o interesse no jogo de Mah-Jong, entretendo a Senhora, e o jogo de xadrês com o Dr. Sampaio. Aprendiam e ensinavam um ao outro, aquilo que já sabiam. E quando Xavier começou a melhorar, o médico permitia-lhe que fizesse passeios mais longos pelo jardim e pelo bosque da propriedade, acompanhado pela sua esposa, que o controlava, de modo que as corridinhas que ele dava não se tornassem correrias que o fizessem transpirar e lhe cortassem a respiração. Ela própria andava devagar e sentava-se, amiúde, nos bancos dispostos debaixo das árvores mais frondosas de folha perene. Então, debaixo da canforeira, apanhava as folhas secas caídas no chão, esmagava-as com os dedos e aspirava-lhes o aroma precioso. Xavier imitava-a, procurando outras árvores de folhas perfumadas que embalsamavam o ar que respiravam; do sândalo, raspava-lhe a casca e abraçava-o para que o cheiro do seu tronco se lhe entranhasse na pele. E aprendeu que era da árvore do pau-rosa que faziam aquelas bonitas cadeiras e mesas, entalhadas com aves tão perfeitas que pareciam querer voar. A senhora e o menino saíam do parque mais revigorados.

Xavier gostou tanto de lá estar que, quando voltou para casa, passava os serões a contar-nos tudo.

D. Lakshmi, nestes passeios, dispensava a presença da enfermeira que o seu marido contratara para cuidar de si e do

pequeno doente que melhorava dia a dia. E o fulgor dos olhos da Senhora também se tornava notório. O médico, seu marido, tinha razões para se congratular com a resolução de trazer Xavier para o tratar ali em sua casa. Foi provavelmente nessa altura que começou a magiciar na hipótese de o perfilhar, o que só viria a concretizar antes de ele ir para Lisboa, depois de ter terminado o 7.º ano no Liceu Afonso de Albuquerque, onde professores competentíssimos, alguns hindus, o prepararam no rigor dos seus ensinamentos variados.

- Ainda hoje me custa - disse Joaquim - eu não me ter dado conta dos factos com que o Dr. Sampaio jogou, a seu favor, para perfilhar Xavier.

- E que foram?... perguntou Francisco.

- O facto de ele ser filho de pai desconhecido, para além de outros, o que, expresso nos papéis das burocracias, poderia ser causa de humilhação para ele. Não aqui em Goa, mas na Metrópole, lá em Lisboa.

- O Dr. Sampaio é um homem bondoso e sensível - aduziu Joana. Não suporta preconceitos que prejudiquem e firam as pessoas; e, já que não pode erradicá-los, tenta, ao menos, minimizá-los. Mas também temos de convir que, por outro lado, estava muito interessado, por si mesmo e por sua esposa, em perfilhar o Xavier - clarificou Joana, as intenções do médico.

- Com certeza - anuiu Joaquim. O que não lhe tira mérito.

- De modo nenhum - confirmou Francisco. Eu só nunca percebi como é que Xavier apanhou a doença e como lha descobriram.

- Apanhar o bacilo, no meio de crianças infectadas, é muito fácil. Quanto à detecção, primeiro, foi a tua mãe.

- E não foi nada difícil, felizmente, a tempo. A Catarina começou a queixar-se de que o menino tossia toda a noite e, mesmo não estando as noites quentes ele acordava alagado em suor. Isto nas férias do Natal. Comecei a medir-lhe a temperatura e verifiquei que eram persistentes aquelas temperaturas baixas, o que, com outros sintomas típicos, me alertou para o pior.

- Quando a tua mãe me contou, pensei logo no Dr. Sampaio que é um bom Pneumotisiologista. E o resto já sabes. A primo-infecção não cedeu, de imediato, ao tratamento possível, tendendo a agravar-se. Então o nosso bom amigo lembrou-se de o levar para sua casa que reunia muito melhores condições climáticas. Depois, os medicamentos fizeram o resto, conjuntamente com os cuidados devidos.

Catarina já os esperava, ansiosa, ao portão.

(Página deixada propositadamente em branco)

PARTE VIII

A noiva

*Tal uma doce maçã rubra, que brilha no alto dos ramos,
mesmo no cimo de tudo, esquecida dos que andavam na colheita
- esquecida não, é que não conseguiram atingi-la.*

Safo - tradução de Maria Helena Rocha Pereira

O Ramo

*A quem, marido amado, te comparo?
A dócil ramo, amado, te comparo.*

Safo - tradução de Pedro Alvim

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO 1

*O amor não tem outro desejo
senão consumir-se
[...]*

*Conhecer a dor da excessiva ternura.
Ser ferido pela própria inteligência
do amor, e sangrar
de bom grado e alegremente
[...]*

Kalil Gibran - *O Profeta*
tradução de Manuel Simões

Em vésperas de Xavier ter de regressar à Metrópole, realizou-se o matrimónio, sem os alardes que eles recusaram. Foi um lindo casamento mesmo sem *pompa e circunstância*. Os sobrinhos de Laura, os mais pequenos, formavam um ranchinho que, no jardim do Hotel Mandovi se confundia com as flores. A família já era numerosa, crescera e alargara-se, entretanto, e, com mais um punhado de amigos compusera-se um grupo de convidados em número suficiente para assegurar à cerimónia a dignidade e o brilho que se impunham, embora sem perder a simplicidade que os noivos desejavam.

Eles, no final do festim, despediram-se de todos, deixando a família mais chegada para o final. Nem os pais conheciam a hora da partida para Mormugão, onde tomariam o pacote

atracado no porto e que zarparia para Lisboa, tornando a fazer escala na Beira e em Lourenço Marques. Ali deixaria passageiros, particularmente goeses, e receberia outros, quase todos metropolitanos que iam de férias, ou de regresso às suas terras da Metrópole. Depois fazia também escala em Luanda, aqui quase só para receber passageiros em igual circunstância com os de Moçambique. A bagagem de porão dos noivos já estava ao cuidado do Hotel.

A lua-de-mel, passaram-na navegando no «Moçambique» que os levava para a Metrópole. Nem na primeira noite, o leito nupcial do camarote que Xavier reservara, com a possível antecedência para poder escolher o melhor, deu a Laura a ideia da ara sacrificial. Amava e confiava tanto no marido, que a cama foi lugar de júbilo que o mar embalou, complacente e embevecido, com aqueles ardores que eram a própria consagração do Amor. Só um marinheiro se dessedenta, tão deliciado, com a água doce da fonte que finalmente encontrou. E ela, a fonte da água pura, jorrava fresca sobre a sede dele que era também a sua.

Os dias iam passando e o assunto para as suas conversas não faltava nem esmorecia.

- Lembras-te, Xavier, de quando ias para «o cesto da gávea», lá no cimo do ramo mais esguio e mais alto da árvore em que tínhamos a nossa casinha que o Sebastião nos fez? - questionara-o ela, para quebrar a tensão.

- Mas o cesto fui eu que o encontrei e o amarrei ao «mastro». Só um temporal o derrubaria. Tu é que nunca quiseste subir para te juntares a mim.

- Tinha medo de cair. E bem bastavas tu para amedrontar as nossas mães com a tua ousadia.

- Com tantos ramos aéreos, a figueira-de-bengala não me deixaria cair. Tu é que não confiavas em mim.

- Mas agora já confio. Irei para onde fores, até para o cesto da gávea do teu galeão, em mares sem fim e revoltosos.

- Estamos agora a contornar o Cabo. Se espreitares verás o Adamastor: «O rosto carregado... e a postura medonha e má»...

- E a sua imprecação: «Ó gente ousada...»

Não, não quero nem vê-lo nem ouvir os seus presságios inquietantes. Só para bons augúrios eu tenho ouvidos.

- Então vem, minha querida, vem que eu sou ousado e sou arauto de um reino encantado, mas bem real, que nos espera.

- Por que é que os apaixonados dizem tanta tontice? - articulou Laura, sob o beijo que recebia.

- Porque perdemos o pé. Deixamos de ficar assentes na terra. No entanto, eu, como marinheiro, continuo com a minha condição telúrica, embora o meu elemento seja o mar. Mas tens razão. Para quê tanta tolice, quando é mais importante dizer apenas que te amo.

Laura, finalmente, iria conhecer as terras de Portugal, e as cidades queridas de sua mãe. Mas para Xavier nenhum outro lugar seria tão desejado, e tão propiciatório para viver o seu amor com Laura, como o mar, mais a mais, naquele navio cheio de conforto e alegria.

Também aqueles que regressavam à sua terra de origem, embarcados em Goa, Moçambique e Angola participavam nas festas que era comum serem oferecidas aos passageiros,

com tal manifestação de alegria, como se a rota do barco os levasse ao paraíso terreal. Só de vez em quando, o mar revolto que trazia os enjooos, os levava a ficar nos seus camarotes. Mas Xavier e Laura não enjoavam. «És a companheira perfeita para um marinheiro» - gracejava ele. «Vais ver, querida, que ainda, um dia, farás comigo a volta ao mundo». E Laura ria, feliz, acreditando no que o marido lhe prometia.

- Sabes do que é que eu tenho gostado mais nesta viagem?

- Acho que sei - respondia ele.

- Pois é, é dos bons filmes que têm passado! E reparaste como são actuais?

- Dos filmes?... Que decepção me deste! - fingia ele acreditar no que ela dissera, pois ambos assistiam a quase todas as sessões. Eram filmes que dispunham bem. Musicais, muitos deles, com estrelas como a Doris Day, e outros com a orquestra do Xavier Cugat.

- Sabes, querido? Sinto-me, neste barco, como se estivesse num palácio flutuante das Mil e Uma Noites. Quem dera que a viagem durasse igual número de noites...

Ele, sorrindo, apertou-a contra o peito, como se a não quisesse deixar fugir. E ela, imaginava-se qual Scherehazade, contando todas as noites uma história ao seu amado, com a certeza de que elas não lhe faltariam para muitos milhares de noites. Mas não lhe seriam necessárias quando ele andasse embarcado... E, o mais provável seria o marido contar-lhe a sua odisseia, após cada viagem que terminasse, tal como Sindbad, o marinheiro, ou o próprio Ulisses.

Na passagem do Equador, Laura teve ocasião de ficar a conhecer o que é um arraial minhoto. Era costume, no baptismo

do Equador, apesar de o mar, por vezes, naquele lugar não ser propício a festas, o Comandante oferecer aos passageiros a réplica de uma das festas mais alegres e mais lípicas do País, não faltando nela o vira do Minho e o caldo verde e o vinho verde. Laura dançou o vira com o marido, com o Imediato e com quem não conhecia. Dançavam de roda, dançavam a quatro pares e dançava sobretudo com o seu marido, ainda sem grande treino, porque a primeira vez havia sido na festa do seu casamento. Nunca antes disso, Xavier propiciara que tivessem dançado juntos; e Laura também não se importara muito com essa falta de oportunidade. Mas pensar nisto levá-la-ia a percorrer um tempo que ela preferia deixado no esquecimento.

A rota do paquete levava-os, agora, a navegar junto da costa norte africana.

- Olha, Laura, vêes aquela mancha branca lá ao longe? É o casario, de paredes e terraços brancos caiados que resplandecem ao sol, de Casablanca, a cidade onde se passa o filme interpretado pela Ingrid Bergman e o Humphrey Bogart. O filme tomou o nome da cidade.

- Dizes bem porque de Casablanca só tem o nome. O resto são cenários. O café Rick's nunca existiu em Casablanca, mas se agora eu lá fosse encontrá-lo-ia, de certeza, e entraria para ouvir o Louis Armstrong a tocar piano e a cantar «As time goes by». Não achas?

- Sim, penso que tu encontrarias o Rick's Café e as personagens. Mas eu não. E, no entanto, bem gostaria de encontrar a Ingrid Bergman! - disse Xavier, sorrindo.

- Com certeza, tanto quanto eu gostaria de ver o Humphrey Bogart.

- É escusado, Laura. Nós nunca conseguiremos fazer ciúmes um ao outro. Estou demasiado seguro do teu amor por mim; de contrário não te teria desposado, podes crer.

- E eu também penso o mesmo em relação ao amor que me dedicas.

Então, ali, postados no deque, a estibordo, ele enlaçou-a pela cintura e levou-a escada acima.

CAPÍTULO 2

*Lembras-te, meu amor
Das tardes outonais
Em que íamos os dois
sozinhos passear
[...]
Onde só Deus pudesse
Ouvir-nos conversar?*

Teixeira de Pascoaes - *Elegia de Amor*

Quando o navio lançou ferro no porto da Rocha de Conde d'Óbidos, tinham a esperá-los o primo José, sobrinho-neto de D. Olívia, e outros familiares e amigos. O primo José empenhara-se em satisfazer o pedido de Xavier para que lhes arranjasse casa em bom sítio, de onde se visse o estuário do Tejo. «Que a mobilassem apenas com o essencial restrito. Laura decorá-la-ia, depois, a seu gosto».

E José entregou-lhe a chave e a documentação com a morada. O apartamento estava pronto a ser habitado.

Para os recém-casados, o inverno, afinal, passou a ser a estação de que Laura, logo, aprendeu a gostar. Entre as viagens de Xavier, passavam o tempo no aconchego do seu lar que ela mobilara, tendo em vista o conforto, não descuidando, por isso, os belos tapetes e cortinados. Da varanda

solarenta, avistavam-se os barcos e o Tejo, no estuário, a expandir-se.

Mal tinham desembarcado, Laura teve o enorme prazer de ir às compras com o seu marido. Quanta satisfação lhe deu escolher as elegantes e quentes roupas de inverno! E para o marido, além das camisolas de lã, que ele também já possuía em número suficiente, escolheu um *pullover* de lã macia e cores agradáveis. Só não conseguiu que ele comprasse o sobretudo de pêlo de camelo que lhe ficava tão bem por cima dos fatos. É que Xavier sentia-se muito melhor com as fardas, do que com as roupas civis... Mas acabou por fazer-lhe a surpresa de comprar mais um fato e o sobretudo, para acompanhá-la dignamente quando saíssem à noite.

Agora, vestida convenientemente, na quentura das peças que nunca antes experimentara, Laura combinou com o marido irem visitar os pais de Alberto, para lhes dar notícias e entregar as lembranças que haviam trazido, enviadas por seus pais, pela sua avó e por Francisco. E lá foram até ao Restelo visitar os senhores Carvalhal na casa que Xavier já conhecia.

Quando saíram do táxi, Xavier sussurrou ao ouvido da esposa: - Qualquer dia mudamo-nos também para esta zona ou para Belém. Assim, quando eu chegar à Ribeira das Naus, tu poderás ver a minha *nau* vinda das *Índias*... E rindo, felizes, subiram os degraus de pedra, da entrada, tocando à campainha da porta. A criada que reconheceu Xavier, cumprimentando-os, sorridente, rogou-lhes que entrassem pois a senhora D. Dolores já os esperava. E foi com um abraço, quase maternal

que a mãe do Dr. Alberto, finalmente, conheceu Laurinha. Também, com afecto, cumprimentou Xavier.

- Têm de vir um dia destes cá jantar, por forma que o meu marido e a minha filha conheçam também a senhora D. Laura. «Será pelas roupas que uso que a senhora me trata assim?» - interrogava-se, Laura, por não estar ainda habituada a este tratamento, mas que, afinal, era adequado à sua nova condição.

O chá ia arrefecendo nas xícaras de porcelana finíssima, porque havia muito para contar e D. Dolores não se cansava de os questionar. Num dado momento, Laura poisou o olhar numa fotografia, maior do que habitual, de Alberto vestido com o traje académico de estudante de Coimbra, sobraçando a sua pasta com as fitas que se adivinhavam amarelas. «As do seu pai e de seu irmão eram vermelhas. E as da mãe, azuis escuras». Laura conhecia a praxe de Coimbra.

D. Dolores, captando-lhe a direcção do olhar, aproveitou para lhes falar do filho:

- Como sabem, o Alberto está a fazer a especialidade de Neurologia num Hospital de Edimburgo. Depois esperamos que venha para cá ocupar o consultório que já teve. Só terá de o remodelar. Mas está bem, o meu filho! Passou do calor de Goa para as neves da Escócia, sem dificuldade de adaptação. Nós é que não nos conformamos com a ausência dele, apesar de sabermos que é para o seu bem, para construir a sua carreira. Parece que, finalmente, descobriu o que gostaria de fazer.

À medida que a mãe de Alberto ia tecendo estas considerações, Laura continuava, o mais disfarçadamente possível, enquanto pegava um biscoito ou bebia um gole de chá da chávena

que D. Dolores voltara a encher, a olhar outras fotografias de Alberto, desde menino, até ao homem que ela conhecera. E o coração apertava-se-lhe, talvez com saudades do amigo. Não pudera, nem quisera espantar o afecto que ainda lhe tinha e desejava guardar. Os sentimentos bonitos, como a amizade, devem ser estimados e preservados. As mágoas são para esquecer quando as feridas estão cicatrizadas e, de Alberto, ficaram-lhe as memórias dos momentos agradáveis que passaram juntos. Ele ajudara-a a crescer trazendo-lhe um mundo diferente do que ela conhecia...

À despedida, D. Dolores, tornou a agradecer a Laura a boa companhia que fizera a seu filho, apesar de, na altura, ser ainda tão novinha. «Nem tanto, recordou Laura. Afinal, nem passaram três anos desde que ele deixou Goa...».

O tempo começava a ficar morno e tudo era verde e florido. Laura extasiava-se com os passeios pelo campo conhecendo também a serra da Arrábida. Mas falavam-lhe das belezas de Sintra que Lord Byron cantara. «No verão, nas minhas férias, iremos para lá» - prometera-lhe o marido. E a promessa foi cumprida quando chegou o tempo próprio. Hospedaram-se num hotel pequeno mas muito agradável, onde logo fizeram ninho, embora o usassem quase só para dormir. Durante o dia tinham muito que ver e descobrir. «Esta é a mítica serra da Lua» - lembrava Laura, enquanto percorriam de *charrette* a vila e os seus arredores. Foram ao cabo da Roca, o ponto mais ocidental da Europa, «onde a terra se acaba e o mar começa» - como dizia Camões. Visitaram os belíssimos palácios da vila: o Paço Real ou Palácio da Vila, o misterioso palácio da Regaleira, o Castelo

dos Mouros, Monserrate, decorado com elementos vindos da Índia, o romântico Palácio da Pena e tudo o que merecia ser visto. Um dia, até jantaram no Hotel de Seteais com a mesma naturalidade com que iam saborear as queijadas famosas, numa das pastelarias que as fabricava. Só a indumentária que usavam era diferente, tanto quanto foi diferente a verba que tiveram de esportular. Divertiram-se como crianças indo de eléctrico até à praia das Maças, e outras suas vizinhas. Laura gostou de saber que numa dessas praias, junto às pequenas povoações costeiras, uma famosa artista de Hollywood mandara erguer uma vivenda que mal chegara a habitar. Como Laura gostou de a ver no filme «O Crepúsculo dos Deuses»... *O Sunset Boulevard*. Glória Swanson era o seu nome.

«Que lindo que tudo isto é», deslumbrava-se ela com as arribas e os medonhos e aguçados rochedos que pareciam gigantes a defender as enseadas das praias! «Só é pena esta água, tão límpida, ser tão fria!» - queixava-se Laura.

- Lembra-te, querida, que são águas do Atlântico do hemisfério Norte - justificava Xavier. - Não as compares com as do Oceano Índico, e as do Mar Árabe que banham a nossa Goa...

E ambos, em silêncio, por alguns momentos, evocavam as belíssimas praias de águas aquecidas onde tantas vezes mergulharam. Já eram as saudades que começavam a atazaná-los.

- Gosto mais das nossas praias - inferia Laura.

- Mas estas também são nossas - corrigia-a o marido. - Tu és portuguesa em Goa e és igualmente portuguesa aqui!

Laura tinha a consciência de que assim era, mas talvez o mar lhe tivesse dado a noção da imensa distância que a separava da sua Goa; no entanto, tinha-se adaptado bem. Os primos

goeses e os outros, do lado de sua mãe, a quem ela denominava de «primos loiros», acolheram-na com muita simpatia e afecto. Tornara-se, depressa, numa *alfacinha*, numa autêntica lisboeta e, mais ainda, depois de se ter matriculado na Faculdade de Letras, no curso de História. Era também uma maneira, com que sempre sonhara, de aprender mais das matérias de que tanto gostava, tendo-lhe em Goa, faltado essa oportunidade. Não era, pois, unicamente para não sentir a falta de Xavier, quando ele andava em viagem, que ela resolvera estudar. De qualquer modo, matriculara-se como aluna voluntária, a fim de poder permanecer todo o tempo com o marido quando ele regressava a casa.

Fizera, entretanto, amizades com algumas das colegas. Iam ao cinema, ao teatro, aos concertos de fim de tarde na Gulbenkian. Mas, não só desfrutava a cultura como passatempo; também frequentava, com elas, as pastelarias onde se reuniam, depois da missa de Domingo, nem sempre na mesma igreja. Mais tarde passou a frequentar a igreja da sua paróquia onde começou a dar catequese. Pouco tempo lhe sobrava para o convívio com a família, embora a tarde e o jantar de domingo lhes fosse dedicado.

Laura, nesta vida trepidante que levava, descobria o seu deslumbramento pela cidade grande que tanto lhe oferecia. Mas, pouco a pouco, começou a saber-lhe bem ficar mais tempo em casa e a seleccionar, quer os eventos, quer as companhias. Algumas eram um pouco estouvada para o seu gosto e hábitos. Então resolveu retrair-se, negando-se a alguns convites. O resultado foi ensimesmar-se mais, sentindo o que era a solidão, embora a vida que antes levava fosse apenas aturdimento. Ficavam-lhe, tão só, os preciosos momentos dos bons

espectáculos. Mas ganhou com o facto de se ter tornado, em tudo, bem mais selectiva, evitando algumas «amizades» que, por várias vezes e de várias formas, procuraram fazer-lhe mal. Por isso, valia mais estar sozinha.

Numa dessas ocasiões em que sentia a falta da presença e do afecto familiar, ela recebeu carta do seu mano António que se encontrava em Londres, onde ali tinha de ir, volta que não volta, para superintender o andamento das empresas que há muito, o tio e depois os primos, lá tinham implantado e desenvolvido. António, por ele próprio, acabara de expandir um grande armazém não só de antiguidades orientais, mas também de outros artigos, dos mais preciosos da Índia, maior do que aquele que já possuía em Bombaim. E, agora, resolvera abrir também outro, do mesmo género, em Lisboa, a par da loja de tapetes orientais que, com os primos possuía na zona da Baixa, onde eles, já há muito, eram donos de uma grande loja de tecidos de decoração e afins. Por esta razão, António viera a Lisboa desejando conversar com a irmã para a persuadir a começar a trabalhar com ele; além, claro, de lhe trazer novas da família.

Passados alguns dias foi, como sempre, uma enorme alegria poderem abraçar-se. E depressa ambos concluíram que um Grande Armazém de artigos de luxo e arte oriental, não só indiana, tinha todas as hipóteses de resultar. «As revistas de arte, e até as mais sofisticadas de decoração, já apresentavam antiguidades, incluindo belíssimas peças de mobiliário trabalhadas em madeira de sissó, no estilo barroco indiano, e contadores muito cobiçados, não só por parte de uma elite já habituada a adquirir-los onde os encontrasse, mas também por outros, os do dinheiro novo. Esses, quanto mais não fosse, por moda, e por

saber que um objecto pode trazer consigo estatuto social, seriam bons clientes. E havia-os espalhados por todo o país». Foi, pois, à volta destes pressupostos que firmaram a sua crença nos auspícios em que assentariam o novo armazém de arte oriental.

António espantou-se com as considerações da irmã; então, a sua decisão de arrancar, em grande, com o negócio, foi imediata. Iria ter Laura consigo, ainda que ela neste momento se recusasse. Terminar o Curso de História com a variante de Arte, não a havia de impedir de trabalhar com ele, nem que fosse em *part-time*. Agora, ele só teria de contactar o Dr. Carvalho para que o seu escritório de Advogados, onde estava também o genro, lhe desse a colaboração competente, profissional e amiga. E, ainda, finalmente, enquanto estivesse com os primos, seus sócios, perscrutaria a geração dos mais novos que tinham boa preparação escolar e, dentre eles, haveria de aliciar dois ou três, pelo menos, para irem trabalhar no Armazém.

António sentia que tinha ganho a viagem a Lisboa, plenamente. A sua costela de comerciante da casta chardó não o enganava. E, mal ouvia a irmã dizer-lhe que bons colaboradores responsáveis, honestos e bem preparados não lhe faltariam. E, ainda que os seus empregados, conforme as funções, deviam ser homens ou mulheres, com habilitações adequadas à exigência que ele pretendia.

Agora, António, agudizando o ouvido, concordava com ela e recuperava o conteúdo do *monólogo* de Laura.

Os argumentos inscritos nas palavras que ela proferia, só agora ele os considerava curiais e sábios. Tinha por grande transtorno, ter de permanecer mais uns dias em Lisboa para equacionar todos os pormenores que exigiam reflexão, de

modo que, quando o Armazém abrisse as suas portas, em esplendor e novidade, nada tivesse sido deixado ao acaso. Neste momento, porém, apercebia-se do quanto sua irmã tinha capacidade e argúcia para o ajudar, pelo menos nos pormenores em que assentavam as grandes realizações. Lisboa em muito pouco poderia comparar-se com Londres, mas o que tinham em comum, de idêntico, teria de ser tomado em consideração, de modo a aproveitar-se a experiência adquirida e testada nas outras cidades em que abrira portas a esse tipo de comércio.

Urgia levar Laura consigo a Londres para a inteirar do que ele pretendia fazer em Lisboa, ainda que à medida da cidade e do País. Iria convencê-la, de imediato, aproveitando Xavier estar embarcado.

Ela, para além da viagem de trabalho, logo pensou tirar vantagem, com a possibilidade de visitar os Museus londrinos, e procurar livros, exposições e palestras sobre Arte.

Por tudo isto, Laura, não só acolheu o convite do irmão, mas também ficou radiante com a proposta que ele lhe fez.

- Estás a subornar-me, eu sei. Mas eu aceito o convite se isso não implicar ter de ficar presa aos Armazéns, pelo menos até acabar o meu curso. Colaborar contigo, será um enorme prazer para mim; mas, já sabes, sem horários rígidos. E o mais importante: quando o Xavier chegar das suas viagens, é para ficar junto dele que eu tenho de estar disponível. Nessa altura nem as aulas me importam.

E era sempre assim, como ela dizia. Enquanto ele andava no mar, todas as manhãs Laura pegava na sua mantilha de renda cinzenta que o marido lhe comprara num dos portos de Espanha, e com ela cobria a cabeça para entrar na igreja, perto

de sua casa, onde ia rezar por ele, para que todos os elementos lhe fossem benévolos, e ele voltasse bem e feliz.

E, quando, finalmente, o navio mercante lançava ferro no Tejo, então, Laura, junto de Xavier, era chamada à alegria. Ambos vibravam na partilha das pequenas coisas como se tudo se ampliasse pela força da sua intimidade. Desembrulhar o pequeno presente que ele comprara, algures, para lho ofertar, transformava esse momento em plenitude. Um simples colar de missangas (por falta de melhor), comprado num dos portos africanos, num humilde bazar, transformava-se numa jóia de preciosos rubis que a fazia vibrar. Então colocava-o sobre o colo desnudado, olhando-se ao espelho. Ele, cheio de amor, olhava-a maravilhado.

Não há alquimista tão poderoso quanto o amor! E na integridade íntima da sua paixão partilhavam o mesmo arrebatamento, de onde, envergonhado pela sua imposição inelutável, o tempo se retirava, lento... Mas, pelo contrário, Xavier mostrava-se fogoso na forma de expressar o seu amor, não compreendendo os gestos lânguidos da ternura com que Laura, embora generosamente, celebrava a expressão dos seus sentimentos por ele. No entanto, o encontro no amor era igualmente, para ambos, festa, celebração, consagração e mistério. Tudo estava implícito; a palavra já fora dita e consumara-se na explicitação amorosa.

Agora rasgavam a noite que se tornava dia, mas sem o desmedido, pois que tudo estava certo. E assim o acto profano ganhava dimensão quase religiosa.

Os dias de férias de Xavier, passavam-nos quer na cidade, quer junto ao mar ou na serra. Viviam-nos nessa luminosidade

sem sombras, preocupando-se em não subverter o seu fulgor, e procurando a poesia que continuava impressa em cada gesto, em cada momento, sendo todos especiais em cada lugar, em cada acontecer, em cada pincelada de cor, ou no apenas sendo, como qualquer outra criatura vivente.

Sentados na praia de areia fina e branca, como se fossem áugures, olhavam as gaivotas, procurando adivinhar os preságios que o voo das aves vaticinava, em relação ao futuro que tinham para viver. E os augúrios pareciam-lhes favoráveis. Mas nem de outra maneira os saberiam ler...

E logo chegava o tempo de Xavier voltar para o mar. Então, Laura, mal a noite se fazia manhã, começava o dia participando nos Ofícios Divinos, rezando por ele. Depois, era outra vez a Faculdade, as saudades da família e de Goa, a perspectivação dos Grandes Armazéns onde António pretendia vender objectos de arte multiseular, sedas e brocados, pintura Thanjavur, estatuetas de madeira ou metal, recipientes de ligas metálicas que retinem com timbre semelhante ao dos sinos. Mas vender-se-iam, também, boas reproduções da arte Mathura, e outras.

Para já, Laura tinha o seu quotidiano preenchido pelo estudo e pela grande literatura, em novidade, ou revisitação: depois do sempre presente Marcel Proust, conhecia agora os autores actuais, especialmente americanos. Com eles, no canto confortável da sua casa, nem dava pelo passar do tempo. No giradiscos rodavam os *long-plays* com a grande música orquestral, sua preferida. A solidão não achava espaço para se imiscuir na vida de Laura.

Na sua frente, mesmo defronte dos seus olhos, estavam as fotografias de todos os seus entes queridos.

(Página deixada propositadamente em branco)

PARTE IX

Elegia

*De nada serve ó deuses da morte, enquanto tiverdes
Em vosso poder, prisioneiro, o homem acossado pelo destino,
Enquanto, no vosso furor, o tiverdes lançado na noite tenebrosa,
De nada serve então procurar-vos, suplicar-vos ou queixarmo-nos,
Ou viver pacientemente neste desterro de temor,
E escutar sorrindo o vosso canto sóbrio.
Se assim for, esquece a tua felicidade e dormita silenciosamente.
No entanto brota no teu peito uma réstia de esperança,
Tu ainda não podes, ó minha alma! Não podes ainda
Habituar-te e sonhas dentro de um sonho férreo!
Não estou em festa, mas gostaria de coroar-me de flores;
Não me encontro eu só? Mas algo apaziguador deve
Aproximar-se de mim vindo de longe e sou forçado a sorrir e a admirar-me
Por experimentar alegria no meio de tão grande sofrimento.*

Friedrich Hölderlin - Elegias - Pranto de Ménon por Diotima
tradução de Maria Teresa Dias Furtado

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO 1

*Louvo a solidão da febre
o ávido trasfego que corrompe
a impulsão dos mortos
[...]
E quanto mais derrama
a febre
mais avança
prospera
e mais se lança
num voo de asas mortais*

António Torrado

No dia 18 de Dezembro de 1961 Xavier, navegando em alto mar, tomou conhecimento de que Nehru dera a ordem que o exército indiano há muito esperava para invadir os territórios de Goa, Damão e Diu, sem ligar à intervenção que os EUA, ainda que pouco veementemente, e Sua Majestade Britânica fizeram, a favor de Portugal, junto do Governo da Índia. Respeitavam a velha nação lusa, por partilharem vários interesses e alianças, embora não tivessem qualquer simpatia pelo colonialismo que o Governo de Salazar defendia numa forma acérrima e autista.

Siderado, Xavier ficou-se, por longo tempo, sem palavras nem gestos que expressassem a dor da perda da sua terra natal. Nem queria acreditar. Como gostaria de lá ter estado para

tentar defendê-la, apesar de saber que seria tentativa frustrada. O exército de mais 30.000 homens que compunham as Forças de Terra, Mar e Ar tinha o propósito de dissuadir o exíguo exército português, numa proporção superior de um para dez, para que não houvesse derramamento de sangue. A Índia exibiria a sua força e os portugueses não teriam outra hipótese senão capitular. Ainda muito longe de Lisboa já Xavier desejava saltar borda fora do barco para, no cais, esperar as pessoas que chegariam, no *Índia*, embarcadas em Mormugão, segundo as notícias que a rádio lhes transmitia.

Nunca uma viagem lhe parecera tão longa e tão custosa, tendo para isso contribuído os problemas de saúde que se lhe haviam agravado. Desde o início da viagem, mal embarcara, a síndrome de uma constipação revelou sintomas inequívocos dum estado gripal que a tosse tornara mais incómoda. Logo pela manhã, um ainda que ligeiro estado febril apoquentava-o, provocando-lhe um mal-estar difuso que se agravava pela tarde e pela noite.

«Não passa de umas décimas de febre», começou ele por justificar, junto do médico de bordo, para não ter de ficar recolhido. Mas a tosse agravava-se, tornando-se, mais e mais, notória». Foi medicado e aconselhado a que, logo que terminasse a viagem, fosse ao Hospital fazer uns exames mais conclusivos para o despiste de qualquer doença mais séria. Xavier nem falava nas dores que no peito e nas costas o massacravam, embora acabasse por ficar mais tempo na cabine. «Desde miúdo que sou atreito à tosse, mas com um xarope de aloés e mel que a minha mãe preparava, logo me punha bom - dizia ele ao médico.

- Não gostei do que ouvi quando fiz a auscultação. É preciso cuidado para evitar uma gravosa infecção. Tenha cautela, não

se exponha, e trate de tomar os medicamentos que lhe dei. Confio mais neles do que no seu xarope de aloés - disse o jovem médico com um sorriso, ainda que denotando preocupação.

Lançaram ferro em Lisboa quando o *Índia* acabara de aportar com quatrocentas pessoas, a bordo, sendo os homens uma minoria de goeses cristãos. A maior parte dos passageiros, eram mulheres e crianças, não só da família dos militares mas também civis goeses, alguns dos quais partiram apenas com a roupa do corpo. E quem não teve lugar a bordo acabou por seguir de avião na ponte aérea que se foi formando até Carachi, onde ficavam à espera de navio.

Os últimos aviões das linhas aéreas dos TAIP e o voo do «Super Constelation» fretado, pela TAP, descolaram no dia 16, ainda dois dias antes dos bombardeamentos terem começado, com a invasão da Índia Portuguesa por terra, mar e ar, sem que os militares indianos encontrassem qualquer resistência. Nem sequer havia polícia que evitasse os saques e o vandalismo nas cidades, por parte dos soldados do exército da Índia. A redução do corpo militar e o pouco material bélico que restara (apenas o obsoleto), daquele que Salazar mandara buscar, para enviar para as Províncias africanas, tornava dramática e ineficaz qualquer tentativa de expulsar os invasores. Bombardeados pelos aviões de combate dos indianos, não tinham material anti-aéreo. Porém, em Diu, os velhos canhões da fortaleza ainda derrubaram alguns aviões. E foi lá também que se deu o admirável acto de coragem e dever patriótico, por parte do comandante Carmo que, envergando a sua farda de gala, se recusou a abandonar a Lancha de Reconhecimento Vega, quando os aviões indianos começaram os seus ataques, bombardeando

a fortaleza e atingindo a lancha que, logo se afundou, levando consigo o jovem oficial e a bandeira portuguesa. Entre a guarnição de Diu deram-se duas mortes e vários feridos.

Em Pangim, o palácio do Hidalcão era guardado por uma única pistola metralhadora.

Foi no porto de Mormugão que a fragata *Afonso de Albuquerque*, apesar da sua provecsta idade, tentou dissuadir os invasores ou, pelo menos, fazendo questão de cumprir o seu papel defensor, respondeu ao ataque indiano com a velhinha metralha honrando oficiais e marinheiros. A resposta ao seu corajoso desafio ao bombardeamento dos indianos, provocou-lhe longas horas de agonia, até encalhar nas rochas, no extremo do porto. Mas a Bandeira Portuguesa, comovedoramente esfarrapada, lá ficou a atestar o denodo dos que lutaram à sombra dela.

O Comandante, como não podia ser de outro modo, foi o último a deixar o navio.

E já em terra, Rezende, um dos elementos da sua guarnição, comentava num grito partilhado por todos: - Bastava uma meia dúzia de fragatas como a *Afonso de Albuquerque* para evitar que os indianos tomassem Goa -. Era o patriotismo e a coragem de todos eles que falava mais alto.

Dos navios estrangeiros que deram guarida e transportes aos evadidos de Goa, um dos últimos a levantar ferro, foi a 8 de Janeiro.

E foi grande a espera de repatriamento por parte dos soldados portugueses. Os militares da guarnição de Goa, Damão e Diu, aprisionados no campo de prisioneiros de Pondá, à volta de mil e oitocentos, e mais os do Forte Aguada e da cidade de

Vasco e de outros campos, ao todo, uns três mil, começaram a ser libertados no dia 13 de Abril de 1962. Só em Maio seguiram em ponte aérea para Carachi, onde embarcaram para Portugal, também nos navios *Pátria* e *Moçambique*. O Governador Vassalo e Silva foi o último a sair de Goa.

Tinha-se passado quase meio ano desde que indícios da invasão indiana haviam começado a sentir-se. A sete de Dezembro, já na messe do Altinho as senhoras, esposas dos oficiais, deixavam a piscina e, em pânico, aceitavam ser repatriadas quanto antes, mais por causa das suas crianças.

Dos goeses que ficaram, por sua vontade, contava-se a família Barreto de Ataíde, agora, com a nacionalidade indiana, mas coração e mente portuguesas. A sua decisão foi o preço a pagar para que a família continuasse junta, com a excepção de Laura e Xavier que haviam de arranjar solução para, ao menos, os visitar, acreditavam eles.

Quando Joana decidiu ficar em Pangim, entre várias razões, pesou a preocupação de seu marido em relação à mãe. D. Olívia, com a idade que tinha, já não devia ser levada para fora da sua casa que era o seu mundo. E Francisco não suportaria apartar a sua esposa da família dela, indiana por nascimento, ou por opção de longa data. Agora, Pangim e Bombaim já não lhes exigiam vistos de entrada. No entanto, às escondidas, Joana mordía os pulsos pela mágoa que a mudança lhes provocava. Joaquim, há anos aposentado da Administração Pública, tendo voltado, com gosto, para o seu escritório de advocacia, parecia ter perdido o interesse por tudo. Já não era o homem inteiro que sempre fora. Pedacos de si foram-lhe arrancados,

embora não se arrependesse da deliberação tomada. Amigos seus, e familiares, em grande número, tinham decidido deixar Goa para continuarem a ser portugueses. Mas era especialmente Laura que lhe fazia muita falta!... E por quanto tempo as fronteiras entre os ex-territórios portugueses da Índia e da União Indiana permaneceriam encerradas? Provavelmente, enquanto o Estado Novo durasse - cogitava ele, ainda que vários sinais na sociedade portuguesa e até nas Forças Armadas, indiciassem que provalmente a Situação não durasse muitos mais anos. «Talvez até estivesse por pouco - auguravam os optimistas». «Salazar está para durar e controla tudo através da Polícia Política» - contrapunham aqueles que se diziam mais realistas. Os que acreditavam na mudança tinham a seu favor o isolacionismo a que Salazar votara o País. «Orgulhosamente sós» era uma situação insustentável e vista como ditatorial pelas nações com quem Portugal tinha alianças e tratados.

Também o governador, general Vassalo e Silva sofria por ter sido durante o seu governo que a perda da Índia Portuguesa se dera. Na razoabilidade da sua decisão, por não ter meios, nem físicos, nem aéreos, nem navais para um confronto, preferiu evitar o holocausto da guarnição militar lá estacionada. Contrariou, assim, a vontade de Salazar que preferia mostrar ao mundo que o «pacifista» Nehru cometera o hediondo crime de um massacre. «Só há uma maneira de voltarem à Pátria: ou vencedores ou mortos» - exigia o Presidente do Conselho de Ministros do Governo de Portugal.

Provavelmente o governador não acreditava na invasão e, por isso, não tomou qualquer medida, quanto mais não fosse para ganhar tempo. Mas tempo para quê, se os meios que

Portugal possuía estavam a ser enviados para as Províncias de África, onde se desenrolavam conflitos de muita gravidade? E negociar diplomaticamente não era prática que o doutor Salazar, alguma vez, pudesse considerar. As Províncias ultramarinas eram parte integrante de Portugal - continuava ele a teimar. Não aceitava que o colonialismo fosse obstáculo para o desenvolvimento dos povos a ele submetidos. Era um homem que não entrara no decurso da História, não admitindo acordos para abrir mão das parcelas ultramarinas, ainda que fosse para evitar derramamento de sangue, e salvaguardar alguns bens presentes e futuros. O Dr. António Bruto da Costa chegou a propor a negociação, em ordem a uma Federação, mas como isso implicava mexer na Constituição, ninguém ficou interessado na sua proposta. Adiaram-na *sine die*. E era tarde!

Francisco, tal como o pai, deixara o seu lugar na Função Pública e, desde sempre, preferindo a advocacia, seguiu-o dando nova vida ao escritório, captando clientes de várias origens. Assim, quando alguns anos depois se deu a invasão, eles não ficaram sujeitos a ser *despedidos*, apesar de conhecidos pelo seu empenho a favor da autodeterminação do Território. Pelo contrário, eram bastante considerados, devido ao prestígio profissional que conseguiram, e ao desempenho da sua cidadania, em prol de Goa. Tinham, desde sempre tiveram, amigos nas diversas etnias e religiões que compunham a população goesa. E foi o desempenho da profissão liberal que ajudou o Dr. Joaquim a enfrentar o seu novo estatuto de indiano cristão, continuando a servir Goa, arrimado nas qualidades de Francisco. E este tinha consciência de que, o que aprendia no

trabalho conjunto, o levaria a atingir o patamar profissional de que o pai desfrutava.

Quanto ao seu filho António, o Dr. Joaquim comprazia-se, tal como sua esposa, por terem deliberado enviá-lo para Bombaim, apenas com catorze anos, para lá se fazer homem desenvolvendo a sua costela de chardó comerciante que herdara do bisavô. Mas foi o tio Caetano, irmão de D. Olívia, que entendeu levá-lo para Inglaterra onde, finalmente, António tomou verdadeiro gosto pelo estudo, sem deixar de aprender a trabalhar nos negócios da família. E poucos anos depois acabava por ganhar também o estatuto de empresário, em negócios que pessoalmente desenvolvia, quer em Bombaim, quer em Londres.

Agora, com o passaporte inglês, à semelhança do seu tio que há anos o obtivera, ele tornara-se no elo de ligação entre toda a família. Podia entrar em Portugal e lá expandir as empresas que o tio e os primos já tinham implementado, consolidando-as através de outros parentes que, anos antes, lá se tinham fixado. E, acima de tudo, podia contactar, pessoalmente, com a sua irmã, trazendo as notícias dela e de Xavier, o que tornava a separação menos pungente. A troca de notícias, de fotografias, de lembranças, ajudava a enganar, ainda que em ínfima parte, a separação forçada a que estavam sujeitos. Tinham a seu favor a esperança de que a situação se resolvesse a curto prazo, através das negociações nas Chancelarias, particularmente com a do Brasil que ficara a tomar conta da que fora a Embaixada Portuguesa em Nova Deli. Apesar das relações diplomáticas entre a Índia e Portugal terem sido cortadas, há anos, o Brasil era o mediador para a resolução dos muitos

e variados assuntos das pessoas e dos bens que, no interesse dos dois países, tinham de ser resolvidos.

D. Olívia era quem mais acreditava nessa hipótese, rezando com Catarina para que as fronteiras fossem abertas. Entretanto, ia lendo os jornais portugueses que o neto lhe trazia, transmitindo a súpula das notícias aos membros da família e aos amigos. Joana acabava por lê-los em voz alta, de fio a pavio, de modo que D. Olívia não sacrificasse os olhos.

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO 2

[...]

*Creio nos anjos que andam pelo mundo,
Creio na Deusa com olhos de diamante,
Creio em amores lunares com piano ao fundo,
Creio nas lendas, nas fadas, nos atlantes,*

[...]

Creio que o Amor tem asas de ouro. Amen.

Natália Correia

Apesar de se sentir doente, mais do que pretendia fazer crer, Xavier logo procurou os seus compatriotas chegados de Goa. Laura nem teve tempo de o dissuadir e de convencê-lo a tratar-se, primeiro.

As condições em que se encontravam os goeses que deixaram Goa, para continuarem a ser portugueses, dilacerou a sua sensibilidade. Então, literalmente, despiu o agasalho que lhe manietava os movimentos e, contactando cada um, fazendo anotações, procurando ajuda estatal e auxiliando-os nas tarefas mais mezinhas, correndo para as Organizações e Instituições governamentais e particulares, que podiam e deviam ajudá-los muito mais, quase não parou durante dias e dias seguidos. Nem se dava conta, sequer, sentindo-o na pele, que aquele inverno era o mais chuvoso e frio, de todos os que ele passara em Portugal. E pensar que os portugueses de Goa

foram alojados junto à Cordoaria num edifício degradado, ex-sede da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho que nenhuma alegria estava capaz de proporcionar aos novos ocupantes. Adultos e crianças tinham de dormir vestidos e calçados, devido ao frio e ao insuficiente agasalho que possuíam, para os resguardar das baixíssimas temperaturas que o «abrigo» lhes oferecia.

Quando chegou a altura de Xavier ter de voltar a embarcar, a febre que o tomava não passou despercebida ao exame a que foi sujeito. Uma pneumonia obrigou-o a ficar *de baixa*, em terra. Porém, logo que se sentiu melhor, enganando Laura, voltou a procurar aqueles que necessitavam de ajuda, acompanhando-os na resolução dos problemas que tinham de resolver, muitos deles burocráticos, de modo a poderem encetar uma nova vida e profissão nesta terra, afinal menos acolhedora do que devia ter sido para os goeses que preferiram continuar a ser portugueses, ainda que, para isso, tivessem sido obrigados a deixar a sua terra de origem. Só não deixaram os seus costumes e tradições, e nem mesmo o gosto pela sua boa comida goesa com as perfumadas especiarias a que estavam habituados. Muitos desses portugueses de Goa foram colocados na Função Pública e na Banca, não só no Continente e Ilhas, mas especialmente em Angola e Moçambique. Outros resolveram a sua própria vida, tomando a iniciativa de se estabelecerem nos variados ramos dos negócios, nas grandes cidades, sobretudo em Lisboa, e procurando também a quentura do Alentejo e do Algarve. No entanto, muitos foram para Trás-os-Montes.

Finalmente, Xavier começava a tomar consciência do seu estado de saúde, por imperativo da própria doença. Mas doentes, até mais do que ele, eram também alguns daqueles que ele enviava para onde se podiam tratar, através do pessoal especializado destacado para a ajuda aos deslocados da Índia Portuguesa que continuavam a chegar a Portugal nas muitas viagens que o *Índia* fazia.

Quando voltava para casa, naquele inverno chuvoso, Laura apercebia-se de que a roupa de Xavier se lhe havia secado no corpo. E a tosse, em vez de abrandar, piorava. Com frequência, ela reparara que o marido punha a mão no peito, pressionando-o como se tivesse dificuldade em respirar e aflagava o ombro, como se lhe doesse.

- Viste os meus remédios, querida?

- Não. Deves tê-los deixado lá.

- Não deixei porque não os levei.

Laura ficou estarecida. Xavier andava a descurar a sua saúde, perigosamente, mas já nem valia a pena dizer-lhe nada. Ele não a ouvia, nem cuidava de si próprio como cuidava dos outros.

- Lembra-te, Xavier, que estás de baixa porque o médico te achou muito doente. Não comes, não dormes, não fazes a medicação... Não pensas em ti nem em mim. Não te esqueças que tiveste uma pneumonia, não há muito tempo.

- Deixa, querida. Amanhã vou ao Hospital. Não te preocupes.

- Eu vou contigo.

- Não, não é preciso. Não quero que vás. E agora vou tomar um duche quente e vou deitar-me no quarto de hóspedes para não te incomodar com a tosse.

- Sabes que não é a tosse que me incomoda. Tu é que deves incomodar-te com ela. E, por favor, tens de jantar antes de dormir. Só então reparou que ele tinha dificuldade em tirar a roupa. Os seus braços musculados tornavam-se inertes. E tremia, tanto, que Laura se surpreendeu. O quarto estava aquecido, como o resto da casa.

«Era a febre, com certeza, e alta» - deduzia ela.

- Queres que te ajude?

- Não, não é preciso. Entretanto, podes ir aquecer qualquer coisa líquida que eu tomo-a na cama.

Laura trouxe uma tigela de canja com a carne da galinha já desfiada e os pequenos ovos, a boiar, de que ele gostava. Mas teve de dar-lhe apenas o caldo na boca. As mãos fortes e bonitas, de dedos longos, nem conseguiam pegar na colher.

- Já chega - disse ele exausto.

Ela não insistiu. Foi buscar as caixas dos medicamentos que facilmente encontrou; deu-lhe os que devia e aconchegou-o.

- Vais acordar transpirado e é preciso que mudes de pijama. Chama-me, por favor. Tens a campinha aqui na cabeceira.

Mas nem seria preciso. O seu marido estava muito doente, certamente com uma recaída da pneumonia, e ela teria de ficar atenta, ao pé dele, no sofá. Levou a roupa que ele despiu para a marquise e pô-la no cesto. Nem a desembrulhou.

Ao vê-lo a dormir, sereno, só já de madrugada se foi estender no quarto ao lado e adormeceu, depois de mais de uma vez, como previra, tê-lo ajudado a mudar os pijamas ensopados de suor. Vendo-o tão fragilizado, mais lhe foi notório o corpo dele bem esculpido, mas agora muito mais magro. Não podia ficar assim doente, o seu querido Xavier. Não era homem para ficar de cama.

De manhã cedo a campainha da porta tocou. Laura, estremunhada, lembrou-se que era dia da mulher a dias, costumava vir cedo.

- Por favor não faça barulho por causa do meu marido que está doente.

- Mas o senhor cruzou-se comigo nas escadas. Até me pediu para eu ir buscar-lhe um táxi.

Laura nem lhe respondeu. Fora vencida pelo sono e Xavier aproveitara para sair sozinho.

- A senhora já viu estes lenços cheios de sangue? Tenho de os meter em água fria porque se vão para a máquina, as manchas não saem.

- Deixe estar. Eu depois trato da roupa. «Sangue do nariz ou dos pulmões? Que sangue era aquele?...» E preocupada, numa aflição, Laura esperou por ele.

Veio finalmente um telefonema do médico do Hospital informando-a que o marido ficava internado. Pedia-lhe para que, logo que lhe fosse possível, passasse pelo seu gabinete pois desejava falar com ela sobre o estado do marido. Mas que não se afligisse.

E tudo se precipitou. «O estado de Xavier era preocupante. No entanto, contavam com os antibióticos específicos e potentes. Já não era como dantes...». E, pouco a pouco, foi-a preparando para que o marido fosse para a Estância Sanatorial do Caramulo, onde encontraria muito melhores condições para ser tratado. Desde os Sanatórios devidamente apetrechados para as intervenções cirúrgicas (quando necessárias), ao clima frio e seco da montanha, com o ar puro, e os médicos especialistas na doença, tudo lá estava preparado em função

do tratamento da tuberculose. E Laura, rígida, apenas aparentando serenidade, ouvia o médico, embora as palavras dele lhe entrassem desgarradas nos ouvidos. Ele perguntava-lhe, agora, se ela conhecia casos da doença na família ou se ele contactara com pessoas portadoras do bacilo da tuberculose?

«Que não, que não sabia» - conseguiu ela exprimir, torcendo as mãos. «Mas sim, na puberdade ele tivera uma primo-infecção». O médico, com a mão segurando o queixo, acenava com a cabeça para exprimir que essa informação era importante. E era importante também saber que Xavier mal descansara, violentando-se durante prolongados estados febris e de fadiga, ajudando os refugiados da Índia Portuguesa.

- Mas é provável que ele tenha sido contagiado, agora, por alguém infectado entre essas pessoas que chegam de Goa. Já foram despistados alguns casos, segundo estou informado. A viagem longa no navio sem que tivessem sido accionados os requisitos para o embarque, como seriam, em situação normal, podia ter disseminado a doença. Eu sei, o seu marido apenas contactou eventualmente com essas pessoas. Ou não tão eventualmente quanto isso. A senhora acabou de dizer-me que o seu marido, mal curado da pneumonia, acompanhou e ajudou amigos, conhecidos e outros desalojados da Índia Portuguesa. Já está tudo sob controlo e agora vamos proceder à ida dele para o Caramulo. A Senhora certamente pretende acompanhá-lo?

- Claro que sim, Senhor Doutor!

- Vamos tratar de tudo. Felizmente ainda lá trabalha, entre outros médicos muito competentes, o meu amigo Dr. Trajano Pinheiro, grande Tisiologista e Cirurgião. O Sanatório do

Caramulo conta-se entre os melhores que existem na Península. Temos lá o eminente especialista espanhol, Dr. Manuel Tápia, admirado por Marañon, e Ortega e Gasset. Não há melhor! É um investigador de renome mundial. Com frequência, médicos estrangeiros, franceses e até americanos, lá reúnem com o corpo clínico da Estância. A senhora sabe que entre o Grande Sanatório e outros, contando também as Casas de Saúde e o Sanatório para crianças, existem mais de mil camas? Claro que felizmente a Estância tem agora muito menos doentes; e, por isso, alguns dos sanatórios já não estão em funcionamento. As estreptomicinas ajudaram a que eles fechassem as portas. Mas ainda há muitos doentes. Mais do que devia haver.

Laura estava abismada com o que ouvia e começava a tomar consciência de que tinha de preparar-se para ajudar, como pudesse, de forma que Xavier se curasse, o mais depressa possível. Segundo o médico lhe dizia, como tinham meios para isso, e a Companhia da Marinha Mercante a que pertencia, tomaria os encargos do tratamento do marido, ela poderia ficar hospedada no edifício grande e, depois, se o entendesse, alugar um chalé. O tempo de tratamento justificaria pensar, pelo menos, a médio prazo. Mas iriam ficar bem, lá no Caramulo. A simpatia, o zelo e a competência eram apanágio de todo o pessoal clínico e não clínico da Estância. E, depois, as condições climatéricas e a organização do lugar onde tudo se congregava para o bem-estar dos doentes e até dos acompanhantes, fazia do Caramulo um lugar de eleição para o tratamento e convalescença dos pacientes. Claro que o Sanatório de luxo não se comparava com os dos pobres. No entanto, como

não podia deixar de ser, todos eram bem cuidados e tratados. O bacilo de Koch é que não diferenciava os ricos dos pobres. Democraticamente instalava-se em qualquer deles, embora o *convite* por parte dos pobres fosse em maior número.

A cordialidade e complacência do médico ajudou-a muito. Pelo menos, começava a preparar-se para a realidade que teria de enfrentar. E o mais difícil seria ajudar Xavier a aceitar a situação da sua tão gravosa doença. Para ela, o pior de tudo seria o sofrimento a que ele estava sujeito. Para um homem de acção, ter sido condenado ao repouso absoluto que teria de observar, ser-lhe-ia muito penoso.

E que poderia fazer ela, senão rezar?

Só, então, se lembrou que dentro da caixinha de prata lavrada, guardava o rosário de contas de âmbar que a sua avó lhe oferecera antes do casamento. Na altura, Laura nem se questionou sobre a oferta; porém, agora, entendia o seu sentido profundo. Não era só mais um objecto que lhe faria recordar a avó. Era muito mais do que isso, era uma mensagem que escusava palavras; as palavras que estavam guardadas nos mistérios do rosário para serem proferidas na altura própria.

CAPÍTULO 3

*Longe vão os dias de sol intenso,
De azul forte nas vagas calmas,
Dos róseos beijos matutinos.*

*Longe vão as risadas alegres,
O toque leve, o olhar cúmplice,
Claro farol da nossa inquietação.
[...]*

Delfim Leão - *O Grau Feminino da Poesia*

Com o corte das relações diplomáticas entre a Índia e Portugal, tornou-se impossível as pessoas viajarem entre os dois países, até porque, mesmo depois da invasão, Portugal não aceitava a integração dos territórios portugueses na União Indiana, de forma oficial. Sendo assim, ninguém da família de Laura os poderia visitar, a não ser António. Com duplo passaporte legalizado, vivia na Índia como indiano, viajando como tal; mas, para Portugal, viajava na sua condição de inglês que o passaporte atestava. E foi ao irmão que Laura imediatamente falou da doença de Xavier, pedindo-lhe que fosse informando a família, da forma que o seu bom senso lhe sugerisse. Mas era imprescindível que o Dr. Sampaio conhecesse a dimensão da doença do filho, até porque os médicos tinham interesse em saber pormenores da primo-infecção de Xavier, que ele tratara.

O inverno frio e húmido de Lisboa, dava lugar a um calor sufocante, ainda antes do verão, que Xavier não teve de suportar. No Sanatório tudo era mais favorável à cura, embora esta não se desse com a pressa desejada. Pelo menos as hemoptises pararam. Os tratamentos vários e intensivos a que ele estava a ser sujeito no internamento, levava-os a acalentar a esperança de, lá mais para o verão, ele já poder ficar com a esposa no chalé, em convalescença, para ela também lhe poder cozinhar os pratos goeses de que ele tanto gostava. Mas, é claro, sem o excesso das especiarias, especialmente das picantes. Ao menos, preparar-lhe-ia a sericaia, a bebinca e um belo caril a que não faltariam apreciadores, mesmo do Corpo Clínico, depois de terem sabido que ela era uma excelente cozinheira da comida goesa. Havia de preparar-lhes o xacti, embora cortando nas malaguetas, e as *apas*, o balchão e o baji de batata.

Era bom sinal o facto de ele estar com mais forças e a alimentar-se bem. A ementa, no Sanatório, composta pela sopa, um prato de peixe, o outro de carne e a sobremesa de fruta e doce, quase sempre lhe agradava. Bons produtos da quinta da Estância e da produção da aldeia, ajudavam a que as refeições, de óptima confecção, agradassem aos doentes, aos médicos e a todos os que as degustavam. Era saborosa e nutritiva. Até o peixe que todos os dias chegava da praia de Mira e de outras, já para não falar das trutas salmonadas que provinham dos riachos de leitos fragosos que desciam as serras, era fresquíssimo e de qualidade.

Os primeiros tempos que lá passaram (tinham chegado em pleno inverno), custaram bastante a Laura, para já não falar no

quanto Xavier sofreu. Havia alturas em que ela mal o via porque os tratamentos a que era sujeito prendiam-no no Pavilhão Cirúrgico ou no quarto. No entanto, pouco depois, ele passou a acompanhar os outros doentes «na cura»: deitados nas extensas galerias em cadeiras longas, concebidas para o efeito por vários arquitectos famosos, entre outros, Alvar Aalto e Le Corbusier, eram confortáveis, higiénicas e adaptavam-se ao estilo modernista da Estância sem deixarem de ser cómodas. O seu visionário fundador, o Dr. Jerónimo Lacerda, nada descurava. Até o lazer foi pensado, não só para os enfermos, mas também para ser desfrutado pelos acompanhantes: bibliotecas, salão de jogos e um grande ecrã, no topo da galeria do Grande Sanatório, onde eram projectados os filmes mais desejados, com os intérpretes mais em voga. E fora também construído um pequeno cineteatro com uma cabine de projecção, plateia para os doentes, e o balcão para os médicos, funcionários da Estância e os acompanhantes.

Numa serra inóspita, mas de bom ar seco, com um fértil vale que águas puras regavam, nasceu uma «cidade» muito especial e com infra-estruturas necessárias: vias de comunicação, embora cheias de curvas, Estação dos Correios, Capela, Escola Primária, etc.. O desenvolvimento da Estância e o seu esplendor aconteceu durante as décadas de quarenta e de cinquenta. No início de sessenta, no entanto, tinha ainda uma grande taxa de ocupação com doentes em tratamento, internados e, muitos outros, crónicos, que eram tratados em ambulatório. Daí, o número de médicos ter já diminuído.

Quanto ao Corpo Clínico sempre teve a admiração de colegas dos maiores hospitais do país e estrangeiro. Mas as cirurgias

torácicas já diminuía devido ao uso das sulfamidas e penicilinas, baixando, portanto, o número das intervenções no Bloco Operatório. E a mortalidade, que em 1950 era de 10%, baixava para pouco mais de 4%. O resultado era animador, embora nem todos se curassem. A percentagem de cura plena andava nos 60%. Uma parte, tornavam-se doentes crónicos, embora periodicamente vigiados, mas integrados na sociedade, não deixando de ir às consultas.

Laura lia os boletins internos, falava com os médicos, relacionava-se com os doentes «curados» mas que, por precaução ainda lá continuavam. Talvez já nem soubessem viver noutra lugar. Em 1950 os doentes enchiam as 20 unidades da Estância; todavia, mais de dez anos passados, ainda ocupavam 17 delas. «Agora entendo a preocupação com os rastreios» - pensava Laura. Ainda há muitos tuberculosos, alguns sem saber que o são, fazendo progredir a doença por atitudes e gestos aparentemente inócuos. Por isso, aqui se proíbe o aperto de mão e os beijos. Mas até nas cidades ainda há quem escarre no chão... Daí, a importância da obrigatoriedade da vacina antituberculosa. Na Índia é costume cuspir-se no chão a saliva vermelha pelo hábito de mastigarem uma pasta à base de folhas da areca que, de aspecto sanguinolento, se confunde com a expectoração dos tísicos. Se algum doente cuspiasse o sangue dos seus pulmões tuberculosos, dificilmente se distinguiria.

Na Estância Sanatorial do Caramulo, são tantas as escaradeiras nos sítios, por onde normalmente os doentes se movimentam, que nenhum se atreve a expelir a sua expectoração para o chão, seja onde for.

Laura, passeando no jardim, via o seu marido, no meio dos outros doentes a fazer «a cura», bem aquecidos, como se estivessem enfiados num casulo, pela técnica que usavam de se enrolar nas mantas de lã das ovelhas do Caramulo e da Serra da Estrela, tecidas em tear manual e nas fábricas da Covilhã. E assim repousavam respirando o ar seco e frio que vinha dos picos da serra ainda nevados. Em breve, já ela tinha o seu Xavier consigo, no chalé, passeando também no parque frondoso, na sombra e na frescura das árvores de folha perene. Iam à Missa à Capela e faziam compras na aldeia. Chegaram a aventurar-se, com a ajuda de burros, a ir ao Caramulinho donde avistaram uma paisagem soberba. Divertiam-se com moderação, embora podendo fazer o que desejavam, que não era excessivo, seguindo com rigor a orientação dos médicos.

Mas, um dia, sem aviso prévio, voltou a febrícula da manhã e o febrão do fim do dia, acompanhando as hemoptises, o que rapidamente o fez retornar ao Sanatório com cuidados redobrados. Um dos médicos que também viera doente para o Caramulo e, curado, lá ficara como médico, tentou explicar-lhes que, em muitos casos, isso podia suceder. A estreptomomicina deixava de fazer efeito. Pouco depois Laura ouvia-os falar em tuberculose «galopante». Era a disseminação do bacilo.

- Fomos tão felizes no chalé durante o verão. Nem imaginas, António! - dizia ela, por telefone a seu irmão, depois de ter expressado o seu desespero.

E sem que nada fizesse prever a recaída, ela aconteceu, e mais gravosa ainda.

- Ouve, Laurinha, eu logo que possa vou ter contigo. E o nosso Dr. Sampaio vai telefonar ao Dr. Figueira. Pobre amigo, parece que andava a adivinhar este desfecho, mais a mais, agora, no seu estado depressivo devido à morte da sua querida esposa.

Ao ouvir esta notícia, duas grossas lágrimas correram na face de Laura. «Não, não direi nada ao Xavier. E tu não venhas agora cá. Não vens fazer nada que possa melhorá-lo. E, quanto a mim, não estou sozinha. Nem imaginas a solidariedade destas pessoas, a começar pelo Corpo Clínico. Até da parte do Dr. João Lacerda, que chegou a acompanhar Xavier na visita ao Museu dos Automóveis, estando também a preparar o Museu da Arte que foram da iniciativa de seu irmão Abel Lacerda, falecido num acidente. Como sabes ele era corredor de automóveis». António sabia. O próprio Dr. João Lacerda, continuador da obra de seu pai, e do seu irmão, na Estância, já o contactara, a propósito de umas raríssimas e muito antigas peças de arte indiana que vira em Londres».

- O Armazém, António! Nunca mais falaste disso! Mas não descures a ideia. Trata aí em Lisboa do que tens a tratar.

- Quando o Xavier melhorar teremos tempo para falar no assunto - dizia-lhe o irmão que, de tão comovido, por não acreditar nas melhoras do cunhado, logo se despediu, desligando o telefone.

O Dr. Nery Sampaio sabendo que António chegara de Portugal, não esperou que ele fosse a Goa. Tomou um avião e procurou-o na sua casa de Bombaim, para saber notícias, visto António ter resolvido ir à Estância do Caramulo, mesmo

contrariando a irmã. Em vez de apanhar o *Sud Express*, acabou por alugar um carro, potente e confortável, com motorista, carro que não estava de acordo com as lamentáveis estradas portuguesas... Chegando à noitinha ao Buçaco, lá pernoitou. E, logo pela manhã, lançado na estrada da serra cheia de curvas que o levou ao Sanatório, pôde verificar o estado do cunhado, em grande sofrimento pela falta de ar, mas rodeado por uma equipa médica que tentava tudo para o salvar. Pelo menos, prolongando-lhe a vida com o alívio possível. E António congratulou-se por ter trazido uma belíssima peça de arte, muito antiga, que depositou, como oferta, nas mãos do Dr. João Lacerda. O defumador em ferro, delicadamente trabalhado, foi aceite com grandes mostras de apreço pelo organizador do Museu, tendo este ficado muito grato.

Agora, em Bombaim, tanto António quanto sua esposa fizeram questão de que o Dr. Sampaio permanecesse com eles, ao menos, por uns dias. Ele adivinhara a gravidade da doença de seu filho. Sim, porque «Pater est quem leges dicunt», repetia ele esta frase, sempre que se proporcionava; e não perdia o ensejo de a traduzir. «O pai é aquele que a lei reconhece como tal». Dizia-a primeiro, em latim, porque lhe parecia ter mais força. Mas de que valia a lei reconhecer a sua paternidade se a política não valorizava os direitos do afecto dessa íntima relação que une pais e filhos! Pois se até um goês, na Faculdade de Direito de Lisboa, não conseguiu, de Portugal, um visto para entrar em Goa, a fim de participar no funeral de seu pai, apesar de ter movido empenhos da maior craveira! Salazar respondia que os interesses do Estado se sobrepunham aos interesses particulares.

O Outono avançava, inverno dentro e a doença de Xavier investia com a estação das folhas já caídas. Os cuidados médicos foram exaustivos, mas à medida que o tempo passava, o tratamento pouco mais era do que paliativo. O efeito da medicação já não se fazia sentir em melhoras.

Regressado a Goa, tendo ouvido António, o Dr. Nery preparava os amigos Barreto de Ataíde para o pior. Mas o seu cuidado e a sua preocupação maior iam para Catarina. Ela era a mãe, a que sofreria mais entranhadamente a perda de Xavier. Quanto a D. Olívia, optaram por não lhe dizer a verdade nua e crua. «Que fossem rezando e que tivessem esperança», consolava-as ele. «A fé e o poder da oração opera milagres». E, deste modo, também o Dr. Nery desejava autoconvencer-se da hipotética cura de seu filho, embora, enganarmo-nos a nós próprios, seja bem mais difícil do que enganar os outros que em nós confiam. E, porque estava por dentro da verdade, o bom do Dr. Sampaio era quem mais sofria. E a sua fé, frouxa, tirava-lhe o dom da esperança... Quanto a Joana sentia-se dilacerada por não poder acompanhar a filha naquela provação. Escrevia-lhe longas cartas incutindo-lhe ânimo e fé. Mas Laura já nem comunicava com a família, o que também lhe era difícil, por falta de coragem. Apenas, pelo telefone, respondia a António, de modo que fosse ele, como sempre, o intermediário entre ela e a família. Os presságios inquietantes que há muito a perseguiram, já não os reprimia. Passaram a ser companheiros a prepará-la para a inevitabilidade do desfecho aterrador.

Os médicos foram-lhe, pouco a pouco, restringindo as visitas ao marido. «Que estava no Pavilhão da Cirurgia onde o

preparavam para a intervenção, à cerca da qual Laura seria informada na altura própria. O Dr. Pinheiro, hábil cirurgião (ou não tivesse sido indicado ao Dr. Lacerda pelo Professor Bissaya Barreto, tal como o Dr. Figueira lhe fora indigitado pelo Professor Augusto Vaz Serra), acompanhado por outros seus colegas, não menos preparados, estudava a técnica mais apropriada ao caso do paciente. Já tinham sido mal sucedidos com a ressecção do pulmão que fizera alastrar a doença ao pulmão colateral, embora durante um certo tempo parecesse ter a doença controlada. Mas não tentaram o pneumotórax.

Devido ao pouco sucesso, a longo prazo, das técnicas usadas, estudavam a possibilidade de uma outra, entre as várias que praticavam, quando, como aconteceu no caso de Xavier, os fármacos, mesmo a estreptomycina, deixarem de fazer efeito. Não actuavam devido às áreas necrosadas e à invasão do bacilo a outros órgãos. «Levaram-no para o Pavilhão Cirúrgico para eu não poder visitá-lo» - teimava Laura para si mesma, moída de sofrimento. Mas chegou um dia em que decidiu não esperar mais. Procurou o Dr. Figueira e falou-lhe do seu estado.

- Tenho de ver o meu marido, de falar com ele, como o senhor doutor deve entender e concordar comigo. Vai para um mês que eu tenho a certeza de estar à espera de um filho e, ainda não me deram a oportunidade de lhe dar a boa-nova.

- Pretendíamos estabilizar um pouco mais a doença, de modo que ele pudesse receber a notícia com maior capacidade de regozijo.

Mas o Médico deu razão a Laura e prometeu-lhe que, como já estava previsto, iria transferi-lo para o quarto que antes ocupara e que estava devidamente apetrechado para o receber.

Porém, o *olho clínico* do Dr. Figueira fê-lo aperceber-se de que Laura não estava bem. O seu estado de ansiedade era de tal ordem que precisava de ajuda e cuidados.

- Para já - disse ele - venha dar um passeio comigo para aproveitarmos o sol desta tarde tão bonita, de um verão de S. Martinho, muito atrasado, neste serôdio outono, quase inverno. Iremos até à Capela de Nossa Senhora da Esperança rezar uma oração...

Laura agradeceu, anuindo; e, preocupada com a certeza do seu estado, comentou:

- Sabe, Dr. Figueira, às vezes penso que me pode acontecer o mesmo, e não é por mim que me preocupo, que sucedeu com o Hans Castorp, personagem de *A Montanha Mágica* de Thomas Mann... Ele foi apenas para visitar o primo ao Sanatório de Davos, e lá acabou por ficar em tratamento prolongado.

O Médico estacou. - Que estranha coincidência, Dona Laura! Tivemos uma transmissão de pensamento. Eu ia a pensar nesse mesmo livro que, apesar de ser um romance, me interessa sob vários aspectos. Aliás, gosto de todos os livros de Thomas Mann. Mas não esteja em cuidado com essa possibilidade; amanhã, de manhã, vai poder estar com o seu marido, e depois olharemos por si. O Hans Castorp é personagem de ficção, não se esqueça.

Rodeado de cuidados, como se o seu marido fosse um pestífero, o médico acompanhou-a ao quarto onde Xavier jazia.

- Por favor, Senhor doutor, deixe-nos sós - E a entoação que Laura punha na voz era tão imperiosa e suplicante que o Médico fez o que ela implorou... ou mandou...

Mas, antes de ela entrar no quarto preveniu-a:

- Não se admire se achar o seu marido sonolento. Ele está sob o efeito de medicamentos que o aliviam da tosse e...

Mas já não disse mais nada. Saiu do quarto e deixou do lado de fora, a enfermeira que, atenta, aguardava algum sinal para voltar para junto do doente. Laura tinha-se chegado junto à cama e ficou-se, ora de olhar perdido, ora a fixar o marido. Ele, recostado nos almofadões imaculadamente brancos, foi abrindo as pálpebras como se esse acto lhe custasse um grande esforço, olhando-a nos olhos. Laura pegou na mão dele, livre das agulhas de entubação, que jazia sobre a dobra do lençol e colocou-a sobre o seu ventre, pressionando-a sob a sua mão. Não foram necessárias palavras para ele perceber a mensagem que ela pretendia transmitir-lhe. Ele entendeu ou adivinhou e, então, sorriu docemente.

- Está tudo bem, meu querido. Ele vai nascer saudável, tão bem quanto eu estou. Mas agora vê se descansas. Dorme, meu amor que amanhã deixam-me tornar a visitar-te. E Laura deu uns passos em direcção à porta, mas já a enfermeira a abria:

- O Dr. Figueira pede-lhe que passe pelo gabinete dele, se faz favor.

Ela, com um ar de aparente serenidade, bateu à porta; e, o médico, levantando-se, introduziu-a no gabinete onde finalmente, as lágrimas que ela tinha represadas, irromperam em torrente.

- Chore à vontade. Faz-lhe bem aliviar a tensão duríssima que suportou ao ver o seu marido. Eu sei que a Senhora já compreendeu a gravidade do estado dele.

- Está por pouco, não está, Senhor doutor?

O médico não lhe respondeu. Levantou-se e pegou as mãos dela entre as suas.

- A D. Laura não volta para o chalé sozinha. Pode até dispensar a empregada que lá tem. Tomei a liberdade de lhe mandar preparar aposentos na ala dos acompanhantes, no Grande Sanatório. Fica mais aconchegada, embora sozinha no seu quarto, como sei que prefere. No entanto destacarei alguém do pessoal do apoio médico para ficar ao seu dispor. Mas o importante é que a Senhora durma, durma bem. Logo de manhã terá notícias do seu marido, prometo-lhe -. Porém, Laura, zozza como estava, ouvia o médico falar, sem que assimilasse o que ele dizia.

Nos dias subsequentes, ela começou a ser sujeita aos diversos exames que os médicos entenderam fazer-lhe, dada a sua situação. Ocupavam-na, de modo a terem desculpa para ela não voltar a ver o marido que só os balões de oxigénio permitiam que se mantivesse vivo.

Das celebrações do Natal, Laura retivera apenas a participação na Missa do Galo. E, passados dias, o médico deu-lhe a notícia que ela já esperava.

- Há pouco recebi uma mensagem do seu irmão, informando que chega amanhã. É bom ter alguém de família consigo, neste momento. Dias atrás, tomámos a liberdade de o contactar.

Laura acenou que sim e e olhou-o dolorida. Revia Xavier quando saíra do quarto dele, afundado nas almofadas, de olhos cerrados e um misterioso sorriso nos lábios que não se coadunava com o seu estado. Era talvez um sorriso misto de felicidade e preocupação. Mas nem um laivo de desespero se poderia ler no seu semblante. A sua expressão era de serenidade

e conformação. Por isso, a dela teria de ser a mesma: a conformidade que é aceitação tranquila, embora magoada.

- Agora venha comigo tomar uma tisana. E, à tarde, se o tempo se mantiver de feição dará um passeio pelo jardim. Depois, após o jantar, voltaremos a falar e tomaremos outra tisana, daquelas que nos ajudam a relaxar - dizia-lhe ele sorrindo.

Laura agradeceu ao médico todo o cuidado que mostrava pelo marido e também por si própria. E não só concordou com a decisão dele, mas também foi para ela motivo de alívio, já que não suportava atender o telefone, ainda que da família de Lisboa e das amigas que fizera. Até falar com D. Dolores lhe era penoso. Não sabia que lhes dizer e, por isso, não adiantava a conversa, ficando no «mais ou menos», «pouco melhor», «vai indo devagarinho» e quejandas expressões.

Laura, à noite, voltou a tomar outra tisana com o médico; mas, nem ele lhe falou do estado presente de Xavier, nem ela achou que valesse a pena interrogá-lo. Não suportaria ouvir mentiras piedosas; e, a verdade, já a conhecia bem, desde que estivera com o marido, sabendo que era a última vez. A morte, vira-a nas pálpebras que Xavier fechara quando ela saía do quarto. Essa consciência da morte que já é, ela própria, a verdadeira morte, embora ele continuasse a tentar respirar.

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO 4

*Não sei em que tempo seria, confundo sempre a infância e
o Éden*

*Como misturo Morte e Vida - uma ponte de doçura
as relíquia*

[...]

Não sei em que tempo seria, confundo presente e passado

[...]

Leopoldo Sédar Senghor - *A Negritude e a Saudade, Etiópicos*

Os nevões que, em Dezembro adiantado, tinham coberto a serra, ganharam agora altura com as baixas temperaturas, embora o tempo amaciasse com a queda da neve. Com a chegada de António, Laura teve uma surpresa: o Dr. Arlindo Carvalhal acompanhara-o, não só como seu advogado, mas também como amigo. Vieram os dois no carro do pai de Alberto com o motorista dele. Tinham quartos reservados no Palace Hotel do Buçaco, mas com o desenvolvimento do trágico fim de Xavier que se anunciava, acabaram por seguir para a Estância, ficando junto de Laura.

Ela não tornara a ver o marido, desde que lhe dera a notícia do seu *estado*, de que estava de *esperanças*.

- Vão, por favor, vão perguntar aos médicos como está o meu Xavier, que eles a mim já não me dizem nada, nem mo deixam ver.

- Eu estava à sua espera para lhe dar a notícia: o desfecho... a morte do seu cunhado aconteceu esta madrugada. Agora sim, vamos informar a sua irmã que, não sei se já sabe, está grávida - dizia o Dr. Pinheiro ao irmão de Laura.

António, o homem firme, racional, ficou visivelmente abalado e comovido com as duas notícias dadas, de supetão. O próprio Dr. Carvalhal se mostrou impressionado: - Tão novo! Pobre Xavier!... Mas, ao menos, deixou um filho...

António procurou a irmã e, juntamente com o médico, deram-lhe a fatídica notícia. Só depois perguntou como se sentia ela, em relação ao bebé que esperava. Ele não formulou a pergunta como desejaria ter feito naquelas circunstâncias. De qualquer forma Laura não lhe responderia. Ficou-se muda e alheia, sentada com as mãos cruzadas sobre o ventre. E eles acabaram por ir tratar dos assuntos relacionados com o falecimento e com a transferência do cadáver para Lisboa. Ela ficou como a deixaram, com uma enfermeira ao lado. O estado de choque em que mergulhara, ou a sua vontade, não cedeu à insistência, de quem desejava levá-la para o quarto. Finalmente chegou o Dr. Pinheiro que tratou dela, sem encontrar a mais pequena resistência, acompanhado pelo Dr. António Passos Coelho.

- A D. Laura disse-me há tempos, casualmente, que o marido, antes de estar doente, tinha dito que, quando morresse, gostaria de ficar no cemitério em que se via o rio e o mar a fundirem-se nas suas águas. Mas, mais tarde...

- Far-se-á a sua vontade - atalhou o Dr. Carvalhal. - A um marinheiro não se nega ver o mar.

- Porém, logo que Laura enfrentou a realidade, e a ela reagiu corajosamente, contou-me que o marido, muito depois

de se ter referido ao cemitério donde podia ver o mar, lamentou que em Portugal fosse tão difícil a cremação. Apesar de ser católico, ele preferia ser cremado e que as suas cinzas fossem lançadas ao mar - explicou o médico.

- Levá-lo-emos para Lisboa, para a Capela do cemitério, e lá veremos a resolução possível, a tomar, após o funeral e a deposição provisória da urna...».

Em tempo próprio e conforme a tarefa que lhes era mais específica, o Dr. Carvalhal e António trataram de concretizar a vontade de Xavier.

Laura, na popa de um veleiro, fixava as águas tumultuadas, cortadas pelo leme e pela hélice que feriam a placidez do rio, fazendo-a evocar o seu Mandovi, onde via o sol nascer, a sorrir-lhe, para, mais tarde, o ver, tristinho, a mergulhar no mar. Tão tristinho como via agora o Tejo. E nem a viveza do colorido da cidade, ainda que envolta por um fino nevoeiro, se destacava dos cambiantes plúmbeos das águas.

Tendo nas mãos a urna com as cinzas, Laura encostou-a ao peito e esperou que António se lhe juntasse. Preferiu que apenas o irmão a acompanhasse naquele momento. Ele, na proa, dera-lhe o tempo pedido.

- Estás pronta? - perguntou ele, tocando com os dedos o vaso que continha as cinzas do cunhado.

Laura, em silêncio, rígida e inexpressiva, tirou a tampa da urna e, aberta, lançou-a às águas que a arrastaram para o Oceano Atlântico, levando-as, certamente, para o Mar Árabe. Xavier sabia que rota seguir. Ele, na Escola da Marinha estu-

dara as estrelas, os ventos, as marés, as correntes... Ser-lhe-iam desnecessárias as cartas de marear, a bússola, o astrolábio, o sextante ou qualquer outro instrumento de que os marinheiros precisavam... Xavier conhecia bem as rotas, ou não fosse português: *Os portugueses, porque são mais marinheiros e têm mais indústria na arte de navegar, foram mais por diante...* - teria dito, na sua linguagem própria, o genovês Mestre Bautista.

Laura mostrou vontade de ali permanecer, à popa, mais uns momentos, sozinha. António, ainda que contrariado, fez-lhe a vontade. O olhar dela ficou preso à iridiscência que tremeluzia nas águas fendidas pelo casco do veleiro, consciente da sua missão, que, lento, já nas ondas oceânicas, se preparava para inverter a rota, em direcção à barra.

As cores evanescentes que seguiram a pequena nave, saídas do seu receptáculo, como se fosse do próprio arco-íris, redemoinhavam até desaparecerem do raio de visão de Laura que, finalmente, cedeu ao apelo que o irmão lhe fazia, para se recolher dentro do barco.

Ensimesmada, mas expressando no rosto uma comovente tristeza, ela lamentava terem vivido tão grande felicidade no passado, já que o presente os tinha feito pagar um tributo tão alto, e sem que pudessem ter futuro. E para quê a lembrança desses momentos felizes, se não podiam repetir-se? Por mais fulgurante que esse tempo tivesse sido, não compensava o nada que ficou depois da perda. Mas, de repente, algo a fez estremecer. Era a vida dentro de si que se manifestava afirmando que tudo tinha valido a pena. Xavier, e seu filho, asseguravam-lhe que, na essência do amor que viveram, ele ficaria para sempre com ela. Então, serenamente, compôs o lenço que lhe escorregara da

cabeça preparando-se para sair no cais onde a embarcação acostava, e onde vários amigos, que o foram de Xavier, a esperavam para lhe dar os seus sentidos pêsames. Tinham servido a Marinha ao lado do marido de Laura; por conseguinte, ali estavam, a fim de prestar ao seu camarada a última homenagem, apesar de não ter sido divulgada, esta última cerimónia fúnebre. Mas foram oficiais superiores que ajudaram a concretizá-la. «Nem que tivesse de ser num barco de pesca» - dizia António, mas contente por um seu amigo lhe ter disponibilizado o veleiro.

Laura, ao entrar nele, lembrou-se do gosto que Xavier expressara, de um dia vir a possuir um veleiro, para nele viajarem e, não só, no Mandovi. De alguma forma, o seu desejo, estranhamente, concretizara-se...

Agora, no seu sofrimento, Laura ficara a conhecer a impermanência do ser que é a primeira das quatro Nobres Verdades do Sermão de Benares que ela também aprendera dos Ensinamentos de Buda, com a sua avó.

Mas era, especialmente, quando abria o Novo Testamento, e meditava a palavra de Jesus Cristo, que o seu sofrimento, pela perda do marido, se lhe minorava. No entanto, quando chegou a frequentar o Liceu, conheceu, na sua turma, colegas hindus, budistas e islamicos que lhe ensinaram preces e louvores de grande intensidade espiritual. Todas as palavras que propiciam a paz interior, se tornam lenitivo para quem as profere. É esse um dos mistérios das palavras.

António deixava a irmã bem entregue às pessoas da família, as primas que a tinham conhecido, em pequena, em Goa, que

não a descurariam em nenhum aspecto. Quando chegasse a hora dela, seria na Maternidade Alfredo da Costa que desejava ter o seu filho. O nome do médico goês (por ter nascido em Salcete), fazia parte da terra que a vira nascer. E seria sob a sua influência que o seu filho também nasceria. Se for rapaz, chamar-se-á João Alfredo.

- Mas por quê João? - perguntaram-lhe.

- Porque não há nenhum na nossa família... Só ele, o meu filho. E Xavier gostava deste nome.

António tornaria para a Índia, descansado. Tencionava, mal chegasse a Bombaim, fazer-se acompanhar pela esposa e irem passar uns dias a Pangim, para dar a conhecer todos os pormenores do passamento de Xavier, e affiançar-lhes que Laura ficara bem entregue. Até o Dr. Carvalho e a esposa se mostraram mais do que disponíveis para a acolher. António, sensibilizado agradeceu: «mas não, Laura não ficaria tão à vontade como estaria com as primas e restantes membros da família que conhecia de longa data e que, também muito a estimavam». Ficaria com os familiares oriundos de Goa (primos em segundo ou terceiro grau, que importava?), que a ajudaram até a agradecer os pêsames que, de várias formas, recebeu. Entre eles, um cartão de Alberto com palavras sentidas de pesar e manifestação de muita amizade.

Para a avó, D. Olívia, António já não teve de procurar as palavras apropriadas para anunciar-lhe o falecimento do seu querido afilhado e neto. A morte apanhou-a a ler as notícias sobre os bons desempenhos de Xavier, quer como brilhante aluno do Liceu, quer nas actividades desportivas. Um «ataque»

fulminante encarregou-se de a libertar dos tormentosos momentos de espera, até o neto chegar para lhe revelar o que ela já sabia, desde que ele anunciou a sua vinda, com Inês, a Pangim. António guardou as palavras que escolhera, entre as mais delicadas e apropriadas, para Catarina que nem as queria ouvir. Tão ligada estava a seu filho, numa forma tão profunda e tão misteriosa (como só acontece com as mães), que lhe bastava estar atenta aos mais pequenos sinais, para os interpretar. As expressões de pesar, os silêncios, as palavras menos apropriadas, enganosas, tudo o que via e ouvia, lhe relatava o estado de seu filho e, agora, o seu falecimento. Quando António chegou, apenas o olhou, logo correu para a sua casinha onde se trancou no quarto do filho.

Quando o Dr. Narciso chegou a casa dos compadres, a pedido de António, também já vinha elucidado. A verdade foi a sua mensageira. E foi ele que, depois de arrombarem a porta da casa de Catarina, a tratou do estado de choque em que ela havia mergulhado. Ele, que era agora um homem atormentado, sabia bem o que era o sentimento da perda.

Passado quase um mês após a morte de Xavier, Laura, nos seus cartões tarjados de luto, terminava os agradecimentos às pessoas que, de algum modo, tinham estado com ela, por ocasião do funeral de seu marido. Algumas das mensagens de condolências recebidas, chegaram da Estância do Caramulo. Especialmente reveladoras de grande amizade, pelas palavras carinhosas que expressavam, eram as cartas de D. Maria Augusta, do Professor Duarte Rocha e do jovem Artur Miguel. Laura recordou-os com afecto e saudade. Desejava que, em

breve, como lhe prometiam, já pudessem visitá-la. E cada um, conforme o seu estado presente, apontava uma data provável para deixar o Sanatório.

D. Maria Augusta foi a primeira a vir a Lisboa para visitar Laura e o bebé João, entretanto nascido. A senhora costumava viajar até à capital com alguma frequência, para tratar de assuntos do seu património, com o procurador que a substituíra com eficiência e honestidade. Mas como a doença (que já não era), não a impedia de fazer as viagens, D. Augusta gostava de matar algumas saudades que ainda sentia pela cidade, que, apesar de tudo, não trocava pelo Caramulo. Era uma hóspede do Grande Sanatório, desse Hotel em que já não era tratada como paciente. «Estava de resguardo» - afirmava ela. Fora lá que o seu marido se finara e lá deixara companheiros e amigos. Um deles, o mais próximo, era o Professor Rocha que o Doutor Salazar obrigara a deixar o Ensino, acusado de atentar contra a segurança do Estado. Apesar de possuir alguns bens herdados, o Professor teve de trocar o Sanatório de Davos, na Suíça, pelo Caramulo, não se tendo sentido prejudicado, sob nenhum ponto de vista. Nem as suas conversas baixaram de nível, apesar de ter deixado de perorar sobre política, por já não acreditar na mudança; e, encontrou parceiros para o bridge. Nunca chegou a falar com o Presidente do Conselho de Ministros, mas viu-o várias vezes na Estância que ele visitava com frequência, ficando alojado numa vivenda ao lado da capela onde, ao domingo, assistia à missa com a família Lacerda.

Há dois anos atrás chegara ao Caramulo um belo jovem de 18 anos com uma tuberculose pulmonar bilateral.

Apesar do seu ar pujante, na noite de S. João, em que ele abusara a dançar «o meneio», meneou-se com tal impetuosidade que a doença latente se revelou nas cinco hemoptises que o remeteram para o Caramulo. Brillhante, de inteligência viva e analítica, e sentido de humor, num dia em que entrou na sala de jogo, avaliou os grupos de jogadores e foi postar-se junto da mesa em que se jogava bridge e outros jogos. Todas as noites ali era o seu posto de observação. O seu raciocínio lógico e a invulgar memória, mostravam-lhe o jogo, em antecipação, de cada um dos parceiros.

Artur Miguel, em silêncio e estático, rápido a tirar o lenço do bolso para abafar qualquer pequeno acesso de tosse, para não tornar incómoda a sua presença, estava consciente de que aprendera as regras do bridge e seus preceitos. Jubiloso, desejava tornar-se parceiro para que, ao aceitá-lo, o pudessem admirar. E esse dia chegou pelo convite do Prof. Rocha. Este, logo se deu conta de que o jovem aprendera a decifrar os tiques e os pequenos truques que os jogadores ensaiavam em alguns jogos. D. Augusta, jogadora apenas razoável que tomara o lugar de seu marido, com quem aprendera, ausentou-se para ir a Lisboa e não ficou melindrada por se ver substituída. Afinal, gostava mais de conversar do que do jogo. E, quanto a Miguel, D. Augusta felicitou-o por ele preferir ficar a jogar, em vez de andar a perturbar as meninas, de olhos brilhantes como carvões acesos, e faces húmidas da cor das pétalas das rosas vermelhas. Não lhes bastava já, sentirem-se incendiadas pela febre, quanto mais ter-lhes aparecido aquele jovem de olhar atrevido, cujo corpo atlético lhe disfarçava a doença.

Se não fora do conhecimento de todos que há dois anos atrás, frequentando já a universidade, ele ali tinha chegado,

de urgência, devido a várias hemoptises seguidas que o surpreenderam, ninguém acreditaria que a sua juventude fora violentada pela tuberculose. Apesar disso, Artur Miguel nunca perdera a boa disposição, nem, muito menos, o gosto de viver e, também, o de namorar. Mas este, ele, sabiamente, aprendera a refreá-lo. Esperava ficar curado para recuperar o tempo perdido.

D. Maria Augusta adoptara estes amigos como sua família e, por causa deles, não suportava demorar-se na capital. Especialmente, agora que tinha de lhes levar as notícias de Laura, e do seu lindo bebé, o pequenino, mas saudável Joãozinho que o desditoso Xavier não pudera conhecer. «Mas foi uma bênção, aquele menino, principalmente para a mãe» - repetia D. Augusta, alguns dias depois, cirandando pelos espaços vários da Estância onde pudesse encontrar pessoas amigas de Laura. Aos médicos não precisava de dar a notícia. Todos a conheciam. Laura prometera à amiga que, logo que o bebé tivesse mais um ou dois meses, levá-lo-ia, com ela a Coimbra, acompanhada pelos «primos loiros». Então, deixá-los-ia lá, enquanto ela faria uma visita, ainda que rápida, à Estância. Laura escusou-se de dizer que queria ir mostrar o seu bebé à tia Domitila que, apesar da idade, continuava a telefonar-lhe frequentemente. Há uns anos atrás, deixara de receber hóspedes, mas com ela viviam as criadas que a tratavam com desvelo. Laura, e o marido, algumas vezes a tinham ido visitar, e com enorme prazer o fizeram.

D. Augusta desejava conhecer notícias sobre Goa, mas Laura apenas soubera da recente carta que o Dr. Bruto da Costa enviara a Nehru, datada de 15 de Agosto de 1962, fazendo-lhe

notar que o Governo Português não assinara qualquer tratado que permitisse à União Indiana assenhorear-se de Goa, Damão, Diu e dos Enclaves após a agressão militar para a usurpação. No Caramulo a notícia já era conhecida.

(Página deixada propositadamente em branco)

PARTE X

Império

*Não saberás quem sou.
Uma nuvem que foge e atravessa
a memória de todos os deuses, família
de muitas gerações e tão cruéis
desígnios.*

*Cada crepúsculo há-de entoar comigo
a música das lágrimas,
coisas talvez sombrias, um antigo
amor.*

*Ah, deixa-me voltar a essa luz de outrora!
Ser fiel ao deserto, construir
para lá da montanha uma torre
de cinzas. Será
talvez o meu império, uma estrada qualquer
até junto de ti.*

Fernando Pinto do Amaral - *A Escada de Jacob*

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO 1

Ausente

Sinto-te presente

Não me iludo, mesmo que ceda.

Seda? Triste veludo de luto.

J. Luís Fonseca - (*Inédito*)

Laura saiu do Armazém quase ao entardecer. Olhou para o relógio e viu que era sensivelmente a mesma hora a que costumava sair, embora hoje lhe parecesse mais tarde. O dia, contrariando a luminosidade de Lisboa, estava enevoado e, com o outono já adiantado, os dias eram notoriamente mais curtos. Por essas ou outras razões, parecera-lhe ser mais tarde do que a hora habitual de passar pela Pastelaria onde costumava lanchar, antes de voltar calmamente para casa. Não tinha pressa; o seu Joãozinho que fizera cinco anos, já andava no colégio, e a prima Alice estaria em casa para recebê-lo quando ele chegasse no autocarro do Colégio Inglês. Laura aceitara o parecer do irmão para lá matricular o menino. António, em Goa, também frequentara uma Escola inglesa que lhe fizera criar o gosto pelo estudo, e perder os arrebatamentos da sua insubmissa rebeldia, sem que ele se desse conta de tão rapidamente se ter modificado.

Em breve se completariam seis anos sobre a morte de Xavier. Viúva há tanto tempo e ainda não se habituara, de todo, à

partida dele. Por vezes, tinha a impressão de que o esperava, como se ele andasse em viagem no mar. Só o filho que ele lhe deixara, a ajudava a compensar a sua ausência perpétua.

Laura entrou na Pastelaria e sentou-se à mesa que ficava encostada à parte envidraçada. Dali via a rua como se tivesse ficado do lado de fora, na esplanada sobre o passeio largo. Um vento de alfinetes finos e aguçados, obviou a que lá se tivesse instalado. Como de costume pediu um bule de chá verde de Assam e o costumado pastel folhado. Ela habituara-se à rotina de lá ir, antes e depois do trabalho. Por norma, ficava no Armazém todas as tardes embora, em certas alturas, tivesse de lá ir também de manhã. Para estar mais tempo com o seu menino, ela preparara bons colaboradores, funcionários e funcionárias exemplares que, por sua vez, iniciavam nas variadas tarefas outros empregados. O Grande Armazém expandia-se, tal como o nome o requeria, sob a orientação de Laura e a supervisão de António que, quando vinha de Bombaim a Londres, nunca deixava de vir a Lisboa. Ela própria, mais do que uma vez, já estivera em Londres, levando consigo o Joãozinho e a prima Alice, para ver como os Armazéns de lá funcionavam, e, assim, poder confrontá-los, embora salvaguardando a dimensão e a diversidade de produtos que os distinguia.

Sem horário rígido, Laura tinha prazer em dispor, manusear e vender as peças do variado acervo do Armazém que era dirigido a uma refinada elite de Lisboa e até de outros pontos do País. A clientela conhecia-a bem e gostava de, sempre que possível, ser atendida por ela, particularmente quando necessitavam de um parecer esteticamente mais apurado.

Para uma escolha mais acertada, Laura servia-se das sempre actuais revistas, de sofisticada decoração, representando objectos exóticos e obras de arte oriental, revistas que António trazia de Londres, e ainda outras, de Bombaim, editadas especificamente para valorizar os produtos expostos, sobressaindo os da Índia.

Uma revista, embora não específica, que Laura recebia e tinha sempre sobre a mesa para que os clientes a pudessem consultar entre todas as outras, era a Colóquio, Revista de Artes e Letras, da Fundação Calouste Gulbenkian. Ela própria era a primeira a lê-la por a considerar, dentre as revistas portuguesas do género o que de melhor se publicava. E os seus clientes não deixavam de a folhear e dar uma vista de olhos pela secção dos leilões, ou pelos eventuais artigos de especialistas consagrados nos variadíssimos domínios da arte oriental. Concretizando, ou não, a aquisição de qualquer objecto que tivessem admirado, a clientela *especial* de Laura não saía de lá sem que trocassem impressões sobre os artistas que expunham nas galerias de arte, que iam aparecendo em grande número, tanto em Lisboa e Porto como até noutras cidades.

Quanto à secção Literária, Laura não dispensava a sua leitura, sozinha, no seu agradável gabinete que, devido à liberalidade e bom gosto de António, estava decorado com peças de arte que faziam bem à vibrátil sensibilidade artística de sua irmã.

Embora continuasse a gostar muito de cinema ela já não devorava as revistas da sétima arte, com o entusiasmo da sua adolescência. E era também António que lhe proporcionara a maior parte delas. Sempre fora atento aos gostos e às

necessidades dela. Era um bom irmão. Então, a lembrança de Francisco surgiu-lhe como se não quisesse ser posto de lado. E Laura deixou que lágrimas de saudades por ele e por toda a família que ficara em Goa, lhe molhassem o rosto e a revista que tinha à sua frente.

Laura ia fazendo amizade, embora circunstancial, com algumas das suas clientes. Por vezes, quando casualmente entrava, não só na pastelaria habitual, mas noutra qualquer da Avenida, lá encontrava, uma ou outra senhora, com quem acabava por falar sobre arte e decoração.

- A peça que a D. Laura me indicou ficou perfeitamente bem integrada no espaço que eu desejava ocupar. Segui a sua opinião e, realmente, só existe um sítio próprio para determinada peça - confirmavam as senhoras que, não tendo a mesma preparação académica que ela, no entanto possuíam o saber e a sensibilidade estética requintada, própria da classe social a que pertenciam e que, de geração em geração se refinava.

Graças à sagacidade e conhecimentos vastos que António possuía, em antiguidades e neste domínio do negócio da arte indiana e, abrangentemente, da arte oriental, Laura ia aprendendo com ele, fundamentando e alargando as competências que a Universidade lhe havia proporcionado.

Devido à pouca idade de Joãozinho, Laura decidiu que o menino só iria para o Colégio a tempo de lá almoçar com as outras crianças. Seria uma maneira de ele comer melhor, visto, em casa, fazer da refeição do almoço um tormento para todos, o que não acontecia ao jantar. Então a criança, mais serena, percebia que a mãe já não o apressava por ter de sair de casa.

E, como prémio de se portar bem à mesa, sabia que o esperava, ao deitar, uma das lindas histórias que ela lhe contava e que não vinham nos seus livrinhos. (Talvez, um dia, a mãe as escrevesse, e outras...).

Laura almoçava com Alice mas, por lhe ser difícil suportar a descabelada tagarelice da prima, que estava habituada a partilhá-la, deixava-a com a empregada que vinha fazer as tardes, logo que esta chegava. Então metia-se no eléctrico até à *sua* pastelaria, onde tomava o café, ficando-se a ler o jornal até chegar a hora de ir para o Armazém. Era cedo, ainda, para as suas clientes, embora lá tivesse muito com que ocupar-se.

Num dos dias quentes do verão de S. Martinho, Laura, que escolhera uma mesa da esplanada, olhava com olhos vagos para os transeuntes que se dirigiam em direcção à Avenida. Dos prédios, à sua frente, ela apreciava a delicada arquitectura do virar do século. De repente, estremeceu. Estonteada, viu Alberto, «sim, foi ele que parou junto à porta de um desses prédios, tirou a chave do bolso e desapareceu atrás da porta que se fechou. Mas seria ele?... Era, com toda a certeza!...» Nem os anos que passaram, uma dúzia ou mais, nem os cabelos grisalhos, a fizeram duvidar de que era, de facto, o Dr. Alberto Carvalho. Nos prédios seguidos àquele em que ele penetrara viam-se tabuletas com nomes de médicos, de várias especialidades, mas nenhuma com o nome dele. E seria Neurologia, segundo D. Dolores a informara. Há quanto tempo não comunicava com a Senhora! Soubera-a, na praia, como era costume, com a filha e os netos e, depois, na quinta onde o marido se lhes juntava. Mais por prazer do que a sério, o Dr. Carvalho gostava de orientar as vindimas da propriedade, onde possuía

uma razoável vinha, com boas cepas de castas antigas e bem cuidadas, sob o olhar atento do caseiro.

«Talvez Alberto tivesse feito a surpresa aos pais de regressar inopinadamente... Mas era ele... Tinha a certeza! Só não tinha era a coragem de ir tocar à campainha do prédio». Entretanto chegou uma carrinha que parou frente à porta, tapando-lhe a visão daquela por onde ele havia entrado.

Laura não conseguiu ver mais nada que lhe pudesse interessar e, como eram horas, dirigiu-se para o Armazém, com a curiosidade por satisfazer. Várias vezes, durante a tarde, pensou no amigo de longa data. Nem sabia se ainda o devia considerar como amigo, ou se ele até se lembraria dela, embora lhe tivesse mandado as condolências, aquando da morte de Xavier, há quase seis anos.

Nessa tarde, como era seu hábito, tornou à Pastelaria, mas as janelas e a porta do prédio continuavam cerradas. E após o almoço do dia seguinte, sentada na esplanada, embora o tempo já se tivesse alterado, verificou com enorme surpresa que uma placa nova com o nome dele e a especialidade de Neurologia, brilhava na parede debaixo das janelas fechadas do primeiro andar. Cerrada, também continuava a porta. E Laura deixou-se ficar mais tempo do que era costume, após ter tomado o café. «Talvez ele aparecesse. Esperaria mais um pouco só para ter a certeza de que era Alberto. Mas claro que era; a placa esclarecia-a». Mais tarde do que devia, dirigiu-se para a loja que deixou pouco depois, voltando para a Pastelaria. Comprou uma revista que não lia. «É só por curiosidade» - dizia ela para si mesma, apenas para justificar a sua permanência ali, por mais algum tempo.

A noite passou-a como a anterior: entre pesadelos e insónias. «Eu só queria vê-lo de frente... Mais nada». Desculpava-se ela já preparada para repetir a espera, mesmo inglória, como a do dia anterior. Costumava levantar-se da mesa do café pelas duas e meia. Olhou para o relógio: eram três horas e tinha compromissos marcados com clientes.

Chegada ao Grande Armazém disseram-lhe que uma senhora amiga, mas que não deixou o nome, tinha telefonado e que voltaria a contactar mais tarde. O primeiro impulso de Laura foi telefonar a D. Dolores mas não o podia fazer. Como justificaria o motivo de ter *adivinhado* que fora a senhora que tentara falar-lhe. E não podia, de maneira nenhuma, contar-lhe que vira Alberto. Não era capaz de falar nele.

Nessa tarde fez o contrário do que fizera nos dias anteriores: permaneceu no Armazém até mais tarde, embora tivesse sido em vão que esperara o contacto de D. Dolores.

A noite, foi ainda mais sobressaltada mas, na manhã seguinte, quando aprimorava o seu menino para o mandar para o Colégio, Alice chamou-a ao telefone. Laura largou o filho ao cuidado da prima e, tal como intuira, ouviu D. Dolores: «Que Alberto tinha regressado, de vez, que ainda estivera com eles uns dias, na quinta, que montara consultório, já meio preparado desde o verão, num prédio dele, perto do Grande Armazém...». Por fim, convidava-a para jantar, lá em casa, só em família. «Alberto mostrava muito gosto em tornar a vê-la». - «Vou?... Não vou?... Não posso deixar de ir... E logo enfrentá-lo à frente de todos... Mas porque não? O que é que eu receio?... Farei de conta que esqueci completamente a nossa despedida em Bombaim e aquela carta *nefanda*... Que esqueci tudo: o

amor que lhe tive; os olhares, os gestos de mais do que carinho que nós partilhámos; os beijos incendiados frente às águas da baía de Bombaim; tudo o que de sentimentos fez de mim mulher. Mas esqueci-o, mal ele me deixou. Só não sei se deitei fora o amor que lhe tinha, ou se o empurrei para o fundo do meu ser, de modo que não o sentisse mais a atormentar-me. Não pensei mais nele; ou muito raramente. Mas poderá ser que eu não o tenha esquecido?... Claro que o esqueci! Pelo menos durante todos estes anos em que vivi com o meu marido, e depois, com o luto da saudade de Xavier, acho que nem uma só vez me lembrei que estive apaixonada por Alberto.

Meu Deus! Estou tão confusa... São as saudades de Goa e da minha família com quem ele esteve tão entrosado. É apenas isso! O facto de o ter visto remeteu-me para esse outro tempo e perturbou-me. Pergunto-me, a mim mesma, como tenho conseguido suportar este exílio?... Exílio verdadeiro e, mais ainda, desde que Xavier se foi. Só o nosso filho me deu alento, embora o trabalho também me tenha ajudado. E o meu querido António, o meu amado irmão é que tem sido o meu amparo, evitando que as saudades me *levassem* para Goa, para me tornar indiana. E só não o fiz porque Xavier optou por ser português. Logo, desejaria que seu filho também o fosse. Através de António recebo e envio notícias aos meus queridos pais, ao Francisco, a todos. Não vi crescer os meus sobrinhos e eles não conhecem o meu filho... Valem-nos as fotografias, apesar de mudas! E os filmes, que Francisco faz para que eu veja toda a família a crescer, e a minha Goa. E, para que eles nos vejam, é o António que nos filma. Aprendi a usar, quer a máquina de filmar, quer a de projectar, por isso, agora parece

que estamos mais perto. Mas as saudades não esmorecem; pelo contrário, agudizam-se e retalham-nos. Até quando esta situação se manterá?...

Amanhã vou almoçar com Alberto... E se me engasgo à frente de todos?... E se lhes mostro a minha perturbação?... Que roupa hei-de levar?... O vestido cinzento de veludo cor de pêlo de rato com o rebuço de pele branca, à volta do pescoço?... Não, é mais próprio para um jantar e para sair à noite. Então levo o de cachemira que me fica muito bem, assim bem ajustado e de manga comprida. Como tem o decote redondo posso levar o colar de pérolas, de duas voltas. As pérolas ficam muito bem na minha pele. Dão-me luz ao rosto, dizem-me... O pior é que o vestido tem uns laivos cor-de-laranja e, por isso, D. Dolores pode achá-lo impróprio para quem está a aliviar o luto. Mas não vou de roupa preta. O luto fi-lo à minha maneira, no meu sentir e não pela roupa escura. Até gosto de andar de preto, embora as pessoas não saibam que uso o preto porque gosto e não porque as convenções sociais me obriguem a isso. Mas em Goa é pior. São ainda mais arreigados às tradições. Amanhã terei tempo de preparar um dos meus fatos de veludo preto, de saia e casaco justinho, com uma blusa de cetim, cinza claro, apertada com pequenos botões. Fica-me bem. Os sapatos, levo os cinza e preto com a tira cinzenta sobre o peito do pé, que aperta com o botãozinho preto, ao lado. São muito elegantes sem ser de cerimónia. E o colar? Pérolas...? Amanhã decido, depois de vestida. Não ponho nada ao pescoço. Mas, se nem anéis uso!... Não faz mal. Levo a minha própria pele que é bem bonita... Por cima do fato vestirei a gabardina

porque está tempo de chuva. Peles, não quero. Nem casaco comprido preto que *pesa* muito. Do branco é que eu gosto, mas não iria ficar bem com aquele fato... A gabardina fica melhor e é mais prática. Ao pescoço, entre a blusa e a gola do casaco usarei, dobrado, um dos meus lenços de seda estampada, com desenhos geométricos nos tons de cinza, preto e branco, embora eu possua uma coleção com desenhos e tons variados. E já me esquecia... Posso usar os brincos de pérolas que são sóbrios mas chegam para me iluminar as faces. E, já agora, o colar de pérolas barrocas, de uma só volta.

Febricitante, Laura nem conseguia conciliar o sono. A sua profunda emotividade manifestava-se num pico de febre que a afoqueava e a fazia tremer de frio e solidão.

CAPÍTULO 2

*Tu és grande no amor e temerária
Eu sou tímido a cada passo
Não te farei mal nenhum, descansa
Mas serei capaz de te fazer algum bem?*

Evtuchenko - (trad. Dórdio Guimarães)

Todos, lá em casa da família Carvalhal, acharam que Laura estava muito bonita, muito elegante. Que tinha muito melhor aspecto. «Há tempos que não se viam!» - exclamava D. Dolores.

Alberto cumprimentara-a com um firme aperto de mão, olhando-a profundamente nos olhos. E foi, olhos nos olhos, que ambos se reconheceram levados para o passado. Mas Laura logo voltou ao presente, convidada pelo pai de Alberto a sentar-se no sofá junto dele e de D. Dolores. Alberto sentou-se na poltrona, frente a Laura.

- O Dr. Arlindo Carvalhal não se eximia de lhe dirigir os mais encomiásticos elogios. «Que Laura podia ombrear com as mulheres mais elegantes de Lisboa e, para isso, nem necessitava de se adornar com belas «toilettes». O seu porte, a sua beleza lhe bastavam».

- E o Joãozinho como está? Tem de no-lo trazer, de novo, pois já temos saudades dele - atalhava D. Dolores, enquanto o Dr. Arlindo anuía que sim, com a cabeça. - Vimo-lo tão poucas vezes... - lamentava D. Dolores.

Laura estava ciente de que nunca alimentara o relacionamento com os pais de Alberto. Tinha a vida muito ocupada, é certo, mas o receio de os visitar e, alguma vez lá encontrar Alberto, levou-a, pouco e pouco, a espaçar os contactos com D. Dolores, até mesmo por telefone. E como nunca aceitou qualquer convite para passar uns dias com eles, na quinta, ou na praia, as relações foram-se espaçando e esfriando. Eles sabiam que Laura passava as férias e os dias festivos com os parentes, quer do lado de seu pai, quer do da mãe. E, por essa razão, mal conheciam o menino. Visitaram-na na Maternidade e pouco mais, porque ela não deu azo à convivência. Só mais tarde (umas duas ou três vezes), ela os visitara acompanhando António, e levando consigo o seu João. Foi, pois, por intuição hipotética que Laura *adivinhou* que o telefonema que não atendeu no Armazém, seria de D. Dolores a anunciar-lhe o regresso do filho.

- O meu filho está um rapazinho crescido. Parece-se com o pai.

- Eu não acho - afirmava D. Dolores. - Achei-o muito mais parecido com a mãe. É a Laura, chapadinho...

- Tem também muito do pai - opinava o Dr. Carvalhal.

Alberto, estupefacto, balbuciou:

- Filho? A Laura tem um filho?

- Tem, Alberto. A Laura tem um menino. Então não sabes?... Foi um milagre.

- Bem, milagre, propriamente, não foi. Mas foi uma graça de Deus - contrapôs ela, muito séria.

O Dr. Carvalhal sorriu-se com a resposta de Laura. Alberto, continuando com uma expressão de grande surpresa remoía: -

Mas ninguém me disse. Eu não fazia ideia. Por que é que não me disseram? Eu teria gostado de saber. E que idade tem o menino?

- Tem cinco anos - respondeu Laura, enquanto D. Dolores se desculpava, jurando ao filho que pensava ter-lhe dito. - Mas foram tempos tristes, Laura ficou com a certeza da gravidez quando o marido teve a recaída e foi intervencionado. E ela foi esperando pela confirmação da gravidez estar a correr bem, com toda a normalidade. Então quis contar-lhe; mas com ele no Pavilhão do Bloco Operatório esperou que Xavier de lá saísse melhor, de modo que a alegria fosse maior. Quando teve oportunidade de estar com o marido, já ele estava em agonia. Mas faleceu com o consolo de saber que lhe tinha deixado uma criança. Graças a Deus! - terminava D. Dolores com as lágrimas nos olhos. Eu quase posso jurar que te mandei dizer tudo isto que acabei de contar, quando te anunciei o nascimento do menino.

- Talvez eu não tenha recebido a carta por ter sido na altura em que fui para Boston. Extraviou-se.

- Talvez! - confirmou a mãe já mais aliviada. E voltando-se para o marido, inquiriu-o:

- Lembras-te, Arlindo, que foste tu que me contaste todos estes pormenores que acabei de referir?

E o marido anuiu: - Que sim, que se lembrava... E que tinha sido ele que, meses antes, informara o filho da morte de Xavier.

Laura estranhou a reacção de Alberto, um pouco desmedida, quando soube da existência do Joãozinho. Não tinha dúvidas de que, apesar de tudo, ele era amigo dela.

Após o almoço deram uma voltinha no jardim para ver o rio. Laura lembrou-se tão vivamente de Xavier, quando ali ti-

nham estado a olhar para a barra do Tejo, que os seus olhos lhe arderam das lágrimas que não deixou derramarem-se pelo rosto.

- Esta claridade de Lisboa, mesmo outonal, faz-me arder os olhos - desculpou-se ela, ao dirigir-se para a entrada da casa.

Alberto aproveitou para a seguir, enquanto seus pais ficavam em volta de uma roseira cheia de botões. «Em Novembro!» - exclamava D. Dolores.

- Amanhã vou buscá-la para almoçarmos os dois. Irei por volta das onze horas para irmos, por exemplo, a Sintra - dizia Alberto, a meia voz, para só Laura o escutar.

- Não, a Sintra, não! Depois veremos aonde ir. Mas se me for buscar a essa hora ainda vai conhecer o meu João.

- Lá estarei. Não sei onde é, mas pergunto à minha mãe.

- Não é preciso! - disse ela, abrindo a carteira como se tirasse um lenço, e passando-lhe um cartão de visita com a sua direcção e telefone. - Moro num bom andar, bem situado, que o António me quis oferecer. Assim, ele tem lá uma *suite*, escusando de ir para o Hotel. Fica mais tempo comigo e com o sobrinho. Eles adoram-se.

- Não imagina, Laura, como me sinto feliz por saber que tem um filho.

Ela continuava a achar que Alberto estava muito diferente do que era. Até aquele seu entusiasmo por ela ser mãe, não lhe parecia atitude do comedido Alberto que se devia ter sumido lá por onde andou. A frouxidão da sua vontade, dos seus intentos e desejos já não parecia coadunar-se com este Alberto que, tão à vontade, a convidava a ir almoçar fora de Lisboa. Ainda bem que ele vinha mudado para melhor, como deu mostras durante o almoço e a tarde. Acabaram por conversar,

todos, até à hora do chá que tomaram nas mesmas chávenas em que ela e Xavier o tomaram, quando fizeram a visita aos pais de Alberto, após terem chegado a Lisboa. E Laura revia a alegria, o júbilo que Xavier mostrava quando prometia comprar-lhe uma casa no Restelo ou em Belém. O destino foi tão cruel para ele!...

Fazia-se tarde. Embora a prima Alice a substituísse, cuidando de Joãozinho, ela pedia desculpa mas tinha de ir embora, por causa do menino.

Alberto prontificou-se a levá-la, «como não podia deixar de ser» - corroborava D. Dolores.

Dentro do carro, Laura sentiu-se constrangida junto dele. Alberto percebeu mas não fez comentários. Também ele se sentia emocionado. Ambos recordavam o episódio dentro do carro, em Bombaim. «Para ele deve ter sido indiferente os beijos que trocámos» - pensava ela. «Mas, comigo, levou tempo a desvanecer-se a impressão das mãos dele na minha pele. Nunca mais fui a mesma. Acabei de crescer e de amadurecer naquele momento. E já passou mais de uma dúzia de anos...»

- Amanhã vamos almoçar juntos, mas depois, teremos de marcar outro dia para irmos jantar e ao cinema. Tenho saudades de ir ao S. Jorge. Tem de ir comigo, Laura. Está bem?

Até ouvi-lo falar do propósito de irem ao cinema aumentava nela a perturbação.

- Sabe uma coisa, Laura?... Não me apetece ir deixá-la a casa.

- Então?... Acho que terei de ir de táxi - retorquiu ela.

E este jogo de palavras aliviava a sua conturbação. Entontecidos, olhavam-se enlevados quando Alberto estacionou

o carro ainda longe da casa dela. Laura queria reagir a uma espécie de sedução que ele exercia propositadamente sobre ela. Acendia-se, dentro do automóvel, uma chama erotizada que os atraía e embriagava. «Não há dúvida de que a amizade é a guardiã do amor!... Se não tivéssemos desejado continuar amigos, certamente nem uma centelha de amor os nossos corações tinham guardado como lembrança, ou como semente para a renovação desse amor. Estou louca!» - constatava ela. A vida dera-lhe oportunidade de expurgar e esquecer o amor que sentira por ele. Mas nestes dias, após tê-lo visto, descurara resguardar-se do amor, sempre falhado, de Alberto. Não podia deixar que a atracção por ele, que certamente guardara no recesso do seu coração, viesse a ser causa de ele tornar a fazê-la infeliz. Mas, o certo é que uma sugestão de qualquer coisa de embriagador pairava entre eles, esmagando e diluindo qualquer resquício de sensatez. Então, ele, com displicência, abraçou-a, ainda que sem lhe tocar no rosto nem a apertar a si. Apenas os seus braços a rodearam, com tal afecto que ela sentiu palpável esse sentimento dele por ela.

- Não tenha receio de mim, Laura. Não tenha medo. Entre nós, seja o que for, será muito melhor. Muito mais são e firme. Para já, só quero dizer-lhe que a respeito muito e que este dia me trouxe muita felicidade. Sinto-me como se pudesse começar tudo de novo, mas será totalmente diferente. Confie em mim. Por favor! É como se depois de uma longa expiação da minha parte, nós tivéssemos direito a uma segunda oportunidade. Laura continuava rígida e muda.

E ele voltou a pôr o carro em andamento, devagarinho, como se por mais tempo, quisesse gozar a presença dela.

Estacionou junto ao prédio como se antes lá tivesse ido. Abriu-lhe a porta do automóvel e acompanhou-a à entrada, dizendo-lhe, apenas: «Até amanhã, minha querida. Durma descansada». E sem lhe tocar, entrou no carro e partiu, veloz.

No coração de Laura bruxuleava uma luzinha...

- Ouve, João, este senhor é o Dr. Alberto. Os papás dele são a senhora D. Dolores e o senhor Dr. Arlindo. Lembras-te, não lembras? - perguntava Laura, ao filho, na manhã seguinte, visto ambos terem acompanhado António ao Restelo, quando este fora a casa do seu advogado, o Dr. Carvalhal.

- Lembro, pois. Deram-me sempre bombons. Sabes que eu também tive um papá? - perguntava-lhe a criança, chegando-se perto dele.

Alberto tremia de emoção.

- Eu sei, eu conheci o teu papá. Fui amigo dele.

- Então também és meu amigo.

- Pois sou. E serei sempre - afirmava-lhe Alberto, arrepiado com o afecto mútuo que sentia nascer.

- A tua mamã tem um lindo filhinho... - balbuciava o médico sem saber o que havia de dizer ao menino.

- Sabes que eu tenho dois avôs e duas avós? E tinha uma bisavó mas já foi para o céu ter com o meu papá. As outras estão em Goa com os dois avôs e o tio Francisco mais a tia Patrícia e os meus primos. Conheces? E tenho o tio António. E mais...

- Conheço muito bem. Somos todos muito amigos.

- Estão aqui todos nestas fotografias, até os que foram para o céu - explicava a criança pegando num álbum.

- Agora não, querido! Tens de ir para o Colégio.

- E amanhã, posso mostrar?

- Podes, amanhã, podes - condescendia Laura, um pouco atrapalhada, como se isso fosse um convite que fizesse a Alberto para ele voltar.

- Então amanhã vamos ver se eu também aí estou no álbum. Devo estar, pelo menos na fotografia do casamento do tio Francisco - confirmava o médico, perscrutando a reacção de Laura.

- Talvez esteja. É natural que tenha ficado na fotografia do grupo - corroborava-o ela, como se não livesse a certeza. Mas tinha.

- Tu também estavas longe, em Londres. Eu sei onde é Londres. Mas não voltas para lá, pois não?

- Não, agora fico cá, junto de vocês todos.

- Ouviste, mamã, o Dr. Alberto fica cá ao pé de nós. Também estás contente?

- Claro, meu filho. Também estou. Mas, escuta... tocaram à campainha. É a carrinha do Colégio. Dá um beijinho ao Dr. Alberto e outro à mamã. Pode levá-lo, Alice, se faz favor - solicitou Laura à prima que, entretanto, viera buscar o menino.

E a conversa, interrompida, reconstituiu-se e continuou no dia seguinte quando Alberto foi buscar Laura para irem jantar.

- Sabes, dr. Alberto? o meu pai atravessava o mar num barco muito grande. E o meu pai não tinha medo. Eu também não tenho. Se quiseres podes ir comigo e com a minha mãe a Goa, quando eu for maior. Queres? É muito, muito longe. É na Índia. Os outros meninos nem sabem onde é a Índia.

As palavras da criança tornava insuportável o estado emocional que dominava Alberto, apertando-lhe a garganta, embora ele procurasse dissimular a sua perturbação.

Laura saiu da sala para que não lhe ouvissem os soluços. E, finalmente, Alberto, abraçando a criança, respondeu-lhe:

- Claro que quero, Joãozinho. Quero ir contigo e com a tua mamã, a Goa.

- Então, também gostas da mamã?

- Muito, gosto muito dela e gosto muito de ti.

(Página deixada propositadamente em branco)

CAPÍTULO 3

[...]

*Dá-me mil beijos, em seguida um cento,
Depois outros mil, depois outra vez cem,
mais outros mil ainda, ainda mais cem.
Depois... já completados muitos milhares
misturemos tudo, para lhes perder a conta*

[...]

Catulo – (trad. José Ribeiro Ferreira)

Laura, desde o dia do almoço em casa dos pais de Alberto, nunca mais conseguira readquirir a sua paz interior. Era como se antes possuísse uma integridade íntima que agora se deteriorara e lhe fazia falta. O seu estado emocional também se alterara como quando era adolescente. Até no Armazém notaram que alguma coisa se passava com ela; e, como não conseguia disfarçar a sua conturbação, resolveu ficar em casa, alegando um estado pré-gripal que não queria agravar. Ainda bem que o frio chegara, intenso, o que tornou mais natural ter-se resguardado, com o filho, no conforto do lar. Apenas saíam até ao jardim, frente à casa, para o menino, no seu triciclo, apanhar ar fresco e um pouco de sol.

A prima Alice, prima afastada do lado da mãe, com quem Laura teve dificuldade em conviver, até habituar-se à sua presença lá em casa, embora tivesse empregada, virou relação

familiar. D. Alice obrigava-a a uma intimidade que Laura aceitou, embora dentro dos limites que nunca deixou ultrapassar. A prima atreveu-se a referir-se, com comentários simpáticos, ao Dr. Alberto, mas o olhar de Laura bastava para ela compreender que era melhor calar-se e não dar palpites.

Alice ficara viúva, e sem meios de subsistência para uma vida, minimamente confortável; mas, como era educada e de bons princípios, não recebeu dificuldades em arranjar trabalho. Parentes comuns lembraram-se de Laura, e lá ficou Alice a ajudá-la a criar o menino e a tomar conta da casa. Foi bom para ambas - dizia a família. Mais a mais, depois de Laura ter tido uma péssima experiência com uma colega da Universidade que, em troca de alojamento, se propôs ir lá para casa para a ajudar e fazer-lhe companhia. Só a inexperiência de Laura para lidar com gente daquela laia a levou a suportá-la mais tempo do que devia.

Viera então a prima Alice, e Laura ainda voltou a sentir o desconforto de conviver com uma quase estranha. No entanto, o carinho com que D. Alice tratava o Joãozinho, fazia-lhe bem-dizer a hora em que ela lhe entrara em casa. Até lhe fez esquecer a abusada colega que, não contente em assenhorear-se das suas roupas e das jóias para as usar, como se fossem dela, ainda lhe roubou algumas. Acabou por ser António a pô-la na rua, quando ela, descaradamente lhe perguntou se ele não queria uma loira de cabelos loiros e olhos azuis, como ela era, para a levar para Bombaim.

A empregada doméstica que Laura já tinha, na altura, bem a avisava de que aquela colega da Senhora era falsa e indigna da sua amizade. E, Laura, assim ia aprendendo a viver num

mundo diferente daquele em que fora criada, tornando-se mais precavida.

Aqueles seis anos, após a morte do marido, foram-lhe muito difíceis. É certo que teve o gosto de acabar a licenciatura, de trabalhar no Grande Armazém do irmão e de, algumas vezes, ter a companhia dele; mas foi, incomparavelmente, o nascimento do filho que lhe deu o gosto de viver e sentido à sua vida, minorando a falta de Xavier.

Agora, era Alberto que voltava e, com ele, o destino parecia estar a oferecer-lhe uma segunda oportunidade de ser feliz com o homem que, afinal, tanto desejara para seu marido, e a quem tanto amou, apesar de muito nova. Se na altura tivesse mais idade talvez o amor se tivesse enraizado mais fundo, e o seu coração não se encontrasse livre para acolher Xavier, quando ele retornou a Goa.

Por vezes, sentia que se havia precipitado na relação que estava a reconstruir com Alberto. É certo, que quando estava perto dele, repassava-a uma onda de felicidade como há muito não sentia. Por momentos, até lhe parecia ter voltado a Goa e ter a família por perto. Mas evitava comparar esses momentos de plenitude e de partilha da satisfação íntima, com os outros que tinha vivido com o marido. Não porque este delicioso bem-estar fosse menor, ou maior, do que aqueles que a envolveram com Xavier; mas, apenas, por serem diferentes. Eram estados emocionais sem matéria para ser pesada ou medida, e por isso, tão exclusivos e subjectivos eles são. A Xavier, pertencera de corpo e alma; ao Alberto, ainda não se lhe entregara. Não se tinham ainda possuído na inteireza da dádiva amorosa. Ainda não se sentia preparada,

talvez porque o seu reencontro sucedera há tempo insuficiente para acontecer o que não deve ser programado, mas tem de ser acontecimento. Alberto dizia-lhe que compreendia e, acima de tudo, respeitaria o momento em que ambos se dessem conta, ou até nem se dessem conta, de que esse momento chegara.

Apesar do dia triste e enevoado, mais uma vez escolheram um restaurante na Linha. A viagem, fizeram-na, em parte, quase sem falar, devido à perturbação que ainda os tolhia, e que a ingenuidade e pureza de uma criança conseguia provocar, continuamente.

- Laura, eu penso que o Joãozinho já traçou o rumo das nossas vidas.

- É cedo, Alberto, muito cedo. Nós nem nos conhecemos bem. O Alberto já não é, de certeza, o homem que eu conheci, que eu amei, quando não passava de uma rapariguinha romântica e ingénua. Agora somos um homem e uma mulher com um passado que não se desprende facilmente de nós.

- Eu não tenho passado. Ou antes, o meu passado chama-se Laura. Tal como é o meu presente e o meu futuro. Tem de ser. Esta é a segunda oportunidade que nos foi dada. Não a podemos perder nem adiar, querida. E, estacionando o carro, tendo apenas o mar por testemunha, Alberto apertou-a contra si e beijou-a. Beijaram-se numa entrega total, naquele momento, tal como em frente à baía de Bombaim.

- É sim, querido. Esta é a nossa segunda oportunidade e vamos aceitá-la, mas não nos apressemos - titubeou ela.

- Agora nada nos impede de eu te pedir em casamento (Nem reparou que a intimidade revelada o levou a tratá-la

por tu). Já temos um filho. Tenho tudo para te fazer feliz. Como qualquer outro homem posso construir uma família feliz. Nós os três!

- Alberto, porque é que antes não me podias fazer feliz? *Fazer feliz, fazer feliz*, eram palavras que repetias e que eu nunca entendi por que é que não podias *fazer-me feliz*.

- Porque não podia dar-te um filho. Fiquei estéril quando tive uma orquite que sobreveio a uma parotidite, à papeira, o que psicologicamente, também me afectou.

- O quê?... E não podias dizer-me?

- Claro que não. Arriscaria a que continuasses a desejar casar comigo e eu não tinha o direito de te privar de seres mãe. Aliás, nunca o disse a ninguém.

- Quantos casais não têm filhos e são felizes.

- Mas são incompletos.

- Têm a possibilidade da adopção...

- Pois têm, mas certamente falta-lhes a coragem. Outros, que a têm, até acabam por constatar que vale a pena. Mas eu, dantes, não pensava assim. Não era capaz de pensar assim. E repara, querida, diz-se que Deus escreve direito por linhas tortas. E assim foi. O tempo que tu e o Xavier viveram juntos, foi de felicidade que, certamente, tu não trocarias por nada. E ficou-te um filho.

- Mas quanto nós pagámos em sofrimento, ele especialmente, pelo que nos foi dado! Nem imaginas. Fomos muito felizes, mas o fim foi trágico. No entanto, sim, valeu a pena... O tributo foi pago, e só não foi demasiado alto porque fiquei com o João.

- Imagino, sim, querida. Sou médico, trabalhei em hospitais. Sei o que o infeliz Xavier sofreu, em todos os aspectos.

-O meu consolo é que ele morreu com um sorriso por saber que eu fiquei à espera do seu filho.

- Vês como valeu a pena eu ter-te *rejeitado!*. Mas eu também sofri muito. E sozinho, Laura. Sem ti, nada nem ninguém, me interessava. Apesar...

- Fui tão injusta nos juízos que formulei a teu respeito.

- Não, não foste. Eu fiz com que pensasses desse modo para não sofreres tanto. Chego a acreditar que somos meros títeres do destino, mas nem sempre o somos; quantas vezes podíamos tomar as rédeas das nossas vidas e conduzi-las por onde desejamos, e nada fazemos. Deus deu-nos o livre arbítrio, todavia usamo-lo mal. Mas voltemos à adopção que eu não cheguei a equacionar, talvez para não te tirar o que de maravilhoso a vida te poderia oferecer: seres mãe!

- Oh, Alberto, mas adoptar um filho é fazê-lo também nascer das nossas entranhas. Deve ser igualmente maravilhoso. Nasce do nosso coração.

- Eu sei. É o que estou a sentir em relação ao Joãozinho, e nem sequer ele precisa de ter o meu nome para que eu o sinta meu. Repara no Dr. Nery Sampaio que ficou tão feliz só pelo facto de ter dado o seu nome ao Xavier. E até a D. Laksmi ficou mais feliz pelo seu marido, e por si própria. Hoje lamento, depois de deixar Goa e fixar-me em Inglaterra, ter espaçado muito a minha correspondência com Francisco, e até com os meus pais. Acabada a especialidade fui para os Estados Unidos, para Boston; e só quando regresssei a Londres, para lá ficar a trabalhar, é que retomei os contactos com maior regularidade. Subconscientemente talvez eu não quisesse que me dessem notícias tuas, particularmente depois de teres casado. E por lá

fiquei a fazer a minha vida, mesmo após ter sabido que a tua se tinha desfeito com a morte de Xavier. Só voltei para Lisboa quando definitivamente larguei as peias que também me foram prendendo em Londres.

Laura nem se deu conta do significado das últimas palavras dele. No seu espírito estava a continuação da conversa sobre a adopção. Quem sabe?... Talvez se decidissem adoptar uma criança. Seria um irmão, ou irmã, para o João... Um dia, quando fosse mais oportuno, ainda abordaria o assunto, para que ambos o ponderassem.

- Já pensaste, Alberto, que o Dr. Nery não deu só o nome dele ao Xavier, mas também ao João e às gerações que se hão-de seguir?...

Alberto ouvia-a enquanto uma sombra de tristeza lhe enevoava a expressão e lhe vincava os traços da fronte.

- Desculpa, querido. Eu não devia estar a dizer o que disse. Mas, acredita, o João será também teu filho e os filhos dele serão teus netos. Só o amor importa. Só o amor é mais forte que os laços de sangue. Que é o que acontece na adopção, embora o nome se transmita.

- Minha muito querida! Mas, afinal, qual é o nome do Joãozinho?

- Hesitei em dar-lhe um nome comprido à nossa maneira, ou um mais curto, como é agora comum. No entanto, acabou por chamar-se João Alfredo Barreto de Ataíde Riacho Sampaio, para não separar os nomes das nossas duas famílias.

- Gosto! - confirmou Alberto com um sorriso que lhe desanuviou o rosto, tornando a dar-lhe a juventude de há quase três lustros passados. «Tantos anos que estivemos separados!...

E para que estive eu, de algum modo, ligado a uma mulher que pouco mais era do que uma boa companhia para sair comigo quando, entre as suas viagens, ou estadas na América, passava algum tempo em Londres? Como é fácil fazermos o que não pretendemos. Fiquei preso a alguém, embora nenhum compromisso nos prendesse, nem a gratificação auferida valesse a pena para qualquer um de nós».

Laura, por entre os pensamentos solitários de Alberto, comentava:

- Oh, como Catarina, e todos, todos eles lá em Goa, haviam de gostar de ver como o João cresceu. - Conheceram-no com dois meses, apenas.

- Mas, então, há cinco anos... para conhecerem o Joãozinho, como é que foi? - perguntou Alberto, curioso, saindo do seu devaneio.

- Nessa altura, como agora, era muito difícil e muito moroso conseguir os vistos; por isso, encontrámo-nos todos em Londres. Todos não. Ficaram em Goa o Francisco com a Patrícia e os filhos, ainda pequenos. Vieram os meus pais, a Catarina e o Dr. Sampaio. D. Lakshmi tinha falecido algum tempo antes de eles terem resolvido vir à Europa. Ficou o Francisco que não quis fechar o escritório. Brevemente, aí os teremos, ele, Patrícia e os filhos. E aproveitarão para passar algum tempo de férias na Inglaterra e em Paris. Mas, principalmente, é para Portugal que virão. Francisco já começou a tratar dos vistos através da Embaixada do Brasil em Nova Deli. Só espero que, em Paris, não se repita outro Maio revolucionário. Maio de 1968 vai ficar marcado, pelo menos, pelas ideias novas que pretendeu impôr, o que o tempo dirá

se valeu a pena. Valerá! A mudança e, para melhor, é uma necessidade histórica.

- Oh, quanto eu desejo estar com o Francisco! - exclamou Alberto, sem se dar conta de que Laura falava dos acontecimentos começados em Paris, com os estudantes (e não só), e se vai alastrando pelas universidades de toda a parte. As reivindicações dos estudantes, em Coimbra, e também em Lisboa, levaram às greves, seguindo-se a retaliação do Governo. Muitos estudantes foram presos e coagidos ao serviço militar. Outros, a salto, saíram do País, pedindo asilo político, desde a Argélia aos Países Bálticos.

- Para alguns, foi uma maneira de evitar a mobilização para África - rematou Alberto. Laura, apesar do hiato que provocara na conversa, cujo assunto era a família, retomou-o, respondendo ao anseio de Alberto voltar a encontrar-se com o amigo.

O Francisco diz o mesmo em relação a ti. E, depois, hão-de voltar os meus pais, a Catarina e o Dr. Sampaio. Sabes que eles estão para casar?

- Não me digas! A Catarina? Nem posso imaginar! Tens de contar-me tudo. O que tenho perdido! Mas quando saí de Bombaim nas condições que sabes, até me envergonhava de escrever ao Francisco.

- Eu é que sempre estranhei a tua mãe não me falar de ti, nem antes, nem depois do falecimento do meu marido. É certo que eu também não lhe perguntava por ti. E passámos a vermos-nos poucas vezes... Eu tinha à minha volta os primos de Goa e os «loiros», de cá, como a prima Alice.

- Talvez a minha mãe tivesse receio de falar-te da minha relação com a Vitória, por não a aprovar. Era «sem futuro» lamentavam-se os meus pais.

- O quê? Tu reataste a relação com a Victoria?

- Sim. Depois de deixar Edimburgo e de ter estado algum tempo em Boston. Regressado a Londres, logo a seguir, procurei-a. Foi fácil, através da Agência com que ela trabalha. Durante as suas estadas na cidade formámos um casal, coabitando. Vivemos assim, algum tempo, nestas condições, embora fosse curto aquele que passávamos juntos. Ela chegou a vir comigo a Lisboa e a escrever sobre o País que conheceu, especialmente o Norte, mas cujo teor não agradou a meu pai. E a ela não agradou o facto de não ter sido convidada a ficar em minha casa. Voltámos juntos para Londres, mas a rotura dera-se. Para mim foi confortável ter sido ela a tomar a iniciativa de pôr fim ao nosso relacionamento, embora a culpa fosse minha, pois, quando a procurei em Londres, era óbvio que já nada possuíamos, ou muito pouco, para oferecer um ao outro. Nem tínhamos a consciência de que o amor que partilhámos, a partir de Porto-Saïd, fora apenas uma atracção apaixonada. Demasiado breve para ser amor. Afinal, durou menos do que uma lua: chegou-lhe a lua cheia para nascer, o quarto crescente para tentar afirmar-se, o quarto minguante para definhir e a lua nova em que o amor já se não via.

De qualquer forma, quando reatámos, fizemo-lo porque ambos devíamos ter a convicção de que alguma coisa ficara em suspenso, em aberto. Mas, afinal, nada tínhamos para recuperar. Por isso, quando deixei Londres, sabia que o nosso caso

ficara definitivamente encerrado. E selado para sempre. Mas, deixemos Victoria no passado. Sabes que gostei de saber que o António se tornou cliente do meu pai?

- Ele continua a vir a Londres e a Lisboa, embora com menos frequência. Mas vem cá para a semana. E fica cá em casa. Vais poder estar com ele.

- Fiquei tanto tempo fora, isolado de todos, que nem me dava conta do que estava a perder. Apenas vinha pelo Natal e, nem sempre, visitar os meus pais. Só depois de me ter fixado em Londres é que vinha cá com mais frequência. Mas por uns dias, somente. Porém, agora, quando lhes dermos a notícia de que vamos casar, compensá-los-ei de tudo.

- Oh, Alberto, eu... eu não me sinto com coragem para os enfrentar a dar-lhes essa notícia. Nem aos teus e nem aos meus... E a Catarina, como irá ela reagir?...

- Todos irão ficar contentes. Querem a tua felicidade. Ainda bem que o António cá vem dentro de dias. Assim, falarei com ele, trataremos de tudo e escreverei, desta vez, longas cartas para o Francisco e para os teus pais. E para a Catarina, também. Vais ver!... E como está ela?

- Está bem. Nem imaginas a mudança que se deu na sua vida. Em parte, já sabes. Mas eu conto-te os pormenores:

O Dr. Sampaio cada vez andava mais triste e solitário. Mal aparecia. Dava a consulta, uma vez por semana no Dispensário Anti-Tuberculoso, em Pangim, e logo voltava para Pondá. Até que os meus pais lá foram visitá-lo, deparando-se com um cenário impensável. A maravilhosa casa, o lar onde viveu com a esposa, transformara-se por completo devido à incúria e desmazelo dos criados, nos quais o doutor não tinha mão. E era

o seu desinteresse por tudo... Mas à despedida, a minha mãe afirmou-lhe que voltaria, em breve, e acompanhada. E assim fez. Pediu a Catarina que fosse com ela, levou também a Conceição para pontificar e pôr ordem na cozinha, e o Sebastião para orientar os jardineiros. O meu pai ficou de lá ir ter, não antes de dois ou três dias. Tu imaginas a minha mãe deixar o meu pai? Eles, sempre a mirarem-se num olhar de cumplicidade como se o segredo do seu enamoramento lhes pertencesse só a eles, e se envergonhassem de durar tanto? Parecia-nos que a mãe deixaria de respirar se tivesse de se apartar dele. Mas para valer ao Dr. Sampaio foi largar o meu pai em Ribandar, para não o deixar sozinho, apesar da Rosa ficar lá em casa.

O António ria como um perdido a contar-me a revolução que fizeram na casa do Dr. Nery, o qual ficou apenas encarregue de arranjar pessoal para restaurar o que necessitava de ser arranjado, e de os vigiar e orientar. Finalmente a mansão esplendeceu novamente, embora a minha mãe continuasse preocupada com os dias futuros do doutor. Por isso, arranjou solução:

- Oh, Catarina, eu já pensei em mandar para cá a Rosa mas, sem ter alguém que a oriente, ela volta a ser a molengona descuidada que era. Tu é que... Tu tens uma certa obrigação...

- Eu percebo o que me quer dizer... Mas a D. Joana também precisa de mim.

- Preciso muito da tua amizade, do teu carinho mas do teu cuidado quem mais precisa é o dr. Nery. Não achas?...

- Mas eu... eu... assim, em casa dele?

- Não tenhas medo. Ele não é o lobo mau. Desculpa, amiga. O que eu quero dizer é que o Dr. Sampaio é quem tu sabes que é: o melhor dos homens e não merece estar tão «abandonado».

- Eu sei. Não duvido. Sei a falta que a esposa lhe faz.

E com conversas deste género, a minha mãe conseguiu deixar, por uns tempos, a Catarina em Pondá. Claro, semanas depois, o dr. Nery foi *devolvê-la* a casa dos meus pais, mas dizendo que gostaria de, dentro de pouco tempo, quando ela se resolvesse, ir buscá-la de vez para a fazer sua esposa. Então, tencionava levá-la a Londres em lua-de-mel. Diz a minha mãe que a Catarina fugiu para a cozinha, e lá ficou até o doutor se ir embora, envergonhada de ouvir aquela expressão.

- Então ela não quer casar?

- Espera... A minha mãe acha que sim. Porque ela, de tão preocupada com ele, voltou para Pondá. Mas se voltaram a falar em casamento foi apenas entre eles. No entanto, o meu pai sabe, pelo doutor, que Catarina está mudada, e que a decisão dela estará para breve. Estou ansiosa pela chegada do António para saber pormenores.

- Isso mais parece um folhetim radiofónico - comentou Alberto, deliciado com o que ouvia. A minha mãe vai ficar encantada com essa história.

- Ai se eu lá estivesse!... A Catarina já se teria decidido, podes crer. Mas como em breve cá virão, se vier solteira irá casada.

- E tu Laura? Tu irás solteira ou casada?

- Aonde? Quando formos a Londres?

- Sim. Quando lá formos esperar o Francisco, ainda que ele consiga o visto para entrar em Portugal.

- Não, Alberto. Está fora de questão apressarmo-nos a casar. Sei que nos amamos, mas o amor entre nós não bastou.

- Agi, como agi, por te amar demasiado.

- Não vamos voltar a falar nesse assunto. Sei que eu era muito jovem e amava-te mais apaixonadamente do que te amo hoje. Naturalmente a idade dá-nos mais lucidez e precaução. Mas aquele teu espírito ensombrado, a tua melancolia, era um sortilégio demolidor do meu bom senso. A efusão romântica dos meus sentimentos era tão arrebatada que subvertia a realidade às exigências do meu coração. Prefiro amar-te como te amo agora.

- Eu tinha razão e o dever de proceder conforme os critérios da minha honestidade... Só que a tua presença junto de mim e aquele desabrochar da tua personalidade e da tua beleza, por vezes, levaram-me a proceder para contigo, abusivamente, infringindo limites que não devia transgredir.

- Um só beijo teu fez-me sentir mulher. Amadureci depressa porque te amei. E, porque me beijaste, fizeste desencadear em mim todas as ilusões que na minha condição de mulher, em expectativa, acordaram dentro dos meus sentidos. Interiorizei a perturbação que naquele momento fizeste libertar. Naquela altura, eu nem sabia o que dizer, não tinha ainda aprendido as palavras adequadas para exprimir os sentimentos gerados. Por isso, guardei-os bem no fundo do meu coração, para, afinal, horas depois, desiludida contigo, os soltar sem saber o que lhes havia de fazer.

- E agora? Que poder exercem, agora, os meus beijos em ti? Já aprendeste as palavras necessárias para exprimires o que sentes?

- O poder de me transformarem numa adolescente pateta e patética. E as palavras nem preciso delas.

- Sabes que fico contente por te ouvir dizer isso? Faz-me acreditar que me amas, que o teu precioso amor por mim

ressuscitou, e que poderei ser, finalmente, um homem feliz. E tu, Laura, acreditas que te farei feliz?... Não, não me respondas já; pensa bem, equaciona todos os dados e responde-me amanhã quando saíres do Armazém. Estarei no meu consultório à tua espera.

- Mas, *senhor doutor*, eu não marquei consulta.

- Marca-a com o nosso destino. Espero-te lá.

Laura tremia como se fosse realmente uma adolescente, quando premiu a campainha da porta da rua que foi aberta através do intercomunicador. Entrou e voltou a fechá-la. Cediam-lhe as pernas quando chegou ao patamar do 1.º andar e tocou à porta do consultório. A outra porta, fechada, dava acesso ao apartamento dele, mobilado, onde Alberto algumas vezes ficava. (O prédio, fora o avô Medina que lho oferecera. O 2.º andar, amplo e bem arranjado, tinha sido a casa dos avós e era, agora, a sua casa, apesar de não a habitar, nem com Victoria. Não quisera afrontar os pais. Apenas se encontravam no pequeno apartamento do 1.º andar. Estiveram juntos quando viajaram para o Norte, para ela conhecer Coimbra, Porto e Braga que apreciou pela História que os seus monumentos descreviam).

Foi Alberto que, estando sozinho, a veio receber.

- Entra querida. Eu estava à tua espera. Vou só tirar a bata. Depois, ainda em camisa, fez menção de a abraçar. No entanto, ela procurou furtar-se, recusando o abraço.

- Espera, Alberto, deixa-me primeiro olhar para ti.

Ele, com aquele seu ar de menino mimado a quem contrariaram, sentou-se na cadeira da secretária, ficando-se a

olhá-la, esperando já não sabia o quê. Na véspera tinha-lhe pedido uma resposta; e Laura, certamente que iria dar-lha. «Mas qual?» Ela despiu o casaco que a incomodava devido ao aquecimento demasiado da sala. Depois chegou-se junto dele e passou os seus dedos por entre os cabelos fartos, ainda que já grisalhos. Sempre desejara despentear os cabelos dele, rebeldes, embora deliciosamente macios. Passou-lhe as mãos pela frente, poisou-as nas faces de pele clara, bem escanhoadas, e olhou-o nos olhos, profundamente, para definir o tom do azul, como *sempre desejara fazer*. E o gesto seguinte, também, como *sempre desejara fazer*, foi passar-lhe os dedos pelos lábios, aqueles lábios finos mas bem marcados, e modelar-lhe as linhas do rosto. E, tal como, quando era pouco mais que uma adolescente, *sempre desejara fazer*...

Mas já ele se levantava, sem deixar de a rodear pela cintura, e lhe procurava a boca para o beijo culminante daqueles gestos carinhosos mas impregnados de uma sensualidade insuportável. E Laura, entontecida, esquecia o gesto que ficou por realizar que era o de, levemente, pressionar os seus lábios nos lábios dele, como *sempre desejara fazer*.

Era assim que via no cinema, embora a iniciativa partisse do homem.

Alberto considerou que a resposta à sua pergunta estava dada. Então, ali mesmo, pediu-lhe que casasse com ele, sem os formalismos que ela dispensava, e logo que possível.

Laura, dizendo que o amava muito, deu-lhe o *sim*. Mas sem tanta pressa para marcar o casamento, quanto a que ele desejava. Precisava de se preparar para o *passo que ia dar*, embora talvez fosse melhor não ter tempo para pensar...

Quando, tarde, saíram do consultório, ambos tinham a certeza de se possuírem para sempre, na partilha de um amor sereno e profundo.

«E quando ele escrevesse as tais cartas que tinha resolvido escrever para Goa, seria para os informar do facto consumado do seu casamento com Laura». No entanto, ela decidiu que esperariam por António para conversar sobre o assunto, e ser ele a levar as cartas que não falariam de nenhum facto consumado, mas de um facto passível de consumir-se, em breve. Ela não tinha o mínimo receio de Alberto não ser capaz de *a fazer feliz*, ou ela a ele. Ainda tremia de emoção como quando estava aninhada nos seus braços. Há quantos anos, passados, tinha sonhado com aquele momento, ainda que, na altura, ela não tivesse plena consciência daquela intimidade! Apenas sentia que o amava apaixonadamente e desejava ser retribuída com igual sentimento. Estar junto dele já *a fazia feliz*.

Agora, ambos bem mais amadurecidos pelos anos que passaram e a vida que viveram, sabiam que oferecendo-se um ao outro, gozariam da suprema felicidade de ficarem juntos e, *de mãos dadas*, atravessarem o resto dos seus dias. Começariam já como uma família: tinham um filho para criar. E, um dia, teriam netos»...

- Laura! - despertou-a ele do alheamento em que ela vagueava.

- Já pensaste que a nossa diferença de idade é de dez anos?

- Como, assim? Será que vês nisso algum problema? Teres setenta anos quando eu tiver sessenta? Afinal é quase a mesma diferença de idade que existe entre o Francisco e a Patrícia. Quando eu tinha quinze anos e tu vinte cinco, nessa altura a diferença era bem notória e, no entanto, eu apaixonei-me por ti, como seria natural. E tu por mim! Não negues...

- Eu é que tinha vergonha de reconhecer, para mim próprio, que havia começado a amar-te, que me tinha deixado apaixonar pela irmãzinha do meu amigo. Acabado de sair de uma relação de paixões tumultuosas com uma mulher mais velha do que eu, não muito tempo depois, o meu coração perdia-se por uma juvenzinha...

- O que quer dizer que, no amor, a idade não conta.

- Ou conta pouco... Depende!... - aduziu Alberto, sem argumentos, nem posição a defender.

- Sempre foste um homem bonito, mas, agora, és um verdadeiro sedutor para me seduzires, só a mim. Que nem é preciso. Seduzida fiquei eu, mal te revi. Amo-te tanto, querido!

Alberto apenas lhe respondeu com um beijo apaixonado.

Quando, no início da Primavera, Francisco chegou a Londres com a família, Alberto abraçou o seu cunhado, ainda mais fraternamente do que antes.

- No fundo, sem bem saber como, eu acho que sempre desejei que a nossa amizade assentasse em laços familiares - asseverou Francisco...

Coimbra, Natal de 2011.

«In my beginning is my end»

T. S. Eliot (The Four Quartets)

(Página deixada propositadamente em branco)

I
IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
U

li

